

Nova Série - Vol. 1 - Nº 1 - 1º Sem. 1999

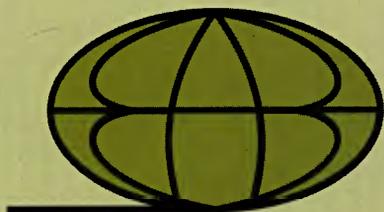
• Serviços de Informação

• Bibliotecas

- pública - escolar interativa
- universitária - especializada em arte

• Serviço de Referência

- do convencional ao novo



- FEBAB
- ALA

COMUNICAÇÃO

EDUCAÇÃO

- Recursos Humanos
- Educação a Distância
 - entrevista
 - resenhas
 - notas e registros

FEBAB

Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da
Informação e Instituições
Co-edição com Conselhos Regionais de Biblioteconomia



Digitalizado
gentilmente por:



Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições - Filiada a IFLA

Diretoria da FEBAB (1999-2001)

tomando posse em janeiro de 1999

Presidente - Maria de Lourdes Côrtes Romanelli, MG

Vice-Presidente - Sônia Holderbaum Vieira, RGS

Secretária geral - Aracy Machado de Campos, SP

Assessoria em SP. Flávia Silveira Lobo

1ª Secretária - Auri M. S. Vale do Amaral, MG

2ª Secretária - Cristiane Dias, RGS

1ª Tesoureira - Rosa M. de Souza Lanna, MG

Assessoria em SP Eva Thereza de Figueiredo

2ª Tesoureira - Conceição M. Scott Figueiras, MG

Editora/Redatora - Neusa Dias de Macedo, SP

Observadora legislativa - Elaine Marinho, Brasília

Valorização profissional - Walda Antunes, Brasília

Seções Regionais

Norte - Rosilda Ramos de Santana

Sudeste - Maria Cléa Borges

Nordeste - Lúcia Maria Oliveira da Silva

Centro - Iza Antunes de Araujo

Sul - Cyntia de Moura Orengo

Associações Filiadas dos Estados de

Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul e Estado de Mato Grosso, Minas Gerais (1 + 1 municipal), Paraíba, Paraná (2), Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo (1 + 3 municipais) e Sergipe.

Comissões Brasileiras Permanentes de Documentação em áreas

Agrícola, Biomédica, Jurídica, Processos Técnicos, Tecnologia. - Bibliotecas Públicas e Escolares, Bibliotecas Universitárias.

Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação

Órgão Oficial da

FEBAB - Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários

Corpo Editorial

Editor / Redator

Neusa Dias de Macedo

Editores-Assistentes

Notas e Registros - Telma de Carvalho

Resenhas - Nair Yumiko Kobashi

Colaboradores eventuais

Fernando Modesto e Waldomiro Vergueiro

Jornalista responsável

José Coelho Sobrinho

Conselho Editorial

Ana Duckworth, SP.- Célia Ribeiro Zaher, RJ.- Eduardo Wense Dias, MG.- Elayne M. Schlogel, PR.- Francisco das Chagas Souza, SC.- Ida Stumpf, RGS.- Margarita Victoria Gomez, Arg.- Maria Elizabeth B.C. Albuquerque, PA.- Maria de Fátima M. Tálamo, SP.- Maria José de Moura, Port.- Maria Matilde Kronka Dias, São Carlos, SP. Murilo Bastos da Cunha, DF.- Regina C.B. Belluzzo, Bauru, SP.- Suzana Machado Müller, DF.- Waldomiro Vergueiro, SP.- Wanda Paranhos, PR.

Indexação: Information Science Abstracts (ISA), Library and Information Science Abstract (LISA), Library Literature (LL).

Números avulsos: R\$ 18,00 - US\$ 30,00

Correspondência:

FEBAB - Rua Avanhadava, 4º, cj 110

CEP 01306-001, São Paulo, SP

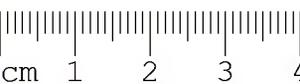
Fone (0xx11) 257-9979

Presidente: (0xx31) 221-0655 / 221-2732

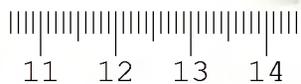
romal@net.em.com.br - febab@egroups.com

Layout, Impressão e Acabamento:

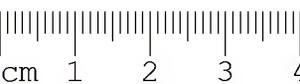
Artcolor Ltda. - (0xx11) 3873-3377



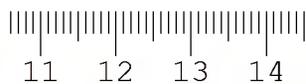
Digitalizado
gentilmente por:

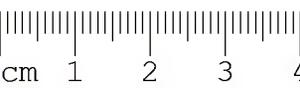


REVISTA BRASILEIRA DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

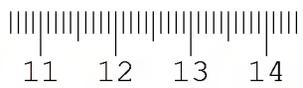


Digitalizado
gentilmente por:





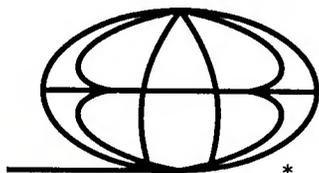
4 Digitalizado
gentilmente por:



REVISTA BRASILEIRA DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

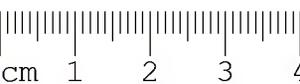
Orgão Oficial da

FEBAB - FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS

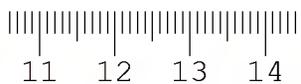


* logotipo de Eng.º Manoel Valente Barbas

São Paulo, Nova Série, Volume 1, Número 1, páginas 1-149,
1º Semestre de 1999. ISSN 0100-0691



Digitalizado
gentilmente por:



Representação Bibliográfica

Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação / Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários - Nova Série, v.1, n.1, 1999 - .São Paulo: FEBAB, 1999 – Semestral.

Continuação do *Boletim da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários*, v.1-10, 1973/77; Reformulação: v.11-25, n.1-4; 1978/92; Reformatada: 1993: v.26, n.1-2; 1995/97, v.26-28 (um único vol.), Nova Série, v.1, n.1, 1999 -

Palavras-chave: Ciência da Informação – Periódicos. Biblioteconomia – Periódicos. Língua Portuguesa – Periódicos. Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários – FEBAB. CDU 02 (05) CDD 020.5

Apoio:

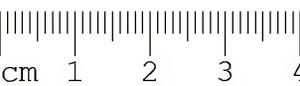


Nova Série, v.1, n.1, 1999

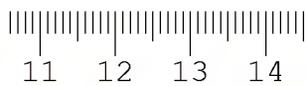
Programa de Auxílio a Publicações: FAPESP [auxílio parcial]

Co-edição: Conselhos Regionais de Biblioteconomia:

- CRB-8, São Paulo
- CRB-9, Paraná
- CRB-10, Rio Grande do Sul



Digitalizado
gentilmente por:



Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação

SUMÁRIO/CONTENTS

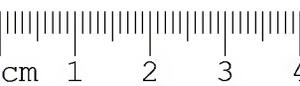
EDITORIAL/EDITORIAL

- 05 | **Neusa Dias de Macedo** - nedima@ig.com.br
- 09 | O POR QUÊ DO APOIO DOS CONSELHOS DE BIBLIOTECONOMIA À
REVISTA BRASILEIRA DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO
Regina Celi de Sousa, presidente do CRB-8 - cons.reg.bibliot.@uol.com.br

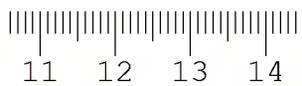
ARTIGOS/ARTICLES

- 11 | INTER-RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E INFORMAÇÃO
Communication, Education and Information Interrelationship
Maria Aparecida Baccega - mabga@usp.br
- 23 | DA CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS EM SERVIÇOS DE
INFORMAÇÃO A EXPERIÊNCIAS COM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
From Human Resources Training in Information Services to Distance Learning
Regina C. B. Belluzzo - regina@techno.com.br
- 38 | EQUIVALÊNCIAS: DO SERVIÇO DE REFERÊNCIA CONVENCIONAL A
NOVOS AMBIENTES DE REDES DIGITAIS EM BIBLIOTECAS
*Equivalencies: From a Conventional Reference Service to a New Environment at
Digital Nets in Libraries*
PARTE I: DO SERVIÇO DE REFERÊNCIA CONVENCIONAL
Part I: From a Conventional Reference Service
Neusa Dias Macedo e Fernando Modesto
nedima@ig.com.br/fmodesto@usp.br
- 55 | PARTE II: DE NOVOS AMBIENTES INFORMACIONAIS MEDIADOS POR
REDES DIGITAIS EM BIBLIOTECAS
Part II: From a New Information Environments at Digital Nets in Libraries
Neusa Dias Macedo e Fernando Modesto
- 73 | COOPERAÇÃO: UM CAMINHO PARA OS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO EM
ARTE
Cooperation: A Way for Information Services in Art
Maria Christina Barbosa de Almeida - mcbdalme@usp.br

R. bras. Bibliotecon. Doc., São Paulo, Nova Série, v. 1, n. 1, p. 1-149,
1º Semestre de 1999. ISSN 0100-0691



Digitalizado
gentilmente por:



- 91 | BIBLIOTECA INTERATIVA: CONSTRUÇÃO DE NOVAS RELAÇÕES ENTRE BIBLIOTECA E EDUCAÇÃO
Interactive Library: Construction of a new Relationship between Library and Education
Regina Keiko Obata - reginafa@usp.br
- 104 | BIBLIOTECAS PÚBLICAS PAULISTAS: ANÁLISE DE UM SURVEY
Public Libraries: Analysis of a Survey
Neusa Dias de Macedo; Lúcia N. P. da Silva e Maurício Stocco

SECÇÕES/SECTIONS

COMUNICAÇÕES E DOCUMENTOS

SHORT COMMUNICATIONS AND DOCUMENTS

- 119 | A FEBAB FAZ 40 ANOS, O QUE VOCÊ SABE SOBRE ELA?
FEBAB is 40 years old, what do you know about it?
Maria de Lourdes Côrtes Romanelli, presidenta - romal@net.em.com.br
- 123 | ALA E A CRIAÇÃO DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECAS PARA O FUTURO
ALA and library associations for the future
Sarah Ann Long, presidenta - Trad. e condensação, Neusa Dias de Macedo

ENTREVISTAS/INTERVIEWS

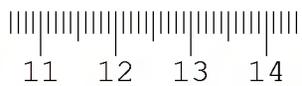
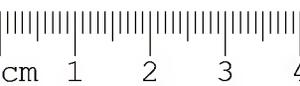
- 126 | UM PERFIL DO BIBLIOTECÁRIO EM EVOLUÇÃO: BRASILINA PASSARELLI
A librarian profile in evolution: Brasilina Passarelli - lina@futuro.usp.br

NOTAS E REGISTROS/NOTE AND REGISTRY

- 131 | Coordenadora: **Telma de Carvalho - telma@fo.usp.br**

RESENHAS/REVIEWS

- Coordenadora: **Nair Yumiko Kobashi - nykobash@usp.br**
- 138 | TEMA: SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO NO BRASIL
IBICT/1. Carlos José Pereira de Lucena; 2. Anna da Soledade Vieira
Sociedade da Informação, res. Nair Y. Kobashi
- 140 | TEMA: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
USP - Fac. Educação - Projeto: *Modalidade de Estágio Supervisionado na Formação do Professor de Linguagem por meio de Educação a Distância*
res. **Idméa Semeghini-Siqueira - isemeghi@usp.br**
- 146 | GUIA AOS COLABORADORES/GUIDE FOR CONTRIBUTORS

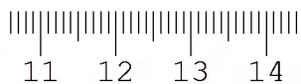
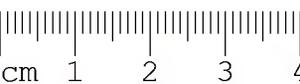


EDITORIAL

A Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação – RBBB - inicia Nova Série, vol.1, nos.1 e 2, 1999, retomando algumas diretivas básicas do planejamento inicial (1978). Em vista de dificuldades em gestões anteriores (1993-98), houve interrupção deste periódico, tendo sido publicado apenas dois volumes nesse espaço de tempo: v.26, n.1/2, jan./jun. 1993, sob a direção de Nair Yumiko Kobashi; v.26/28, referente a 1995/97, saindo como Anais do I Seminário Nacional de Bibliotecas Braille, abordando um só assunto, com o título: “Bibliotecas Braille – os desafios do século vinte e um”, sob a organização de Marília Mesquita Guedes Pereira, publicado em João Pessoa: UFPB/Ed. Universitária, 1998. A FEBAB cônica da necessidade de renovação editorial caminhará proximamente para edições da RBBB em formato *on line*.

Para maiores pormenores sobre esta nova série, consulte-se o próprio “Guia aos Colaboradores”, localizado na parte final. Não houve grandes mudanças físicas por dificuldades ainda de infra-estrutura material e logística do órgão mantenedor. A preparação das duas edições da RBBB até à finalização para chegar às revisões da Gráfica, recaiu em trabalho inteiramente pessoal desta editora. Contamos apenas com dois editores-asseesores: Telma de Carvalho, para **Notas e Registros**, Nair Yumiko Kobashi, para **Resenhas**; Fernando Modesto e Waldomiro Vergueiro, colaboração esporádica. Um significativo Conselho Editorial também foi acertado - composto por docentes e bibliotecários de várias partes do Brasil, e alguns do exterior, com especialidades diversas, indo garantir ao periódico circulação de idéias e variadas competências para avaliação dos trabalhos encaminhados à redação, a saber:

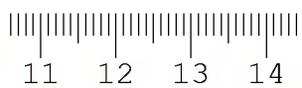
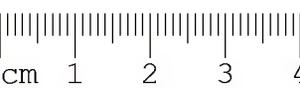
Ana Duckworth, msls anaworth@usp.br	São Paulo	Escola do Futuro - USP
Célia Zaher, dra. czaher@bn.br	Rio de Janeiro	Biblioteca Nacional
Eduardo Wense Dias, dr. http://www.eb.ufmg.br	Minas Gerais	UFMG
Elayne M. Schlogel, mest. ceppa@bsi.com.br	Paraná	CRBPR
Francisco das Chagas Souza, dr. souza@fastlane.com.br	Santa Catarina	UFSC
Ida Stumpf, dra. irstumpf@vortex.ufrgs.br	RGS	UFRGS



Margarita Victoria Gomez, doutoranda mvgomez@usp.br	Argentina	Fac.Educ-USP144
M.Elizabeth B.C.Albuquerque, maestr. ebaltar@openline.com.br	Paraíba	UFPBA
Maria de Fátima M.Tálamo, dra. mfgmtala@usp.br	São Paulo	USP
Maria José Moura, Dra. mjmoura@iplb.pt	Portugal	Min.Educ.-LX
Maria Matilde Kronka Dias, doutoranda mmkd@power.ufcar.br	São Carlos - SP	UFSC
Murilo Bastos da Cunha, dr. murilo@guarany.unb.br	Brasília - DF	UnB
Regina Célia B. Belluzzo, dra. regina@techno.com.br	Bauru - SP	USP e UNESP
Suzana Machado Müller, dra. muller@unb.br	Brasília - DF	UnB
Waldomiro C.S. Vergueiro, dr. wdcsverg@usp.br	São Paulo - SP	USP
Wanda Paranhos, dra.	Paraná	UFPR

Justificamos, em primeiro lugar, a ênfase neste primeiro número a autores de São Paulo, por motivos que fogem ao controle da editora. Entre eles, destacamos: (1) a diretoria da FEBAB, eleita para 1999-2001, em março de 1999, inicia nova gestão com entusiasmo, porém com lutas e sem contar com infra-estrutura administrativa necessária ao fluxo das tarefas básicas de organização, controle e comunicação que pudesse cobrir uma literatura de ordem nacional, como deve ser a RBBB; (2) as buscas de apoio financeiro, custosas e demoradas, só aconteceram após um ano, ainda com algumas exigências. (3) por todas essas dificuldades e por conveniência à temática do primeiro fascículo do v.1 - cujo eixo central recai nas inter-relações entre Comunicação / Informação / Educação - necessário foi organizar o Sumário do No.1 com apoio de artigos disponíveis de autores paulistas. O número dois, já preparado - e centrado em questões de Biblioteconomia / Educação / Redes e outras abordagens temáticas - conta com a colaboração de alguns estados como Sta. Catarina, Paraíba, Distrito Federal, e ainda Argentina.

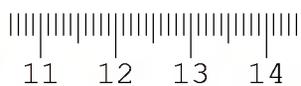
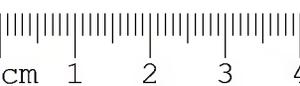
Para **Artigos** deste fascículo Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega, editora de um periódico da área desta temática, contribui com um artigo inédito sobre "Inter-relação entre Comunica-



ção, Educação e Informação”; Profa. Dra. Regina Belluzzo, consultora em assuntos de certificação de qualidade, adentra-se ao tema de “Capacitação de Recursos Humanos nos Serviços e Informação até chegar a “Experiências em Ensino a Distância”; Professores, Neusa Dias de Macedo (relembrando sua atuação na docência em SRI) e Fernando Modesto (que além de bibliotecário é analista de sistema) sinerizam experiências para confrontar duas situações “Serviço de Referência Convencional e a Nova Biblioteca em Redes Digitais”; Dra. Maria Christina Barbosa de Almeida, liderando há anos um Grupo na área de Arte, e com tese de doutorado na área, trabalha com o tema “Cooperação”, revelando a massa crítica de “Serviços de Informação em Arte”; Dra. Regina Keiko Obata, com experiências do PROESI, divulga as inovações da “Biblioteca Interativa”, fruto de tese de doutorado e enfoca “Construção de Novas Relações entre Biblioteca e Educação”. Finalizando, a equipe do CRB-8, Lúcia Neiza P. da Silva e Maurício Stocco (tabulação), e Neusa Dias de Macedo (interpretação e análise), apresentam a “Análise de um Survey sobre Bibliotecas Públicas Paulistas” (incluindo respostas de quase 500 BP da capital e estado de São Paulo) e divulgada no Fórum de Bibliotecas Públicas Paulistas, em setembro de 1999.

De outras Seções, destacam-se pontos de interesse aos profissionais da área, tais como: 1 - **Comunicações e Documentos 1 - a)** A FEBAB faz 40 anos, o que você sabe sobre ela? A presidente, Maria de Lourdes Côrtes Romanelli, faz um retrospecto da criação, missão, congressos e outros eventos, filiação à IFLA, projetos atuais até relacionar os membros da Diretoria, empossada em janeiro de 1999; **b)** Segundo Seminário Latino Americano de Associações de Bibliotecários e Profissionais afins, México, 15 a 17.03.99, em que se apresenta a conferência de Sarah Ann Long (presidente da ALA), traduzida e condensada para o português, por Neusa Dias de Macedo. 2 - **Depoimentos e Entrevistas**, apontando a evolução do perfil do bibliotecário, é entrevistada Brasilina Passarelli, figura de ponta em novas tecnologias de comunicação. Seguem-se as Seções: 3 - **Notas e Registros**, com notícias de eventos nacionais e internacionais, coletadas e coordenadas por Telma de Carvalho. 4 - **a) Resenhas e Resumos**, coordenadas por Nair Yumiko Kobashi, que também colabora com duas resenhas da obra “Sociedade da Informação”, publicação do IBICT; **b)** Idméa Semeghini-Siqueira, professora da Faculdade de Educação-USP, apresenta um resumo de projeto, com temática inovadora, Projeto “Modalidade de Estágio supervisionado na Formação do Professor de Linguagem por meio de Educação a Distância”, que pode servir de modelo à formação do bibliotecário. Como ponto final da edição, temos um novo **Guia de Colaboradores**, indicando objetivo e perfil da revista, diretivas editoriais, estrutura e categorização dos trabalhos e as normas de apresentação dos mesmos.

A RBBD aguarda, proximamente, artigos vindos de vários pontos do país para expressar produção intelectual nacional.



AGRADECIMENTOS

Dois tipos de apoios precisam ser divulgados em virtude de importantes implicações à área da Ciência da Informação / Biblioteconomia / Documentação:

1 – Financiamento da FAPESP ao nosso Projeto de Auxílio a Publicações (0999/06074-8, jul.'99) que, sujeito a algumas restrições orçamentárias, recebe aprovação em março de 2000, cobrindo pois parte das obrigações de publicação ao primeiro número desta Nova Série da RBBB. Em recebendo a chancela de tal prestigiada entidade provedora de financiamento exclusivo a publicações que tão-somente relatam pesquisas, esta concessão tem um significado especial para um periódico de área associativa. Agradecimentos penhorados à FAPESP desta Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários.

Ficou claro que a RBBB - considerada pela FAPESP como periódico de atualização profissional, porém sendo dirigido a uma comunidade profissional crescente em qualidade e quantidade, com duas novas edições que, igualmente, apresentam nível de qualidade tanto aos artigos e autores como à atual composição do Conselho Editorial – tem um bom início com esta empreitada. Esperamos, agora, que a FEBAB consiga regularizar a periodicidade de seu órgão principal de comunicação e entrar na comunicação eletrônica, por meios próprios.

2 – Parceria com os Conselhos Regionais de Biblioteconomia de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Entre acordos portanto com o CRB-8, CRB-9 e CRB-10 completou-se o necessário financiamento de execução gráfica ao No.1 v.1 da Nova Série da RBBB.

Diante das dificuldades da FEBAB para editar este periódico, o CRB-8, tendo idéias de prover a comunidade associativa de São Paulo com revista própria, aceita nossa proposta de iniciar suas experiências editoriais com esta co-edição, cooperando com a administração final da revista. Conjuntamente, os três Conselhos solicitam cerca de cinco mil exemplares para encaminhamento aos seus públicos-alvo. A RBBB para fins exclusivos de obtenção de receita ao No.2 irá negociar mil outros exemplares com instituições e interessados do Brasil todo e do exterior.

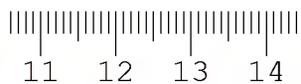
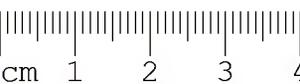
Entendemos como alta significação associativa brasileira este exemplo de parceria entre a revista de uma Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários com os Conselhos Regionais de Biblioteconomia que, atentos às preocupações de leitura e atualização profissional, dispõem-se a ir até os seus profissionais na ativa para lhes oferecer, graciosamente, uma revista da classe.

Agradecimentos pois da RBBB aos Conselhos Regionais de Biblioteconomia de São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná por este considerável apoio.

São Paulo, maio de 2 000

Prof. Dra. Neusa Dias de Macedo nedima@ig.com.br

Editora da RBBB / FEBAB



O POR QUÊ DO APOIO DOS CONSELHOS DE BIBLIOTECONOMIA À REVISTA DA FEBAB

Os Conselhos Regionais de Biblioteconomia caracterizam-se como Fóruns permanentes de reflexões da área!

Nesse sentido, envidando esforços para moldar um novo pensar da carreira e de suas práticas profissionais, ecos de ações de organismos associativos estão sendo alcançados pelo país todo pela cooperação da maioria dos CRBs. Sente-se que estão atentos para uma nova dinâmica que vem da globalização da comunicação e da urgente necessidade de transformação que afeta a sociedade em geral e as profissões em particular. A palavra-chave é capacitação de recursos humanos, e a mais adequada alternativa recai em contínua educação dos profissionais.

Palestras, cursos, seminários, congressos e similares transcorrem-se nos vários estados brasileiros em parcerias entre entidades e instituições. Oportunamente, com esta parceria dos Conselhos com a Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, cuja publicação é almejada nacionalmente e até no exterior, estarão dando os CRBs mais um passo para a modernização do conceito de profissional da informação da área biblioteconômica e ciência da informação, bem como oferecendo outra alternativa para educação contínua. Órgãos – como os Conselhos Regionais – precisam agregar valores às suas funções, chamando também a si a responsabilidade de qualificação de seu maior patrimônio: os profissionais que representam, e cada vez mais qualificados.

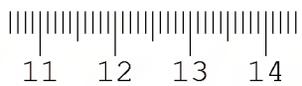
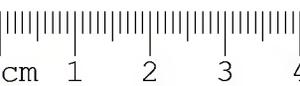
Finalizando esta mensagem com a reflexão de Charles Darwin “não é o mais forte da espécie que sobrevive, nem o mais inteligente – e sim o que melhor se adapta à mudança”, chamamos atenção à visão dos CRBs que têm pontuado suas ações buscando melhores soluções de adaptação da biblioteconomia nacional aos novos cenários desta sociedade em transformação. Não é apenas a mudança de terminologia que irá alavancar nossa atividade profissional e acadêmica, mas essencialmente o seu conteúdo.

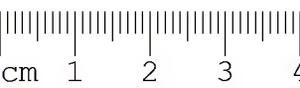
São Paulo, maio de 2 000

Regina Celi de Sousa

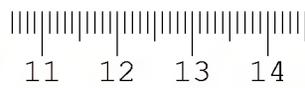
Presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia - 8ª Região

CRB-8/2385





4 Digitalizado
gentilmente por:



INTER-RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E INFORMAÇÃO

Maria Aparecida Baccega*

Resumo: *O mundo em que vivemos é um mundo construído pelos meios de comunicação, que selecionam o que devemos conhecer, os temas a serem pautados para discussão e, mais que isto, o ponto de vista a partir do qual vamos compreender esses temas. Tornaram-se educadores privilegiados, dividindo as funções antes destinadas à escola. E têm levado vantagem. O campo comunicação / educação, já constituído, é um dos desafios maiores da contemporaneidade. Não se reduz a fragmentos, como a eterna discussão sobre a adequação da utilização de tecnologias no âmbito escolar. Sua complexidade obriga a inclusão de temas como mediações, criticidade e conhecimento, veiculação de bens simbólicos, papel das tecnologias, ressignificação da escola / professor, entre muitos outros.*

Palavras-Chave: *Comunicação. Educação. Informação. Inter-relações. Tecnologias emergentes. Mídias.*

INTRODUÇÃO

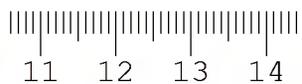
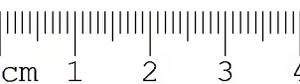
O mundo em que vivemos é um mundo construído pelos meios de comunicação, que selecionam o que devemos conhecer, os temas a serem pautados para discussão e, mais

que isso, o ponto de vista a partir do qual vamos compreender esses temas. Eles se constituem em educadores privilegiados, dividindo as funções antes destinadas à escola. E têm levado vantagem.

O campo da comunicação/educação é um dos desafios maiores da contemporaneidade. Não se reduz a fragmentos, como a eterna discussão sobre a adequação da utilização das tecnologias no âmbito escolar, quer em escolas com aparato tecnológico de primeira linha quer nas escolas de “pés no chão”, tendo em vista que a edição do mundo realizada pelos meios está presente em alunos, professores, cidadãos. Sua complexidade obriga a inclusão de temas como informação e conhecimento, mediações, recepção, criticidade, veiculação de bens simbólicos, papel das tecnologias, ressignificação do papel da escola e do professor, entre muitos outros.

E por que podemos afirmar que Comunicação/Educação é um espaço em operação? Como diz Paulo Freire, nós vivemos no mundo e com o mundo. E que mundo é esse? É aquele que é trazido até o horizonte de nossa

* Professora Associada da ECA-USP. Diretora de *Comunicação & Educação*, CCA-ECA-USP/. Coordenadora do Curso de Pós-graduação *lato sensu* Gestão de Processos Comunicacionais. mabga@usp.br



perecepção, até o universo de nosso conhecimento. Afinal, não podemos estar “vendo” todos os acontecimentos, em todos os lugares. É preciso que “alguém” os relate para nós. O mundo que nos é trazido, que conhecemos e a partir do qual refletimos é um mundo que nos chega editado, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de filtros, até que “apareça” no rádio, na televisão, no jornal. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos.

São esses filtros – instituições, organizações e pessoas – que selecionam o que vamos ouvir, ver ou ler; que fazem a montagem do mundo que conhecemos.

Aqui está um dos pontos básicos da reflexão sobre o espaço onde se encontram Comunicação e Educação: que o mundo é editado e assim ele chega a todos nós; que sua edição obedece a interesses de diferentes tipos, sobretudo econômicos, e que, desse modo, acabamos por “ver” até a nossa própria realidade do jeito que ela foi editada.

Editar é, portanto, construir uma realidade outra, a partir de supressões ou acréscimos em um acontecimento. Ou, muitas vezes, apenas pelo destaque de uma parte do fato em detrimento de outra.

Editar é reconfigurar alguma coisa, dando-lhe novo significado, atendendo a determinado interesse, buscando um determinado objetivo, fazendo valer um determinado ponto de vista.

Este é o lado da produção dos programas (de rádio ou televisão), jornais, revistas, etc., o lado que edita o mundo para nós. Mas há o outro lado: o dos que “recebem” esses programas, os que lêem esses jornais e revistas. Esse outro lado somos nós, os alvos de toda essa produção. Somos um lado também muito importante, porque não somos passivos, não somos meros recipientes onde os produtos da chamada indústria cultural são despejados e inteiramente absorvidos. E, ainda bem, a comunicação só acontece no encontro desses dois lados: “emissor”¹ e “receptor”². Os programas só acontecem quando nós os vemos e ouvimos; os jornais e revistas, quando os lemos.

Por isso, é necessária a formação de receptores críticos, base indispensável da constituição do cidadão capaz de escolhas e de sensibilidade para o coletivo.

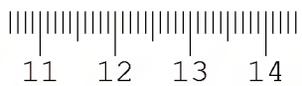
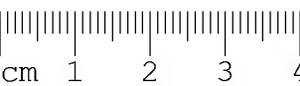
Se é certo que a comunicação só se efetiva quando a “mensagem”, aquilo que é dito, foi apropriado e, algumas vezes, incorporado³ por quem recebe, por nós, então torna-se fundamental conhecer como funcionam os meios, para que tenhamos condições de conhecer melhor o mundo, buscando desvendar os mecanismos usados na sua edição. Só desse modo poderemos trabalhar adequadamente esses meios em nossas atividades educacionais.

Essa realidade outra que a edição constrói, reconfigura-se no receptor, com universo cultural e dinâmica próprios. Esse é o percurso da comunicação, desde a mais democrática, a que usa apenas o suporte do aparelho fonador, até

¹ O “emissor” é o enunciador do produto cultural, o qual ele elabora a partir de sua condição de enunciatário dos discursos sociais nos quais está imerso. Logo, será sempre enunciador/enunciatário.

² O “receptor” é o enunciatário do discurso do produto cultural, o qual ele “lê” a partir de sua condição de enunciatário dos demais discursos sociais. Essa condição, porém, só se efetiva quando ele se torna enunciatário de um discurso próprio, reelaborado a partir do que viu, ouviu ou leu. Logo, será sempre enunciatário/enunciador.

³ A apropriação supõe influência transitória sobre as atitudes e os comportamentos. Em geral, essa influência cessa quando o produto cultural deixa de ser veiculado. Já a incorporação implica mudança efetiva de atitudes e comportamentos, o que é muito raro e depende, sobretudo, da repercussão na sociedade.



aquela que a tecnologia possibilita: o relato, em tempo real, de fatos (escolhidos entre muitos) que acontecem em espaços distantes, na Terra ou até em outro planeta.

Se o mundo a que temos acesso é este, o editado, é nele, com ele e para ele que se impõe construir a cidadania. O desafio, então, é como trabalhar esse mundo editado, presente no cotidiano, que penetra arditamente em nossas decisões e que, pela persuasão que o caracteriza, assume o lugar de “verdade” única.

Aqui está um dos pontos básicos da reflexão sobre o campo Comunicação/ Educação: já não se trata mais de discutir se devemos ou não usar os meios no processo educacional ou de procurar estratégias de educação para os meios; trata-se de constatar que eles são os educadores primeiros, pelos quais passa a construção da cidadania. É desse lugar que devemos nos relacionar com eles. E é esse o lugar onde temos que esclarecer qual cidadania nos interessa.

1 A CONSTRUÇÃO DO CAMPO COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO

A construção do campo comunicação/educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes é tarefa complexa, que exige o reconhecimento dos meios de comunicação como um outro lugar do saber, atuando juntamente com a escola.

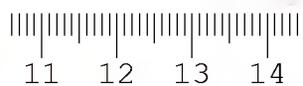
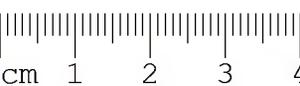
Para avançar nessa elaboração, é preciso buscar conhecer o lugar onde os sentidos se formam e se desviam, emergem e submergem: a sociedade, com seus comportamentos culturais, levando-se em conta, principalmente, a pluralidade de sujeitos que habita cada um de nós.

Na complexidade desse encontro – comunicação/educação – os sentidos se ressignificam e a capacidade de pensar criticamente a realidade, de conseguir selecionar informação (disponível em maior número cada vez maior graças à tecnologia, Internet, por exemplo) e de inter-relacionar conhecimentos, torna-se indispensável.

Afinal, como viver numa sociedade onde a circulação de bens simbólicos está imbricada na sua própria porosidade, parecendo levar à perda da vitalidade? Qual o campo cultural no qual circulamos e no qual formamos nossa identidade? Conhecer seus mecanismos é um dos caminhos para que o jogo sujeito/objeto (este, constituído pelos bens simbólicos, que são as formas simbólicas mercantilizadas) seja operado num processo de interação efetiva e não de mera subordinação.

1.1 Das Formas Simbólicas aos Bens Simbólicos

Em nossa sociedade, mesmo o consumo de bens materiais vem cercado de significados simbólicos (passar num Uno Mille é bem diferente de passar num Marea, embora ambos sejam carros da mesma empresa e se destinem às mesmas finalidades). Com isso estamos querendo ressaltar que, mesmo quando a materialidade é uma das faces de um bem, a outra é a sua face simbólica, ou seja, agregam-se ao material os valores de uma determinada cultura. Em outras situações, o uso e circulação de bens simbólicos incide predominantemente sobre sua face cultural, sua face propriamente simbólica. É o que ocorre com o uso de um certo tipo de cabelo (o penteado afro, por exemplo) ou de roupas (as batas, por exemplo), bens simbólicos utilizados por um grupo étnico para marcar uma identidade, incidindo, portanto, diretamente na esfera cultural, como lembra Solange M. Couceiro de Lima.



Como vemos, as formas simbólicas passam por processos de avaliação dos quais resultam valorização e conflito. Desse modo, confere-se determinado “valor” às formas simbólicas. Para Thompson (1995), podemos falar de dois tipos de valores: valor propriamente simbólico, “o valor que as formas simbólicas possuem em virtude da maneira como elas são apreciadas pelas pessoas que as produzem e as recebem, em virtude das maneiras como elas são apreciadas ou denunciadas, queridas ou desprezadas por esses indivíduos” e valor econômico, que pode ser entendido como “o valor que as formas simbólicas adquirem em virtude de serem trocadas no mercado”. Sujeitas à valorização econômica, as formas simbólicas tornam-se mercadorias, os bens simbólicos, que circulam no mercado, podendo ser comprados, vendidos ou trocados.

Os meios de comunicação são os grandes responsáveis pela circulação das formas simbólicas mercantilizadas, ou seja, pela circulação de bens simbólicos. Para tratarmos da questão do consumo de bens simbólicos, temos, portanto, que tratar da mídia e nos aproximarmos da complexidade que cerca a produção e circulação do conjunto de bens culturais que ela produz.

Logo, é necessário, também, falar-se de cultura. E colocar a questão dos meios de comunicação nesse campo. Ocorre que, para se fazer tal discussão, os pólos costumam se aguçar e se armar: de um lado, os apocalípticos, os que condenam *a priori* os meios de comunicação, considerando-os os demônios da contemporaneidade, destruidores da família, da ética, dos valores humanos, enfim; de outro, os integridos, os que se rendem, também *a priori*, endeusando-os e atribuindo a eles o sagrado papel de sustentáculos do progresso; de um lado, os tradicionalistas, que têm uma visão elitista de cultura; de outro, os que aceitam incluir os meios de comunicação no campo da

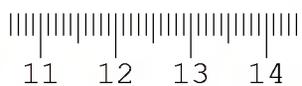
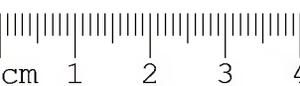
cultura, com a ressalva, porém, de que se trata de uma diminuição, que eles se constituem em instrumentos de degradação da cultura. Enquanto isso, os meios de comunicação foram crescendo e se articulando, garantindo uma presença cada vez mais relevante na sociedade contemporânea. Mesmo assim, mais que um objeto de estudo, os meios têm sido vistos como algo a ser exorcizado, a ser banido das fronteiras dos homens, das fronteiras do que se elegeu considerar cultura.

1.2 Comunicação/Educação: Transdisciplinaridade

É preciso enfrentar a discussão, perceber o campo, construí-lo como objeto científico, conhecê-lo, pois são os meios que, contemporaneamente, atribuem significado à realidade, conformando nossas identidades. Sua presença envolve a todos, percorrendo todos os níveis: do internacional, ao nacional, ao local; do individual, ao particular, ao genérico, enlaçando-os, num movimento permanente de ir e vir. Eles apresentam profundas implicações no funcionamento da sociedade contemporânea, participando ativamente do processo educativo.

Nessa condição, os meios têm sido, há algum tempo, um dos objetos das ciências sociais: Sociologia, Antropologia, Psicologia, Pedagogia etc., estudados a partir do olhar de cada uma delas, nos seus campos respectivos. A concepção de campo da comunicação e, especificamente, do campo da comunicação/educação é recente e está em fase de construção.

O campo da comunicação/educação é multi e transdisciplinar: Economia, Política, Estética, História, Linguagens, entre outros saberes, o compõem. Cada um deles dialoga com os outros, ressignificando-se, e elaborando, desse modo, um aparato conceitual que coloca os meios no centro das investigações e procura dar conta da complexidade do campo.



São as pesquisas que resultam desse diálogo entre os saberes que nos permitem apontar os meios de comunicação como os maiores produtores de significados compartilhados que jamais se viu na sociedade humana, reconhecendo-se, desse modo, sua incidência sobre a realidade social e cultural.

1.3 Comunicação/Educação e Campo Cultural: Mediações

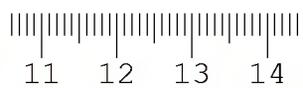
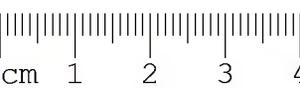
A realidade em que estamos imersos, e que contribuímos para produzir, modificar e re-produzir, é sempre uma realidade mediatizada, que passa por vários filtros, por vários intermediários. Retomando Paulo Freire, diríamos que o “estar no mundo e com o mundo” inclui, obrigatoriamente, hoje, no conceito de mundo a mediação, a *leitura* do mundo que nos é oferecida pelos meios de comunicação. Trata-se, enfim, de saber ler e interpretar o mundo que, metonimicamente, eles nos passam como sendo a totalidade e saber reconfigurar essa totalidade.

Ao tratar do papel da mídia na atualidade, José Arbex diz o seguinte: “A mídia, em particular a televisão, cumpre um papel essencial na manutenção da ordem neoliberal. Cabe à mídia recriar diariamente o mundo à sua própria imagem e semelhança, ordenando e contando a história de acordo com os seus interesses. Daí a função estratégica das grandes redes mundiais de televisão e das agências internacionais de notícia. Elas *pautam* o mundo, determinam o que pode e o que deve ser visto, uniformizam a informação que será distribuída. Ao noticiar a crise financeira, por exemplo, adotam o discurso fabricado pelas matrizes do capitalismo (Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial etc.). Esse discurso, por sua vez, será reproduzido pelos jornais e televisões nacionais. Cria-se, assim, um certo consenso internacional sobre as causas e os remédios da crise”. (Arbex, 1998).

Pesquisas em todo o mundo indicam que as pessoas ficam expostas em média de três a quatro horas diárias à televisão. Outras revelam que a exposição aos meios, incluindo a mídia impressa, cobre a terceira parte do tempo dos seres humanos nas sociedades industrializadas, perdendo apenas para “dormir” e “trabalhar”. Apesar disso, continua faltando uma institucionalização adequada dos estudos de mídia, capaz de colocar-se entre o “leitor” dos meios e os produtos dos meios, de maneira a se obter uma leitura mais científica, mais crítica e menos senso comum. (A leitura dos produtos veiculados pelos meios apenas pelo senso comum tem grande importância para a manutenção do *statu quo*, uma vez que esse tipo de leitura não necessita de comprovações e opera no sentido da recepção acrítica.) Esse, um dos resultados das lutas travadas entre os apocalípticos e os integridos, entre os elitistas e os que consideram pejorativamente os meios: sua expulsão do âmbito da pesquisa, negando-lhes prestígio (base para os financiamentos), dificultando e até impossibilitando estudos e sistematizações que tivessem a mídia como objeto principal.

Enquanto isso, os meios de comunicação, e em particular o rádio e a televisão, foram se desenvolvendo (e muito se deve ao avanço da tecnologia), enraizaram-se e já se tornaram centrais na prática cultural, sendo utilizados como o recurso mais importante em termos de consumo cultural.

Para dar conta dessa nova realidade, é preciso ampliar o conceito de cultura. Bechelloni (1995) considera que o conceito de *campo cultural* poderá ajudar. Para ele, “o campo cultural é constituído de um conjunto de relações sociais ativadas pelos atores, instituições e empresas especializadas na produção e circulação de bens culturais e simbólicos; *o mercado dos bens simbólicos é o lugar de reconhecimento do campo cultural*”.



O campo cultural, assim conceituado, comporta tanto aqueles que produzem nos limites das artes tradicionais (sentido restrito) quanto, em sentido ampliado, “os sujeitos que contribuem para a produção, distribuição e circulação de bens simbólicos constituídos pelas formas modernas da comunicação, compreendendo a indústria cultural e as artes pós-eletrônicas: da fotografia ao cinema, do rádio à televisão, do *design* à moda, do periódico ao livro. Os agentes do campo cultural ampliado produzem e consomem bens simbólicos ativados pelas mídias pré e pós eletrônicas (tradicionais, novas, novíssimas)”.

O campo cultural no sentido ampliado tem como ator principal os meios de comunicação, juntamente com a escola e outras agências de formação. Aqui se percebe o campo comunicação/educação.

1.4 Importância do Rádio e da Televisão

Tomando como referentes o tempo e o dinheiro, Bechelloni sustenta que podemos falar de três tipos de mídia: as velhas mídias – livro, periódico, filme –, que custavam aos fruidores tanto tempo quanto dinheiro; as novas mídias (o rádio e a televisão), que custam aos fruidores apenas tempo, pois o acesso a elas é gratuito; e as novíssimas mídias (o videocassete, a tv a cabo, o *pay per view*, o computador), que trazem também para o fruidor um custo em tempo e em dinheiro.

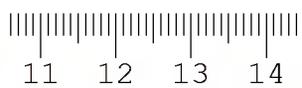
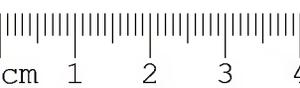
Como se vê, o tempo, que não é passível de ampliação, está presente em todos os tipos. Dentro de seus limites reside a nossa possibilidade de reorganização, de nova edição do mundo pautado e editado pela mídia. Por isso, a competência para a escolha e a condição de inter-relação entre os fatos que só o conhecimento amplo e sólido de Linguagens, História, Antropologia, Sociologia, Filosofia etc., numa perspectiva transdisciplinar, possibili-

ta torna-se o desafio central na formação de cidadãos. E aqui o papel da escola e do professor emergem, ressignificados. Também aqui se percebe a importância da construção do campo comunicação/educação.

A classificação apresentada possibilita também que se sobrelevem o rádio e a televisão, com destaque para a televisão, a qual, em virtude da linguagem que utiliza, construída na junção do verbal e do não-verbal, torna “real”, como se fosse completo, o fragmento editado que o telespectador vê/ouve. O acesso gratuito a esses meios possibilita-lhes penetrar em todas as classes sociais, o que os tornou “o recurso mais importante” e fonte de referência para o consumo cultural.

Segundo Eugênio Bucci, em 1994 o Brasil possuía 34 milhões de domicílios com televisores, constituindo o sexto maior parque de aparelhos televisores do mundo, perdendo apenas para Estados Unidos, Japão, Rússia, Alemanha e China. Se tomarmos a proporção número de aparelhos/ habitantes, o Brasil está na 56ª posição, com 207 aparelhos para cada 1.000 habitantes. Em 1982 eram 15,8 milhões de lares com televisão, o que significa que em pouco mais de 10 anos esse número dobrou. São constatações como essas que levam o autor a afirmar, logo no início do Prefácio: “O espaço público no Brasil começa e termina nos limites postos pela televisão. (...) O que é invisível para as objetivas da TV não faz parte do espaço público brasileiro. O que não é iluminado pelo jorro multicolorido dos monitores ainda não foi integrado a ele”

A TV é, hoje, o mais importante dos meios de comunicação pela linguagem que utiliza, pois “convida permanentemente o telespectador a identificar a ‘realidade’ com aquilo que ele vê, e o telespectador se sente confortável por ter acesso tão direto, tão imediato ao mundo



‘real’”. É desse modo que ela une o Brasil: construindo o espaço público. E essa construção nem sempre se dá (ou na maior parte das vezes não se dá) a partir de critérios que levem em consideração a cidadania. No mais das vezes, atende a interesses forjados pelo ideário dominante e divulgados em escala mundial. E assim vão-se formando as gerações.

1.5 Cultura da Mídia

A cultura da mídia se manifesta em um conjunto articulado e diversificado de produtos (pólo do enunciatador/emissor) que entram em relação com o conjunto articulado e diversificado de vivências do enunciatário/receptor, cujo universo de valores, posto em movimento, ativa os significados dos produtos. Na verdade, a cultura da mídia não está no enunciatador/emissor, não está no enunciatário/receptor: está no território que se cria nesse encontro, gerando significados particulares, que, se contêm interseção com cada um dos pólos, não se limitam a nenhum deles. Caso contrário, a mídia seria apenas “veículo” de significados e não “construtora” de significados. Sua complexidade reside exatamente no fato de, construindo significados no território que inclui cada um dos pólos – enunciatador/emissor - enunciatário/receptor – ela exigir permanentemente a dialética entre o “já visto” e o “por ver”, ou seja, a “novidade” que responde pelas e alimenta as mudanças contínuas de identidade *versus* a “estabilidade” que cada grupo social busca em sua dinâmica. O único limite é o horizonte da formação social na qual estão e que inclui tanto o já manifesto quanto o ainda virtualmente contido como possibilidades a serem realizadas.

Por essas e incontáveis outras razões, podemos perceber como fundamental a construção do campo comunicação/educação. Ele inclui, mas não se resume a, educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em

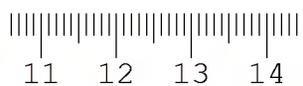
sala de aula, formação do professor para o trato com os meios etc. etc. Ele se rege, sobretudo, pela construção da cidadania, pela inserção neste mundo editado, com o qual todos convivemos, no qual todos vivemos e que queremos modificar.

2 CONHECIMENTO, INFORMAÇÃO E TECNOLOGIA

Cada época vivida pela humanidade tem características próprias, que a distinguem de épocas anteriores, como épocas anteriores se distinguiram de épocas anteriores e assim sucessivamente. E, em cada uma dessas épocas, houve, dialcticamente, aspectos positivos e negativos. Assim acontece hoje.

As distinções entre as épocas podem ser marcadas, entre outros aspectos, pela formação e expansão dos mercados, que determinou pólos de concentração, baseados na busca permanente de acumulação do capital. Otávio Ianni (1995), em “As economias-mundo”, aponta as diversidades e desigualdades com as quais cada totalidade se constitui. Segundo o autor, cada época “é um todo em movimento, heterogêneo, integrado, tenso e antagônico. É sempre problemático, atravessado pelos movimentos de integração e fragmentação. Suas partes, compreendendo nações e nacionalidades, grupos e classes sociais, movimentos sociais e partidos políticos, conjugam-se de modo desigual, articulado e tenso, no âmbito do todo. Simultaneamente, esse todo confere outros e novos significados e movimentos às partes. Anulam-se e multiplicam-se os espaços e os tempos, já que se trata de uma totalidade heterogênea, contraditória, viva, em movimento.”

Fredric Jameson (1996) aponta três períodos de expansão capitalista, caracterizados por



rupturas “tecnológicas”. Segundo ele, “houve três momentos fundamentais no capitalismo, cada um marcando uma expansão dialética com relação ao estágio anterior. O capitalismo de mercado, o estágio do monopólio ou do imperialismo, e o nosso, erroneamente chamado de pós-industrial, mas que poderia ser mais bem designado como o do capital multinacional. (...) Esse capitalismo tardio, ou multinacional, ou de consumo, longe de ser inconsistente com a grande análise do século dezanove de Marx, constitui, ao contrário, a mais pura forma de capital que jamais existiu, uma prodigiosa expansão do capital que atinge áreas até então fora do mercado”. Nessa fase, segundo o autor, deve-se ressaltar, a “ascensão das mídias e da indústria da propaganda”.

No capitalismo de mercado, primeiro momento, tivemos o incremento do capital industrial, principalmente em mercados nacionais (período entre 1700 e 1850); no segundo momento, o estágio do monopólio ou imperialismo, a abertura de mercados mundiais, organizados em torno de nações-estado, com exploração das nações colonizadoras sobre as colonizadas, as quais forneciam matérias-primas e mão de obra barata; e, atualmente, na fase pós-industrial do capital multinacional – o terceiro momento – temos o crescimento de corporações internacionais e conseqüente superação das tradicionais fronteiras nacionais. Evidentemente, cada uma dessas totalidades, heterogêneas pela sua própria natureza, engendrou culturas diferentes.

2.1 Informação e Conhecimento

Resultado da fase contemporânea do capital, a cultura que vivemos hoje tem sido chamada de pós-moderna. Nela, fragmentação e globalização se manifestam num processo de complementação que se dá no âmbito do mer-

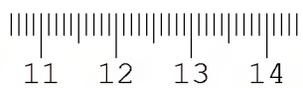
eado. Como lembra Barbero, o global é o espaço novo produzido pelo mercado e pelas tecnologias, que dependem dele para sua permanente expansão.

O mundo, que sempre esteve em permanente mudança, hoje tem altamente multiplicada a rapidez dessas mudanças, devido ao avanço das tecnologias. É esse o cenário que possibilita o fortalecimento das corporações internacionais e conseqüente ruptura das fronteiras nacionais, atingindo “áreas até então fora do mercado”.

Essa realidade tem como sustentáculo os meios de comunicação, mediadores privilegiados entre nós e o mundo, e que cumprem o papel de “costurar” as diferentes realidades. São os meios de comunicação que divulgam, em escala mundial, informações (fragmentadas) hoje tomadas como conhecimento, construindo, desse modo, o mundo que conhecemos. Trata-se, na verdade, do processo metonímico – a parte escolhida para ser divulgada, para ser conhecida, vale pelo todo. É como se “o mundo todo” fosse constituído apenas por aqueles fatos/ notícias que chegam até nós.

Consideramos, porém, que informação não é conhecimento. Poderá até ser um passo importante. O conhecimento implica crítica. Ele se baseia na inter-relação e não na fragmentação. Todos temos observado que essa troca do conhecimento pela informação tem resultado numa diminuição da criticidade.

O conhecimento é um processo que prevê a condição de reelaborar o que vem como um “dado”, possibilitando que não sejamos meros reprodutores; inclui a capacidade de elaborações novas, permitindo reconhecer, trazer à superfície o que ainda é virtual, o que, na sociedade, está ainda mal desenhado, com contornos borrados. Para tanto, o conhecimento



prevê a construção de uma visão que totalize os fatos, inter-relacionando todas as esferas da sociedade, percebendo que o que está acontecendo em cada uma delas é resultado da dinâmica que faz com que todas interajam, dentro das possibilidades daquela formação social, naquele momento histórico; permite perceber, enfim, que os diversos fenômenos da vida social estabelecem suas relações tendo como referência a sociedade como um todo. Para tanto, podemos perceber, as informações – fragmentadas – não são suficientes.

Os meios de comunicação, sobretudo a televisão, ao produzirem essas informações, transformam em verdadeiros espetáculos os acontecimentos selecionados para se tornarem notícias. Já na década de 60, Guy Debord percebia “na vida contemporânea uma ‘sociedade de espetáculo’, em que a forma mais desenvolvida de mercadoria era antes a imagem do que o produto material concreto”, e que, “na segunda metade do século vinte, a imagem substituiria a estrada de ferro e o automóvel como força motriz da economia”.

Por sua condição de “espetáculo”, parece que o mais importante na informação passa a ser aquilo que ela tem de atração, de entretenimento. Não podemos nos esquecer, porém, de que as coisas se passam desse modo exatamente para que o conhecimento – e, portanto, a crítica – da realidade fique bastante embaçada ou simplesmente não se dê.

O conhecimento continua a ser condição indispensável para a crítica. A informação, que parece ocupar o lugar desse conhecimento, tornou-se, ela própria, a base para a reprodução do sistema, uma mercadoria a mais em circulação nessa totalidade.

A confusão entre conhecimento e informação, entre totalidade e fragmentação leva à concepção de que a informação veiculada

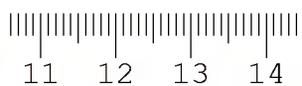
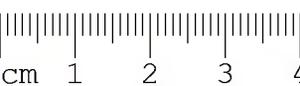
pelos meios é suficiente para a formação do cidadão, de que há um pressuposto de interação entre os meios e os cidadãos, e de que todas as vozes circulam igualmente na sociedade.

É a chamada posição liberal, a qual parece esquecer-se de que idéias, para circular, precisam de instrumentos, de suportes – rádio, televisão, jornal, etc. – que eustam caro e que, por isso, estão nas mãos da elite dominante, daqueles que detêm o capital. E que é essa elite, também, a detentora do lugar de prestígio, a partir do qual emite seu “discurso competente”

2.2 Comunicação e Produção de Sentido

Nesse espaço conhecido como “sociedade de consumo, sociedade das mídias, sociedade da informação, sociedade eletrônica ou *high-tech* e similares”, ganham destaque as questões referentes ao significante/ significado/ significação, ao simulacro, à imagem de maneira geral. A nós nos parece que o que devemos discutir é menos a questão do estético e/ou da estetização dos fatos e acontecimentos sociais que os meios de comunicação promovem, e mais uma visão da História e do sujeito. É necessário que recoloquemos as questões das relações de poder, das novas formas de exercício desse poder nesse cenário da contemporaneidade, onde descontinuidade histórica e sobreposição de modos de produção – de capitalismo internacional a resquícios de relações quase feudais, onde a questão da terra é uma questão não resolvida – se fazem presentes. É preciso trazer à tona a importância do resgate da individualidade, e não a exacerbação do individualismo.

Comunicação é produção social de sentido. E esse sentido se constrói nas relações sócio-históricas dessa sociedade pós-industrial. Os meios de comunicação, que são da natureza



dessa sociedade, atuam como fator de coesão social nas pequenas regiões, tanto no nível interno quanto no nível de suas relações com o mundo, do mesmo modo que atuam numa grande diversidade de sociedades, com grande complexidade social e cultural.

Atuando privilegiadamente no cotidiano, eles agendam temas, editam o mundo. Por essa característica, a comunicação entra no processo permanente de produção de significado, portanto, de construção da realidade, em todas as suas manifestações, quer sejam culturais, econômicas ou políticas. Como lembra Barbero, “a chave da aprendizagem de toda sofisticação hoje passa pela TV: publicidade, videocliques de música que mostram, por exemplo, o que se está fazendo de mais avançado com computador. A comunicação é produção social de sentido, de prazer, de estética, de cidadania”.

Os discursos, base na qual se assentam os meios de comunicação, permanentemente reconfigurados na realidade histórica, onde se constrói seu significado, são amplificados para todo o mundo. São vozes e pontos de vista escolhidos para divulgação, que nos dão a base para nos inserirmos no mundo. A comunicação passou a ser, então, uma das instituições que “levam a pensar”, sobretudo pela aura de conhecimento agregada à informação.

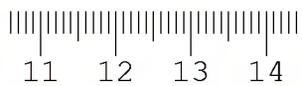
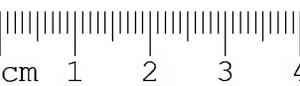
Ocupando espaços e promovendo silêncios, o discurso tem seu poder ampliado pelos meios de comunicação, os quais dão voz a algumas posições e silenciam outras. Manifestação das formações discursivas no âmbito das formações ideológicas, em uma determinada formação social, o prestígio do discurso, a “autoridade” de quem emite, o lugar do discurso, enfim, são fundamentais para sua divulgação com caráter de veracidade. Logo, ele está no centro das relações de poder.

2.3 Tecnologia e Imprensa

O avanço da tecnologia, que está na base da discussão sobre informação X conhecimento, trouxe, segundo Sílio Boccannera, repórter de televisão, correspondente internacional, novas exigências também para o jornalista. Para ele, as mudanças na área de tecnologia de televisão obrigam o jornalista a agir com uma instantaneidade que não existia no passado. Durante a Guerra do Vietnã, por exemplo, que terminou em 1975, a primeira grande guerra acompanhada pela televisão, o repórter que cobria a guerra usava filme. O vídeo não existia. Esse filme precisava ser revelado. Era, então, enviado para os Estados Unidos ou para a Europa, onde era montado e apresentado nesses países. Geralmente quatro dias após o acontecimento, tempo de duração desse processo. Hoje, estamos familiarizados com coberturas internacionais em tempo real: o fato está acontecendo e nós estamos vendo-o em nossas casas. A tecnologia permite que o evento seja acompanhado na hora em que acontece.

Por isso, o profissional, ao ser destacado para cobrir um evento para a televisão, tem menos tempo para pensar sobre o que significa o fato que ele está cobrindo. O tempo de reflexão é diminuído: tanto o do jornalista quanto o do editor, na redação. Se acontece uma crise no Oriente Médio, por exemplo, o jornalista tem que dar sentido para aquilo com muita rapidez. Só com conhecimento ele será capaz de contextualizar o que está ocorrendo, para que possa construir um discurso, um texto que percorrerá o mundo. Caso contrário, a notícia não se sustentaria. Afinal, nem a transmissão de jogos de futebol pela televisão aceita a descrição primária.

A repercussão do acontecimento também é instantânea. Lideranças políticas dos vários países são entrevistadas por outros jornalistas, cole-



gas do que está no local do acontecimento. Decisões são tomadas com muita rapidez. A chamada opinião pública internacional, através de suas organizações, tomam posição.

Isso tudo faz com que o início desse processo, que é a apuração da notícia, a coleta da informação seja extremamente importante. É preciso que o jornalista consiga perceber e relacionar as várias partes de que se compõe o acontecimento. É preciso, também, que o profissional tenha “a condição de reelaborar o que vem como um ‘dado’”, reconhecer o que está ainda mal desenhado, com contornos borrados”, construir “uma visão que totalize os fatos, inter-relacionando todas as esferas da sociedade, percebendo que o que está acontecendo em cada uma delas é resultado da dinâmica que faz com que todas interajam, dentro das possibilidades daquela formação social, naquele momento histórico”, que, como dissemos, são características do conhecimento.

Isso tudo exige do jornalista uma preparação prévia muito mais intensa do que foi no passado. Sílvia Boccannera chama esse conhecimento de “super-informação”. Cada um tem que estar com alto grau de “super-informação” já antes de chegar ao local. Simplesmente porque no local da cobertura não haverá tempo suficiente para absorver e apreender tudo. Esse conhecimento é um processo contínuo. As pessoas têm que estar permanentemente lendo, informando-se, ouvindo rádio, indo ao teatro, ao cinema etc.

Hoje já é possível, tecnicamente, numa cobertura de guerra, acompanhar, por exemplo, um ataque de mísseis com uma câmera a bordo de um deles enquanto ele se dirige a um alvo. O telespectador, em casa, jantando, pode observar esse míssil chegando ao alvo, o qual pode ser uma escola cheia de crianças. E assistir ao vivo o que acontece. Quem vai relatar esse evento é o jornalista. Ele tem que

estar, portanto, muito mais preparado do que está hoje.

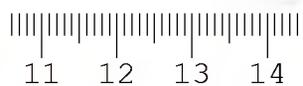
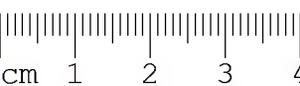
Outra questão que conhecimento X informação coloca, é a que se refere ao relato da informação. Há um forte contraste entre a abordagem que dá ênfase ao que está acontecendo e a que dá ênfase ao aspecto de entretenimento. Esse último estilo destaca o lado do *show*, da atração, e já vem sendo conhecido como *infotainment* (informação-entretenimento). Ou seja, é a informação não pelo relato do que ocorre, mas sim a informação pelo espetáculo, como já advertia Guy Debord, citado anteriormente. .

Mesmo com toda a agilidade, a televisão não ocupa o lugar da imprensa escrita. A imprensa escrita sempre vai existir. É ela que dá o contexto e explica melhor o que a imprensa eletrônica, pela própria natureza de sua linguagem, não consegue explicar. “Quem só se informa pela televisão, não se informa. É preciso ler textos, não só os da imprensa escrita, mas todos os tipos de texto, permanentemente”, diz Sílvia Boccannera.

A informação, que tem na televisão sua divulgação mais efetiva, realmente não é conhecimento. Apenas procuram nos convencer do contrário para que nossa crítica à realidade diminua. Ou quase desapareça. A escola, desvelando os processos de produção da notícia e edição do mundo, pode ajudar a transformar a informação veiculada pelos meios de comunicação em conhecimento.

Essas reflexões dizem um pouco do que o campo comunicação/educação abrange. Há nele um movimento permanente, num trânsito de mão dupla, do todo para as partes, em intercâmbio permanente.

São vários os territórios a serem percorridos, sempre numa visão de totalidade, aten-



tando para os vários suportes, as várias linguagens – televisão, rádio, teatro, cinema, jornal etc. Tudo percorrido com olhos da congregação dessas agências de formação: a escola e os meios.

São os meios a fonte primeira que educa a todos os educadores: pais, professores, agentes de comunidade, etc. Somos todos alunos: precisamos procurar entendê-los bem, saber ler criticamente as “lições” que os meios de comunicação ministram, para conseguirmos percorrer o trajeto que vai do mundo que nos entregam pronto, editado, à construção do mundo que permite a todos o pleno exercício da cidadania.

Abstract: *The world we live in is built by the communication media that select what we must know, the themes to be selected for discussion and the point-of-view for understanding them. They have become privileged educators, dividing the former educational functions. And they have taken the advantage. Already established, the communication / education is one of the largest challenges for present times. It does not break into fragments as the eternal discussion on the adequacy of the use of technology. This complexity obliges the inclusion of themes such as mediation, critics and understanding, becoming the vehicle of symbolic properties, technological roles, re-significance of school / professor, and more.*

Key-words: *Communication. Education. Information. Inter-relationship. Emergent technologies. Media.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX, José, 1998, A vitória da amnésia. Casa Amarela. *Caros Amigos*, São Paulo, n.9, p.8-9, out.'98.

BARBERO, Jesús Martín, 1994, La comunicación plural: alteridad y socialidad. *Dia-logos*, n.40, p.73-09, set.'94.

BECHELLONI, Giovanni, 1995, *Televisione come cultura; e media italiani tra identità e mercato*. Napoli: Liguori, p.47.

BUCCI, Eugênio, 1997, *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Bontempo, p.14.

CHAUI, Marilena, 1982, *Cultura e democracia*. 3.ed. São Paulo: Ed. Moderna. O discurso competente e outras falas.

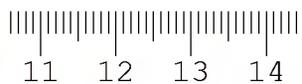
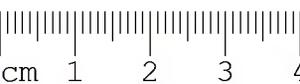
CONNOR, Steven, 1992, *Cultura pós-moderna; introdução às teorias do contemporâneo*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stella Gonçalves. São Paulo: Loyola, p.48.

IANNI, Otávio, 1995, *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. As economias-mundo, p.43.

JAMESON, Fredric, 1996, *Pós-modernismo*. Trad. Maria Elisa Velasco. São Paulo: Ática. A língua cultural do capitalismo tardio, p.61.

MOREIRA, Sônia Virgínia, 1996, O mundo pelas agências de notícias. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n.5, p.23-06, jan./abr.'96.

THOMPSON, John B., 1995, *Ideologia e cultura moderna; teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Ed. Vozes.



DA CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS EM SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO A EXPERIÊNCIAS COM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Regina Célia Baptista Belluzzo*

Resumo: *Descreve evolução e conceitos; efeitos de mudanças substanciais na sociedade; inovações tecnológicas e gerenciais, que têm ocorrido na área de recursos humanos em serviços de informação. Oferece parâmetros norteadores para capacitação de RH, especialmente a programações em bibliotecas universitárias, apoiando-se em preceitos de qualidade. Como opção metodológica aponta ainda a educação a distância, citando algumas experiências em terreno nacional.*

Palavras-Chave: *Capacitação de Recursos Humanos. Serviços de Informação. Bibliotecas Universitárias. UNESP. SIBi-USP. Brasil, São Paulo. Educação a Distância.*

rio traçar pontos históricos, rever impactos sociais que, entre outras coisas, se relacionam à globalização de atividades, formação de novos mercados econômicos, urbanização generalizada da sociedade, tornando-a mais complexa, desigual e diversificada. Com isso, o ritmo de transformação decorre de modo extremamente rápido, exigindo, por sua vez, respostas mais flexíveis e mecanismos de ação participativos.

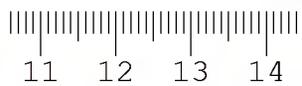
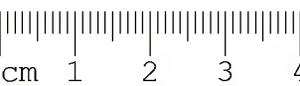
Em tal cenário, a capacitação de recursos humanos em qualquer tipo de organização passa a ser uma função gerencial estratégica, cujos pontos de referência podem ser assim consubstanciados: a) repensar o universo de conhecimentos onde se atua, de forma mais dinâmica e com vista à sua atualização contínua; b) reverter o conceito sobre o conhecimento, ao invés de só *estocá-lo*, enfatizando agora a capacidade de gerenciar conhecimento adquirido *in continuum*, valorizando o capital intelectual das organizações.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Questões gerais administrativas, capacitação de recursos humanos e compreensão de seus conceitos

Para a compreensão do processo de capacitação de recursos humanos, faz-se necessária

* Professora-assistente Doutora no Departamento de Biblioteconomia e Documentação (Campus Marília/UNESP). Consultora em Recursos Humanos e Qualidade. regina@techno.com.br



1.2 Histórico

Numa rápida posição histórica, lembremo-nos das alterações da sociedade dos fins do século dezoito para o início do dezenove, com a revolução industrial, mormente ocorrida na Inglaterra e Estados Unidos. Destaca-se neste ponto a divisão social e suas técnicas do trabalho, nas quais apontam-se alguns fatores como multiplicidade de processos de produção, especialização profissional e criação de novos mercados de trabalho.

No século vinte surgem nas organizações dos países desenvolvidos os então chamados Departamentos de Administração de Recursos Humanos (ARH). Sua função precípua era adaptar os indivíduos às exigências do trabalho, amenizando as insatisfações das classes trabalhadoras. Desse modo, a ARH é área extremamente sensível à cultura que predomina nas organizações, sendo contingencial e situacional.

Atualmente, pode-se dizer que a ARH está passando por grandes mudanças e inovações, recomendando-se denominá-la como *Gestão de Pessoas nas Organizações*, sobretudo às portas do terceiro milênio, quando as pessoas deixam de ser um desafio para se tornarem a vantagem competitiva das organizações, capazes de conduzi-las à excelência e ao sucesso. Portanto, devem ser abordadas como seres dotados de inteligência, conhecimentos, habilidades, personalidades, aspirações, percepção. É preciso dar ênfase ao seu desenvolvimento, por meio de ações dedicadas ao ensino-aprendizagem em seu próprio ambiente de trabalho, modernamente denominadas como *Educação Corporativa* (Meister, 1999).

1.3 Caracterização e conceitos na área administrativa, e suas diferenciações

O conceito de recursos humanos (RH), por sua vez, acompanha a evolução das organi-

zações e o processo histórico das relações de trabalho, destacando-se entre outras coisas a separação dos elementos que planejam dos que executam atividades. Sendo estes últimos, aqueles que dividem responsabilidades nas estruturas hierárquicas de poder e instituem a burocracia em forma de valores, normas e procedimentos; enfim, os que orientam o plano de ação organizacional.

A ciência administrativa de RH tradicionalmente assenta-se num tripé: *tarefas, pessoas e administração*, cujos antigos paradigmas até hoje norteiam as ações administrativas nas organizações, tendo como mentores: Frederick W. Taylor; Elton Mayo e Henri Fayol. Pontos-chave de suas linhas, podem ser assim sintetizados:

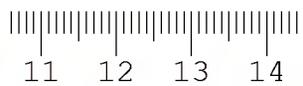
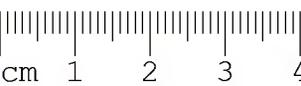
(a) *Tarefas* – sistematização de informações sobre práticas de trabalho, para melhores métodos de produção do trabalhador.

(b) *Pessoas* – oferecimento de condições de trabalho para gerar cooperação espontânea entre-grupos;

(c) *Planejamento, organização, direção e controle* – entrosamento entre RH e tarefas a fim de ocorrer desempenho eficiente nas organizações, aliado à satisfação humana.

Na fase contemporânea, as teorias administrativas enfatizam a natureza das organizações como sistemas, tendo em vista a interligação dos diversos componentes aos objetivos. Por sua vez, a eficácia de qualquer prática gerencial dependerá das características de cada situação em particular.

Reforça-se, então, um *conceito/objetivo* sobre *Gestão de Pessoas*, que pode ser expresso como *um conjunto de princípios, estratégias e técnicas cujo fim é contribuir para a*



seleção, manutenção, motivação, treinamento e desenvolvimento do patrimônio humano de qualquer grupo organizado (Toledo, Régis, 1996). Concomitantemente, surge um novo conceito para as antigas gerências e chefias, constituindo-as como lideranças, cujo grande objetivo é sua atuação em três dimensões nos modernos contextos organizacionais – *gestores, facilitadores e educadores*.

De uma perspectiva tayloriana que não considerava a necessidade de desenvolvimento de capacidades intelectivas do indivíduo e de condições humanas no trabalho, o conceito posterior de treinamento evolui, tendo como centro de sua ação o ser humano e o aumento de sua produtividade. Propõe a sua integração ao ambiente de trabalho, e deseja proporcionar-lhe maior satisfação e bem-estar social; agora, com apoio na linha Mayoana e nos modernos princípios de gestão da qualidade.

Por sua vez, na década de 80, para Macian (1987) o treinamento atual deveria se prender a um tipo de instrumento implementador de procedimentos mais racionais, qualificados e eficazes, porém carregado de propósitos de respeito às necessidades de desenvolvimento individual.

De outro lado, devido a uma série de divergências conceituais, permitimo-nos retrabalhar este assunto, discutindo expressões como *treinamento e desenvolvimento*, cuja distinção, na própria área de Administração, nem sempre é clara, limitando-se suas fronteiras entre variáveis de tempo e espaço.

Como processo educativo, as ações contidas em forma de *treinamento* acham-se ligadas a certas dimensões do conceito de *educação* no sentido mais amplo de *ensino, aprendizagem e mudanças de comportamento* (Belluzzo, 1989).

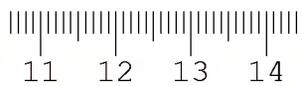
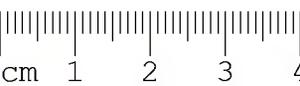
Ensino = educação formalizada, intencional, geralmente desenvolvida em escolas, em diversos níveis. Sua programação ocorre em termos de objetivos, tempo, conteúdos, procedimentos metodológicos, público de interesse, formas de avaliação. É administrado sob cargos de direção e pessoal, pedagogicamente orientado para cada tipo de disciplina, sendo ainda prevista adequação às características do aprendiz à determinada área e grau em que o ensino se processa.

Aprendizagem = ato ou ação de assimilar e conhecimento, cujo efeito final é adquirir e/ou modificar comportamentos pelo aprendiz. Modernamente, fala-se em ensino-aprendizagem, por ser um processo único de interação, criação e construção entre “mestre e aluno”, entendendo que sua efetividade, eficiência e eficácia só se efetua com a satisfação do aprendiz pelo sujeito da ação - o educando.

Mudança de comportamento = traduz-se como resultado do processo educacional, no qual as reações do aprendiz apresentam características diferentes das anteriores, e previstas como desejáveis pelo ensino-aprendizagem.

Entendemos que ensino-aprendizagem se estabeleça como conseqüente mudança de comportamento, ocorrendo tanto antes, durante, como após uma ação educativa, contando com efetiva interação educador/aprendiz, gerando conseqüências previsíveis de estratégias de ação pedagógica. Portanto, toda ação educativa compreende atuação sistêmica onde os agentes influenciam-se, reciprocamente, em múltiplas direções, com diferentes graus de liberdade.

Voltando a falar particularmente de organizações, já existem preocupações dos autores modernos interessados na área administrativa com a questão de *formar atitudes desejá-*



veis (Lima, 1987), que bem caracterizam a natureza da empresa como um tipo de organização humana construída (ou destruída) pela qualidade de seu pessoal. O que torna uma empresa diferente de outra é a habilidade das pessoas que nela atuam para criar e usar o conhecimento em todas as suas formas, sendo possível produzir assim algum bem que tenha valor agregado ao mercado produtivo. No que concerne às ações de capacitação de recursos humanos, seu objetivo vai além de simples transmissão de conhecimentos e de preparar pessoas para a realização de determinada tarefa, mas sim de transcender à dimensão mais profunda de formar atitudes para que sejam atingidas as metas institucionais e a melhoria de qualidade de vida da sociedade.

Encontramos em Bomfim (1995) a afirmação de que uma organização bem-sucedida é aquela que seus administradores acreditam e investem na educação plena dos seres humanos que compõem seus quadros. Há necessidade pois de ter-se uma fundamentação sólida sobre as correntes que orientam essa prática educativa, uma vez que elas irão sustentar, tanto teórica como metodologicamente o processo de ensino-aprendizagem nas organizações.

Chiavenato (1998), autor renomado na área de Gestão de Pessoas nas Organizações, acredita que o binômio *treinamento & desenvolvimento* não deve estar dissociado, considerando-se que um complementa o outro. Há que se distinguir, porém, o treinamento significando o preparo da pessoa para o desempenho de um cargo, enquanto que a educação para o desenvolvimento, tem como propósito preparar as pessoas para serem trabalhadores e cidadãos.

Já na área da Educação, a partir da década de 80 modernas tendências, como a de Fusari

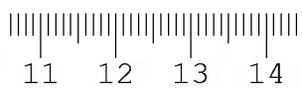
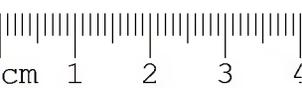
(1988), passam a perceber o treinamento, no conjunto do processo de educação-em-serviço, como um meio limitado e específico, capaz de propiciar mudanças em nível da ampliação da consciência crítica, dimensão técnico-política de uma prática, e sempre envolvendo conscientização e instrumentalização.

Sob essa ótica, analisando as organizações nos anos 90, Rodrigues (1992) chama atenção para a questão da necessidade de ações educativas nesses ambientes tendo em vista o processo de mudança que, no seu entender, deverá ocupar-se efetivamente da realidade e necessidades organizacionais, ao invés de elaborar “pacotes” de idéias ou cursos baseados só em modismos “o que são coisas do passado”. Wanderley (1992) e Naethe (1992) partilham dessa preocupação e chamam a atenção às necessidades de capacitação contínua de recursos humanos para lidar com mercados emergentes de trabalho, onde as novas tecnologias e os novos padrões de mentalidade voltados à qualidade, são grandes desafios.

1.4 Capacitação de recursos humanos e gestão da qualidade

Tendo em vista o desenvolvimento de programas de capacitação em quaisquer que sejam as organizações, os pontos relevantes requeridos do educando são:

- a) capacidade de planejar e desenvolver ações para maior facilidade de comunicação e efetividade do trabalho em equipe / rede;
- b) perfil profissional que integre: arcabouço teórico, pleno conhecimento dos produtos/serviços e processos/atividades em que esteja envolvido; habilidades para intervir na produção; autonomia, espírito crítico e capacidade organizacional em sua esfera de trabalho.



São pontos bastante enfatizados nas abordagens de gestão da qualidade, como sendo a “*filosofia gerencial voltada ao atendimento dos interesses, desejos e necessidades de clientes internos e externos*” (Belluzzo, 1995:19e 20). Essa filosofia, calcada em inovações básicas, envolve mudanças na cultura das organizações, cujos princípios, em síntese, são os que seguem:

- * Priorização do trabalho em equipe / rede.
- * Estimulo à polivalência profissional.
- * Valorização da educação contínua.
- * Manejo e humanização do conhecimento como instrumento fundamental de processo criativo e inovador.

Seu objetivo é atingir os próprios requisitos de qualidade nas organizações, fundamentados nas percepções dos clientes externos e que são considerados a essência dos produtos e serviços oferecidos em mercado globalizado e altamente competitivo.

Não é possível analisar o desempenho no trabalho como fato isolado na vida do ser humano, tendo em vista que se interligam, tanto fatores intrínsecos como extrínsecos, nas ações transformadoras dos indivíduos em sociedade. Não obstante a pessoa apresente um perfil específico e diferenciado, carregará consigo informações e influências de outros campos de atividade.

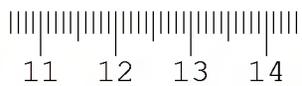
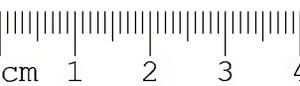
Nesse processo de trocas recíprocas, pois, a *capacitação de recursos humanos* encontra sua razão de ser nas organizações porque *representa uma forma de educação para o trabalho*. Conseqüentemente, é oportunizado às organizações o próprio desenvolvimento pelo reverso da medalha, ou seja, mediante o crescimento dos seus recursos humanos, originado dessa troca de experiências e processo de mudança da cada indivíduo e/ ou equipes.

Portanto, neste novo conceito valorativo, em que se concebe o homem não apenas como simples meio de produção, e o trabalho, deixa de ser sinônimo de exploração. É preciso repensar novas formas de mediação entre as aspirações dos indivíduos e das organizações, assumindo críticas do processo, ampliando a consciência de fatores contraditórios com o trabalho no contexto social.

Modelos conservadores de ações educativas, em especial aqueles denominados tradicionalmente como treinamento-em-serviço, baseados em diagnósticos fortuitos que identificam situações isoladas, sem que haja visão sistêmica do processo produtivo e suas variações, necessariamente precisam ser repensados criticamente e mudados.

Assim sendo, em que pese a variedade de conceitos e enfoques apresentados, é importante ressaltar que acreditamos ser melhor adotar a expressão formação-em-serviço em lugar de treinamento-em-serviço, para tratar do processo de capacitação de pessoas em seus ambientes de trabalho, tendo como objetivo a melhoria da competência profissional nos seus campos técnico, humano e político para alcançar a qualidade tanto no desempenho pessoal como no organizacional.

Desta forma, a *formação-em-serviço* – termo a ser adotado de agora em diante – *significa a função gerencial que compreende um processo educativo para fins de integração de pessoas a ambientes de trabalho, garantindo seu bem-estar e a consequente qualidade de qualquer tipo de organização*. Sua contextualização como um ato de educar implica em pensar na inovação em educação, relacionando-o aos termos “mudança”, ou “melhoria” ou “aperfeiçoamento”, porém de forma contínua e sob enfoque de modernos princípios de gestão da qualidade em duas vertentes: como complemento de lacunas/ca-



rências ou atualização da própria formação básica recebida.

Convive-se atualmente com modalidades e estratégias de formação-em-serviço de natureza vária. Basicamente, no entanto, pode-se distinguir entre a formação presencial (ações face a face) e aquelas mediadas pelas tecnologias da informação (formação à distância), embora ambas devam coexistir porque se completam e interagem entre si.

2 CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS EM SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO/BIBLIOTECAS

Tema intensamente debatido na literatura especializada estrangeira. No caso da área biblioteconômica recairá no envolvimento com transformações e exigências prementes de recursos humanos, sobretudo agora com a introdução de novas tecnologias de comunicação e mudanças sócio-econômicas afetando as organizações (Casey, 1980; Erikson, 1986; Gurnsey, 1985; Igbaria, Tan, 1997; Rehman, 1997; Sherron, 1997; Wray, 1992).

Todavia, o tratamento com mais ênfase ainda não acontece com a capacitação de recursos humanos em bibliotecas. Já em 1940 aparece na *Library Literature*, pela primeira vez, o termo treinamento-em-serviço (*in-service-training*). De modo geral, tal tema era utilizado para instruções a novas atribuições e práticas específicas de alguns tipos de empresas, tendo em vista a implementação de novas regras ou normas de trabalho (Stabler, 1987).

Nota-se que o primeiro Programa de Treinamento em bibliotecas aconteceu em 1946, desenvolvido por Lowell Martin. Segundo

Stabler (1987), destacam-se quatro pontos fundamentais:

- * O aprendiz deve ser colocado à vontade na biblioteca.
- * Sua tarefa deve ser esclarecida pelo instrutor de modo claro e passo a passo.
- * O programa inclui exercícios práticos.
- * Os novos funcionários devem ser incentivados a usar todas as suas potencialidades.

Embora tenham sido simples esses quatro enunciados, daí em diante passaram a ser prática habitual nas ações de instruções de recursos humanos em bibliotecas.

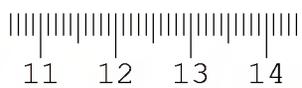
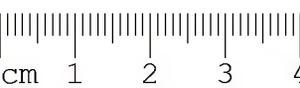
2.1 Práticas envolvendo a ambiência dos serviços de informação

Selecionando-se práticas de alguns países:

2.1.1 Inglaterra (1977)

A Library Association (LA) publica o *Report of the Library Association Working Party of Training*, resultante de estudos do seu Education Committee. Resumindo as recomendações desse documento, temos:

- Programas de capacitação de recursos humanos, calcados na identificação de necessidades determinadas.
- Formação-em-serviço como atividade a ser integrada nos objetivos de todo sistema bibliotecário e incluído no orçamento-programa da organização.
- Coordenador devidamente qualificado e nomeado para tal empreendimento.
- Consscientização do valor desses programas com início desde a formação básica dos bibliotecários e cultivada durante sua atuação profissional.
- Estudos e pesquisas *in loco*, bem como um sistema de avaliação sobre os resultados desses programas, sendo levados em conta pelos administradores de bibliotecas como subsídio a planejamentos de futuros programas.



Pela importância e representatividade de uma Associação de classe como a LA e de seus Grupos de Trabalho, sendo um deles dedicado à formação-em-serviço, surgiram dessas recomendações uma série de diretrizes intituladas como *Guidelines for Training in Libraries [Diretrizes para Treinamento em Bibliotecas]* subdivididas em:

- *Training in Small Libraries [Treinamento em Bibliotecas Pequenas]* (Boodson, 1990).
- *Training on Management in Libraries [Treinamento para Gerenciamento em Bibliotecas]* (Backer, 1991).

Esses trabalhos, contendo pontos teóricos e práticos fundamentais para o delineamento de ações de capacitação de recursos humanos, são de valia aos interessados no planejamento de tais atividades. Neles, cada elemento é discutido em relação aos diferentes tipos de necessidades de formação, conhecimento e experiência, combinando-se as responsabilidades e o *background* de cada tipo de elemento que compõe o quadro de RH da Biblioteca. Ao final, além de bibliografia seletiva, nos anexos são apresentados modelos de programas, comprovando a viabilidade de operacionalização dessas diretrizes.

2.1.2 Livros

Já têm sido publicados inúmeras obras, destacando-se o “*Planning Library Training Programmes*” de autoria de Mary Casteleyn, bibliotecária inglesa, que desde 1976 desenvolve programas para o *Staff and Training Officer Westminster City Libraries* e o *British Council Training Programme*. Segundo a autora, para que as bibliotecas ofereçam um serviço eficiente e eficaz é importante que seus RH sejam bem formados, não apenas em técnicas biblioteconômicas, mas principalmente nas relações interpessoais com os clientes externos. Oferece ainda ampla descrição de experiências educativas em bibliote-

cas inglesas, com visão teórico-prática sobre o planejamento e desenvolvimento de cursos para bibliotecários e pessoal de apoio (Casteleyn, 1981).

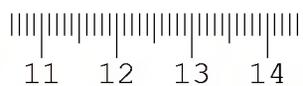
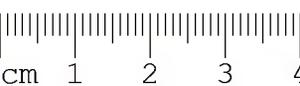
2.1.3 Décadas de 80 e 90 - Estados Unidos - Experiências em Bibliotecas Universitárias

Neste contexto, um importante relato sobre o desenvolvimento de um programa de capacitação de RH é oferecido, em 1993, por Grumling; Sheehy. Lançado pelas bibliotecas da Northwestern University, University of Chicago e University of Illinois, a partir de 1985, em forma de consórcio, compreendendo a efetivação de eventos como seminários e *workshops* com apoio de leitura de textos, discussões, exercícios práticos e sob a responsabilidade de lideranças mais experientes. Temas que variam a cada ano, incluindo basicamente: serviços técnicos, coleções especiais, serviço de referência, acesso às bases de dados, orçamento-programa e gestão estratégica de recursos humanos. Este enfoque da gestão participativa, são princípios que norteiam atualmente as organizações consideradas como *benchmarking* no mercado de negócios.

2.1.4 Contribuições de Serviço de Referência em Ambientes Virtuais

A par das publicações citadas, focalizando sob diferentes óticas a formação de pessoas em ambientes bibliotecários, pode-se notar também a tendência crescente para estudos voltados aos serviços de referência e informação que incorporaram novas ferramentas de trabalho.

Destaca-se então a Association for Research Libraries (ARL, 1984) que publica documento intitulado *Staff Training for Automation in ARL Libraries*, oferecen-



do aos interessados ambientes virtuais na área da educação importantes diretrizes acerca da elaboração de programações de capacitação de RH em bibliotecas automatizadas.

Um relato substancioso é o de Valerie Thompson (1992), em artigo intitulado *Training for automated circulation systems*, sobre a necessidade de formação-em-serviço de RH, detectada em 21 bibliotecas automatizadas na Nova Zelândia. Trata-se de pesquisa em parceria com a Associação de classe daquele país. De modo geral, as ações educativas produziram melhor desempenho no *staff* quando da implantação e desenvolvimento do sistema de circulação automatizado, diminuindo falhas na operacionalização, e otimizando o uso dos recursos informacionais pelos clientes.

Merece destaque ainda a experiência da University College of Wales Library, descrita por Tedd (1984), enfatizando a formação-em-serviço a fim de que haja envolvimento das equipes bibliotecárias na introdução e implementação das novas tecnologias em biblioteca acadêmica.

Esses trabalhos têm sido notáveis subsídios para melhor compreensão do novo significado ao bibliotecário de referência e de sua equipe, principalmente em ambientes virtuais. Tudo isto, no que se refere ao aumento da produtividade e responsabilidade desta faceta de profissionais que atua em serviços de referência, agentes estes capazes de atuar com o que se denomina “soluções individuais ou personalizadas”, vindo a representar um novo conceito sobre a tendência na oferta de produtos/serviços com foco nos interesses e necessidades dos clientes das organizações (Nolan, 1992; Stabler, 1987; Veaner, 1985; Whitehall, 1992).

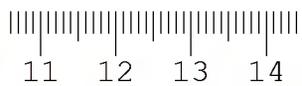
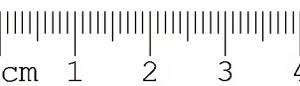
2.1.5 Década de 90 – Formação-em-Serviço e Gestão da Qualidade

Mais recentemente desponta no campo das bibliotecas o tema *formação-em-serviço* e sua estreita relação com os princípios de *gestão da qualidade*. Assim, um dos poucos trabalhos recuperados com essa característica é o de Loney; Belle-Fontaine (1993), onde é salientada a importância dos bibliotecários trabalharem no foco dos serviços voltados para o cliente. Digno de nota é o modelo de implementação de programa de qualidade em bibliotecas, principalmente no que diz respeito ao planejamento estratégico e desenvolvimento de habilidades específicas nos recursos humanos por meio de ações educativas contínuas e apropriadas a cada situação. Pode-se sintetizá-lo nas seguintes fases:

- *Exploração e compromisso* (conscientização / visão geral sobre gestão da qualidade e serviços aos clientes).
- *Organização para a qualidade* (planejamento estratégico e formação de equipes da qualidade com suporte de ações educativas denominadas formação-em-serviço).
- *Implantação do programa de qualidade total* (avaliação dos processos/atividades mediante o uso de ferramentas da qualidade).
- *Expansão e integração* (desenvolvimento de programas contínuos de formação-em-serviço com todo o *staff*).

2.1.6 Brasil – Experiências em curso

É incipiente ainda a literatura especializada nacional nesta temática. A própria gestão da qualidade, em geral, requer maior amadurecimento e se ressentida da transferência de conceitos e técnicas consagrados pelo setor de produção industrial para o ambiente de serviços de informação.



Um dos poucos trabalhos deste teor, foi desenvolvido como parte integrante da pesquisa para a tese de doutorado defendida na ECA-USP (Belluzzo, 1995). Trata-se o mesmo, em síntese, de um “Programa de Capacitação dos Recursos Humanos da Rede de Bibliotecas da Universidade Estadual Paulista (UNESP)” que compreendeu o desenvolvimento de dois projetos: o primeiro voltado a equipe multifuncional e o outro direcionado às equipes bibliotecárias em todos os níveis funcionais (bibliotecários e pessoal de apoio). Ambos projetos se integravam ao “Plano de Gestão da Qualidade”, apoiado pela Coordenadoria Geral de Bibliotecas e Reitoria da UNESP (Silva et al., 1994).

O programa de formação-em-serviço destinado à Equipe Multifuncional refere-se à capacitação de um grupo representativo de bibliotecários das diferentes áreas de atuação das bibliotecas (Humanas, Exatas e Biológicas) e objetivou interagir junto às gerências para divulgar ações e oferecer orientação quanto à integração das equipes bibliotecárias ao ambiente de trabalho e ainda às atividades do Plano de Gestão da Qualidade.

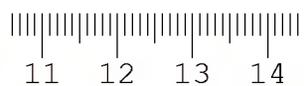
Por sua vez, o projeto voltado para todos os recursos humanos das Bibliotecas da UNESP orientou-se na formação de novas posturas em relação à qualidade dos serviços, ao desenvolvimento de habilidades e competências. A ênfase recai na assimilação e domínio de conceitos e técnicas adequados aos processos de planejamento e execução das ações consideradas estratégicas para o alcance das metas de qualidade desejáveis pela comunidade acadêmica. Neste ponto, em particular, ocorre a utilização do modelo teórico-prático para a determinação dos perfis de competências de equipes bibliotecárias, sob enfoque da gestão da qualidade desenvolvido por Belluzzo (1995). O qual norteou todo o planejamento e execução do programa de for-

mação-em-serviço, desenvolvido junto à Rede de Bibliotecas da UNESP durante um período de três anos (1993-1995).

Apesar de dificuldades havidas e ajustes que continuamente se fazem necessários, esta experiência, devido ao seu caráter pioneiro em contexto brasileiro, tem um grande mérito em nosso entender. Despertou e suscitou o início de mudanças nas posturas administrativas das gerências das bibliotecas envolvidas por meio da implementação do programa de aperfeiçoamento contínuo dos RH, a fim de alcançar a excelência na prestação de serviços informacionais há muito almejada.

É importante ressaltar que em setembro de 1999 a Coordenadoria Geral de Bibliotecas da UNESP e a Reitoria decidiram priorizar a continuidade do programa de capacitação dos recursos humanos das bibliotecas, tendo em vista os projetos de modernização e automação havidos na ambiência de todas as unidades da Rede. Deste modo, espera-se poder contribuir para a sua consecução, agora apoiados na gestão da qualidade, também em novas tecnologias de informação e em princípios de gestão participativa e educação corporativa.

Paralelamente à experiência relatada, o Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBi-USP) que, desde 1992 passa por processo de remodelação e replanejamento estratégico de suas ações, oportunizou a um de seus Grupos de Trabalho - *Meta 9 – Qualidade e Produtividade* - efetivar o planejamento e a implantação de programas de capacitação de equipes bibliotecárias em todos os níveis funcionais das bibliotecas integrantes do Sistema. Criou-se pois o “Programa de Capacitação de Equipes Bibliotecárias do SIBi-USP (PROCAP-SIBi-USP), estruturado de acordo com linhas de ação destinadas:



- *Capacitação pré-serviço* (recém-admitidos nas bibliotecas da USP e/ou indicadas para exercer novos processos/atividades),
- *Reciclagem e atualização* (revitalizando o programa de formação-em-serviço).
- *Aperfeiçoamento de pessoal* (participando de cursos de pós-graduação e atividades específicas de estudos e pesquisas).

Inseridos no PROCAP-SIBi-USP, encontram-se projetos, sob a coordenação da Profa. Dra. Regina Celia Baptista Belluzzo, e que podem ser sintetizados:

- *“Capacitação de equipes bibliotecárias do SIBi-USP: desenvolvimento de modelo tecnológico para ambientes em processo de remodelação e apoiado em princípios de qualidade”* (Belluzzo et al., 1997). Compreendeu um aprendizado em equipe e dialogação com base em raciocínio sistêmico. A tônica deste primeiro momento de capacitação procurou transcender limitações, identificar e compreender melhor o SIBi-USP e seu contexto organizacional, gerando visão compartilhada de imagem futura, onde a convergência de esforços é fundamental para o alcance das metas estabelecidas em programa remodelador.

Trata-se de proposta fundamentada em novas posturas gerenciais, diversidade dos contextos sócio-culturais e peculiaridades dos diferentes locais onde é implantada. Constitui integração inédita e aprimoramento de metodologia e instrumentos disponíveis no Sistema. Baseia-se em modernos princípios da qualidade, administração por projetos e gestão participativa, a fim de que propicie formação-em-serviço e desenvolvimento de RH de forma institucionalizada nas bibliotecas da USP.

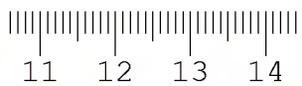
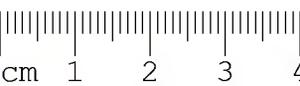
O foco de atenção desse projeto recai nas gerências e equipes bibliotecárias integran-

tes das “Metas”, consideradas como Grupos de Trabalho, que atuam de forma matricial e traçam as linhas de ação prioritárias do Sistema. Tais Metas, portanto, definem novas diretrizes, estratégias estruturais e metodológicas, que de forma contínua complementarão conhecimentos e habilidades em função da gestão das novas sistemáticas de implementação da cultura da aprendizagem organizacional, tornando o SIBi-USP um serviço de informação acadêmico que gera conhecimento às demandas da área no contexto brasileiro.

O intuito deste trabalho chega no momento culminante de abrir espaço especial para a Educação a Distância, sem contudo entrar em pormenores teóricos. No momento, a intenção é salientar a importância desta opção metodológica como nova forma de capacitação exigida aos modernos ambientes eletrônicos dos serviços de informação, apontando ainda experiências desta autora no SIBi-USP (Belluzzo et al., 1998).

3 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA COMO OPÇÃO METODOLÓGICA PARA A CAPACITAÇÃO DE EQUIPES BIBLIOTECÁRIAS DO SIBi-USP : UM PROGRAMA SOB ENFOQUE DA GESTÃO DA QUALIDADE

Tendo-se implementado uma nova filosofia educacional para a melhoria contínua dos RH no SIBi-USP como resultado do projeto anteriormente mencionado, sentiu-se a necessidade de inovar o PROCAP-SIBi-USP, com a otimização dos recursos humanos e tecnológicos disponíveis no Sistema. Elaborou-se, assim, esse novo projeto para a continuidade do processo de formação-em-serviço com apoio de programa educativo não apenas



presencial, cujo objetivo é oferecer novas metodologias e estratégias didáticas, especialmente aquela denominada como *Educação a Distância* (EAD).

O EAD foi escolhido como meio de dotar o SIBi-USP de condições de atender às novas demandas por formação-em-serviço de forma ágil, célere e qualitativamente superior. Teve por base a compreensão de que, a partir dos anos sessenta, a educação a distância começou a distinguir-se como metodologia não-convencional de educação, capaz de atender com grande perspectiva de eficiência, eficácia e qualidade aos anseios da universalização do ensino-aprendizagem. É meio apropriado também à permanente atualização dos conhecimentos gerados de forma cada vez mais intensa pela ciência e cultura humanas em uma sociedade onde o aprender continuamente é considerado como novo *modus* de trabalhar.

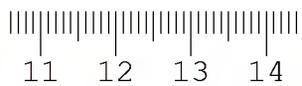
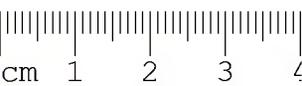
Na verdade, a EAD tem uma longa história de experimentações, sucessos e fracassos. Sua existência recente, distante das cartas de Platão e das famosas epístolas de São Paulo, repousa nas experiências de ensino por correspondência iniciadas a partir do século XVIII e com grande incentivo e disseminação em meados do século vinte. Assim, acreditamos ser perfeitamente racional a sua inserção junto a um sistema de bibliotecas como o da USP. Nos dias atuais, o mundo em que vivemos está se tornando cada vez mais interativo e visual, com possibilidade de utilização dos multimeios que vão desde os impressos a simuladores *on-line* em redes de computadores, avançando a cada momento em direção da comunicação instantânea de *dados-voz-imagem* via satélite ou mediante cabos de fibra ótica. Certamente o EAD é um veículo a mais que vem permiti-

tir a aplicação de formas de grande interação entre o aprendiz e os centros educacionais, com a vantagem de não requerer a necessidade do deslocamento físico dos ambientes de trabalho para o aprendizado, como também pela absorção de novos instrumentos e desenvolvimento de habilidades diferentes daqueles enfatizados no processo de educação tradicional.

Em nosso país, registram-se várias experiências com EAD em instituições governamentais, não-governamentais e particulares. Entretanto, na área de bibliotecas universitárias é quase certo que este projeto do SIBi-USP é uma iniciativa pioneira, uma vez que sua implementação achase norteada pelo uso de novas tecnologias de informação e princípios de gestão estratégica de recursos humanos, onde a filosofia do “aprender a aprender juntos” tem sido a base para o desenvolvimento de uma *Learning Organization* no Sistema (Bender, 1997; Riggs, 1997). Espera-se que este primeiro passo de investimento ao EAD permita ao SIBi-USP seguir a dinâmica própria das transformações tecnológicas que devem ser incorporadas às organizações de serviço, bem como a sofisticação, o requerimento da agilidade e flexibilidade no trato com a informação e o conhecimento, além de oferecer aos profissionais que nele atuam o desenvolvimento contínuo de *core competence* embasado nos princípios da qualidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da capacitação de equipes bibliotecárias tem-se revestido de crescente importância na atualidade, principalmente devido às rápidas e vertiginosas mudanças tecnológicas, econômicas e sociais que caracterizam o cenário social das últimas décadas.



No Brasil, onde grande parte dos profissionais disponíveis no mercado produtivo tem baixo nível de escolaridade, é preciso estar atento a esse novo elemento educacional para que o país possa se desenvolver e disputar mercados de forma competitiva.

Trata-se de assunto da maior relevância e requer especial atenção dos profissionais da informação para a consolidação da pesquisa na área de *Gestão de Pessoas*, tanto de modo geral como, particularmente, à área da Biblioteconomia, que ainda se resente da formação de base teórica mais consistente, causando inúmeras barreiras ao desenvolvimento de serviços de informação com a qualidade.

Mesmo diante da escassez da produção nacional especializada sobre conhecimentos e tecnologias voltados à capacitação de equipes bibliotecárias, recomenda-se que esse assunto seja incorporado às atividades de *Gestão Estratégica de Pessoas nos Serviços de Informação* no contexto brasileiro e que as seguintes condições sejam internalizadas nesses ambientes de trabalho:

- Maior produtividade e interesse dos profissionais da informação na busca e geração do conhecimento nessa área.
- Melhor aproveitamento dos modelos e tecnologias já desenvolvidos, considerando-se as especificidades nacionais.
- Desenvolvimento de projetos que contemplem novas modalidades pedagógicas como meio de formação-em-serviço de equipes bibliotecárias. Em especial, a *Educação a Distância*, considerada como um processo de comunicação mediatizado e que permite a situação de “*aprender a aprender para empreender*”.

Em síntese, em um mundo em que se vive sob a égide das transformações e mudanças,

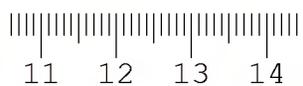
o acesso à informação e ao conhecimento sistematizados e às formas de capacitação para a tomada de decisões independentes e autônomas, requerem inúmeras ações estratégicas apoiadas em interfaces entre as fronteiras da educação formal, pois:

- * O centro de atenção de qualquer área de atuação profissional não está voltado para o *fazer*, mas sim para o *querer e saber fazer*, o que exige competência inovadora permanente.
- * O *verdadeiro profissional* não é simplesmente aquele que *adquiriu uma profissão*, mas aquele que se aperfeiçoa e se desenvolve continuamente para poder acompanhar e até mesmo se antecipar na intervenção da realidade social em mudança contínua.

Em decorrência, a exemplo da educação corporativa que as organizações estão adotando atualmente, as formas de EAD podem desempenhar múltiplos papéis, contribuindo para o fortalecimento de Programas de Capacitação de Recursos Humanos, inculcando mentalidade crítica e criativa aos profissionais da informação, o que certamente possibilitará a transformação das nossas bibliotecas em verdadeiros espaços de expressão e criação num *Futuro* que se inicia *Hoje e Sempre*.

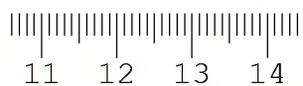
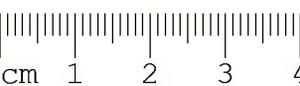
Abstract: *Describes evolution, concepts and effects of substantial changes in the society, as well management and technological advances in human resources of information services. So, in an attempt to offer guidelines to the university libraries, with the support of quality principles, experiences in national information systems are presented.*

Key-words: *Human Resources. Education. Information Services. UNESP. SIBi-USP. Brazil, São Paulo. Academic Libraries. Distance Learning.*

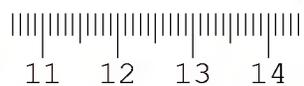
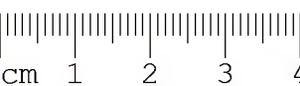


REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

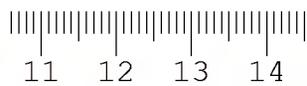
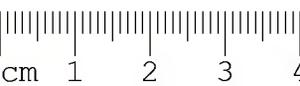
- ASSOCIATION OF RESEARCH LIBRARIES, 1984, **Staff training for automation in ARL Libraries**: SPEC Kit 109. Washington: ARL Office of Management Studies, 1984.
- BACKER, D., 1991. **Guidelines for training in libraries**. London: Library Association.
- BELLUZZO, R.C.B., 1989, **Educação de usuários de bibliotecas universitárias: da conceituação e sistematização ao estabelecimento de diretrizes**. São Paulo, 1989. Dissertação (Mestr.) – Escola de Comunicações e Artes, USP.
- BELLUZZO, R.C.B., 1995, **Da capacitação de recursos humanos à gestão da qualidade em bibliotecas universitárias: paradigma teórico-prático para ambiente de serviço de referência e informação**. São Paulo, 1995. Tese (Dout.) - Escola de Comunicação e Artes, USP.
- BELLUZZO, R.C.B. et al., 1997, **Capacitación de recursos humanos del Sistema Integrado de Bibliotecas de la Universidad de San Pablo (Brasil): una experiencia apoyada en principios de gestión de calidad**. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE INFORMACIÓN (INFO/ 97). Cuba, *Textos completos*, Cuba, RSM.
- BELLUZZO, R.C.B. et al., 1998, **A educação a distância como opção metodológica para a capacitação contínua de equipes bibliotecárias do SIBi-USP: um programa sob enfoque da gestão da qualidade**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EAD. 5. São Paulo, 1998. *Anais*. São Paulo: ABED.
- BENDER, L.J., 1997. Team organization-learning organization. **Information Outlook**, v.1,n.9, p.19-23, Sept. '97.
- BOMFIN, D., 1995, **Pedagogia no treinamento**: correntes pedagógicas no treinamento empresarial. Rio de Janeiro: Qualitymark.
- BOODSON, K., 1990, **Guidelines for training in libraries: training in small libraries**. London: Library Association.
- CASEY, G.M., 1980, A educação continuada na área de biblioteconomia nos Estados Unidos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v.13, n.1/2, p. 79-80 jan./jun.'80.
- CASTELEYN, M., 1981, **Planning library training programmes**. London: Andre Deutsch/ Grafton Book.
- CHIAVENATO, I., 1998, **Recursos humanos**. 5.ed. São Paulo: Atlas.
- DRUCKER, P.F., 1980, **Administração em tempos turbulentos**. 2.ed. São Paulo: Pioneira.
- ERIKSON, A . M.P. de, 1986, Human resources: a renewable resource? **Quarterly Bulletin IAALD** , v.31, n.2, p.41-47'86.
- FUSARI, J.C., 1988, **A educação do educador em serviço: o treinamento de professores**. São Paulo, 1988. Dissertação (Mestr.) – Pontifícia Universidade Católica.
- GRUMLING, D.K. ; SHEEHY, C.A., 1993, Professional development program: training for success within academic librarianship. **College & Research Libraries**, v.54, n.1, p.17-24, jan.'93.



- GURNSEY, J., 1985, **The information professions in the electronic age.** London: Bingley.
- IGBARIA, M.; TAN, M., 1997, The consequences of information technology acceptance on subsequent individual performance. **Information & Management**, v.32, n.3, p.113-21.
- LIMA, R.C. de, 1992, **Informação para o desenvolvimento e a formação de recursos humanos especializados.** Florianópolis, 1982. Diss. (Mestr.) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- LONEY, T.; BELLEFONTAINE, A., 1993, TQM training: the library service challenge. **Journal Library Administration**, v.18, n.1/2, p.85-96 '93.
- MACIAN, L.M., 1987, **Treinamento e desenvolvimento de recursos humanos.** São Paulo: EPU.
- MARCONDES E SILVA, M.C., 1999, **Competência e resultados em planejamento estratégico de recursos humanos.** Rio de Janeiro: Qualitymark.
- MEISTER, J., 1999, **Educação corporativa: a gestão do capital intelectual através das universidades corporativas.** Rio de Janeiro: Makron Books.
- NAETHE, P., 1992, **A educação flexível para o desenvolvimento de pessoal.** In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECURSOS HUMANOS. *Recursos humanos: foco na modernidade.* Rio de Janeiro: Qualitymark. /s.p./
- NOLAN, C.W., 1992, Closing the reference interview: implications for policy and practice. **Reference Quarterly**, v.31, n.4, p.513-23.
- REHMAN, S. et al., 1997, Defining competencies for special library professionals: Malaysian experience. **Aslib Proceedings**, v.49, n.6, p.162-69, June '97
- RIGGS, D.E., 1997, A commitment to making the library a learning organization. **College & Research Libraries**, v.58, n.4, p.297-98, July '97.
- RODRIGUES, M.V.C., 1992, A organização dos anos 90 e o processo de mudanças. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECURSOS HUMANOS. *Recursos humanos: foco na modernidade.* Rio de Janeiro: Qualitymark /s.p./
- SHERRON, G.T., 1997, A new approach to information education. **Education for Information**, v.15, n.1, p.153-69, March '97.
- SILVA, A. M.; ALMEIDA, G.M.B.; BELLUZZO, R.C.B, 1994, **O plano de gestão de qualidade e sua implantação na Rede de bibliotecas da UNESP: relato de uma experiência.** In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 8., Campinas, 1994. *Anais.* Campinas: Biblioteca Central /UNICAMP, p.307-16.
- STABLER, K.Y., 1987, Introductory training of academic reference librarians: a survey. **Reference Quarterly**, v.20, n.3, p.363-69, Spring '87.
- TEDD, L.A., 1984, **An introductory to computer-based library systems.** 2.ed. Chichester Wiley, '84.



- THOMPSON, V., 1992, Training for automated circulation systems: the New Zealand experience. **Library Management**, v.13, n.2, p.1-44,'92.
- TOLEDO, F. ; REGIS, R., 1996, **Recursos humanos e globalização: como enfrentar os novos desafios com humanismo e competência**. São Paulo: FTA.
- TRAINING in libraries: report of the Library Association, 1997, Working Party on Training. London: Library Association.
- VEANER, A . B., 1985 to 1995: the next decade in academic librarianship. **College & Research Libraries**, v.46, n.4, p.295-308'85.
- WANDERLEY, J.A.C., 1992, Mudanças organizacionais. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECURSOS HUMANOS. **Recursos humanos: foco na modernidade**. Rio de Janeiro: Qualitymark /s.p/
- WHITEHALL, T., 1992, Quality in library and information service: a review. **Library Management**, v.13, n.5, p.23-35 '92.
- WRAY, D., 1983, An exploration into the social and economic effects of information technology. **Aslib Proceedings**, v.35, n.10, p.379-88, Oct.'83.



EQUIVALÊNCIAS: DO SERVIÇO DE REFERÊNCIA CONVENCIONAL A NOVOS AMBIENTES DE REDES DIGITAIS EM BIBLIOTECAS *

Neusa Dias de Macedo**
Fernando Modesto ***

PARTE I

Do Serviço de Referência Convencional [Continua p. 55-72*]

Resumo: Desde a formulação do serviço de referência [SRI], por Samuel Sweet Green, em 1876, a essência do SRI resiste contra o tempo, sendo ponto de partida para concepções de novos ambientes tecnológicos. Duplo cenário aqui é representado por meio de procedimentos metodológicos, em duas faces: 1) O SRI tradicional - descrito, sob breve evolução - seguido de sua caracterização, conforme as cinco linhas de MACEDO, com exemplificações ainda dos quatro tipos de bibliotecas (pública, escolar, universitária e especializada). Finaliza com reflexões sobre impactos das emergentes tecnologias de comunicação/informação. 2) Em ambiente virtual/global, surgindo como a Nova

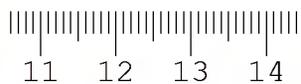
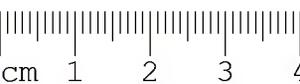
Biblioteca Digital, leva a discutir-se a terminologia ambígua sobre biblioteca eletrônica, digital, virtual e/ou híbrida. MODESTO continua, apontando desenvolvimentos da automação e microinformática como prévios requisitos para chegar-se às redes eletrônicas, especialmente a Internet, em contraponto com o cenário tradicional. Com o desenho de um novo ambiente, agregado ou não à biblioteca dita convencional, permite-se ao leitor comparar dados e pensar alto sobre a significância do serviço de referência e informação.

Palavras-Chave: Serviço de Referência, Convencional. Novo Ambiente Digital, em Bibliotecas. Equivalências. Internet.

* Este artigo está sendo apresentado em duas partes separadas. Parte.I - Do Serviço de Referência Convencional. Parte.II - De Novos Ambientes Informacionais Mediados por Redes Digitais em Bibliotecas.

** Professora Doutora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, ECA-USP (aposentada). Editora da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação.

*** Professor do CBD-ECA-USP e doutorando em Ciências da Informação, ECA-USP.



À GUIA DE EXPLICAÇÃO

Estudiosos estão atentos ao uso da Internet, cujos efeitos geram mudanças na ambientação de bibliotecas, nas atitudes e desempenho dos mediadores da informação e da própria comunidade acadêmica/usuária de sistemas bibliotecários. Efeitos e mudanças de vária sorte merecem a devida observação, discussão e controle por meio de pesquisas, sendo preocupações dos estudos de doutorado em decorrência, de um dos autores deste trabalho (F. Modesto) e de sua orientadora (N.D. Macedo). Refletir sobre as tecnologias emergentes em novos ambientes informacionais requer também fazer um retrospecto à longa evolução de saberes, experiências profissionais e matéria solidificada na área biblioteconômica. A base do serviço de referência e informação [SRI] fundamentada em técnicas e princípios biblioteconômicos de longa data, resiste contra o tempo. Imbricados que são às fases iniciais de organização e administração de sistemas bibliotecários - agora, a maior parte já automatizada, possibilitando entrada às redes eletrônicas/digitais de comunicação - esses princípios são pontos de partida dignos de reconhecimento.

Daí, ter surgido a idéia de exercitar-se num tipo de procedimento que permitiu fosse estabelecido um confronto entre o convencional e o novo, neste período que pode chamar-se de transição das bibliotecas. Pertinentemente, estruturou-se este trabalho em duas partes: a Parte I, ligada mais às experiências de Neusa Dias de Macedo e a Parte II, as de Fernando Modesto.

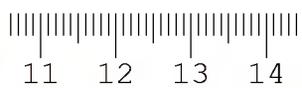
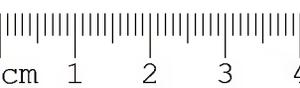
PRELIMINARES

Mudanças e transformações no mundo todo em áreas diversas estão ocorrendo

neste fim de século vinte com a entrada da Internet nos canais de comunicação e informação. Conseqüentemente, o uso de seus vários recursos comunicacionais (correio eletrônico; grupos e listas de discussão; vídeo-conferências; transferências de arquivos, e outros) estão alterando comportamentos de emissores/ receptores.

No caso especial das bibliotecas, fica a evidência de que se exige adequada formação contínua de recursos humanos para melhor efetividade e qualidade de atendimento ao usuário e aos novos tipos de consultas em serviços de referência e informação. A sociedade em geral, os bibliotecários e a comunidade científica em particular, estão por conseguinte impactados por exigências de melhor desempenho no uso de tecnologias emergentes, mormente no traquejo dos vários recursos e ferramentas da Internet.

Neste período de transição, recaiu a atenção dos autores deste trabalho no ambiente de bibliotecas em universidades, possibilitando lembrar não só as atividades do bibliotecário como também as do usuário. Nesta primeira parte, enfocam-se as atividades de referência e informação [SRI] - como aquele trabalho que, por sua natureza, o agente entra em interação direta com o usuário final, sem esquecer de outras maneiras indiretas de contatos. Trata-se de setores em que mais poderão refletir as mudanças de busca e uso da informação; daí, sendo objeto de reflexão e análise os aspectos convencionais do SRI em contraponto a este novo ambiente automatizado e mediado por redes digitais. Espaço este no qual a Internet (ou melhor, seus recursos) se apresenta como o grande instrumento de comunicação e informação (e ferramenta de trabalho para os bibliotecários), mudando pois os rumos da biblioteconomia e conseqüentemente da forma de interação dos usuários nos serviços de informação.



Na segunda parte, o Novo ocupará atenção e reflexão dos autores, impondo-se como procedimentos ter-se o SRI convencional como ponto-base de confronto entre dois ambientes: o antes e o depois da Internet. Um dos grandes e preliminares aspectos a ser discutido, na segunda parte, para que melhor se entenda a metáfora do acesso eletrônico à informação, é sem dúvida o emprego ambíguo de termos como biblioteca do futuro, virtual, digital, e/ou eletrônico. Logo, um retrospecto se faz necessário.

1 UMA RÁPIDA VOLTA AO PASSADO

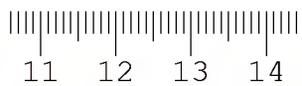
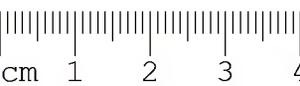
Relembrando os tempos clássicos greco-romanos até a modernidade, o termo *biblio+theke* conteve “n” significados, entre eles, o conjunto de manuscritos grafados em papiro e guardados em espécies de jarras; depois, extensivo às informações registradas em pergaminho até chegar ao conjunto de folhas escritas, amarradas em volumes; caminhando em direção do invento de Gutenberg, possibilitando a formação de coleções de documentos impressos, apoiados pelos caracteres tipográficos em papel, até chegar, enfim, a prover acervos bibliográficos e multimeios, constituindo centros de documentação e bibliotecas convencionais de vários tipos.

Manifestações diversas de registros, aconteceram sempre, de acordo com preocupações do homem de cada época civilizatória, usando-se os suportes materiais peculiares à tecnologia de então. Por fim, passaram a formas de representação descritiva e temática em formatos impressos em papel, decorrentes de técnicas bibliográficas e documentárias entre fins do século dezanove até o momento, já demonstrando espírito profissional neste particular. Vão surgindo códigos, normas, esquemas classificatórios de assunto;

manuais e obras técnicas; constituindo ferramentas básicas para fundamentação de ensino / aprendizagem aos cursos de biblioteconomia de várias partes do mundo.

Gradativamente, a biblioteca deixa de ser uma depositária de publicações e um local físico onde se encontrem livros para leitura (não esquecendo dos livros acorrentados em estantes na Idade Média), mas uma entidade social, como têm sido as bibliotecas públicas; abertas à comunidade, sem qualquer restrição ou preconceito. Já pela década de 60 o material básico incorporado em bibliotecas desprende-se do termo “livro” e “documento” para algo mais procedente: a informação. Foram, também, diferenciando-se as atividades do bibliotecário: de função técnica para documentária; daquele que trata a informação (o analista do conteúdo) ao mediador da informação (disponível na área da referência, para orientar o usuário), até chegar ao gestor de sistemas de informação, entre outras facetas do trabalho profissional. Renovam-se ainda nomes de entidades de ensino e organismos até chegar-se à Ciência da Informação.

Já por quase dois séculos os materiais de biblioteca têm sido objeto de tratamento especial para possibilitar a recuperação e disseminação da informação, com eficiência e eficácia. Outros tipos de documentos estão surgindo, merecendo atenção como os áudio e os visuais, e outros, ditos não-convencionais, até chegar-se ao tipo mais revolucionário: os CD-ROM, e ainda as formas multimídias, os quais incluem não somente o texto gráfico como as imagens, som, animações... Convivendo ou não entre si, os documentos de várias categorias, armazenados em vários tipos de unidades informacionais, além de Bibliotecas, têm sido designados como Multimeios ou



Midiotecas, ou por outras variadas denominações e formas.

A fim de possibilitar analogias entre o convencional e o novo, chega o momento sugestivo de apresentar-se um retrospecto da base essencial sobre os serviços dirigidos ao público a fim de evidenciar os esforços dos antecessores da área biblioteconômica, seguindo-se para as conceituações próprias sobre o SRI de Macedo(1990), e revelando, no final, um quadro de impactos que poderão ocorrer com uso da Internet neste período de transição.

2 PANORÂMICA SOBRE O SERVIÇO DE REFERÊNCIA E INFORMAÇÃO [SRI] EM FORMA CONVENCIONAL PARA CONTRAPONTO AOS NOVOS AMBIENTES INFORMACIONAIS MEDIADOS POR REDES DIGITAIS

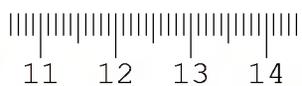
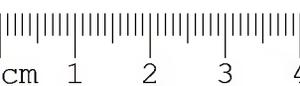
Bibliotecas de diversos tipos e natureza existem como unidades informacionais comunitárias, escolares, universitárias e especializadas; centros de documentação e informação; serviços referenciais até chegar às bibliotecas interativas escolares e/ou públicas; umas mais obsoletas, em países em desenvolvimento, com catálogos ainda em fichas; outras com serviços informatizados e práticas de atualização eletrônica/digital.

Como via de atendimento ao público, todas elas contam com o Serviço de Referência e Informação para assistir os públicos-alvo em suas necessidades informacionais. Em serviços de qualidade, previamente se identificam em vários momentos de carências e propósitos as necessidades específicas dos usuários por meio dos conhecidos "Estudos de Usuário".

1.1 Visão inicial sobre SRI em ambiência convencional

O SRI pode ser representado como o coração do sistema bibliotecário no qual é bombeado todo sangue informacional, o qual prévia e tecnicamente tratado irá prover aos usuários pontos diversos de acesso à informação bibliográfica registrada [por autor, título, assunto]. Considerando o SRI como o órgão central de circulação da informação da biblioteca, mesmo influenciada pelas características da entidade mantenedora, tem ele personalidade e sentimentos próprios de comunicação. Como meio principal de informação documentária, serve-se de uma instrumentalização catalográfica e temática para representar a literatura de áreas de conhecimento encontráveis nas diversas coleções de unidades informacionais, como bibliotecas, bases de dados, arquivos de conhecimento, constituindo desde os catálogos tradicionais aos eletrônicos. Em alguns destes instrumentos bibliográficos, agregam-se valor aos dados descritivos [referências bibliográficas e/ou documentais] como palavras-chave, ementas ou resumos pertinentes aos assuntos do documento.

Como atividade genuína do SRI, por bibliotecários disponíveis no setor, tem-se a assistência e interpretação ao usuário sobre as coleções das bibliotecas e outros instrumentos de comunicação. Incluem-se ainda suas prontas respostas às questões típicas de referência, as quais se apoiam em um arsenal de fontes de informação existentes na biblioteca, e/ou fora dela por meio do "referral service", ou seja, pelo encaminhamento do usuário a outras fontes externas. Desta forma, esses mediadores-da-informação precisam, com a máxima segurança, dominar o universo das fontes de informação disponíveis da área institucional da biblioteca, para serem intérpretes de qualidade do sistema informacional.



Além desta visão inicial do que se entende por SRI, em razão de melhor se compreender a etapa de transição entre o tradicional e o contemporâneo, é fazer-se uma paradinha. Nada mais elucidativo pois do que traçar um rápido panorama evolutivo deste segmento de um sistema informacional: o SRI.

1.2 Retrospecto dos conceitos do SRI

Por uma questão de respeito aos antecessores da biblioteconomia convencional, é preciso descrever de onde vêm as primeiras mostras de formalização do SRI, percebendo-se, gradativamente, o seu teor convencional.

Do humanístico artigo de Samuel Sweet Green (1876) "Personal Relations between Librarians and Readers", este bibliotecário norte-americano, pontuando as diversas situações da referência, desde a biblioteca pública à universitária, identifica o SRI *como uma relação pessoal, cheia de amor e empatia, a leitores de várias categorias que vêm à biblioteca com diferentes propósitos, tendo como objetivo ganhar respeito e confiança dos mesmos, conhecendo suas necessidades e promovendo a biblioteca para torná-la popular.*

Esta súmula do conceito de referência a partir de fins do século dezanove, encerra ainda nos dias atuais a função essencial e universal da referência: as relações pessoais entre bibliotecários e leitores. Um retrospecto dos conceitos e objetivos da referência em autores representativos, entre 1910-1979, indicará a natureza do SRI durante sessenta anos passados.

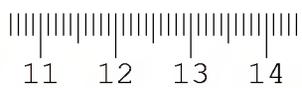
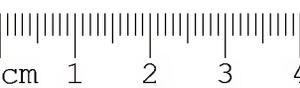
Outros autores, já no século vinte, entre 1910 a 40, (Richardson, Hasaltine, Bishop, McCombs, Hostetter, Wye, Kroeger, Mudge, ALA, Hutchins) emitiram definições sobre o ato da referência com a predominância de -

ser uma fase estanque da biblioteca, um aspecto de suas atividades que dizem respeito ao auxílio e/ou orientação do bibliotecário aos leitores, na utilização de livros, no próprio recinto da mesma para estudo e pesquisa. Estava implícito (na época) que o SRI consistia *em uma relação muito pessoal, cheia de simpatia e empatia, entre o bibliotecário e o público, quando este o procuraria com algum propósito.* Entre as décadas de 50 a 70, o mesmo espírito de contatos entre leitor e documentos, baseado na interação humana - porém já introduzindo, por alguns autores, o termo "informações" - vai considerar o SRI *abrangente, num espectro de ações, que incluem desde uma vaga noção de auxílio aos leitores até um serviço muito isotérico, muito abstrato e altamente especializado* (Shera, 1966).

Foskett (1958), bibliotecário inglês, em relação à biblioteca especializada, já fazia na época distinções entre o *ministrar respostas a questões* - equivalente ao processo em si da referência - e o ato de *disseminar informações* - correspondendo a preparar instrumentos de alerta, a fim de atualizar leitores.

É interessante notar que, em 1926, Bishop falava de SRI como o "*esforço organizado*" de toda a biblioteca para o *uso frutífero dos seus livros.* Hutchins (trad.1973) reafirma consistir a Referência *em assistência direta e pessoal à quem busque informações na biblioteca para qualquer finalidade, e, muito pertinentemente, destaca que são "diversas as atividades biblioteconômicas (anteriores) destinadas a tornar a informação tão acessível quanto possível".*

Se bem que seja correto dizer que a Referência não é algo estanque e, sim, um *continuum* de todas as tarefas anteriores, fica bem claro que o processo em si da referência (equivalente ao processo de respostas a perguntas)



é uma atividade e/ou função principal, enfatizando-se, segundo Katz (1974), que *a habilidade do bibliotecário para traduzir a questão em termos possíveis de serem encontrados em uma determinada fonte, também são pontos vitais do SRI.*

As “Diretrizes Básicas para o Serviço de Referência e Informação”, emitidas pela ALA (1979), muito contribuíram para a atualização de definição do SRI. Nesse documento [A commitment to information services: developmental guidelines, ALA, 1979; Imperatriz, Macedo, 1984], leva-se em conta as tecnologias emergentes de informação influenciando no serviço-fim. Interpretamos nas Diretrizes da ALA que no SRI recaem ainda funções de maximizar o uso dos recursos informacionais da biblioteca, por meio de uma interação substancial, entre diferentes grupos de usuários, em vários níveis, a saber:

1) Nível Direto

A) O Serviço de Referência e Informação, consistindo na assistência pessoal aos usuários, abrangendo desde a resposta a uma indagação aparentemente simples até o fornecimento de informação apoiada em busca bibliográfica .

B) Orientação Formal ao Usuário, incluindo instruções desde o uso dos catálogos, obras de referência e da própria biblioteca até a orientação formal por meio de visitas orientadas, palestras, cursos.

2) Nível Indireto

Proporcionando acessibilidade à informação, na forma de utilização de instrumentos bibliográficos e bancos de dados e na forma de programas coope-

rativos com outras bibliotecas (e agora muitos SRI usando recursos clctrônicos / digitais).

Considera-se pois o SRI como o esforço final da biblioteca para ofrecimento da informação desejada ao usuário final.

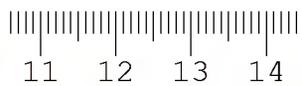
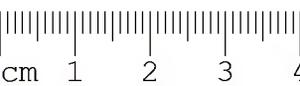
1.3 As cinco linhas de Macedo, 1980-

Como término da revisão dos conceitos, focaliza-se a definição do SRI trabalhada por um dos autores deste artigo. Como bibliotecária de referência, e por longos anos de ministração desta matéria, a autora tem definido o SRI, com projeção própria, em cinco linhas, representando sinteticamente as atuações deste setor-fim a qualquer que seja o projeto bibliotecário.

1.3.1 As cinco linhas

1ª linha - Ação em si do Serviço de Referência e Informação. Momento importante de interação humana, face-a-face, entre os três pilares do SRI: usuário-informação desejada - e bibliotecário (e/ou intermediário qualificado), caracteriza-se pela transação de questões-respostas genuínas de referência e pelos encaminhamentos a outros recursos informacionais fora da biblioteca, se for o caso. Conhecimento seguro das fontes de informação e domínio de metodologias específicas apoiam os mediadores de informação no atendimento geral e personalizado do usuário.

2ª linha - Educação do Usuário. Recai na capacitação formal do usuário, prevista pelos administradores, a fim de ele utilize extensiva e autonomamente o sistema bibliotecário. Proporciona oportunidade para cumprir com qualidade formas de atualização; tarefas de estudo, pesquisa e/ou de caráter profissional, entre outras. Levando-se em conta que o usuário é o ponto convergente de



todas as operações e atenções do sistema, estudos prévios de usuário são procedidos para não só identificar hábitos e necessidades informacionais do mesmo como para programar treinamentos e educação contínua.

3ª linha - Alerta e Disseminação da Informação. Compõe-se de um rol de produtos/serviços programados para atualizar e divulgar conhecimento, novidades e aspectos dos interesses expressos pelos vários segmentos de usuários, como Índices de Periódicos Correntes, Boletins de Alerta, Bibliografias Seletivas; Resumos e DSI, entre outros (e agora já utilizando fontes eletrônicas).

4ª linha - Divulgação e Comunicação Visual. Quando são programados guias, quadros de plantas localizadoras, representações gráficas, folhetos etc. para melhor facilidade de os usuários conhecerem organização/regimentos da biblioteca e, independentemente, circularem por suas várias seções e setores de acervo. Isto tudo, tendo como respaldo certos mecanismos vindos da comunicação visual e da sinalização, ou seja, da padronização de informações gráficas, pictogramas (que melhor localizem espaços e seções da biblioteca) e, ainda, apoiados por técnicas e programações gráficas para divulgação da biblioteca.

5ª linha - Administração/Supervisão do SRI. Atenção é dada a este setor desde o momento do planejamento da biblioteca até o da prestação de informações aos especialistas no momento das demarcações de arquitetura interna e funcional ao salão principal de leitura, aos locais de controles do acervo e manutenção dos catálogos do público, aos postos de empréstimo e de referência, à supervisão do SRI, sem esquecer das atividades genuínas administrativas, regimentais de empréstimo e consultas, de ordem interna do setor e das regulares avaliações do SRI.

1.3.2 O SRI em duas acepções

Diante desta ambientação convencional do SRI e do aspecto de sua dupla personalidade, Macedo (1980) chega a propostas conceituais próprias, sob perspectiva *restrita e ampla*.

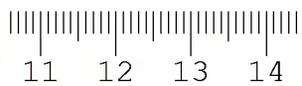
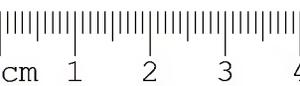
1.3.2.1 Representação em sentido restrito -

Em essência, o SRI confunde-se com seu processo. No momento em que a questão de referência é apresentada pelo usuário ao bibliotecário (ou por um capacitado intermediário da informação), interagem-se ambos num mútuo papel de emissor/receptor. Acontece pois o diálogo da referência, tanto para a identificação/busca da informação e/ou para sua entrega final, processando-se o ato da referência. Até então (convencionalmente) face-a-face, ou por algum outro meio de comunicação: correspondência, telefone, fax. E, agora, por comunicação eletrônica.

1.3.2.2 Representação em sentido amplo -

Sendo o SRI, um dos setores da biblioteca que trabalha diretamente com o usuário, não só para lhe interpretar como funciona o sistema de informação como para o auxiliar na busca da informação, passa a transvestir - a Referência - o papel da biblioteca como um todo. Recibe, porém, extensivamente, um nome próprio: Serviço de Informação.

Paradoxalmente, é uma das Seções da Biblioteca, com vida organizacional/administrativa; equipamentos; pessoal e metodologia de trabalho próprios; porém, suas vestes são o da Biblioteca em si. Daí, em havendo quaisquer problemas de arritmia nas partes do sistema, (seleção, aquisição, desenvolvimento de coleções, representação da informação, empréstimo, controles administrativos etc.), por motivos de não-atendimento adequado às necessidades e interesses do usuário, todos os erros e inadequações serão transparentes neste momento de atendimento ao usuário.



Caberá também ao bibliotecário de referência interpretar esses descentendimentos ao usuário, porém ficando elaro que o SRI não é o “pivô do crime”.

De alguma forma, o SRI depende do esforço organizado, sistematizado e qualificado de todos os setores da biblioteca para que a mesma possa funcionar na sua plenitude e alcançar a satisfação do usuário. Para nós, o ponto capital que determinará um conceito de Referência é identificá-lo, primeiro, como processo de “interação humana” entre usuário/informação/mediador, no momento da chamada “entrevista de referência”. Ou melhor, no momento em que se analisa a questão apresentada pelo usuário (ainda em fase preparatória) até torná-la uma “questão real de referência”, administrando-se as “respostas certas ao leitor certo, no momento certo”. Completa-se aqui o ciclo de negociação da questão de referência, saindo satisfeito o cliente e/ou sendo remetido para outro recurso informacional mais adequado. O retorno pelo usuário ao SRI é também desejável.

As outras atividades típicas de referência (orientação e educação do usuário; alerta e disseminação; comunicação/sinalização; distribuição, divulgação, da informação; promoção; gerenciamento do setor), deverão ser consideradas como funções complementares para a otimização deste tipo de assistência ao público. Diante de toda essa formalidade, é difícil crer-se que um robô (ou *software* inteligente) possa substituir integralmente um agente informacional humano.

1.3.3 Diferenciando o SRI em alguns tipos convencionais de bibliotecas

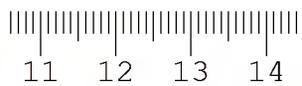
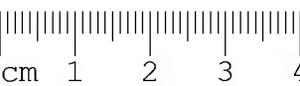
Ainda com Macedo, revendo matéria de suas aulas, o SRI convencional apresenta como ponto essencial a promoção de variado tipo de assistência ao público alvo

da biblioteca, em momentos de dificuldades e busca de informação, cuja base convencional é o tripé: usuário-informação-bibliotecário face-a-face. Dependendo do tipo de biblioteca (pública, escolar, universitária, especializada...) e, conseqüentemente, das necessidades/propósitos dos diferentes segmentos de usuários, podem ocorrer diferenças em nível de processo de referência e de tarefas que costumam otimizar o uso dos recursos informacionais.

Parte das bibliotecas brasileiras tem falhado na valorização do seu SRI. Entre as várias razões, a principal recai na falta de fundamentos de sua estruturação formal e existencial. Do mesmo modo que o ser humano, o SRI precisa ter corpo e alma. Quer seja do ponto de vista de estrutura física/material/administrativa/informacional, provendo o SRI de infra-estrutura capaz de permitir aos recursos humanos a franca e firme manipulação dos instrumentos comunicacionais e fontes de informação, quer seja via-fundamentação, em um *corpus* de postulados éticos e filosóficos, objetivos e metas bem definidos, proporcionando segurança aos que gerenciam a informação.

Por quê então não poderá o bibliotecário ter um *slogan* espiritual tal como: “Amar a Deus sobre todas as coisas e aos Usuários como a Si mesmo”.

É bem verdade que o usuário brasileiro ainda não é bem compreendido como o foco do SRI (e racionalmente a diretiva de todas as partes do sistema informacional). O registro dos livros no sentido extensivo - como suportes físicos e objetos palpáveis - e/ou a informação bibliográfica - como meio de controle do conhecimento disperso, tudo detalhadamente codificado em linguagem referencial de normas e códigos pertinentes à área, parecem ter sido, por muito tempo, o



fim último das tarefas bibliotecárias. Se pairam dúvidas sobre o merecimento das tarefas de tratamento da informação, certeza há que sem a organização dos acervos de bibliotecas, não seria possível armazenar, comunicar e recuperar a informação. Algo mais precisa ser alcançado para que a biblioteca possa ser vista como um notável bem cultural e social. Daí, a necessidade de serem continuamente objeto de discussão os paradigmas da área de biblioteconomia e ciência da informação. Que os projetos bibliotecários, por sua vez, partam de uma determinação coesa da *missão e objetivos* dos vários tipos de unidades de informação.

A - Missão e funções do SRI

Missão - O bibliotecário precisa apoiar-se em enunciados, menos técnicos e mais filosóficos, que sustentem seu trabalho e intenções. Além do domínio de conceitos do SRI e das atividades típicas e respectivas metodologias de trabalho, faz-se necessário refletir sobre sua própria missão. Eis aqui o primeiro passo, sendo a *razão de ser* do profissional de qualidade, que tem visão também humanística da biblioteconomia. Considerar-se um mediador da informação, é tomar posições de forma ética, educacional e social para que melhor se compreenda seu projeto profissional; é firmar obrigações de cidadão e de ser humanitário com o público que atende. Aceitar, cada vez mais, o tributo do “deve ser”... *Dever ser* pois um trabalhador da informação, porém com o espírito de agente social e de alguém que se adapte a trabalhar de modo cooperativo e multidisciplinar. Aceitar parcerias não só com seus pares mas com outros profissionais e outros tipos de colaboradores, em qualquer que seja o contexto da biblioteca (convencional ou inovadora), são atitudes estimulantes.

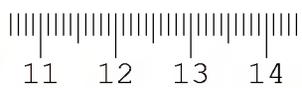
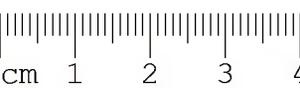
Tem-se, pois, como *missão*, no terreno do SRI, sejam estas atividades uma interface aberta entre o estoque informacional (documentação adequadamente selecionada e tratada) e o usuário que busca préstimos neste espaço. Estimule-o a ser capacitado como um utilizador especial: o usuário da informação; só assim poderá agir de modo autônomo, não só no presente como no futuro; não para si mesmo como para benefício de todos os que o rodeiam.

O usuário, quer seja um cidadão comum, quer seja um estudante e/ou profissional, tornar-se-á o usuário da informação no sentido de respeitar e valorizar as unidades informacionais, os documentos, a informação desejada e obtida, com a consciência de que será um futuro gradador da informação e/ou propagador da mesma. Experiência e aprendizagem obtidas no SRI serão também repassadas no decorrer da vida às pessoas da família, aos amigos, aos futuros alunos, entre outros. A integração entre agentes da informação e usuários de bibliotecas, proporcionará benefícios mútuos à aquisição de forças capazes de influir na cúpula administrativa - caindo aquela afirmação de que a biblioteca é um mero apoio à instituição mantenedora.

B - Funções da equipe e dos mediadores da informação no SRI

Administrativamente, os gerenciadores da informação em bibliotecas - especificamente aqueles responsáveis pelo componente do sistema de informação que presta atendimento ao público - devem ter sob controle três pontos (ou fases) para que a transação da referência se realize com resultados eficientes e eficazes:

* Realizar, sistematicamente, estudos de identificação, hábitos, necessidades e



segmentação de grupos específicos de usuário e/ou de clientela específica.

* Preliminarmente, esses mediadores da informação, devem ter passado por programas de capacitação-em-serviço, a fim de dominar o universo não só da biblioteca em si como institucionalmente (a universidade e a faculdade), atualizando continuamente suas habilitações e conhecimentos para alcançar nível ótimo de competência profissional;

* Repassar seus conhecimentos e experiências e, como reais usuários da informação, tornarem-se formadores de opinião” ao seu público-alvo, incluindo, nesta ação educativa, os próprios colegas e pessoal de apoio; enfim, tornando-se líderes na sua instituição, neste aspecto.

Perfil do bibliotecário de referência - também designado como mediador da informação - deve ser permanentemente averiguado para estabelecer dificuldades e barreiras existentes no trajeto de suas atividades, bem como para obter parâmetros para um correto desempenho, fundamentado em matriz conceptual de disposições e competências. Para maiores detalhes consultar tese de doutorado de Regina Belluzzo (1995).

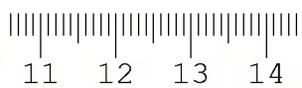
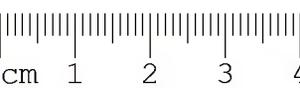
Valorizando as cinco linhas do SRI (Macedo, 1990), pode-se desenhar, por meio delas, um perfil das atribuições do bibliotecário destacado para servir no SRI, em quatro pontos.

B.1 Função gerencial - chefes e/ou diretores, que estruturaram o SRI, baseando-se em técnicas administrativas de planejamento, coordenação, supervisão, avaliação e liderança profissional, programam estudos e capacitação do usuário; ultimam questões de educação contínua da equipe de Referência, apoiando-se obviamente em princípios de qualidade.

B.2 Função informacional – profissionais que dominam o universo bibliográfico e os multimeios, e agora também os documentos eletrônicos, no âmbito da biblioteca (e nas áreas correlacionadas) e com a devida preparação e competência para ministrar diálogos com usuário, respondendo a questões e consultas típicas de Referência, orientando, momentaneamente, seu interlocutor e/ou re-encaminhando-o a outros recursos (fontes, pessoas, instituições), conforme seus níveis e necessidades específicas.

B.3 Função educacional - mediadores, com a devida fundamentação pedagógica, além de preparação para ministrar instruções rápidas e informais ao item anterior. Dentro do planejamento educacional global de capacitação da biblioteca, poderão ainda programar visitas orientadas, palestras, treinamentos e cursos internos, ou colaborando com disciplinas do currículo oficial da faculdade. Deverão estar aptos ainda a preparar recursos didáticos convencionais e/ou providos de novas tecnologias de comunicação para habilitar grupos de usuários nas suas buscas e uso da informação em vários tipos de recursos. Na época atual, grande parte de profissionais de biblioteca universitária já se adentram à capacitação do usuário para buscas eletrônicas (referências webgráficas).

B.4 Função de disseminação da informação - membros da equipe, com intuito de propiciar atualização e alertar o usuário, estarão disponíveis (conjuntamente com outros setores da biblioteca) a programar e executar instrumentos de alerta e disseminação da informação tais como: murais com noticiário corrente, exposições, estantes para exibir materiais novos; fontes bibliográficas impressas e/ou em CD-ROM, índices de periódicos correntes em formas seletivas (DSI); apoios a comutação bibliográfica; buscas on-line e iniciações ao uso



do correio-eletrônico (se a biblioteca estiver ligada a rede digital).

B.5 Função promocional e divulgativa - membros da equipe, em trabalho conjunto com outros setores, estarão programando e refinando os tradicionais guias de bibliotecas e folhetos específicos do SRI, não só para divulgação da biblioteca como para servir de material didático para instruções, treinamentos e cursos internos; ainda se ocupando do sistema de comunicação visual e de sinalização do setor para facilitar a circulação do usuário e o uso dos recursos da biblioteca.

1.3.4 Caracterização do SRI nos diversos tipos convencionais de biblioteca

Em suma, revendo a essência do SRI, temos em conta para caracterizá-lo em qualquer circunstância dois principais pontos: (1) respostas a questões típicas de referência, no processo de interação: bibliotecário / usuário; (2) otimização do uso dos recursos da biblioteca, por meio de orientação informal e formal, atualização, capacitação contínua do usuário e dos próprios mediadores de informação; comunicação visual e gráfica, e sinalização dos espaços; promoção e divulgação da biblioteca; alerta e disseminação da informação.

De outro, lado é preciso também perceber a diferenciação que ocorre nos SRI dos diversos tipos de biblioteca, por razões várias. Levar-se em conta pois a natureza, missão e objetivos particulares de cada tipo de organização bibliotecária e/ou ambiente informacional; de outro lado, observar tamanho e tempo de existência da biblioteca; peculiaridades de áreas de conhecimento e especialidades; tipologia de usuários e os recursos informacionais utilizados em seus vários momentos de busca da informação.

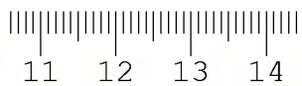
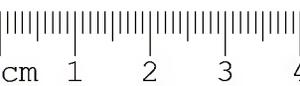
1.3.4.1 Biblioteca Pública

* **Missão** – considerando a biblioteca pública como porta de entrada ao conhecimento, educação, informação e lazer - é seu dever oferecer condições para tornar os cidadãos aptos a encontrarem a liberdade, prosperidade, desenvolvimento individual e social; ser agente de paz e bem estar espiritual; contribuir para integração social, preservação da memória e respeito a ecologia.

* **Objetivo** - levando em conta as condições locais, disponibilizar prontamente tipos vários de conhecimento, por meio de fontes e serviços que incluam materiais convencionais, bem como novos tipos de mídias e tecnologias emergentes, com base em igualdade para acesso a todos os cidadãos em geral e a grupos especiais, a despeito de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua e *status* social, sem censura política, religiosa e pressões comerciais; prover condições para o auto-didatismo; apoiar a educação formal e contínua; prestar informação em vários níveis, informação de utilidade pública, principalmente à população desprivilegiada economicamente; abrir espaços à cultura, ensino, estudo e pesquisa e lazer.

* **Público-alvo:** cidadão em geral, em um país, estado, cidade ou bairro, com atenção as diversas comunidades, procurando segmentar os usuários em grupos específicos: crianças, jovens, idosos; deficientes; imigrantes; estudantes; profissionais e empregados de setores produtivos diversos, entre outros.

* **Ter em conta:** pesquisa sócio-econômica da comunidade-alvo; conhecimento/integração com agências paralelas; identificação de propósitos específicos dos vários segmentos reais e potenciais que frequentam



a biblioteca, como base para traçar diretrizes e atividades/produtos da biblioteca.

1.3.4.2 Biblioteca Escolar

* **Missão** – integrar “ensino/aprendizagem/informação e bibliotecário/professor” para conjuntamente formarem o “usuário da informação”, capacitando o estudante a buscar a informação corretamente a fim de enfrentar o mundo em constante mutação; incluindo em programas especiais docentes e técnicos para que se introduzam mais proficientemente no universo dos sistemas de informação organizados.

* **Objetivo** - integrar no processo ensino-aprendizagem princípios de pesquisa bibliográfica para emprestar melhor qualidade ao ensino e às habilitações da comunidade estudantil e docente, aproximando ainda o docente ao bibliotecário.

* **Público-alvo** - alunos e professores; técnicos e administradores do ensino fundamental e médio/técnico, bem como a comunidade geral interessada.

* **Ter em conta:** integração “mestres e bibliotecários” em reuniões de planejamento e avaliação; projetos pedagógicos; conselhos de bibliotecas, com participação de professores das várias matérias; programações conjuntas nos produtos/serviços de assistência aos usuários; comunicação permanente entre escola/biblioteca pública.

1.3.4.3 Biblioteca Universitária

* **Missão** - contribuir para a capacitação do estudante e para a formação contínua do próprio professor, no sentido de torná-los “usuários independentes da informação”, conscientizando-os de que, usando corretamente os recursos infor-

macionais e os princípios de pesquisa bibliográfica, retornarão ao sistema de informação para contribuir com novas produções de conhecimento, com apoio em normas documentais.

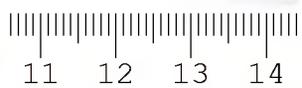
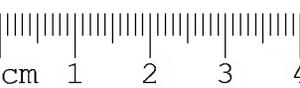
* **Objetivo** - constituir-se em interface entre o usuário e a informação, principalmente com as atividades de referência, no sentido de contribuir para que melhor se otimize a busca e recuperação da informação influenciando no desempenho e produtividade da comunidade acadêmica em lides de ensino; aprendizagem; estudos e pesquisa; e necessidades várias no âmbito bibliotecário.

* **Público-alvo** - a comunidade acadêmica interna, com a identificação de segmentos como administradores, professores, pesquisadores, técnicos, estudantes de graduação e pós-graduação, funcionários, e outros interessados externos; em confronto com propósitos e interesses específicos de cada segmento.

* **Ter em conta** - as diferentes necessidades, em momentos diversos, dos vários segmentos que procuram o SRI, compreendendo ainda as peculiaridades das várias áreas de conhecimento e níveis de usuários; bibliotecários, participando de reuniões, tomando conhecimento do currículo, projetos de pesquisa da instituição, integrando-se ainda nos setores de informática e nos vários departamentos para participando de comissões e grupos de trabalho institucionais.

1.2.4.4 Biblioteca Especializada

* **Missão** - facilitar o desenvolvimento de pesquisas e produção científica e tecnológica em favor do desenvolvimento do homem e das nações, contribuindo para buscas de informação de modo mais pertinente, atualizado e rápido aos trabalhos em decurso.



* **Objetivo** - apoio aos projetos de pesquisa e trabalhos em decorrência das entidades que serve, até antecipando a busca da informação em vista de cumprir, mais rápida e eficientemente, as necessidades previamente determinadas pelos técnicos e especialistas da organização.

* **Público-alvo** - instituições de diversos tipos, associações governamentais e privadas, visando a lucro ou não (bancos, hospitais, laboratórios, agências comerciais, de engenharia, jurídicas, museus, institutos de pesquisa...), representadas por administradores, técnicos e especialistas.

* **Ter em conta** - grupo homogêneo de usuários, área bem delimitada que necessite atenção permanente aos trabalhos a serem ultimados em época pré-determinada, exigindo pois um sistema automatizado de informação, biblioteários especializados, altamente integrados na organização, planos, estatutos e projetos em andamento.

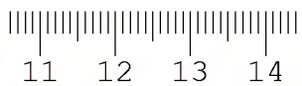
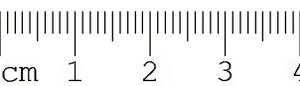
Na Parte II, os autores deste trabalho propõem procedimentos práticos para subsidiar o levantamento de itens que entrarão em contraponto entre si, e que poderão personalizar os atuais ambientes tecnológicos mediados por redes de computadores como uma espécie de “Nova Biblioteca” e/ou “Biblioteca Global”.

Ocorre, outrossim, um momento de ponderar sobre impactos decorrentes do uso das tecnologias emergentes de comunicação que naturalmente já estão causando mudanças e transformação no ambiente de trabalho e nas atividades biblioteárias. Neste período de transição em muitas unidades informacionais convivem aí não só coleções convencionais impressas em papel, como outras em base e/ou processo eletrônico, e ainda as digitalizadas.

Observando todos esse anos de sedimentação da área biblioteconômica, documentação e ciência da informação, ligando-se agora à informática e telecomunicações, vemos surgir novos processos, ferramentas e produtos tecnológicos que provoquem avanços imensos ao acesso à informação. Com mais flexibilidade e ainda não presos a códigos e normas tradicionais, acontece a oitava maravilha do mundo: a máquina informativa pelas redes digitais. Funciona tão descontraidamente que já se teme um marasmo de informações, logo mais. Decorrerá daqui uma Nova Biblioteca, sem apertos organizacionais e gerenciais? É apenas uma metáfora de biblioteca ou uma mudança de paradigma de acesso à informação? Uns a denominam de biblioteca eletrônica; outros, de biblioteca digital ou virtual, entre outros apelidos – que até agora não são objetivamente explicados. Mas já é tempo de serem abertos debates e explicações convincentes sobre a procedência da organização documentária vs a réplica eletrônica!!

2 IMPACTOS EXISTENTES E REFLEXÕES FINAIS

Posto um quadro que caracteriza o SRI básico e o apontar de inovações, torna-se agora momento para reflexões. O SRI - que tanto chamamos de “convencional” – não deve ser entendido de modo pejorativo e sim pela razão de sua trajetória histórica por mais de um século. Por constituir-se de uma estrutura organizacional administrativa com assentamento sólido, tanto pelos objetivos e fins que se propõe quando imbricados num coerente estatuto biblioteconômico e das ciências da informação, como pelas provas que têm sido dadas de profícua utilização pelos usuários quando apoiada em mediadores da informação de alta competência.



2.1 Ainda mais um conceito: o da “Nova Biblioteca”

Particularmente, nestas considerações finais da Parte I, arrisca-se a apontar uma representação figurada do se está denominando, por exemplo, de “biblioteca virtual”, utilizando-se outro tropo. Sente-se que existe uma fantaziosa representação tecnológica de conjuntos de organismos vivos, crescentes, abertos e flexíveis – e particularmente virtual [não presencial] – fluindo em imenso e inesgotável oceano eletrônico, ligando poços comunicacionais digitais e convencionais, em um contínuo sistema de redes.

Na verdade, trata-se de um potente **Indicador** de informações que por força da informática e das telecomunicações pode prover um mais significativo e rápido acesso ao diversificado número de navegantes que, sem impedimento espacial e temporal, nem sempre precisará sair de seus barcos e locais onde vivem ou atuam, para acessar a informação de modo globalizado.

De outro lado, a base da organização e administração da informação vem de uma série de estatutos, entre eles o da biblioteconomia, documentação e ciências da informação, que tem suas glórias – a ordem e normalização, por exemplo – e suas perdas – na recuperação e disseminação da informação, nas barreiras de tempo e espaço, na comunicação imediata, entre outros –.

2.2 Os impactos com a chegada de uma “Nova Biblioteca”

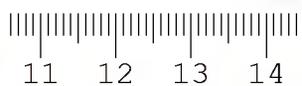
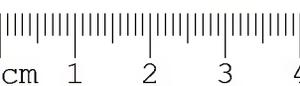
Algo estranho já está mexendo psicologicamente com a maioria dos indivíduos, em consequência de mudanças mil que acontecem com o surgimento das tecnologias emergentes de comunicação/informação, com certeza! Preocupam-se as pessoas em geral e os profissionais dos sistemas bibliotecários, particularmente,

porém, diferentemente. Para aqueles que são arraigados ao uso de documentos impressos em papel e/ou atemorizados pela imaginada perda daquilo que muito tem custado para a edificação e organização dos acervos bibliográficos de bibliotecas convencionais, é preciso debater o assunto com reservas.

Todavia, é irreversível que estejam sendo cogitados e perseguidos conceitos e paradigmas novos na área da informação e, por certo, causando impactos e consequentemente mudanças. A questão do impacto da Internet nos Serviços de Informação, gerando mudanças e até transformação substancial na sua estruturação, organização e gerenciamento da informação, atingirá a sociedade como um todo e os vários segmentos de cidadãos (professores e estudantes, profissionais e especialistas de várias áreas – e os bibliotecários/mediadores da informação), outrossim, trará alteração, particularmente, de papéis no clássico Serviço de Referência e Informação, carecendo de um sério repensar (Drabenstott, apud Macedo, 1997).

Uma produção de trabalhos sobre a realidade eletrônica e virtual já se encontra disponível em todas as revistas especializadas, na ordem internacional. Em especial para o Brasil, o v.2, de 1997, da revista *Ciência da Informação*, é dedicado Biblioteca Virtual. Enfim, é assunto do momento em todos os periódicos e eventos da área.

É claro que estamos num período de transição que sempre exige mudanças de atitudes e comportamentos. - Qual o caminho a seguir, portanto? Obviamente, para encarar esta novidade tecnológica em termos de ensino-aprendizagem as primeiras diligências deveriam iniciar-se com a educação fundamental e média. Em particular, no caso da Biblioteconomia, uma bateria de iniciativas precisa-



ria começar pelo alunado de graduação, seguidas de atenção aos profissionais já formados, incluindo ainda até parte do próprio professorado.

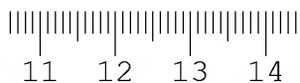
Portanto, uma série de mentalizações, articulações e devidas investidas caberão, àqueles de direito, nas escolas, associações, ambientes produtivos, setores de treinamento, órgãos governamentais de cúpula da área, e às pessoas individualmente, por disposições do próprio profissional, a fim de que se revertam quadros de acomodação e inércia. Entre essas investidas, destacam-se as palestras, trabalhos em congressos, cursos intensivos, treinamentos e educação contínua, leitura, divulgações ostensivas, aliados a isso tudo, fóruns de debate, revisões de currículo, traduções, artigos em revistas, dissertações e teses para um trabalho de composição de novo campo biblioteconômico e de ciências da comunicação/informação, e principalmente para que os pesquisadores possam intuir e explieitar novos paradigmas para a área, incluindo o de acesso aberto e global à informação.

Outro ponto importante, dirigido agora aos elementos e organismos que se preocupam com estudos e pesquisas, deve recair em séria reflexão e detecção aos impactos causados por essas mudanças, tanto aos profissionais como à comunidade específica dos vários tipos de biblioteca. Se “não é só do pão que vive o homem”, também não é só do trabalho de caráter operacional, gerencial, docência e associativa que vivem os bibliotecários. É hora de refletir, debater, procurar óbices, causas de algo que possa estar emperrando o desenvolvimento e as transformações deste potente organismo que é a biblioteca, e do próprio desempenho de seus agentes profissionais, instituição e carreira estas que devem ser valorizadas mais do que nunca, pela experiência inaleculável que pesa sobre si...

Voltando a refletir sobre os impactos causados pelo uso dos recursos da Internet, por exemplo, é óbvio que os hábitos sejam diversos entre cada tipo de indivíduo. Tudo dependerá da natureza e *modus vivendi* de cada pessoa em particular, diferenciando-se em momentos determinados que vão desde a familiaridade inicial com a máquina ao decurso do seu uso (condicionando o indivíduo a usá-la com motivação e busca de aperfeiçoamento) até tornar-se um *expert* (já com plena realização pessoal).

As reações adversas ao uso da Internet, pelo bibliotecário, podem estar condicionadas a partir de um treinamento precário com o próprio microcomputador; com fatores de idade, inabilidade motriz, como por várias outras razões de ordem emocional, psicológica, cultural, ideológica, social, e até motivadas pela não-atenção e valorização ao bibliotecário, que ainda acontece nos países em desenvolvimento. É fácil ocorrer, primeiramente, um certo temor e insegurança, depois um constrangimento por aborrecimentos e falhas mecânicas, sensação de perdas de tempo por não terem sido obtidos contatos instantâneos até chegar a uma insatisfação ou desmotivação por esperar uma coisa pelas maravilhas da Internet, e encontrar só perealços. Todavia, ao contrário, muitas pessoas sentem-se por demais eufóricas com esta “oitava maravilha do mundo eletrônico”, esquecendo que a posse e o poder da máquina jamais suplantarão a segurança da apropriação contínua do conhecimento e formação cultural...

Na verdade, a Internet em si é o próprio impacto aos serviços de informação, não só pelas mudanças que vão ocorrer em todo o processo organizacional e administrativo da biblioteca, causando espécie principalmente aos indivíduos mais acomodados, acéticos e de espírito rotineiro, como às pessoas abertas a transformações, prontas a enfrentar novas



experimentações, superar *status quo* estagnado. É a dicotomia: do “pró ou contra”!

Incertezas, inseguranças até temores podem estar inibindo parte dos profissionais de sistemas bibliotecários. Muitos já superaram a desconfiança em entender a ilustre desconhecida ferramenta informacional, que é a Internet, passando a acreditar nela como um recurso amplo que propicia formas múltiplas de comunicação (interpessoal e/ou de caráter cultural, educacional, social, profissional, comercial, entre-pares-de-pesquisa etc.). É tão útil, que de qualquer forma carce ser experimentada, do contrário, fica-se para trás: porque outros profissionais e especialistas já há muito tempo a estão dominando. Entretanto, é preciso, urgentemente, entendê-la e manipulá-la, enfim, serem os bibliotecários introduzidos e capacitados com técnicas seguras para uso dos programas de microcomputador e dos vários recursos das redes das redes. Enfim, é preciso que sejam enfrentadas as tecnologias emergentes - e não fugir delas! Com reservas, todavia, de que se trata apenas de um instrumental a serviço da comunicação e informação, entre outros pontos, e não uma simples parafernália.

Abstract: *The essence of Reference Service coming from the American librarian Samuel Sweet Green (1876) resists against time, being a departure point for the development of new environments in libraries. A double scenario is represented through a methodological procedures, in two faces. 1) Based on MACEDO's five principles, the RIS in a conventional form is described, including a short evolution and the characteristics of four types of libraries (public, school, academic and special). Finally, considers the impacts on communication and information technologies. 2) An ambiguous terminology on electronic, digital and/or virtual, hybrid library is discussed in order to understand if a New Library really exists. MODESTO goes on pointing out the automation and micro computing as previous developments for updating li-*

brary services in order to reach electronic nets, specially the Internet, in opposition to the traditional scenario. Then, having designed a new library environment which can aggregate the conventional library or not, it is possible for the readers to compare data and think about the significance of reference and information service.

Key-words: *Reference Service, Conventional. New Digital Environments. Equivalencies. Internet.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A) *Retrospecto de Conceitos de Referência*

1876

GREEN, Samuel Sweet, 1876, Personal relations between librarians and readers. **Library Journal**, v.1, p.74-81, Oct.'76.

1890

ROTHSTEIN, Samuel, 1890, Development of reference services through academic traditions – **Library Practice and Special Librarianship**. Apud GALVIN, F. J. **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: Marcel Dekker, 1978. **Reference Services and Libraries**, v.25, p.212.

1910

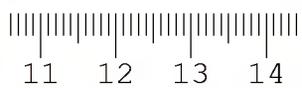
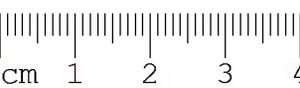
RICHARDSON, Ernest Coshin, 1911, **The reference department**. Chicago, ALA.

HAZALTINE, Mary E., 1919, Fundamentals of reference service. **Wisconsin Library Bulletin**, Apr.-June, 1919 e 1922.

1920 a 1930

BISHOP, William Warner, 1926, **The backs of books and other essays in librarianship**. Baltimore: Williams & Wilkins.

MCCOMBS, Charles F., 1929, **The reference department**. Chicago: ALA. p.1-2.

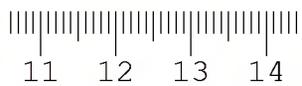
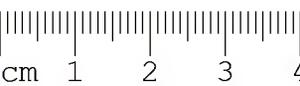


- HOSTETTER, Anita H., 1930, Apud WYER, J. I. **Reference work**. Chicago: ALA. p.30.
- WYER, James Ingersoll, 1930, **Reference work: a textbook for students of library work and librarians**. Chicago: ALA. p.4.
- KROEGER, Alice B., 1930, Apud WYER, J. I. **Reference work...** Chicago: ALA. p.4.
- MUDGE, Isadore Gilbert, 1936, **Guide to reference books**, Chicago: ALA. p.1.
- 1940 a 1950**
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1943. **Glossary of library terms**. Chicago.
- HUTCHINS, Margareth, 1944, **Introduction do reference work**. Chicago: ALA. p.10.
- . **Introdução ao trabalho de referência em bibliotecas**, 1973, Trad. português. Rio de Janeiro: FGV,
- 1950 a 1960**
- FOSKETT, Douglas John, 1958, **Information in libraries**. London: Lockwood.
- RANGANATHAN, Shikyali Ramamrita, 1961, **Reference service**. 2.ed. Bombay: Asia Publishing House, 1961. p.53.
- BECKER, Joseph, HAYES, Robert M., 1963, **Information storage and retrieval: tools, elements, theories**. New York, Wilwy. p.22.
- SHERA, Jesse Hauk, 1966, **Texas Library Association: reference, research and regionalism**; selected papers from the 35.ed Conference. Austin. The challenging role of the reference librarians, p.23.
- PRE-CONFERENCE SEMINAR ON REFERENCE SERVICES IN TEXAS LIBRARIES, 1968, San Antonio, April 3, 1968, Proceedings. Houston: Texas Library Association, p.24.
- VAVREK, Bernard. F., 1969, Eliminate the reference department. **RQ**, v.9, n.1, p.33-4, Fall'69.
- 1970**
- MARTINS, Myriam Gusmão de, RIBEIRO, M.L.G., 1972, **Serviço de referência e assistência aos leitores**. Porto Alegre: UFRGS. p.16. 2.ed., 1979.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Standards Committee, Reference and Adult Services Division, 1976. **A commitment to information services: developmental guidelines...** Chicago, 1976, 1979.
- . *Diretrizes para o estabelecimento dos serviços de referência e informação*. Trad. Inês M. Imperatriz, 1994. Revisão Neusa Dias de Macedo. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.17, n.¾, jul./dez.1984.
- KATZ, Wiilliam Armstrong, 1978, **Introduction to reference work**. 3.ed. New York: McGraw-Hill, v.1, p.3.

B) Autores citados

BELLUZZO, Regina Célia Baptista, 1995, **Da capacitação de recursos humanos à gestão da qualidade em bibliotecas universitárias: paradigma teórico prático para ambiente de Serviço de Referência e Informação**. São Paulo. Tese (dout.) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

MACEDO, Neusa Dias de, 1990, Princípios e reflexões sobre o Serviço de Referência e Informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v.23, n.¼, p.9-37. jan./dez.'90.



EQUIVALÊNCIAS: DO SERVIÇO DE REFERÊNCIA CONVENCIONAL A NOVOS AMBIENTES DE REDES DIGITAIS EM BIBLIOTECAS *

Neusa Dias de Macedo**
Fernando Modesto ***

PARTE II

De Novos Ambientes Informacionais Mediados por Redes Digitais em Bibliotecas [Continuação p.38-54*]

Resumo: Desde a formulação do serviço de referência [SRI], por Samuel Sweet Green, em 1876, a essência do SRI resiste contra o tempo, sendo ponto de partida para concepções de novos ambientes tecnológicos. Duplo cenário aqui é representado por meio de procedimentos metodológicos, em duas faces: 1) O SRI tradicional - descrito, sob breve evolução - seguido de sua caracterização, conforme as cinco linhas de MACEDO, com exemplificações ainda dos quatro tipos de bibliotecas (pública, escolar, universitária e especializada). Finaliza com reflexões sobre impactos das emergentes tecnologias de comunicação/informação. 2) Em ambiente virtual/global, surgindo como a

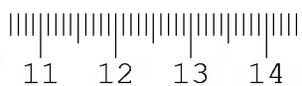
Nova Biblioteca Digital, leva a discutir-se a terminologia ambígua sobre biblioteca eletrônica, digital, virtual e/ou híbrida. MODESTO continua, apontando desenvolvimentos da automação e microinformática como prévios requisitos para chegar-se às redes eletrônicas, especialmente a Internet, em contraponto com o cenário tradicional. Com o desenho de um novo ambiente, agregado ou não à biblioteca dita convencional, permite-se ao leitor comparar dados e pensar alto sobre a significância do serviço de referência e informação.

Palavras-Chave: Serviço de Referência, Convencional. Novo Ambiente Digital, em Bibliotecas. Equivalências. Internet.

* Este artigo está sendo apresentado em duas partes separadas. Parte I - Do Serviço de Referência Convencional. Parte II - De Novos Ambientes Informacionais Mediados por Redes Digitais em Bibliotecas.

** Professora Doutora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, ECA-USP (aposentada).

*** Professor do CBD-ECA-USP e doutorando em Ciências da Informação, ECA-USP.



1 ENTENENDO A INTERNET NOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO

1.1 À guisa de explicação

A Internet é atualmente a palavra-chave que circula na cabeça de todos aqueles que são afetados pelo uso da informática. Na verdade hoje em dia algum cidadão estará perguntando a si mesmo o que significa este termo; outros, porém, já se preocupam com o que este instrumento comunicacional/informacional possa provocar em suas vidas e/ou como manipulá-lo facilmente; enquanto que alguns pesquisadores já se empenham em compreender os impactos que ela produz nas pessoas e nas suas atividades profissionais. Para nós, a preocupação que a máquina informacional impõe em termos de redimensão organizacional e gerencial, é principalmente como está ocorrendo o “uso da informação”.

Independente das várias questões que a Internet suscita, um fato é concreto: ela é onda gigantesca que vai abalando a sociedade como um todo, enfim uma bola de neve.

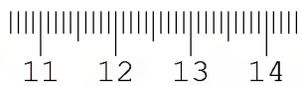
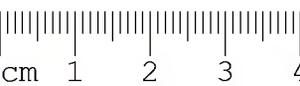
O interesse de um dos autores deste trabalho (Fernando Modesto), ao focar a Internet em sua tese de doutorado, é verificar seus efeitos no ambiente universitário, notadamente no elemento professor/pesquisador e no bibliotecário/mediador da informação alocado em bibliotecas universitárias. Entretanto, aqui, sua atenção recai em traçar um mapeamento vivencial da tecnologia emergente de comunicação e informação no cenário do Serviço de Referência e Informação. O estudo do tema assume um caráter meritório no sentido de procurar refletir sobre as possíveis ações geradas pela Internet, impactando até mesmo sólidas instituições como as universidades.

É notório, também, os efeitos que a Internet perpassa na área educacional. Obriga pois que as instituições busquem adequação às tendências de inovação proporcionadas pelos recursos tecnológicos. Com isso, mudanças são ocasionadas nos papéis de técnicos e docentes, exigindo novas posturas e metodologias de ensino.

A educação presencial, confinada entre quatro paredes (giz e lousa) como meio de proceder transferências de informação, altera-se pelas possibilidades de recursos pedagógicos e de ensino ofertados em novos e criativos processos e fontes – como multimídias - usando-se as redes eletrônicas.

As paredes da estrutura de construção tradicional desmoronam-se, colocando as pessoas em contato com meios de aprendizagem mais flexíveis e frutíferos, permitindo a realização de comunicações, troca de informações e realização de pesquisas mais efetivas e eficazes. Se os mestres demorem em se atualizar, os alunos poderão se tornar seus instrutores no uso dos computadores e das redes comunicacionais.

Da mesma maneira, profissionais que usam modelos tradicionais de organização bibliográfica da informação, apenas baseados no uso de suportes informacionais impressos, se vêem pressionados a lidar com informações em novos formatos, quer seja o artefato eletrônico, ou o digital/virtual. Por conseguinte, surgem novos processos de busca e acesso de informação através de redes eletrônicas que interconectam computadores em malha sempre crescente e infindável de interligações. Tais mudanças alteram formas e maneiras de proceder, refletidas em todos os setores tradicionais da biblioteca e, em especial, no ser-



viço de referência: um dos objetos de pesquisa final*.

São alterações que ocorrem entre o serviço de referência convencional para o ambiente informatizado (apoiado em recursos computacionais e redes) até o uso de mecanismos avançados como os robôs inteligentes (*knowbots*), cujas funções são uma analogia às atividades do bibliotecário tradicional. Entre elas, as de questões-respostas, análise de perfil de usuários, alertas bibliográficos e disseminação seletiva da informação, tutorialismo ao usuário, divulgações sobre o sistema... Enfim, executando mediação entre usuários e recursos informacionais, distribuídos pela rede mundial de computadores.

De fato, esses mecanismos realizam buscas, vasculhando bases de dados disponibilizadas no ambiente das redes eletrônicas, procedendo suas ações de acordo com certos parâmetros pré-determinados pelo solicitante das buscas. O funcionamento destes mecanismos adotam os protocolos comuns da Internet. Na observação de Drabenstott & Burman (apud condensação Macedo, 1997:185), os robôs não só buscam informações como desempenham tarefas conectadas em rastreamento de navegações em Rede, algo muito importante para os futuros sistemas de informação.

Tais mecanismos auxiliam na ordenação da avalanche de resultados desconexos auferidos nas consultas realizadas na Internet, sendo ainda programas em evolução que sofrem contínuos aperfeiçoamentos para oferecer aos seus utilizadores recursos mais potentes e de confiabilidade às respostas. Além disso, apresentam

interface de operação, em geral, simples e de fácil personalização das buscas a serem realizadas.

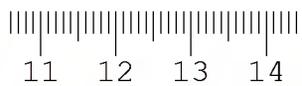
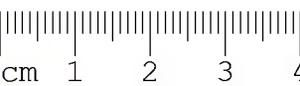
Na Rede é possível encontrar sistemas de aplicação específica, como por exemplo: buscar livros e/ou *compact disc* (CD) com melhor preço. Alguns destes *softwares* podem ser obtidos na própria Internet para demonstração e uso por um determinado tempo e posterior opção de compra (*shareware*) ou gratuitamente (*freeware*). Alguns programas com esta finalidade são: Bulls Eye Pro <<http://interlisseek.com>>; Beeline <<http://www.beeline4oz.com>>; WebSeeker 98 <<http://www.bluequirrel.com>>; Copernic 99 Plus <<http://www.copernic.com>>; QueryN <<http://www.freeflowsoftware.com>>. Já um robô tradicional e gratuito na Internet é o WebFerret <<http://www.webferret.com>>.

A Internet é um ambiente inovador, no qual se pode encontrar ou dispor sempre novos e interessantes recursos. Conhecê-la é portanto um procedimento necessário se desejarmos bem utilizar suas possibilidades em vários tipos de atividades.

1.2 Entendendo a Internet e seus recursos, sob prospecção de bibliotecários

A Internet é espaço virtual, formado por diversas e infindáveis redes de computadores conectadas umas às outras, encerrando ambientes diversos, ora virtual, representando partições de um ambiente físico, ora eletrônico/digital, permitindo transferir comunicações e informações através de máquinas tecnológicas. Por esta característica, é considerada uma "rede de redes", composta de redes computacionais universitárias, comer-

* Tese de doutorado "Uso e Impactos da Internet na Comunidade Acadêmica nos Serviços Bibliotecários na Década de 90 em Universidades Paulistas: UNESP, UNICAMP E USP", sob orientação da Profa. Dra. Neusa Dias de Macedo.



ciais, militares e científicas, interligadas a computadores do mundo inteiro.

A flexibilidade de interligação na ambiência da Internet possibilita facilidade de comunicação e acesso a variadas fontes de informação, aspectos que contribuem para ampliar e democratizar a participação e a interação entre as pessoas independentes de sua localização, eliminando barreiras como: distância, fronteiras geográficas, fuso horário, etc.

Torna-se, também, um ambiente propício ao compartilhamento de idéias e conhecimentos; atividades podem ser realizadas cooperativamente através de comunicação remota mediadas por computador. Da mesma forma, novas maneiras de aprender e ensinar podem ser desenvolvidas utilizando os recursos da Rede: o ensino a distância.

Sendo a Internet a espinha dorsal da comunicação global dos anos 90, interliga a maior parte das redes eletrônicas como linguagem de comunicação entre os vários e diversificados ambientes operacionais. Adotando um protocolo comum de comunicação, denominado TCP/IP, e o conjunto de ferramentas básicas utilizadas para facilitar esta comunicação, faz-se a troca de informações, quer por correio eletrônico, ftp, quer por listas de discussão, entre outros pontos de acesso.

Essas mencionadas ferramentas, fazem parte dos recursos que as pessoas cada vez mais utilizam para realizar consultas na Rede. Mesmos as bibliotecas que iniciam seus primeiros passos na disponibilização de informações aos usuários, começam já a utilizar recursos da Internet. Trata-se de redes eletrônicas incorporando-se às atividades da biblioteca e potencializando o surgimento de uma “Nova Biblioteca” ou um Serviço de Informação Digital, enfim, uma biblioteca global.

Bibliotecários podem dispor da Internet por várias razões: como ferramenta de um serviço de referência, propiciando recursos atualizados e não disponíveis na maioria das obras impressas; como meio de comunicação interpessoal a especialistas em centenas de áreas de conhecimento e/ou assuntos; especialistas estes que podem colaborar para a solução de questões simples ou problemas complexos. Neste último caso, a Internet permite às pessoas contatarem as bibliotecas/bibliotecários através de mensagens ou documentos eletrônicos de maneira individual, sendo um meio menos intrusão do que o telefone ou o fax.

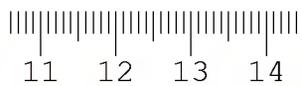
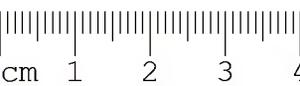
Apenas com um pouco de prática no manejo dos recursos eletrônicos, a Internet mudará desde o uso de um computador conectado em rede e/ou de uma rede local compartilhada e/ou de um *gateway* de interligação a redes maiores – tornando possível a transferência de informação de maneira rápida, flexível e remota.

Valauskas (1994) salienta que a estrutura da Internet combina uma série de recursos baseados em obscura linguagem protocolar que potencializa as ferramentas para comunicação e troca de informações em formato eletrônico, a exemplo de dicionários, atlas ou manuais – recursos de informação convencionais existentes na biblioteca tradicional.

Na área das bibliotecas, pode-se perguntar: - Qual é o ambiente da Internet?

Exemplificando:

- a) perguntas / respostas que a todo momento os usuários necessitam e/ou em outras ocasiões são consultas informacionais várias;
- b) coleta de questões básicas (exatamente respondidas por obras de referência; notícias; informações pontuais e cadastrais), as



quais podem ser armazenadas no computador para reproprocessamento e/ou uso posterior no serviço de referência;

- c) questões que exigem contatos e comunicação com pares-profissionais e/ou determinados especialistas / instituições locais ou ao redor do mundo, entre outras.

Os recursos disponíveis na Internet permitem que biblioteca e bibliotecário forneçam um serviço melhor e diferenciado para seus usuários, através do acesso a informações de difícil localização ou obtenção, de outra forma que não a proporcionada pelo ambiente eletrônico/digital.

Entre os recursos disponíveis pela Internet ao serviço de referência, destacam-se alguns a título de ilustração: correio eletrônico, lista de discussão, ftp e www. A folha de recursos é longa, mas o trabalho realizado em ambiente digital se torna mais fácil e ao mesmo tempo podendo exigir-se melhor presteza na escolha do recurso a utilizar.

O *correio eletrônico (e-mail)* - é certamente a ferramenta mais popular da Internet porque permite de maneira simples a troca de mensagens, favorecendo o compartilhamento de informações. Aqui, o bibliotecário conta com um potente instrumento facilitador na comunicação com o usuário, que desta forma pode ter atendido sua demanda fora da biblioteca, à distância.

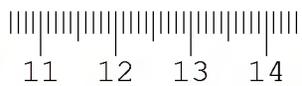
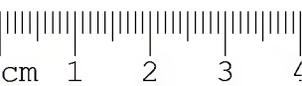
A *lista de discussão* - funciona como extensão do correio eletrônico, utilizado para comunicação entre membros de um projeto ou de pessoas interessadas em temas específicos, podendo ser aberta ou restrita à participação de novos indivíduos. O serviço de referência pode usar as possibilidades das listas para formar grupos de interesse [o colégio invisível] entre seus usuários, melhorando

ou aperfeiçoando o serviço de alerta e de disseminação de informação.

O *FTP* - é protocolo para transferência de arquivos (textos, programas, sons, imagens e animações), entre computadores remotos conectados à Internet. É uma alternativa para a biblioteca transferir para seu computador: *software* para avaliação, documentos eletrônicos e/ou arquivos digitais de interesse para sua comunidade, intercambiar registros bibliográficos legíveis por máquina com outras instituições e, ainda, dispor e manter em diretórios específicos a sua *homepage* na Internet, divulgando informações sobre serviços, produtos e outros dados de interesse aos usuários costumazes ou eventuais.

O *WWW (World-Wide Web)* - combina a recuperação da informação com recursos de hipertexto em um ambiente gráfico e multimídia. A forma de consultar as informações faz lembrar uma "teia arácnida"; daí, o significado de seu acrônimo - Ampla Teia Mundial. O ambiente WWW é uma exceção entre os demais recursos da Internet, citados ou não neste texto, já que através dele pode executar-se quase todas as outras ferramentas da Internet.

Assim, torna-se um poderoso ambiente para desenvolvimento e aplicação de ferramentas para pesquisas de informações digitais e produção de documentos, contendo ligações com outros documentos e/ou arquivos armazenados em diferentes pontos da rede. Possibilita a biblioteca produzir novos produtos e serviços, numa interface amigável aos usuários, baseados na filosofia da "navegação hipertextual" e hipermidia - onde o texto apresenta ligações criativas com informações complementares, tornando a leitura não-linear, agora fragmentada, nos diversos tipos de linguagens (som, imagens, animações...), sendo acessível por apenas um clic de *mouse*.



Nessa idéia, pode-se pensar em catálogos eletrônicos, remetendo o usuário rapidamente para o texto buscado, ou relacionando todas as informações existentes sobre o item procurado, ou, ainda, catálogos que pesquisam outros acervos bibliográficos na busca da informação desejada, indicando sua posterior localização. E, ainda, na feição hipermídia pode-se investir, em vários tipos de projetos de ordem educativa ou não, com vídeo disco ou CD-ROM, com o fim de desenhar instrumentos informacionais e/ou instrucionais que produzam formas de interatividade entre mediadores da informação e usuários, durante as comunicações à distância *in loco*.

A Internet é um novo caminho de conexão com a informação e seus usuários, superando as barreiras da distância e tempo. Com possibilidades disponíveis, em ambiente redes eletrônicas, o bibliotecário pode buscar respostas que de outra forma seria muito mais difícil de obter com ferramentas tradicionais. Neste particular, pode-se gerar produtos e serviços mais dinâmicos, alcançando as necessidades de seus usuários, bem como comunicar-se com eles de forma não-presencial. Portanto, nesta nova ambiência digital, o bibliotecário pode intentar uma “Nova Biblioteca” ou “Biblioteca Global” para o século vinte um.

1.3 A Internet e a Nova Biblioteca (NB) ou Biblioteca Global (BG)

Fruto do rápido desenvolvimento tecnológico em anos recentes, particularmente grande inovação na área de computadores, comunicação à longa distância e hipermídia, a Internet tem contribuído, revolucionariamente, com as formas pelas quais a informação deva ser gerada, coletada, representada, organizada, disseminada, compartilhada e usada. Como mídia peculiar onde se adapta a nova designação da biblioteca do futuro, provoca a for-

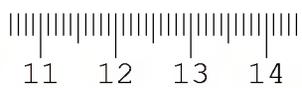
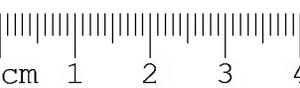
mação de novos termos para suas implicações; enfim, faz surgir emergente terminologia com significados que, no momento, causam ambigüidades. Mas da mesma maneira que se encare a Internet como ferramenta de comunicação é também instrumento de transferência de informação, de indicações bibliográficas e cadastrais.

De outro lado, um componente também se faz essencial para que se entenda a sua operacionalidade: os computadores. Estes, pela sua evolução contínua e amplitude de possibilidades, potencializam a exploração dos novos recursos. Transforma, por exemplo, os conectivos adotados em bibliografias e catálogos impressos: o “vide”, e o “vide também”, em novos pontos de acesso denominados *links*. E sem o conjunto deles, não seria possível haver redes, nem comunicação eletrônica.

2 ENTENDENDO O PAPEL DOS MICROCOMPUTADORES NOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO

O desenvolvimento dos microcomputadores, deu início a processos de transformação nas estruturas de computação, baseadas em máquinas poderosas, chamadas de grande porte ou *mainframes*, e nos equipamentos de porte intermediário. Estes novos tipos de computadores, em especial, tornaram-se cada vez mais populares, não apenas pela redução de seu custo, mas pela sua capacidade de processamento de dados. Essas transformações modificaram a cultura das organizações e os processos de produção em geral; posteriormente, ampliados com as telecomunicações, e somados às redes conectantes computacionais.

Os computadores pessoais, por sua concepção de uso, flexibilidade de aplicação e bai-



xo custo de aquisição e manutenção, demonstraram ser uma excelente opção de recurso às bibliotecas e sistemas de informação. A possibilidade de interligação dos microcomputadores em rede, contribuiu para sua ampla utilização, viabilizando a descentralização da informação, dando oportunidade de compartilhamento de dados, arquivos, programas e periféricos, melhorando o fluxo de informação no ambiente organizacional. Acrescenta-se o desenvolvimento de programas mais elaborados e de uso quase intuitivo, como sistema operacional, programas aplicativos, utilitários gráficos etc., colaborando para a difusão do uso dos microcomputadores.

A mudança da mídia única para a multimídia (integrando dados contendo texto, som, imagem e animações), marca um grande impacto no processo de transformação das organizações, principalmente na área da comunicação e educação. O que até então parecia ficção científica, tornou-se realidade cotidiana. O texto redacional, tradicionalmente linear, passa a assumir novas estruturas de conteúdo, bem como a informação apresenta novas formas de armazenamento, distribuição e uso, entrando-se na era da digitalização, do processo eletrônico e da virtualidade.

A alteração da interface alfanumérica para interface gráfica, além do conforto visual, proporciona maior disseminação no emprego dos microcomputadores por melhor facilitar a interação homem/máquina. Tarefas ou atividades para as quais se faziam necessárias certas especializações, agora podem ser executadas por pessoas habilitadas em tempo muito curto: digitadores, operadores de microcomputador; programadores; usuários de editores de texto; banco de dados; planilhas

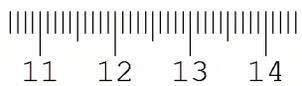
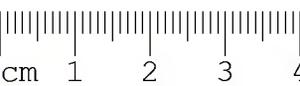
eletrônicas; linguagem HTML¹; editoração eletrônica. São, pois, alguns elementos presentes neste novo contexto.

Em se falando de bibliotecas, elas utilizam o microcomputador já há algum tempo em diversas atividades administrativas e informacionais como: aquisição; controle de circulação e empréstimo; indexação; disseminação da informação: bibliografias e resumos, boletins bibliográficos, catálogos automatizados, entre outros produtos.

O microcomputador, em sua fase inicial, possibilitava novas formas de execução de atividades e de serviços ofertados. Embora, na sua introdução, tenha gerado alterações; estas porém não foram de imediato capazes de romper com os paradigmas tradicionais dos produtos e serviços informacionais; porém, foram minando gradativa e silenciosamente as estruturas tradicionais então vigentes, com mudanças várias à medida em que a tecnologia evoluía, tanto na cultura bibliotecária, como na linguagem, no processo e na condução de pesquisas em bases de dados tradicionais para versão *online*, geradas no seu interior ou acessadas remotamente por canais especiais. A máquina foi-se impondo como importante meio de armazenamento e acesso rápido à informação.

Analisando a literatura básica para uso do microcomputador no ambiente informacional, nota-se a exigência de capacitação de seus utilizadores, tanto os bibliotecários e auxiliares como os usuários finais, para que operem adequadamente os equipamentos e os programas existentes (Silva, 1989). Esta preocupação também é dos autores deste trabalho, não só como necessidade urgente de

¹ Acrônimo para *hypertext markup language*. É uma linguagem usada para criação de *home page* ou documentos de hipertexto que podem ser acessados através do protocolo *hypertext transport protocol* adotado na *World Wide Web* ou ambiente gráfico da Internet.



operacionalização do uso das tecnologias emergentes como pela idéia de que somente conseguir-se-á qualidade nos serviços de informação com a adoção de programas de educação contínua e apropriação de conhecimentos de vária sorte; principalmente no caso do bibliotecário, que é elemento repassador aos usuários dessas novas tecnologias.

Nas escolas de biblioteconomia, esses equipamentos já têm se incorporado lentamente à prática de ensino-aprendizagem, sendo que, em algumas unidades universitárias, os alunos têm recebido instruções sobre o uso e suas aplicações em determinadas disciplinas que desenvolvem projetos acadêmicos, baseados na utilização ou aplicações dos sistemas computacionais no ambiente de informação, bem como lhes são dados, em laboratórios, treinamentos práticos e simulações de planejamento de organização de bancos de dados.

Ao bibliotecário, cabe manter-se continuamente atualizado sobre as tecnologias que afetam seu ambiente de trabalho. Enquanto mediador, entre o usuário e a informação, ele tem a responsabilidade não apenas de fornecer, mas orientar o usuário no uso das tecnologias que armazenem a informação. Na verdade, a grande responsabilidade dessa atualização começa com o gerente da biblioteca.

Neste sentido, o bibliotecário assume também a figura de agente formador ao uso do programa de tratamento da informação e de orientador nos procedimentos de operação do equipamento, posicionamento sem o qual o acesso à informação por meios eletrônicos não se realiza de forma satisfatória, merecendo que os cursos de biblioteconomia formem seu alunado também para esta nova ambiência.

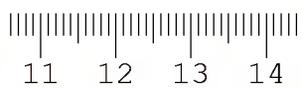
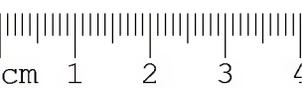
Assim, as mudanças geradas pelo uso dos microcomputadores, e que ainda se mani-

festam. (a tecnologia computacional continuamente é inovada e inovadora), vêm-se repetidas com o advento das redes eletrônicas. Dentro das devidas proporções e enfoques, repetem-se impactos significativos e abaladores ao ambiente tradicional das bibliotecas. Merece, portanto, bateria de pesquisas de diversos portes, sendo esta matéria um dos estudos para a tese de doutorado de um dos autores deste trabalho.

Hipoteticamente, uma parte dos bibliotecários não tem se dado conta da velocidade das mudanças eletrônicas, mas acaba tendo que repetir procedimentos básicos, necessários para utilizar e permitir o acesso às informações estruturadas em um novo ambiente tecnológico, pelo qual os computadores continuam sendo a principal porta de entrada.

Convém ressaltar que o bom êxito na utilização dos computadores decorre de um planejamento de gestão do sistema de informação, executado de maneira clara e objetiva, procurando minimizar os impactos da tecnologia no ambiente informacional. Postura não restrita apenas à preocupação com o atendimento de demandas, mas voltada para a capacitação das pessoas afetadas pela tecnologia, pela mudança nos seus sistemas de trabalho. Fato contemplado, também, pelo advento da Internet na ambiência das unidades de informação.

Nesta dimensão de mudanças de “fazer e proceder”, e de “recursos a usar”, os computadores continuam ferramentas essenciais, a informação continua a ser transmitida de modo mais eletrônico ainda, porém ambientado em metáforas futurísticas de biblioteca – e que precisam ser urgentemente explicitadas.



3 ENTENDENDO A GAMA DE DEFINIÇÕES DA BIBLIOTECA ELETRÔNICA, DIGITAL À VIRTUAL

A Internet com suas infinitas interconexões, cria ambiente dimensional para a comunicação e transmissão de informações. A comunicação é instantânea; a geração de informações, uma fonte caudalosa e aparentemente inesgotável, o acesso globalizado se representa por simples apertar de teclas ou clicar de *mouse*, que permite passar de uma informação para outra. Tudo parece muito fácil e mágico.

Assim, a Internet vai evoluindo como repositório mundial de informações. Conseqüentemente, gama variada de sistemas e serviços emerge, disponibilizando massa informacional de forma mais acessível. Alcança espaços maiores e diferentemente abertos, num sentido globalizante, principalmente por inovar a extensividade; privilegia também o usuário remoto, o conhecimento de novas culturas e soluções atualizadas a muitos profissionais para a melhoria das atividades.

Surge, obviamente, nova terminologia em contínua ascendência, porém em contradição entre os autores, confundindo as pessoas, necessitando, pois, de precisão na conceituação. Se há as diferenças em nomeá-la como biblioteca eletrônica, digital ou virtual, uma caracterização deveria excluir a outra. Logo, estas questões perturbam a mente de todos nós.

Justificam-se essas confusões por estarmos num período de transição ante o tradicional e o inovador. Inovações acontecem por força das circunstâncias, bem como mudanças são necessárias em relação à estratificação de culturas organizacionais e tipos de gerenciamento obsoletos, de grande parte de

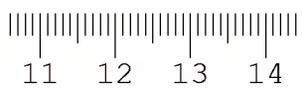
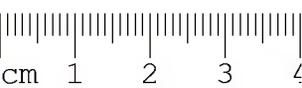
bibliotecas convencionais, desde os processos de aquisição, seleção, desenvolvimento de coleções ao tratamento técnico da informação (representação descritiva e temática, indexação) e atividades-fim da unidade informacional, entre elas empréstimo, referência e informação, e ainda o gerenciamento do projeto biblioteário.

Perguntamos, pois – Que tipo de solução virá de encontro com esta nova concepção de “biblioteca” ? Ser ela tradicional e eletrônica, virtual e/ou digital – o assunto é pendente, sendo necessário muito discernimento para não atropelar as pessoas em geral, e os profissionais em particular, dando-lhes diretrizes para seus escritos, ensino e até decisões administrativas.

Desta forma, examinando vários conceitos, torna-se ponto pacífico afirmar-se que nomeá-la como “biblioteca” é apenas uma metáfora. Autores de vários países a definem diferentemente. Muitas organizações, embuídas de constituírem uma nova biblioteca no ambiente Web, têm explorado o conceito de biblioteca do futuro para explicar o que vêm a ser as bibliotecas eletrônicas, digitais e virtuais. De fato, conforme o contexto, o termo se ajusta, em outros casos, há sobreposição de significados. Essas réplicas, em todo o caso, são formas para o futuro imediato.

É fundamental observar que a tarefa em definir-se os vários conceitos é válida, mas amedontra um pouco, pelo simples fato de não haver ainda posicionamentos paradigmáticos, mas ao contrário de serem ambíguos, o que afeta a inexistência de uma definição que possa ser comumente aceita, e bastante direta, para e esclarecer todos os termos utilizados.

Por exemplo: Marchiori (1997:117-20), Fleet & Wallace (1993), Landoni (1993), Poulter



(1994), Kemp (1994), Deschamps (1994), Cloyes (1994), Drabenstott & Burman (Apud Condensação Macedo, 1997), apresentam posições e conceituações pelas quais a nova biblioteca ou biblioteca “não física” é compreendida sob a ambiência de redes eletrônicas. Embora o que se constate na literatura é uma série de discussões sobre os diversos conceitos, suas características e efeitos sobre os sistemas tradicionais, podendo-se verificar a existência de uma linha comum entre todas estas definições, recaindo a ênfase sobre os recursos necessários para implementar a nova biblioteca (seja eletrônica, digital ou virtual), ficando na minoria a discussão do papel humano do agente destes tipos de biblioteca.

Nessa ótica, não queremos questionar a melhor definição, ou a definição correta, e sim provocar reflexões sobre o assunto. Mesmo porque a tecnologia e os processos inovadores ainda estão transformando o ambiente da informação, indicando que reavalições e re-adequações deverão ser continuamente feitas do convencional às novas e futuras realidades.

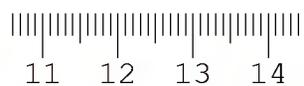
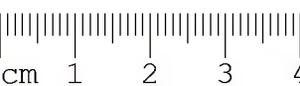
Seguimos, pois, com algumas interpretações:

a) *Biblioteca eletrônica* [BE] - a réplica eletrônica da biblioteca tradicional baseia-se no uso de recursos de *hardware e software* computacionais que facilitem a busca, leitura e recuperação de informações armazenadas em mídia eletrônica (discos magnéticos, disquetes, CD-ROM) ou em suportes impressos. No ambiente da biblioteca eletrônica, a informação impressa coexiste com a eletrônica. De fato, as bibliotecas automatizadas já têm elementos eletrônicos e são uma forma de biblioteca eletrônica. Limitam-se, porém, ao seu próprio ambiente informacional, e ao interligarem-se à Internet, disponibilizando

acessos às suas informações, acrescem outros termos, como por exemplo o de biblioteca eletrônica.

b) *Biblioteca digital* [BD] - de outro lado, difere a BD da biblioteca eletrônica porque é um serviço de informação no qual todos os recursos informacionais estão disponíveis em formato processável por computador, ou seja, o armazenamento, preservação, recuperação, acesso e apresentação das informações ocorrem através do uso de tecnologia digital (discos ópticos e magnéticos). Neste sentido, a BD não contempla materiais convencionais impressos como livros, já que estes seriam convertidos/digitalizados para o formato digital. A informação é pois compartilhada simultânea e instantaneamente por meio de acesso local ou remoto, já que a biblioteca digital se estrutura em redes de computadores, que são também veículos digitais. Este é o ponto chave da BD: sua informação pode ser acessada remotamente em múltiplas vias.

c) *Biblioteca virtual* [BV] - já a BV, sendo, na verdade, mais uma ambiência de realidade não-presencial, depende de recursos mais complexos, próprios de tecnologia de realidade virtual. Recurso este, combinatório de software apropriado, acoplado a um computador conectado a outros periféricos interligados (microfones, fones de ouvido, visores, luvas e capacete entre outros equipamentos especiais), permitindo reproduzir o cenário de uma biblioteca (ou outro organismo) de forma dimensional. Aqui, o usuário, utilizando os equipamentos necessários, pode imergir tendo a sensação de que os objetos visualizados se parecem e se comportam como coisas reais. Poderá consultar catálogo, percorrer estantes,



visualizar contextos, identificar espaços, fazer analogias, etc. Assim como, nas conceituações anteriores, utiliza-se da tecnologia computacional, das redes eletrônicas e do acesso remotos.

Neste particular sobre a terminologia conflitante, Cunha (1997:196), abordando o conceito de biblioteca digital, através da análise de uma bibliografia internacional seletiva e anotada, salienta que a mesma é também conhecida como biblioteca eletrônica (principalmente no Reino Unido); biblioteca virtual quando utiliza recursos da realidade virtual, biblioteca sem paredes e biblioteca cibernética. Drabenstott & Burman (apud condensação de Macedo, 1997: 181) usam sempre a expressão “biblioteca digital”, indicando que BD é um mecanismo que provê acesso à informação por conexões de redes computacionais.

Enfim, as definições já citadas são tão diversificadas que contêm pontos comuns e diferenciados entre as mesmas. Laudas de folhas são transcritas com diversas opiniões sobre a biblioteca eletrônica, digital ou virtual. Conceitos, sob muitos enfoques, porém pouco compreendidos. Mesmo nas considerações apresentadas, observa-se que uma especificação não elimina a outra, mas se completa ou se complementa.

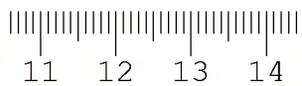
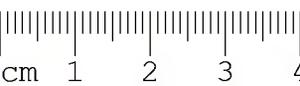
Em realidade, os sistemas estão em essência baseados na tecnologia de informática e de comunicação, utilizando destes meios para se propagarem e se interligarem no fornecimento de insumo básico e fundamental: informação – o processo sempre é eletrônico. Há bibliotecas, ainda, que confinam, na biblioteca convencional, seções para documentos eletrônicos, denominando estas coleções de “biblioteca eletrônica”.

Ante toda essa ambiguidade (e às vezes mal uso do termo), preferimos aqui denominar esta “máquina eletrônica de indicar informações, transferir arquivos e re-passar informações entre os profissionais de uma forma de representar uma “nova biblioteca”, ou “biblioteca global” que pode conviver e/ou fazer uso de materiais convencionais. Na verdade, o que é novo é o ambiente da biblioteca com a entrada dos recursos da Internet, o uso do microcomputador, agora, mais extensivo e em terreno global.

Mais do que conceitual, a nova biblioteca é um aspecto de filigranas das tecnologias. São distinções decorrentes da evolução dos recursos de *hardware e software*, produzindo novos elementos tecnológicos que acoplados aos existentes, ou não, permitem ampliar as possibilidades de armazenar, organizar, recuperar, intercambiar, manipular, processar a informação em seus vários formatos (texto, som, imagem, animação etc.); enfim, tornar mais amplo e mundial o acesso à informação.

Ao desenvolvimento da computação e da comunicação, com a conseqüente interação às outras tecnologias emergentes, certamente vemos aflorar e coexistir o convencional com novos sistemas informacionais. Concomitante, novos termos florescem, e deverão ser conceituados, mesmo que na sua essência possam conter pontos comuns.

Neste sentido, deve acrescentar-se um novo conceito para este cenário de definições de sistemas, trata-se da biblioteca híbrida (*hybrid library*) um termo que tem aparecido no jargão da biblioteca e profissionais de informação nos últimos três anos. Segundo Oppenheim & Smithson (1999), este conceito é compreendido como uma fase interme-



diária na direção da biblioteca totalmente digital. Seu desenvolvimento, na realidade, dependerá mais de uma mudança cultural do que tecnológica. Há um consenso de que a biblioteca tradicional permanecerá como recinto para as novas ambiências tecnológicas de bibliotecas. Assim o termo biblioteca híbrida é a utilização de um modelo de como a biblioteca evoluirá. Em síntese, a biblioteca híbrida é considerada um meio de integração da biblioteca tradicional com a biblioteca digital. A BD inclui elementos que servem para aumentar, ao invés de substituir as bibliotecas convencionais.

Seja qual for a definição que prevaleça: eletrônica, digital ou virtual, ou ainda, a biblioteca híbrida, é importante que se tenha uma nova alternativa tecnológica que facilite a difusão do conhecimento humano produzido, complementando e ampliando até mesmo os meios convencionais de organização das informações.

4 O SERVIÇO DE REFERÊNCIA EM CONTRAPONTO À NOVA BIBLIOTECA

O retrospecto apresentado na Parte I caracterizou o serviço de referência e informação convencional e identificou suas atividades até chegar ao momento presente, demonstrando que os *know how* e/ou tecnologias passadas têm influenciado na forma de otimizar o uso dos recursos informacionais e dos serviços ao público, abrindo caminho para o presente.

Agora, em novos ambientes apoiados em redes eletrônicas, a interação com diferentes grupos de usuários se amplifica ainda mais.

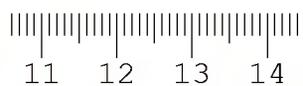
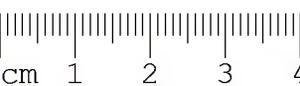
As conexões, ressalte-se, não são apenas providas de computadores, mas, antes de tudo, da interligação entre pessoas, o que dá uma dimensão mais ampla de comunicação ao serviço de referência. Desta forma, as cinco linhas elencadas por Macedo podem ser redimensionadas dentro da ambiência eletrônica, propondo-se novos recursos e relacionamentos com o usuário da informação.

As analogias e/ou equivalências entre essas linhas e o que será apontado nesta Parte II deverão ser entendidas como forma de estudos preliminares e dados amplos, cabendo para fases posteriores maior detalhes à cada linha, esperando ainda que interessados no assunto possam continuar estas especulações.

1ª linha: Serviço de Referência e Informação, em si - O Serviço de Informação convencional representa o momento importante de interação humana, face-a-face, entre os três pilares do SRI: usuário-informação desejada-bibliotecário (e/ou intermediário qualificado), caracterizado pela transação de questões-respostas genuínas de referência e pelos encaminhamentos a outros recursos informacionais fora da biblioteca, se for o caso (NDM).*

No ambiente da NB, os pressupostos de interação humana não são necessariamente presenciais e nem virtuais, pois tanto o bibliotecário - enquanto mediador - e o usuário da informação podem deixar de realizar o contato no sentido físico (interação direta). Existe, porém, um elo semi-presencial quando, mesmo não sendo tête-a-tête, pessoas se comunicam, por exemplo, pelo correio convencional ou eletrônico, telefone, ou pela videoconferência, em intercomunicações telemáticas (interação indireta).

* Em itálico, são apresentadas citações de Neusa Dias de Macedo (NDM).



As transações de questão-resposta, podem ser realizadas pela troca de mensagens eletrônicas ou bate-papos (chat) *online* na Internet, ou por *softwares* especialistas que estabelecem, através de procedimentos amigáveis, a mediação do contato entre o usuário e a informação desejada (*knowbots*), bem como, em algumas circunstâncias, pode existir um monitor-humano dando informações e/ou praticando formas de treinamento.

É importante salientar que é fundamental esta mediação, mesmo tratando de um serviço de referência remoto, conectado a redes eletrônicas, a fim de que empreste um caráter humanizante ao uso da tecnologia.

De qualquer forma, as demandas atendidas serão fornecidas estruturadas em arquivos eletrônicos, enviadas por meio binário até o solicitante. Logo, não existindo um elemento humano diretamente envolvido com o usuário, haverá um programa estruturado instituindo uma interface de comunicação entre o consultante e a informação buscada e/ou o bibliotecário-mediador.

Destaque-se que nenhuma tecnologia substituirá perfeitamente a riqueza da relação / intuição desenvolvida entre bibliotecário de referência e usuário. Ocorre um novo pilar ainda em construção, que vai dando nova forma ao serviço de referência, na biblioteca digital/ virtual, seja qual for o conceito adotado.

Nesta nova ambiência de redes eletrônicas, a decisão em prover serviços de referência remotamente implicará em novas formas de interação ainda a serem melhor identificadas, exigindo que o profissional se empenhe em interiorizar novos comportamentos de recepção indireta com o usuário. De outro lado, que ele intente adquirir novos hábitos de lidar com este novo meio para apresentar um serviço adequado para usuários remotos, ao

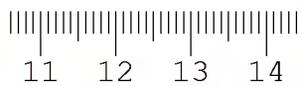
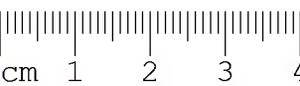
mesmo nível que o advindo do sistema tradicional. Enfim, sua sensibilidade entrará em jogo.

Desta forma, Abels & Liebseher (1994) observam que os bibliotecários de referência, novos ou experientes, devem preparar-se para compreender e operar eficientemente este ambiente, usando correio eletrônico ou recursos interativos em tempo real como: bate-papo, agentes inteligentes... além de estarem aptos a elaborar arquivos eletrônicos contendo respostas às questões repetitivas.

Enfim, são necessárias as revisões de literatura e traduções para que se identifiquem os equivalentes aos vários tipos de questões de referência, agora a serem enfocados na versão eletrônica/digital e executados remotamente.

2ª linha: Educação do Usuário - No sistema convencional, temos a capacitação formal dos usuários para utilização extensiva e autônoma do sistema de informação, proporcionando oportunidade para cumprir com qualidade formas de atualização; tarefas de estudo, pesquisa, ou profissionais, entre outras. Levando-se em conta que o usuário é o ponto convergente de todas operações e atenções do sistema, estudos prévios de usuário são procedidos, para não só identificar hábitos e necessidades informacionais do mesmo como para programar treinamentos e educação contínua (NDM).

Em ambiente – onde não existe ainda uma logística documental - os serviços informacionais são eolocados na rede através de arquivos eletrônicos, dispostos em espaços denominados *sites* ou *diretórios de FTP* e consultados por meio de programas de visualização, chamados *browsers*. O uso ou consulta às informações disponibilizadas, todavia, precisam ser acompanhadas de orientações que permitam aos usuários executar,



de forma autônoma, as operações necessárias para acesso às informações.

O novo papel do bibliotecário de referência recai, agora, no agente inteligente, integrando-se ao uso de recursos da Internet, promovendo a comunidade-usuária *workshops* com instruções sobre a Internet, e seus serviços / produtos dispostos neste ambiente. Daí, auxiliando o usuário a entender e utilizar proficientemente o novo meio e os recursos informacionais. Este *knowbot* pode, ainda, identificar necessidades do usuário e sincronizá-las com fontes informacionais necessárias a resolver suas dificuldades várias de busca de respostas de referência

Neste sentido, Abels & Liebscher (1994) comentam que as redes eletrônicas conferem às bibliotecas novas oportunidades na distribuição de serviços de referência para usuários que acham difícil e/ou inconveniente ir à biblioteca. Se esses serviços a usuários remotos estão se tornando comuns, é necessário ao bibliotecário de referência prepará-los, identificando quais são os problemas e benefícios para ambos: usuários e mediadores da informação. Esta preocupação é fundamental para que possam ser identificados fatores determinantes de sucesso ou falhas na criação e fornecimento de serviços de informação eletrônicos à distância, bem como possam ser desenvolvidos métodos efetivos para educar e capacitar mediadores de referência que têm intenção de trabalhar neste novo ambiente.

Nesta nova realidade, objetividade, clareza e criatividade são elementos fundamentais para a biblioteca desenvolver um serviço de referência adequado aos recursos tecnológicos existentes. De outra forma, bibliotecários, repassando suas experiências profissionais, irão trabalhar conjuntamente com outros colaboradores da área da informática na criação de

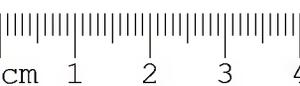
softwares referenciais, ou seja, os agentes inteligentes.

3ª linha: Alerta e Disseminação da Informação - Compõe-se de um rol de produtos/serviços programados para atualizar e divulgar conhecimento, novidades e aspectos dos interesses expressos pelos vários segmentos de usuários, como Índice de Periódicos Correntes, Boletim de Alerta, Bibliografia Seletiva, DSI, entre outros (NDM).

Na ambiência da NB, os mesmos propósitos de divulgação e atualização se mantêm. Muda o processo de execução elaborado de forma impressa e circulação por correio ou outro meio tradicional de envio de correspondência impressa, pelo uso de recursos tecnológicos, formatos e distribuição eletrônicas. Pode-se antever melhores condições de divulgação e disseminação da informação, decorrentes em contrapartida, da melhoria na condição de acesso à informação através do uso de artefatos digitais. O DSI – disseminação personalizada da informação - já está em plena execução nos ambientes eletrônicos, com mais efetividade que os tradicionais, em materiais impressos.

Saliente-se, também, que a decisão em fornecer algum tipo de serviço de referência remoto, implica em nova forma de interação, ainda pouco conhecida. Conseqüentemente, um conjunto de experiências e pesquisas são necessárias ainda para ter-se conhecimento do “como usar” todas as vantagens do novo meio para prover o melhor serviço de referência para os usuários potenciais remotos da biblioteca. Revisões de literatura mais acuradas, internacionalmente, também devem ser divulgadas.

Pode-se supor, em princípio, que a NB possa proporcionar ampla variedade de serviços e produtos de informação. De qualquer forma,



o usuário tem direito de saber o que ela faz, possui e esteja acessando.

Neste sentido, Kovacs, Schloman, McDaniel (1994:639), analisando as possibilidades de uso da Internet em um serviço de referência, considera que alguns dos recursos das redes são similares aos recursos tradicionais e serviços da biblioteca real, com os quais bibliotecários e usuários têm familiaridade. Exemplificando, destaca que os boletins / revistas eletrônicos são equivalentes a periódicos impressos em termos de formato e conteúdo. Catálogos da biblioteca e outras bases de dados orientadas bibliograficamente espelham os sistemas impressos baseados localmente, com os quais os usuários estão acostumados. De fato, as bibliografias impressas, nas várias áreas de conhecimento, hoje em dia, já se encontram em forma eletrônica e acessíveis remotamente de forma livre ou restrita a usuários previamente inscritos e/ou solicitantes de serviços. E até um novo termo está surgindo: webgráfica (referências webgráficas).

Assim, mecanismo como catálogo-em-linha de acesso público (OPAC), deverá propiciar ao usuário a realização de buscas livres das informações de seu interesse. Na ampliação de possibilidades do sistema, imagina-se que o catálogo ofereça prévios registros de solicitações do usuário, bem como o alerta sobre novos itens inseridos no sistema de informações. O BBS – Bulletin Board System – equivale ao tradicional Quadro-de-avisos, agora altamente incrementados.

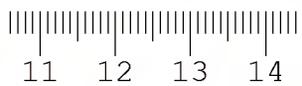
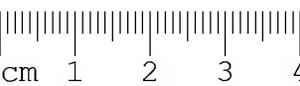
Serviços e produtos de alerta (boletins, newsletters etc.) serão produzidos digitalmente, a baixo custo, podendo ser disponibilizados em sites específicos da biblioteca, ou remetidos por correio eletrônico para os usuários. Poderão utilizar, ainda, listas de discussão sobre temas de interesses comuns às ne-

cessidades dos usuários, contribuindo para conectar pessoas e idéias novas.

Nesta linha de alerta e disseminação da informação do serviço de referência, um novo papel é reservado ao profissional de informação, decorrente dos recursos tecnológicos: a personalização da informação, para facilitar o encontro e obtenção de respostas específicas a cada cliente (ou grupo de usuário) do sistema: o DSI – já abordado. A Internet, pois, já há muito está possibilitando a personalização dos produtos e serviços para consumo, baseados na idéia *build-to-order* (feito sob medida).

Como ilustração, entre outras instituições, O ISI – Institute for Scientific Information, EUA – empenhando-se em manter e aperfeiçoar vínculos com a comunidade acadêmica a vários repositórios de pesquisa, visando o aumento de sua produtividade, fornece as mais avançadas ferramentas de informação por meio eletrônico WWW/ Internet, tais como: ISI Web of Science (banco de dados/citações/hiper texto); Current Contents (sumários correntes); Discovery Agent (alerta/perfis personalizados/e-mail); Journal Citation Report's on the Web (avaliação de 8 400 revistas revistas em 3 000 editoras)

4ª linha: Divulgação e Comunicação Visual - Nas bibliotecas tradicionais, são programados guias, quadros de aviso, plantas localizadoras, representações gráficas, folhetos etc. para melhor facilidade de os usuários conhecerem organização/regimentos da biblioteca e, independentemente, circularem por suas várias seções e setores utilitários. Isto tudo, tendo como respaldo certos mecanismos vindos da comunicação visual e da sinalização, ou seja, da padronização de informações gráficas, pictogramas (que melhor localizem espa-



ças e seções da biblioteca) e, ainda, apoiados por técnicas de impressão para a regular divulgação da biblioteca (NDM).

Na biblioteca do futuro, novos guias serão contemplados para familiarizar o usuário com o acesso da rede ao *site* de localização da biblioteca. Os folhetos passam a ser “páginas clicantes” denominadas *homepage*, recheadas de informações e instruções sobre os serviços e produtos existentes e disponíveis para uso. Um “mapa do *site*” servirá de comunicação para que o usuário possa navegar diretamente para os pontos de informações de seu interesse, sem necessidade de reconstrução de estratégias de busca. Padrões gráficos para identificar cada recurso da biblioteca digital, orientarão o usuário para seu acesso geral ou para determinar as fontes escolhidas para um tópico específico.

Ferramentas de buscas vão permitir ao usuário proceder à pesquisa de assuntos desejados, de forma natural, retornando a *links* para os textos referentes a termos-chave procurados. Programas para comunicação *online* com o bibliotecário, ou com recursos de vídeo-conferência, colocam o usuário em contato com este mediador para guiá-lo no uso do sistema. Ícones padronizados de fácil entendimento, também orientam o usuário no seu percurso de consultas.

Neste novo universo, o bibliotecário, ao projetar o sistema ambientado na rede, precisa apropriar-se de conhecimentos e práticas dos recursos oferecidos pela editoração eletrônica. O domínio no uso e combinação das cores e das imagens e mensagens, muito mais objetivas e claras para um público remoto e diversificado, também deve ser preocupação deste profissional.

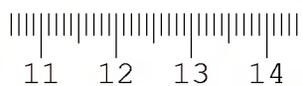
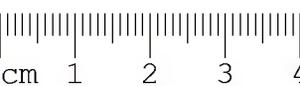
Em realidade, as interfaces dos sistemas de informação deverão ser cada vez mais amigáveis

e intuitivas para que as pessoas possam utilizá-las sem muita necessidade de orientação. Este aspecto, é algo que deve afetar até mesmo bibliotecas tradicionais: o uso de padrões claros de sinalização; recursos informacionais bem estruturados e interfaces de comunicação compreensíveis aos usuários. Neste sentido, um primeiro passo seria a extinção dos catálogos impressos e suas restrições na recuperação da informação.

5ª linha: Administração/Supervisão do SRI - Atenção é dada a este setor desde o momento do planejamento da biblioteca até a prestação de informações, aos especialistas, no momento das demarcações de arquitetura interna e funcional, sobre o seu salão principal de leitura; locais de controles do acervo e manutenção dos catálogos do público; os postos de empréstimo e de referência; supervisão do SRI, sem esquecer das atividades genuínas administrativas, regimentais de empréstimo e consultas, de ordem interna do setor e das regulares avaliações do SRI (NDM).

Chama-se atenção ainda para que, em ambiente de informações eletrônicas, a organização e administração de coleções digitais baseadas em recursos de mídia eletrônica e de conexões de acesso, estarão apoiando a pesquisa e a instrução ao uso dos sistemas.

Identificar, acessar e utilizar materiais nas redes eletrônicas são atos que passam a ser vistos como extensões lógicas das finalidades do serviço de referência. Portanto, adaptações ao novo ambiente é fundamental, acrescente-se como benefício o fato de os profissionais de referência dominarem os recursos da Internet desde que essas experiências possam prepará-los para utilizar as emergentes infra-estruturas das máquinas que lêem a informação, justamente como elas fazem com os materiais impressos (Stephenson, Willis, 1994).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente o papel fundamental que o SRI realiza nesta Nova Biblioteca, seja ela denominada eletrônica, digital, virtual ou biblioteca híbrida, assim como é imprescindível ao serviço de informação tradicional sua interação com o ambiente das redes, explorando as possibilidades dos recursos eletrônicos, como: correio eletrônico, videoconferência... e, da mesma forma, usando de maneira eficiente as novas mídias digitais.

Biblioteca eletrônica, digital ou virtual, não irão sustentar-se sozinha, sem um modelo de serviço de referência acoplado aos seus sistemas. E como bem destacam Ferguson, Bunge (1997), sobre a importância do SRI para novos ambientes: *o seu desafio será estender um toque humano para um ambiente amplamente diversificado e disperso de usuários, sempre e onde quer que eles queiram ou necessitem da informação.*

O que foi aqui discutido, por Macedo e Modesto, é também um sinal de alerta a que se procedam comparações outras, entre o tradicional e o inovador, e que este trabalho se desdobre e se complete nos vários pontos das duas partes pelos muitos interessados na matéria.

Abstract: *The essence of Reference Service coming from the American librarian Samuel Sweet Green (1876) resists against time, being a departure point for the development of new environments in libraries. A double scenario is represented through a methodological procedures, in two faces. 1) Based on MACEDO's five principles, the RIS in a conventional form is described, including a short evolution and the characteristics of four types of libraries (public, school, academic and special). Finally, considers the impacts on communication and information technologies. 2) An ambiguous terminology on electronic, digital and/or virtual, hybrid library is discussed in order to understand*

if a New Library really exists. MODESTO goes on pointing out the automation and micro computing as previous developments for updating library services in order to reach electronic nets, specially the Internet, in opposition to the traditional scenario. Then, having designed a new librational environment which can aggregate the conventional library or not, it is possible for the readers to compare data and think about the significance of reference and information service.

Key-words: *Reference Service, Conventional. New Digital Environments. Equivalencies. Internet.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABELS, Eileen G.; LIEBSCHER, Peter, 1994, A new challenger for intermediary-client communication: the electronic network. **The Reference Librarian**, n. 41/42 '94.

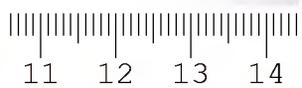
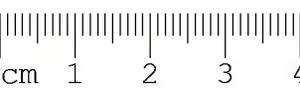
CLOYES, Kay, 1994, The Journey From vision to reality of a virtual library. **Special Library**, v. 85, n. 4, p.253-57, '94.

DESCHAMPS, M. Chistine, 1994, The Electronic library: Bielefeld Conference, 1994. **Libri**, v. 44, n.4, p.305 '94.

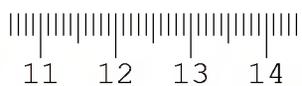
DRABENSTOTT, R.; BURMAN, 1997, Revisão analítica da biblioteca do futuro. Trad. E condensação Neusa Dias de Macedo. **Ciência da Informação**, Brasília, v.26, n.2, p. 180-94 '97.

ELIAS, Jô, 1998, Como a Internet e os bancos de dados, o cliente é quem manda. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 26 de Nov. '98, p. 1D - (Caderno de Informática).

FERGUSON, C.; BUNGE, C. 1997, The shape of service to come: values-based reference service for the largely digital library. **College & Research Library**, v. 58, n.3, p.252-65 '97.



- FLEET, Connie Van; WALLACE, Danny P. 1993, Virtual virtue. **RQ**, Chicago, v. 32, n.3, p. 306 '93.
- FORD, Barbara, 1986, Reference beyond (and without) the reference desk. **College & Research Libraries**, v. 47, n. 5, p.491-94, '86.
- KEMP, Arnoud de, 1994, Electronic information: solving old or creating new problems. **Libri**, v. 44, n.4, p. 299, '94.
- KOVACS, Diane K.; SCHLOMAN, Barbara F.; McDANIEL, Julie A., 1994, A model for planning and providing reference services using Internet resources. **Library Trends**, v. 42, n.4, p. 638-47 '94.
- LANDONI, Monica et al. 1993, Hyper-book and visual-books in na electronic library. **The Electronic Library**, v. 11, n. 3, p. 175-76 '93.
- LEVACOV, Marília, 1997, Bibliotecas virtuais: (r)evolução?. **Ciência da Informação**, Brasília, v.26, n. 2, p. 125-35 '97.
- LÓPEZ MORALES, Carmen Yasmina, 1995, Infraestrutura y servicios de información en la biblioteca virtual. **Ciencias de la Información**, v. 26, n. 3 '95.
- MARCHIORI, Patricia Zeni, 1997, "Ciberteca" ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 115-24 '97.
- OPPENHEIM, Charles; SMITHSON, Daniel, 1999, What is the hybrid library? **Journal of Information Science**, v.25, n.2, p.97-112 '99.
- POULTER, Alan, 1994, Building a browsable virtual reality library. **Aslib Proceedings**, v. 46, n. 6, p.151 '94.
- RAMOS, Tagil Oliveira, 1999, Os mordomos do Internauta. **InfoExame**, ano 14, n. 163, p. 72-3 '99.
- SILVA, José Fernando Modesto da, 1989, *A microinformática nas bibliotecas das universidades públicas do Estado de São Paulo*. Campinas. Dissertação (Mcstr.) – PUCCAMP.
- VALAUSKAS, Edward J. 1994, Using the Internet in libraries. **IFLA Journal**, v. 20, n.1, p.22-8 '94.



A COOPERAÇÃO: UM CAMINHO PARA OS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO EM ARTE *

Maria Christina Barbosa de Almeida**

Resumo: *Avalia a informação na área da arte, tomando como base para reflexão os serviços existentes na cidade de São Paulo, incluindo bibliotecas, arquivos, museus e centros de cultura. Discute questões conceituais, técnicas e organizacionais relevantes aos que trabalham com informação em arte no Brasil. Apresenta proposta de trabalho cooperativo que, evitando a dispersão e a subutilização da informação, favoreça o melhor aproveitamento dos recursos disponíveis e a prestação de serviços de melhor qualidade.*

Palavras-Chave: *Serviços de Informação em Arte. Cooperação. Diagnóstico. Estudos de Caso, 1988-97. São Paulo, Brasil.*

1 O CONTEXTO

Os serviços de informação em arte constituem uma parcela do contexto cultural paulistano. Apresentam-se quer sob a forma de equipamentos culturais e educacionais - bibliotecas, centros de documentação, centros de referência, arquivos - quer como espaços virtuais ou reais de informação, podendo, neste caso, integrar setores de museus ou

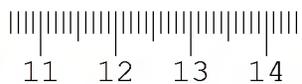
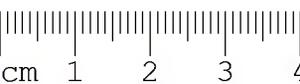
universidades, ou projetos vinculados a instituições públicas ou privadas.

A cidade de São Paulo, por abrigar toda a diversidade de sistemas de informação, pode-se prestar a um estudo de caso: uma reflexão a partir da análise daquele contexto pode ajudar a compreender os processos característicos do trabalho com a informação na área, bem como os pontos fortes e fracos das instituições e as necessidades de informação dos diferentes públicos.

Os serviços existentes em São Paulo serão aqui analisados em conjunto, mas devemos ressaltar que um de seus traços relevantes consiste na sua heterogeneidade. Além da diversidade de tipos de serviços de informação e de assuntos tratados e da variedade de tipos de materiais de seus acervos, esses serviços apresentam públicos diversificados e encontram-se em diferentes estágios de desenvolvimento, pois convivem os sistemas mais simples de informação até os mais sofisticados, de gerenciamento complexo e alto custo.

* Revisão de trab. apres. ao I Seminário de Informação em Arte, Rio de Janeiro, out. de 1999.

** Professora Doutora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP. Coordenadora do Grupo de Profissionais de Serviços de Informação em Arte da Cidade de São Paulo.



A análise do conjunto refere-se, assim, à situação encontrada na maioria das instituições e não a casos individuais, que constituem desvio padrão. Isso não diminui a importância dos trabalhos mais relevantes na cidade, mas, ao contrário, lhes confere a responsabilidade de serem exemplares e de liderarem esforços e ajudarem os demais serviços de informação da área a encontrar seus caminhos.

2 ANTECEDENTES

As reflexões aqui apresentadas têm como base uma vivência de mais de vinte anos em serviços de informação em arte e um diagnóstico que elaborei em 1985 e, depois, atualizei, em 1988, além de um estudo de caso desenvolvido de 1995 a 1997, este último restrito à área de artes visuais.

O primeiro diagnóstico, que envolveu dezoto instituições da cidade, apontou as seguintes características básicas na maioria das bibliotecas estudadas: insuficiência de recursos humanos; insuficiência de recursos físicos e materiais; insuficiência de recursos financeiros; desatualização dos acervos; atraso no processamento técnico dos acervos; raras e incipientes iniciativas de informatização de acervos.

Analisando-as como um conjunto, identificaram-se os seguintes pontos frágeis e comuns:

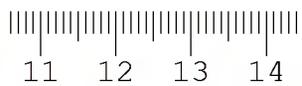
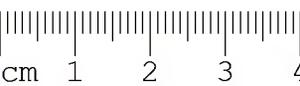
- falta de diretrizes na formação das coleções e conseqüente dispersão do acervo;
- falta de racionalização de procedimentos técnicos;
- necessidade de modernização do trabalho, pela adoção de novos enfoques profissionais e pela utilização das novas tecnologias.

Em relação à formação dos acervos, verificou-se que, de maneira geral, cada unidade de informação foi-se formando em volta de sua instituição, crescendo desordenadamente em função de demandas internas de caráter imediatista ou de doações recebidas e automaticamente incorporadas ao acervo. Não havia, na maioria desses serviços, uma política de seleção, o que evitaria esse crescimento desordenado, que incha o acervo sem lhe dar personalidade própria. Não havia, tampouco, uma política de aquisição que garantisse recursos sistemáticos e periódicos destinados à aquisição de material para o acervo. Disso decorreu o 'envelhecimento' das coleções, traço encontrado na maioria das bibliotecas analisadas.

Por essas razões, visto como um todo, o acervo de livros e revistas de arte disponível nas bibliotecas de arte da cidade era, aparentemente, muito rico. No entanto, vistos isoladamente, o que se encontrou foram acervos desatualizados, fragmentados, descaracterizados e pouco representativos.

Por outro lado, embora a maioria das unidades de informação bibliotecas possuísse coleções de outros tipos de documentos, principalmente de fotos, *slides*, vídeos e cartazes, tais coleções apresentavam os mesmos problemas das coleções bibliográficas - fragmentação, dispersão, desatualização e falta de representatividade.

Em muitos casos, essa ausência de uma política de formação e desenvolvimento de coleções refletia a falta de política da própria instituição. A indefinição da vocação da biblioteca, se, por um lado, tornava arbitrário o crescimento de seu acervo, por outro, provocava, no quadro geral dos diversos acervos da cidade, grandes duplicações. Além disso, a grande diversidade de assuntos presente na



maioria das nossas bibliotecas de arte também contribuía para dificultar o acesso à informação.

Verificou-se, por outro lado, que a diversidade de assuntos - característica das coleções analisadas - não significava, infelizmente, representatividade de acervo. Pelo contrário, em algumas bibliotecas, a amplitude de assuntos e o acúmulo de obras dela decorrente, acabou por prejudicar a formação de acervos representativos, ficando o material especializado e relevante, muitas vezes, diluído em meio a um acervo de generalidades.

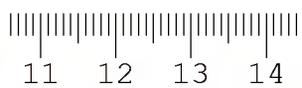
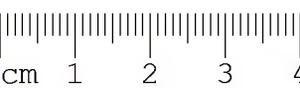
Além da falta de recursos para o desenvolvimento adequado dos acervos, a dificuldade de acesso aos documentos era agravada pelo grande número de obras não catalogadas ou pelo processamento técnico inadequado. No primeiro caso, o problema era resultante, quase sempre, de crônica falta de recursos humanos, da inexistência de programas informatizados e da falta de um trabalho cooperativo na área, que evitaria que uma obra fosse catalogada mais de uma vez, duplicando esforços para o mesmo fim. No segundo caso, deve-se ressaltar a falta de formação especializada do bibliotecário, bem como a falta de instrumentos de apoio ao trabalho de tratamento da informação, como *thesauri* e vocabulários controlados em língua portuguesa, nas várias áreas, acarretando falhas na indexação e, conseqüentemente, na recuperação de informações. Por todas essas razões, muitas coleções, embora valiosas, não estavam disponíveis ao usuário por falta de tratamento técnico adequado de seu acervo.

Os documentos audiovisuais e a diversidade de suportes documentários normalmente encontrados nas bibliotecas de arte

acentuaram ainda mais o problema do acesso às coleções, por exigirem processamento técnico e armazenamento especiais, que dependiam de recursos humanos capacitados e de recursos físicos e materiais que garantissem as condições mínimas de arquivamento das coleções.

Alguns dos serviços de informação encontravam-se estreitamente vinculados às instituições que os abrigavam, estando seu acervo e suas atividades integrados aos projetos dessas instituições. Outros, no entanto, eram organismos totalmente desvinculados dos objetivos das instituições de que faziam parte: seus acervos não eram pertinentes às áreas de interesse dessas instituições, seus serviços não estavam integrados às linhas de trabalho ou às prioridades das mesmas, seus horários de funcionamento eram inadequados e, por essas razões, seu público - quando possuíam público - não era o público que freqüentava outros espaços da instituição, nem pertencia a seu quadro funcional. Com tal configuração, esses serviços constituíam espaços parciais, isolados dentro da instituição, como flores nascidas em terreno baldio. Isto contribuiu para que, dentro da política velada da instituição, fossem geralmente tratados como dispensáveis, supérfluos. Não sendo partes vitais para o funcionamento dessas instituições, eram marginalizados. Daí a precariedade de seus acervos e serviços.

Entre esses dois extremos - a unidade de informação integrada à instituição mantenedora e a unidade de informação isolada - encontrava-se a maioria das bibliotecas e dos serviços de documentação em arte analisados na cidade de São Paulo que, embora tivessem maior ou menor pertinência dentro de suas instituições, não conseguiam, pelas razões mais diversas, o reconhecimento, pela alta administração



daquelas, da importância de seus serviços. Conseqüentemente, não eram situados como setores prioritários dentro da instituição, o que restringia suas ações e influências. Prova disto é o fato de que o bibliotecário raramente fazia parte dos órgãos decisórios dessas instituições, o que lhe permitiria intervir mais diretamente na formulação de diretrizes, na distribuição de verbas e, paralelamente, colaborar em projetos atinentes a outros setores, tornando-se parte verdadeiramente ativa e integrada à instituição.

O diagnóstico também apontou que os bibliotecários de arte não estavam organizados, a exemplo dos de outras áreas ou de outros setores, em grupos de trabalho inter-bibliotecas, destinados à discussão de problemas comuns e à busca de soluções integradas. As bibliotecas trabalhavam de forma muito isolada, o que não é mais viável em função do excesso de informações e documentos em circulação hoje em dia, bem como da carência generalizada de recursos materiais e humanos e da necessidade de racionalização.

Todos esses fatores contribuíam para que, vistos como um todo, os recursos informacionais das bibliotecas e centros de documentação em arte existentes na cidade de São Paulo se encontrassem dispersos e fragmentados, distribuídos, sem muita lógica, em várias instituições. Essa dispersão e a falta de preocupação ou a falta de conhecimento do conjunto dessas coleções certamente acarretaram muitas duplicações e grandes lacunas.

Pela situação acima descrita, pode-se avaliar o caminho que precisava percorrer aquele que buscasse uma informação ou um documento específico. Era um périplo, de biblioteca em biblioteca, que, presumivelmente, possuísse o documento ou a informação. Busca sujeita à não-existência do documento na cidade, ao desconhecimento de sua existência por falta de

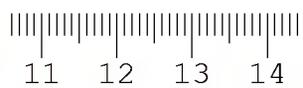
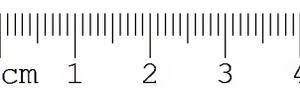
registro ou de divulgação, ou - caso ele existisse - à falta de acesso, pela impossibilidade de empréstimo ou dificuldade de consulta.

Conforme exposto acima, há uma ampla faixa de usuários de documentos atinentes às artes - o estudante, o professor, o pesquisador, o agente cultural, o profissional de cada uma das áreas e outras pessoas interessadas sem formação adstrita à área. Existe, assim, potencialmente, ampla gama de demanda. Entretanto, face ao contexto apresentado, as pessoas se sentiam desestimuladas em proceder às buscas e acabavam se contentando com uma ou outra indicação bibliográfica conseguida por acaso, por freqüência a livrarias ou por sugestão de amigos ou professores - a aleatoriedade alçada à condição de sistema, em suma.

Grande parte da informação existente nas bibliotecas de arte, nos centros de documentação e nos arquivos especializados era subutilizada porque, na prática, estava inacessível a seu usuário. O conceito de informação precisa ser vinculado à sua disponibilidade e acessibilidade, uma vez que, a rigor, só pode ser considerado informação aquilo que cumpre seu objetivo de informar, aquilo que atinge seu público.

A preocupação com a inacessibilidade da informação em arte na cidade de São Paulo levou-nos, em 1988, à proposta de criação de um *Centro de Referência em Arte* que seria alimentado pelas instituições que possuísem acervos documentários disponíveis ao público.

Essa proposta foi a retomada de um projeto anterior, que elaboramos entre 1984 e 1985, a pedido da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, que se denominava *Rede de*



Informação em Arte e cuja coordenação es-
taria no Centro Cultural Três Rios - hoje Ofi-
cinas Culturais Oswald de Andrade. Apesar
de ter sido encomendado e pago, o projeto
não teve qualquer repercussão nem desdobra-
mento.

Durante os três anos que se haviam passado
(entre 1985 e 1988), a situação da informa-
ção na área de arte não se modificou. Esfor-
ços isolados de algumas bibliotecas eram in-
suficientes para transformar o estado de pre-
cariedade da informação e da documentação
na área. Por essa razão, reelaboramos a idéia
da *Rede de Informação em Arte*, então
amadurecida, revista e ampliada, e, em 1988,
apresentada ao Instituto Cultural Itaú (ICI),
que fez dela um de seus mais importantes
programas, denominando-a, erroneamente, a
meu ver, *Centro de Referência Bibliográfica*.

Esse Programa previa a implantação de uma
rede automatizada de informações na área de
arte, a partir do eadastro de documentos exis-
tentes nas bibliotecas cooperantes numa base
de dados central, possibilitando o acesso dos
interessados a quaisquer tipos de documen-
tos referentes às áreas de artes localizados nas
bibliotecas participantes da rede.

Poderiam participar da rede, inicialmente, as
bibliotecas de arte da região metropolitana de
São Paulo, incluindo tanto as bibliotecas e
centros de documentação especializados
como também as coleções de arte de grandes
bibliotecas. Mais tarde, bibliotecas com acer-
vos especializados e localizadas em outras
cidades ou em outros estados poderiam, gra-
dualmente, integrar o programa.

A base de dados comportaria não apenas
registros de documentos impressos (livros,
teses, artigos de periódicos, folhetos, catá-
logos de exposições de arte, programas de tea-

tro, etc.), como também documentos
iconográficos (fotos, ilustrações, gravuras,
postais, *slides*, etc.) disponíveis nas bibliote-
cas participantes.

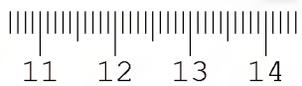
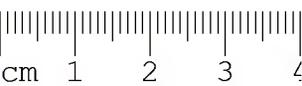
Para o controle da parte temática dos docu-
mentos elaboramos o *Vocabulário Controla-
do de Arte*, trabalho que foi desenvolvido,
no período de 1989 a 1991, por um grupo de
bibliotecários especializados em arte, repre-
sentando as bibliotecas da Escola de Comu-
nicações e Artes e da Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da USP, do Museu
Lasar Segall, do MASP e do próprio ICI, além
da Seção de Arte da Biblioteca Mário de
Andrade.

Tratava-se de uma iniciativa pioneira, numa
área em que, até então, no Brasil, nada havia
sido feito. No entanto, apesar do elevado po-
tencial de inovação do projeto, a experiência
não foi bem sucedida.

3 O QUADRO GERAL, DEIXANDO DE LAO AS EXCEÇÕES

Pudemos observar que não houve grandes
mudanças no quadro analisado em 1985 e em
1988. Em 1995, no entanto, embora, como
um conjunto, ainda não se percebesse grande
evolução nos serviços de informação, isola-
damente, muitas instituições se desenvolve-
ram e estão em condições de prestar um ser-
viço de ponta na área e de liderar esforços
cooperativos, a única saída para um salto qua-
litativo de nossa atuação na área.

As mudanças foram sentidas, principalmente,
no que tem sido chamado de infraestrutura.
Muitas bibliotecas sofreram reformas de es-
paço físico que lhes permitiram melhor abri-
gar seus acervos e seus usuários, tomando-se
espaços agradáveis e funcionais. Ao lado dis-
so, muitas unidades de informação - biblio-



tccas, arquivos, centros de documentação, serviços de documentação museológica – encontram-se hoje informatizadas, ou em processo de informatização, o que hoje é condição essencial para o acesso à informação e aos documentos.

No entanto, há ainda muito o que fazer. Devemos ser exigentes: é preciso ampliar benefícios, tanto em qualidade de acervo, serviços e produtos, quanto em quantidade - aumentando a oferta de informação e de serviços e alargando e diversificando seu público.

Os recursos financeiros são sempre insuficientes; e quase inexistentes, em épocas de crise econômica. Por isso é preciso não dispersar recursos e esforços com projetos inviáveis, inadequados ou inúteis, ou com projetos que, isolados, mesmo que tenham qualidade, nunca poderão cobrir as necessidades informacionais da área, mostrando-se, rigorosamente, ineficazes.

Bibliotecas, arquivos e centros de documentação estão ainda muito distantes do dia-a-dia dos profissionais das artes - à possível exceção dos pesquisadores, historiadores e críticos que, por força da natureza de suas funções, devem incansavelmente buscar informação e descobrir documentos. Grande parte da informação existente nas bibliotecas de arte, nos centros de documentação e nos arquivos especializados é subtilizada porque, na prática, é inacessível a seu usuário. Há resabiada credibilidade nos serviços de informação em arte, em decorrência não apenas de idéias estereotipadas sobre esses serviços, mas também de experiências traumáticas desses usuários na busca de informação, geradas pela demora - ou total impossibilidade - em localizar uma informação ou documento desejado ou pela falta de acesso, resultante de regulamen-

tos arbitrários que, ao invés de regularem o funcionamento dos serviços de consulta e empréstimo, dificultam e, muitas vezes, impossibilitam o uso do material.

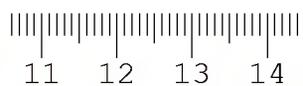
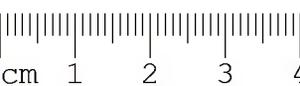
Na verdade, algumas bibliotecas e serviços de documentação ainda estão organizados de forma obsoleta, sem objetivos e funções claramente definidos, e sem um regimento adequado ao novo contexto informacional e às novas demandas. Por esses motivos, aliados à crônica falta de pessoal ou à carência de treinamento do pessoal existente, faltam, de maneira geral, agilidade e dinamismo aos serviços.

4 NOVAS FUNÇÕES, NOVAS FORMAS

4.1 A cooperação

A solução para a situação encontrada na cidade deve ser buscada na definição de uma estratégia global para as bibliotecas e os serviços de documentação da arte que favoreça o surgimento de projetos cooperativos, que possibilitem o aproveitamento compartilhado ou integrado dos recursos, a comunicação informatizada entre os membros dessas redes e a interligação com outros sistemas e redes ou bases de dados externos, acompanhando a tendência internacional de ganhos de escala em termos de trabalho com informação.

Esses projetos cooperativos podem contemplar toda a gama de atividades relacionadas à documentação da arte e sobre arte, a partir da formulação de um programa de ação na área, desenvolvido, inicialmente a partir das cidades que já tenham se organizado minimamente, como São Paulo e Rio de Janeiro, e que cubra atividades que abarquem desde a coleta de dados e documentos, até o tratamento dessas informações, bem como os mecanismos para sua divulgação e seu acesso.



Um programa com tal abrangência não pode envolver, naturalmente, apenas o bibliotecário de arte, mas todos os profissionais que atuam na área de informação de arte e especialistas. Torna-se, pois, necessário desenvolver uma estratégia de comunicação que minimize as barreiras existentes entre os diversos profissionais responsáveis por serviços de informação e por coleções - museólogos, arquivistas, bibliotecários - e os pesquisadores e especialistas.

O sucesso do programa depende, antes de mais nada, da clara definição das funções e formas da documentação da arte. Pressupõe, ainda, um profundo conhecimento de cada unidade de informação, de seu papel e do que representam seu acervo e seus serviços, o que depende de uma prévia definição, pela instituição, quer seja o museu, a escola, ou qualquer outra instituição cultural, de sua missão e de seu raio de atuação, e que, naturalmente, orientará a sua própria política de informação. A força do programa repousa, sobretudo, na existência de uma direção comum e, para tanto, requer que se minimizem as divisões que agrupam as bibliotecas por tipo ou por fonte de recursos, pois, ao agrupá-las, separam-nas.

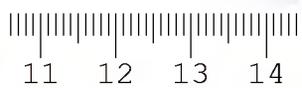
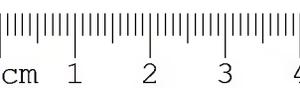
O sistema integrado de informação que aqui propomos não envolveria apenas atividades e serviços em torno do acervo. Incluiria atividades relativas à documentação nas várias áreas de arte que, até o momento, ou não são desenvolvidas, ou são realizadas de forma precária. Serviços ou projetos de informação em arte surgem, na maioria das vezes, sem diagnósticos prévios, desenvolvem-se por algum tempo, são raramente avaliados e, com frequência, sofrem de um mal que já foi apontado por Teixeira Coelho em relação às instituições culturais: não são encerrados. Muitos projetos são apenas abandonados, deixa-

dos à mingua - como verdadeiros planetas mortos, sem destino ou futuro - sem merecer sequer uma avaliação, uma reflexão que resulte na decisão de suspendê-los.

Para integrarem um sistema de informação, as instituições precisariam modernizar-se, o que implica não apenas a instalação de novos equipamentos, mas também a reciclagem de pessoal e a revisão de procedimentos, cortando rotinas desnecessárias, eliminando formulários inadequados e revendo estruturas organizacionais, regimentos, normas e regulamentos anacrônicos ou simplesmente inadequados.

4.2 Recursos humanos

Dentre os aspectos necessários ao desempenho satisfatório dos serviços de informação em arte, na cidade de São Paulo, destacam-se, em primeiro lugar, os recursos humanos. A cidade possui um acervo documental de especial relevância, equipamentos com capacidade para abrigar bases de dados especializadas, infraestrutura para a circulação e a divulgação de informações e público para esses serviços. Dos profissionais se requer conhecimentos especializados e vivência na área de arte e capacidade de estruturar sistemas de informação que estimulem o uso de informações na área e venham ao encontro das necessidades dos diversos públicos dessa informação especializada. Mas as instituições nem sempre estimulam ou dão condições para o desenvolvimento desses profissionais. O quadro encontrado nas diferentes bibliotecas paulistanas revela profissionais competentes, mas tal competência resulta, via de regra, de interesse pessoal e de uma certa familiaridade com a área, aliados a um sério compromisso profissional, e não de educação formal, que, sem dúvida, lhes daria maior segurança no exercício de suas funções, contribuindo para uma atitude pro-ativa em relação ao usuário e à instituição.



4.3 A integração dentro e fora da instituição

Ao lado da necessidade de integração de informação entre instituições afins, há necessidade de sua integração nos vários setores, dentro da mesma instituição, seja ela a universidade, o museu ou qualquer outra instituição cultural.

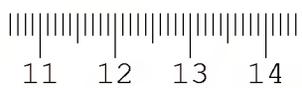
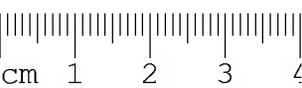
No museu, o trabalho com a informação ainda se desenvolve de forma fragmentada, distribuído em espaços 'especializados', muitas vezes mero eufemismo para a criação de rincões corporativos, dificultando, dessa forma, o livre fluxo da informação e seu acesso tanto pelos profissionais dos museus quanto pelo público. A falta de acesso à informação prejudica a pesquisa e a catalogação do acervo e pode ser responsável pela duplicação de pesquisas ou atividades. A documentação e a pesquisa dentro do museu são, também, prejudicadas pela precariedade de difusão de seus produtos, muitas vezes em decorrência da postura dos profissionais ou das diversas equipes, que preferem desenvolver trabalhos isolados a projetos integrados. Essa precariedade acaba prejudicando o desempenho geral do museu e o atendimento ao público.

O museu, sua biblioteca ou centro de documentação, e seu arquivo devem formar um único sistema de informação, atuando de forma integrada e produtiva, tendo, como finalidade, os próprios objetivos da instituição e, como foco principal, o acervo de arte do museu, seus assuntos e suas linhas de pesquisa. A dinamização das bibliotecas dos museus está, portanto, diretamente relacionada à sua maior integração aos demais setores que produzem e usam informação - documentação, pesquisa, educação e extensão - e à sua capacidade de desenvolver projetos integrados que ampliem o acesso à informação e ao conhecimento produzidos no museu.

A falta de articulação das unidades que produzem, armazenam e consomem informação também ocorre na própria universidade, onde a biblioteca de arte nem sempre cumpre, de maneira eficaz, suas finalidades. A razão básica é a mesma: a falta de integração aos programas de ensino, pesquisa e extensão. Distante dos professores e alheia ao conteúdo das disciplinas ministradas na graduação, na pós-graduação e em cursos de especialização, a biblioteca de arte da universidade acaba sendo subutilizada, malgrado a riqueza de seus acervos e a infraestrutura material de que dispõe. Outrossim, por não estar diretamente envolvida com os projetos de pesquisa e de extensão desenvolvidos na unidade, a biblioteca deixa, também, de se preparar para funções que dela se esperam.

Consumida pelo uso que dela fazem os alunos de graduação, quase sempre em busca da bibliografia básica, ou seja, do mínimo, a biblioteca tem um papel quase administrativo, interferindo muito pouco para o aprimoramento do corpo docente e discente e para o despertar de outros públicos para o estudo, a pesquisa, ou o gosto pela arte. Desta forma, a biblioteca permanece a reboque do ensino e da pesquisa, quando poderia contribuir para melhorar a qualidade dos mesmos.

Uma nova forma de atuação exigiria a aproximação dos bibliotecários aos professores, propondo apoio direto aos cursos e ao trabalho dos alunos por meio de uma exploração maior das fontes de informação em arte. Há um desconhecimento abismal e generalizado das fontes de informação por parte de professores, artistas, pesquisadores e profissionais que militam na área de arte. Por essa razão, o domínio de fontes de informação pelos professores e por alunos de graduação, pós-graduação e especialização, poderia trazer como benefício a melhoria da qualidade dos trabalhos práticos e de pesquisa na área,



provocando, concomitantemente, a incorporação dessa atividade à prática dos futuros profissionais.

Em síntese, em qualquer instituição, a atuação mais eficaz dos serviços de informação está diretamente ligada a um papel mais atuante, comprometido com a vida da instituição, seus projetos, suas linhas de pesquisa e suas atividades.

4.4 A ampliação dos públicos

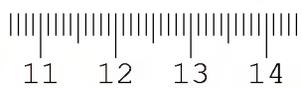
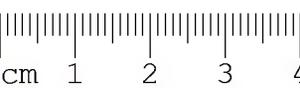
A informação sobre arte deve ser cuidadosamente tratada, mas não se deve destinar apenas a especialistas. Pode-se apresentar tanto com roupagem mais 'sisuda', voltada ao especialista, como sob forma mais 'leve', voltada para o público em geral. Alerta-nos Hannah Arendt que a sociedade de massa não quer cultura, mas lazer e diversão (Arendt, 1979). Será que a biblioteca de arte, ao menos por suas imagens hoje disponíveis tanto em papel quanto em publicações eletrônicas não poderia ser mais atraente ao público em geral? Não poderia ser agradável, divertida, sem que isso a desmerecesse?

Todas as áreas de cultura - o cinema, o teatro, o museu - têm, hoje, a preocupação de formar seus públicos. Não vemos, entretanto, bibliotecas e arquivos de arte investindo em tal política, dispensando-a, como se fossem instituições de valor indiscutível e de uso obrigatório. Não contestamos tal apreciação, mas, quanto a seus benefícios, dependem do uso que delas se faz, uso este ainda muito restrito.

Houve um momento em que a biblioteca pública - particularmente a Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo - interferiu na circulação de informações sobre arte, na formação de público, no desenvolvimento da crítica especializada e no surgimento dos primeiros museus de arte na cidade, e suas

atividades influenciaram a criação e o projeto desenvolvido nos primeiros anos do IDART (hoje, Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo), assim como algumas atividades desenvolvidas pelos museus de arte. Mas, infelizmente, testemunhamos sua paulatina redução, malgrado o esforço heróico de alguns funcionários, a um bom acervo - embora desatualizado e com lacunas - que é certamente subutilizado, pois atende, sobretudo, a estudantes de escolas ou faculdades em que, provavelmente, não há boas bibliotecas.

Na cidade de São Paulo, são as bibliotecas e os arquivos da Universidade de São Paulo que apresentam as melhores condições de organização, difusão e acesso à informação na área de arte. Com a finalidade de dar apoio ao ensino e à pesquisa, bem como a atividades de extensão, são as bibliotecas universitárias que possuem a melhor infraestrutura e as que contam com as maiores facilidades de recursos financeiros, em função de verbas destinadas à pesquisa que, no caso das grandes universidades públicas do Estado, têm reforçado significativamente seus orçamentos, possibilitando melhoria de acervo, mobiliário, equipamento e espaço físico. Essas bibliotecas contam, também, com outras condições favoráveis ao desenvolvimento de um trabalho mais aprofundado: são reconhecidamente indispensáveis ao ensino e à pesquisa, atividades-fim da universidade, e possuem um público relativamente homogêneo, que apresenta necessidades informacionais mais facilmente identificáveis do que o de outras instituições e que geralmente tem uma relação mais prolongada com a instituição, permitindo à biblioteca desenvolver um trabalho mais cuidadoso com a informação especializada, com possibilidade de colaboração direta no ensino e na pesquisa. No entanto, as atividades atualmente realizadas pelas bibliotecas universitárias de arte analisadas têm-



se limitado ao convencional atendimento e processamento da informação 'em massa', deixando de desenvolver projetos ou serviços especializados, indispensáveis à melhoria do ensino e da pesquisa na área, bem como à produção de novos conhecimentos, compatíveis, portanto, com as funções da universidade.

As bibliotecas e serviços de informação em museus de arte merecem especial atenção devido a suas possibilidades de atuação. A cidade possui mais de dez museus de arte, que geralmente contam com biblioteca ou serviço de documentação que, se bem explorados, podem ser instrumentos importantes na educação estética e na pesquisa sobre arte. A riqueza de sua atuação decorre da diversidade de suas coleções e de seus usuários, e, principalmente, de sua possibilidade de integração a outras atividades de informação e documentação dentro do museu, bem como a serviços de informação de outras instituições. Na realidade, a biblioteca, o arquivo e o setor de catalogação e documentação do acervo ainda são espaços muito pouco explorados e, geralmente, não são áreas prioritárias dentro de nossos museus de arte. Essa 'pouca importância' atribuída a essas áreas é, geralmente, reforçada pelo reduzido número de usuários que as freqüentam. Há exceções: no Museu Lasar Segall, por exemplo, a biblioteca registra elevada freqüência de usuários e é objeto de atenção especial, capaz de transformá-la em um dos setores prioritários da instituição (é prioritário porque tem muitos usuários, ou tem usuários porque é prioritário e apresenta acervo atualizado, funcionários competentes e horário de atendimento adequado?).

O público da informação em arte é muito amplo e diversificado. É preciso desenvolvermos estudos que ajudem a definir a importância da biblioteca e dos centros de do-

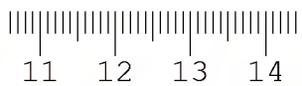
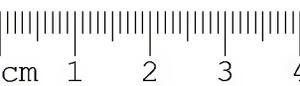
cumentação em sua atividade profissional, identificar bibliotecas/centros de documentação de maior significado, identificar suas fontes de informação; saber, enfim, como trabalham e em que medida usam os serviços de informação estruturados e as novas tecnologias, além de colher sugestões sobre a questão da documentação da arte e sobre o papel que devem desempenhar as bibliotecas e os serviços de informação da arte hoje, em nosso meio. É preciso investigar se este público está chegando à informação pelos serviços de informação institucionais e, caso contrário, investigar as razões pelas quais isto não está acontecendo.

Devemos nos ocupar também do "não-público", o usuário em potencial da documentação artística, priorizando-se, aqui, os profissionais da área que não freqüentam serviços de informação.

Entretanto não podemos deixar de lado o público não especializado - o estudante, o professor, o pesquisador, o agente cultural ou qualquer pessoa interessada nas várias modalidades de arte - que também constitui uma faixa considerável da demanda potencial.

Ampliar o público da informação sobre arte é também uma maneira de formar novos públicos para as artes, favorecendo a compreensão da arte, estimulando a criação, a atividade artística e a pesquisa na área, e fornecendo elementos para a apreciação artística.

Formar o apreciador de arte é, justamente, dar elementos para que o indivíduo possa se apropriar dos bens culturais, numa tentativa de combater a privação imposta pela instrução deficiente e pela origem social. Essa apropriação se inicia pelo domínio do código. E isso se pode aprender. Esse conhecimento implica a formação de um patrimônio cognitivo, de uma competência artística, que



complementa a recepção puramente estética, “potencializando a fruição ao abrir, para o receptor, diferentes caminhos de aproximação à obra de arte” (Coelho Netto, 1997:95). A competência artística, de acordo com o *Dicionário Crítico de Política Cultural*, é constituída por informações sobre elementos estilísticos, históricos, biográficos e outros que possibilitam a determinado indivíduo ou grupo “identificar uma obra no interior do universo artístico em que se encaixa” (Id., *ibid.* loc. cit.). A informação artística tem, portanto, um papel a desempenhar no desenvolvimento da competência artística dos indivíduos e na formação de público para as artes. Desta forma, nesse espaço devem atuar, dentre outras, as instituições que cuidam da informação e da documentação da arte.

4.5 As novas tecnologias

Embora a maior parte do público especializado ainda não tenha incorporado a seu cotidiano o uso de CD-ROM ou de publicações eletrônicas, utilizando a Internet principalmente para correio eletrônico, é inegável que as novas tecnologias são responsáveis pela multiplicação de fontes de informação colocadas à disposição dos interessados, quer sejam usuários especializados ou não, e que, em futuro próximo, fatalmente delas lançarão mão.

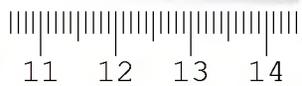
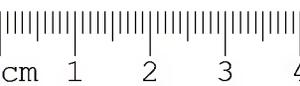
As novas tecnologias, cada vez mais acessíveis às bibliotecas e serviços de documentação, têm-se mostrado instrumentos fundamentais para registro e difusão de texto e imagem de arte e sobre arte, atividades que tiveram, recentemente, enorme avanço, devido às possibilidades oferecidas pela digitalização. Nos últimos cinco anos, particularmente, tivemos ocasião de acompanhar a gradual incorporação das novas tecnologias pelas bibliotecas, arquivos e museus, onde têm sido utilizadas tanto como suporte de informação em texto ou imagem (documentos eletrônicos), quanto como ferramenta para

armazenamento e recuperação de informação (bancos de dados).

A maioria das bases de dados que se desenvolvem em nossas bibliotecas e museus ainda constituem iniciativas isoladas que precisam ser analisadas, discutidas e avaliadas no contexto informacional da área, levando em conta o uso que dela fazem os especialistas, bem como suas perspectivas futuras. Por falta de políticas de informação nas instituições, as redes informatizadas ainda não estão sendo aproveitadas para a integração dos diversos sistemas de informação tanto da instituição quanto de fora.

De outra parte, a imagem digitalizada ainda não substituiu o *slide* em nossos cursos de história da arte, muito embora projetos de digitalização de imagens estejam se desenvolvendo em vários museus, galerias e bibliotecas, bem como em instituições de ensino e pesquisa. Os bancos de imagens, embora representem uma solução apropriada à demanda de imagens, ainda apresentam alguns fatores técnicos, jurídicos e organizacionais que impedem seu desenvolvimento em larga escala. O primeiro deles diz respeito à falta de padrões técnicos para o processamento e o acesso a essas imagens, de forma a garantir a qualidade das mesmas e possibilitar o intercâmbio de informações. A tecnologia em constante mudança e os altos custos envolvidos em todo o processo também são obstáculos ao desenvolvimento das bases de imagens eletrônicas. Somam-se a esses fatores questões relativas a direitos autorais, que começam a ser discutidas, mas não estão claramente resolvidas em nosso meio.

Embora seja raro encontrar resistência do pessoal das bibliotecas e dos museus de arte à utilização das novas tecnologias, ainda não se encontram recursos humanos



suficientemente preparados para enfrentar esse desafio. Por essa razão, e também pela crônica falta de recursos, na área de cultura, a passagem para essas novas tecnologias é bem mais lenta que em outras áreas do conhecimento, como as de ciência e tecnologia. Por isso, da mesma forma que convivem, nas bibliotecas e arquivos, documentos que se apresentam em vários formatos, convivem também catálogos em fichas, às vezes até escritas à mão, geralmente repertoriando o material retrospectivo, e bases automatizadas, com o material mais recente.

Para solucionar o desafio de possibilitar o acesso informatizado à informação hoje disponível há alguns pré-requisitos que devem ser alcançados. Em primeiro lugar, a obediência a formatos internacionais de comunicação que garantam a convivialidade das grandes bases de dados informatizadas, para que não corram o risco de ficarem isoladas das redes de comunicação ou de ficarem congeladas, sem possibilidade de conversão automática para outros sistemas. Em segundo lugar, a normalização dos dados a serem inseridos nas bases automatizadas.

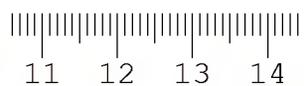
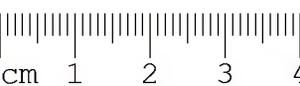
As novas tecnologias permitem a formação de acervos virtuais sobre arte que não podem ser estruturados como uma duplicação do museu, do arquivo ou da biblioteca; devem ter objetivos claramente definidos e, em consonância com esses objetivos, devem fazer escolhas, com base em critérios de valor. Por outro lado, as bases de dados informatizadas precisam aproveitar ao máximo sua capacidade de armazenamento e de estabelecer relações, possibilitando, na esfera do virtual, o processo do 'ordenar para desordenar'¹, que permite ao usuário defrontar-se com a diver-

sidade de idéias e interpretações, muitas vezes contraditórias. Esse contato com os múltiplos olhares da arte, que podem estar presentes - sob a forma de textos ou imagens digitalizadas - na base de dados, será profundamente enriquecedor, pois ampliará as possibilidades de leitura de cada obra de arte e de cada artista e favorecerá a compreensão geral da história da arte.

Há um certo entusiasmo por parte de administradores de instituições culturais e de profissionais da informação em relação ao potencial das novas tecnologias, sobretudo no que concerne às possibilidades oferecidas pela *Internet* e pela digitalização de textos e imagens. A esse entusiasmo, entretanto, nem sempre corresponde o necessário preparo dos profissionais envolvidos com essas novas tecnologias, seja em relação à questão da padronização, seja às implicações técnicas e jurídicas da digitalização e distribuição eletrônica de textos e imagens. Em muitos casos, registra-se total ausência de planejamento e, em outros, a falta de planejamento participativo, que poderia minimizar o risco de canalizar um grande investimento sem a probabilidade do esperado retorno em benefícios para a instituição e seu público. O entusiasmo em relação às novas tecnologias deve, após o arrefecimento da inicial euforia, ser administrado com a devida cautela, pois o sucesso de um sistema de informação está na dependência de decisões bem planejadas, de recursos humanos preparados e da criação de ambientes organizacionais favoráveis.

O planejamento e o efetivo gerenciamento da informação precedem o uso das novas tecnologias, de forma a incorporá-las, produtivamente, ao cotidiano dessas instituições, para que funcionem como ferramentas para enfrentar desafios, resolver pro-

¹ Idéia proposta por Luís Milanesi para as bibliotecas públicas (Milanesi, 1986)



blemas e cumprir metas da instituição, ou, com horizontes mais modestos, para ampliar o acesso à informação produzida por meios tradicionais ou eletrônicos ou conectar sistemas de informação em todo o mundo. O planejamento envolve definição de prioridades, justificativas bem fundamentadas, avaliações de custo-benefício, estudos do impacto das novas tecnologias no público e nos demais serviços de informação oferecidos, além de projetos técnicos, elaborados em conjunto, contemplando as várias facetas da informação que é produzida e circula na instituição, e fornecendo dados objetivos acerca dos resultados esperados.

4.6 A produção de fontes de informação

Ao mesmo tempo em que dispõem, ainda que virtualmente, de recursos ilimitados de informação, proporcionados pelo acesso à *Internet*, as bibliotecas e serviços de documentação em arte não contam, no que diz respeito à arte brasileira, com fontes de referência básica atualizadas, como dicionários, enciclopédias, bibliografias, índices e *abstracts*, que lhes permitam um acompanhamento da área, tanto sob o ponto de vista histórico e teórico, quanto sob o ponto de vista das práticas desenvolvidas. Há pouquíssimos catálogos *raisonnés* publicados e muitas das teses produzidas nas universidades não chegam ao público especializado que não tenha vínculos com essas instituições. Tais lacunas dificultam sobremaneira o trabalho do pesquisador, em prejuízo da pesquisa, particularmente na área de arte contemporânea.

As atividades voltadas ao controle da informação na área constituem iniciativas isoladas, que, embora relevantes, ganhariam maior visibilidade se estabelecessem algum tipo de vínculo umas com as outras, para se obter, no

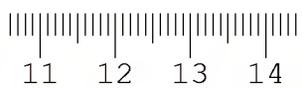
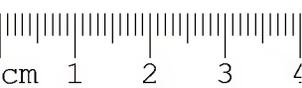
conjunto, uma rede de informação representativa da arte brasileira.

No panorama da arte brasileira, especialmente da arte contemporânea brasileira, esses serviços de informação têm um papel relevante a desempenhar, à medida que podem ser responsáveis pelos únicos registros a respeito de determinados artistas, cineastas, ou outros profissionais que a sociedade, por descuido ou por pressão do mercado, muitas vezes marginaliza.

4.7 O que guardar?

É preciso guardar todos os documentos produzidos sobre a arte e os artistas brasileiros, em primeiro lugar, porque existe muito pouca informação publicada sobre o assunto e, em segundo lugar, porque qualquer seleção, ainda que feita por especialista competente, subjetivamente impõe um viés às coleções, o que pode significar prejuízo à história da arte. O acervo deve estar disponível de forma a possibilitar novas interpretações ao longo do tempo, decorrentes de novas teorias ou de novas articulações que acarretem novas leituras, não apenas da obra de arte em si, mas também da documentação textual que a concerne.

Guardar tudo não significa que todos devam guardar tudo, mas pressupõe uma distribuição dos documentos estocados e uma ampliação do acesso a esses documentos e à informação disponível sobre eles. Nesse sentido, uma das ações prioritárias das bibliotecas, arquivos e centros de documentação consiste no planejamento unificado do desenvolvimento, tratamento e divulgação do acervo bibliográfico e documental, que, num primeiro momento, poderia ser iniciado a partir de planejamentos setoriais. Gradualmente, as diversas categorias de bibliotecas, arquivos e centros de docu-



mentação teriam revisto e racionalizado seu acervo, de modo a proporcionar, no conjunto, uma coleção representativa da produção bibliográfica na área, evitando tanto duplicações quanto lacunas, como hoje existem nas bibliotecas de arte da cidade de São Paulo.

Esse projeto obviamente encontrará barreiras, seja de ordem burocrática, seja política. Trata-se, portanto, de um projeto de médio a longo prazo e que exige um trabalho cuidadoso e competente, pois deve levar em conta não apenas o uso de determinada coleção, mas, sobretudo, sua relevância dentro da área. Deve envolver um grupo de diferentes profissionais de cada instituição e usuários, e ainda, se possível, alguns nomes de intelectuais de projeção, que favoreçam sua implementação.

A racionalização das coleções das bibliotecas, centros de documentação e arquivos de arte de São Paulo exigirá um novo comportamento de seus administradores, que, na sua atividade de seleção de material para o acervo, não levarão em conta apenas a sua instituição isoladamente, mas todos os recursos que a cidade lhes coloca à disposição. A valiosa contrapartida é a responsabilidade que passa a existir em relação às demais instituições e aos demais usuários, já que algumas coleções poderão ser únicas na cidade.

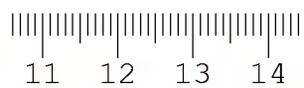
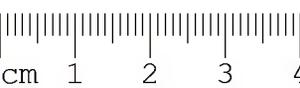
Em relação às monografias - particularmente livros, teses e catálogos de exposições de arte - deve-se procurar garantir a representatividade das coleções. Isso pressupõe a definição das áreas de assuntos a serem cobertos, como já vimos, em coerência, no caso dos museus, com sua coleção de arte e com suas linhas de pesquisa, e, no caso das universidades, guardando pertinência com os cursos ministrados e com as linhas de pesquisa da unidade. Também deve ser definido

o nível de tratamento desejado para esses assuntos, o que determinará o grau de especialização da referida biblioteca. Esse trabalho exigirá a formação de um catálogo coletivo das coleções, que poderá ser desenvolvido por área e que, ao final, permitirá uma visão completa dos acervos. Tal catálogo mostrará claramente os pontos fortes e fracos das coleções e fornecerá subsídios para a definição de políticas de desenvolvimento de acervos bibliográficos inseridas no contexto informacional existente.

Para que essa proposta seja eficaz, faz-se necessária, em primeiro lugar, uma grande mudança no comportamento dos bibliotecários e demais profissionais da informação, que passarão a ter uma visão mais ampla dos recursos informacionais disponíveis. A partir da incorporação da idéia por esses profissionais, há necessidade de conscientizar os responsáveis pelas instituições, bem como seus usuários, em relação às vantagens que essa política pode trazer, levando-se em conta, principalmente, os custos relativos à formação e ao desenvolvimento de coleções, bem como ao tratamento e preservação das mesmas.

4.8 O tratamento da informação: a importância da padronização

Grande parte das coleções bibliográficas e documentais da cidade de São Paulo não está organizada, o que, na prática, significa que essas coleções não estão disponíveis. O atraso crônico no processamento técnico dos acervos bibliográficos e documentais influencia, naturalmente, o nível de qualidade dos serviços ao usuário e colabora para reforçar a imagem negativa da biblioteca, do arquivo ou dos serviços de documentação - freqüentemente identificados como morosos, ineficientes e improdutivos. A indexação de periódicos brasileiros



é praticamente inexistente: no Brasil, não há serviços comerciais com essa finalidade; por outro lado, os serviços de índices e *abstracts* estrangeiros raramente indexam revistas brasileiras e, para agravar a situação, as bibliotecas não assumem essa atividade de forma sistemática. Como resultado, verifica-se uma enorme perda de informação contemporânea produzida em nosso país.

A questão do tratamento dos acervos bibliográficos e audiovisuais das bibliotecas e centros de documentação pode ser minimizada por um trabalho cooperativo, que, no entanto, só será viável se houver padronização de procedimentos na catalogação de documentos, tanto sob o aspecto de sua representação descritiva, quanto temática.

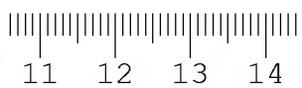
Os problemas relativos à padronização dos formatos e à normalização dos dados são mais acentuados nos museus do que nas bibliotecas onde, pelo menos para as questões da representação descritiva do documento, já se adotam, há anos, padrões internacionais amplamente aceitos. Diferentemente do museu, a biblioteca não trabalha com objetos únicos, o que estimula a catalogação cooperativa, para a qual a padronização é um imperativo.

A falta de padronização no processamento técnico dos acervos, que ainda encontramos em algumas bibliotecas, museus e arquivos de arte em São Paulo, é um sério obstáculo a qualquer trabalho conjunto. Portanto, qualquer iniciativa de trabalho cooperativo deve ser fundamentada em metodologia aceita, por consenso, pelas instituições ou pelas diferentes áreas dentro da mesma instituição. Essa questão, que já é de difícil solução quando se trata de uma base de dados isolada, torna-se ainda mais complexa quando estão em jogo bases compartilhadas ou bases de dados nacionais. No entanto, sua solução é fundamen-

tal, pois todo sistema de informação deve ser concebido com a perspectiva de ser colocado futuramente em rede.

Dentre os instrumentos necessários a um trabalho de qualidade, ressalta-se o vocabulário controlado, cuja função é garantir parâmetros para a escolha dos descritores. O *Vocabulário Controlado de Arte*, mencionado acima, embora seja o único de que se dispõe, hoje, em língua portuguesa, infelizmente, não sofreu nenhuma revisão. Não apenas novos termos devem ser acrescentados e antigos termos revistos, como também o trabalho merece uma revisão completa, estrutural. Essa reestruturação faz-se necessária para dar maior coerência e fundamentação teórica ao trabalho e para adaptá-lo para sua utilização em sistemas informatizados, pois, hoje em dia, praticamente todas as unidades de informação dispõem de um microcomputador. No entanto, a qualidade da representação temática dos documentos não depende apenas de bons instrumentos de trabalho, mas também do preparo do profissional. Se este não souber captar o assunto, ou assuntos, de que trata o documento, obviamente não lhe poderá atribuir nenhum descritor.

Se os sistemas existentes ainda deixam a desejar em relação à qualidade dos registros bibliográficos - tanto em relação à catalogação descritiva, quanto temática - o uso cooperativo desses dados não pode se dar pelo aproveitamento acrítico dos registros disponíveis. As unidades de informação devem-se valer da experiência e dos produtos já colocados à disposição pelas bibliotecas universitárias, particularmente das três universidades paulistas, cujos acervos podem ser acessados em *CD-ROM* ou *online*, mas esse aproveitamento pressupõe avaliação prévia da situação da informação sobre arte nesses sistemas, de forma a não se transplantarem erros e, conseqüentemente, os perpetuarem.



Assim, uma vez definidas as questões relativas à normalização, que são um imperativo tanto do trabalho cooperativo quanto da informatização, finalmente, caberia definir um *modus faciendi* que garantisse o processamento de cada obra apenas uma vez, evitando a duplicação de recursos para os mesmos fins.

5 PARÂMETROS PARA UM TRABALHO COOPERATIVO

O desenvolvimento de um trabalho integrado de documentação da arte na cidade, bem como a estruturação de bases de dados que gerem fontes de informação mais dinâmicas na área e garantam sua divulgação e uso pelos mais diversos públicos, são fundamentais para o gradual amadurecimento da pesquisa na área, que, insistentemente, recomeça da estaca zero. O resultado de tais esforços contribuiria para a maior circulação de informação sobre a arte brasileira, tanto em nosso país, como no exterior, facilitando a abertura de espaço para nomes ainda não consagrados, que, muitas vezes, não encontram espaço para mostrarem seu trabalho. Publicam-se livros e catálogos apenas de e sobre os profissionais consagrados, ocorrendo o mesmo com a grande imprensa, e os novos ficam marginalizados, pela ausência de informação sobre eles.

As soluções para a questão da informação na área de arte devem estar voltadas, antes de mais nada, para projetos institucionais que priorizem formas de gerenciamento integrado da informação que, ao mesmo tempo, contemplem as prioridades da instituição e as necessidades da área, no âmbito da cidade, evitando a dispersão de recursos, a fragmentação de acervos e a duplicação de serviços, promovendo, concomitantemente, a circulação e a ampla di-

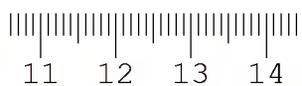
vulgação da informação sobre arte, particularmente sobre arte brasileira.

Para tanto, o primeiro passo seria a formação de um grupo interdisciplinar de profissionais patentemente interessados e que estejam atuando em unidades de informação, escolas e museus de arte e que possam definir uma política de atuação que contemple desde a produção da informação sobre arte até sua circulação e uso, bem como definir prioridades para um programa integrado e elaborar um plano estratégico que oriente a implantação desse programa, que seria algo como uma matriz de projetos. Esse plano estratégico definiria os resultados a serem alcançados, as funções e competências de cada projeto participante, os prazos e os recursos disponíveis e necessários.

O sucesso desse trabalho dependerá da clareza da missão e dos objetivos das instituições participantes, bem como da disposição dos profissionais em desenvolver um trabalho sem restrições pessoais ou corporativas, que representariam uma insuperável barreira num projeto de tal envergadura.

Dentre as atribuições básicas desse grupo, podemos destacar:

- 1 definir políticas para os serviços de informação em arte;
- 2 coordenar políticas de desenvolvimento de coleções, estabelecendo formas de controle dos assuntos não representados e dos super-representados;
- 3 desenvolver cooperação regional entre os serviços de informação em arte de São Paulo e entre estes e as demais instituições na área do país, a partir das seguintes evidências:
 - nenhuma coleção é completa ou auto-suficiente, não podendo, assim, satisfazer a todas as demandas de documentos e informações;



- nenhuma coleção é plenamente explorada;
- 4 facilitar o acesso aos documentos, com políticas de empréstimo e consulta generosas, lembrando que a necessidade de preservação freqüentemente é brandida como razão de ser de políticas restritivas de uso do material;
- 5 garantir o acesso às novas tecnologias por parte do público de todos os serviços de informação;
- 6 desenvolver a capacidade de recuperação, transmissão e disseminação da informação visual;
- 7 incentivar a doação às bibliotecas e arquivos de arte da cidade de bibliotecas e arquivos pessoais e privados;
- 8 desenvolver, em colaboração, a cobertura corrente da literatura sobre arte publicada no Brasil e formar bases de dados que possam ser disseminadas;
- 9 aprimorar o tratamento de catálogos de exposições de arte e procurar cobrir o maior número possível deles por meio de um trabalho cooperativo;
- 10 estabelecer um projeto comum de inventário da produção artística paulistana;
- 11 desenvolver programas de treinamento integrados voltados aos profissionais que atuam em serviços de informação em arte na cidade.
- 12 buscar formas de estreitar relações com os usuários desses serviços;
- 13 desenvolver programas que permitam o uso das fontes de informação por parte dos usuários;
- 14 desenvolver programas de divulgação mais agressivos que tornem visíveis os produtos e serviços de informação da cidade.

A reestruturação das unidades de informação, de forma que elas possam funcionar como um sistema, ainda que composto de

unidades administrativamente independentes, traria como conseqüência a organização da informação na área e sua maior acessibilidade, favorecendo o atendimento a uma demanda que também será ampliada em função da disponibilidade da informação organizada e de sua maior divulgação e circulação.

A subutilização encontrada em todos os tipos de unidades de informação estudados reforça o descaso das autoridades e contribui para a inércia geral. Se não houver interação e projetos cooperativos que acrescentem à informação oferecida por esses serviços especializados um componente diferencial, esses serviços serão condenados ao esquecimento.

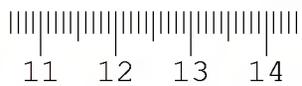
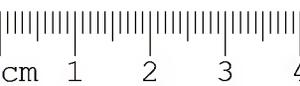
Abstract: *Evaluates art information services in the city of São Paulo, Brazil, including libraries, archives, museums and cultural centres. Discusses theoretical, technical and organisational aspects relevant to those who work with art information systems in Brazil. Proposes a 're-architecture' of the existing services in a collaborative way in order to avoid information dispersion, providing a better use of the available resources; quality and better services.*

Key-words: *Art Information Services, São Paulo, Brazil. Libraries. Archives. Museums. Cultural Centers. Cooperation.*

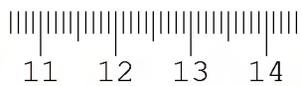
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de, 1998, **Por uma rearquitetura dos serviços de informação em arte na cidade de São Paulo**. São Paulo, 1998. Tese (dout.) – Escola de Comunicações e Artes, USP.

ARENDDT, Hannah, 1979, *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva. A crise da cultura p.117-19.



- COELHO NETTO, José Teixeira, 1997, **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras.
- _____. 1986. **Usos da cultura: políticas de ação cultural**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- ELGAARD, Berit, 1993, Museum librarian: everyone's partner. **Museum International**, v.45, n.4, p.48-51..
- FORD, Simon, 1993. The disorder of things: the post-modern art library. **Art Libraries Journal**, v.18, n.3, p.10-23.
- MILANESI, Luís, 1986, **Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas**. São Paulo: Brasiliense.
- VAN DER WATEREN, Jan Floris, 1988, Achieving the link between art object and documentation: experiences in the British Architectural Library. **Library Trends**, v.7, n.2, p.243-51, Fall.
- VIAUX, Jacqueline, 1993,. Le métier de bibliothécaire dans une bibliothèque d'art. **Art Library Journal**, v.18, n.3, p.4-9.



BIBLIOTECA INTERATIVA: CONSTRUÇÃO DE NOVAS RELAÇÕES ENTRE BIBLIOTECA E EDUCAÇÃO*

Regina Keiko Obata**

Resumo: *Biblioteca Interativa como nova concepção de serviço de informação em ambiente educativo. Noções de conservação e difusão são apresentadas como paradigmas das concepções tradicionais da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Discute a relação biblioteca e escola. Alia-se ao processo de concepção, formas de laboratório para chegar-se à construção de uma pioneira Biblioteca Escolar Interativa na EMEF "Prof. Roberto Mange" na periferia de São Paulo.*

Palavras-Chave: *Serviços de Informação Educativos. Biblioteca Interativa. Bibliotecas Escolares São Paulo, Brasil.*

há bibliotecas nas escolas. Quando elas existem, funcionam precariamente. Com isso, crianças e jovens, alunos do ensino fundamental e médio, acorrem às bibliotecas públicas que oferecem produtos e serviços informacionais nem sempre adequados às suas necessidades particulares.

Para reverter essa situação, é necessário buscar novas concepções que ultrapassem os paradigmas tradicionais de *conservação* e *difusão*, e que sejam norteadores das teorias e das práticas da Biblioteconomia e Ciência da Informação, visando a construção de referências para os serviços de informação, agora com função educativa.

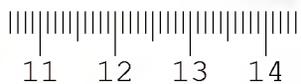
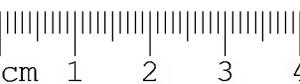
1 INTRODUÇÃO

No Brasil, é lento o desenvolvimento de bibliotecas ou serviços de informação em ambientes educativos. Salvo raras exceções, não

O presente trabalho introduz o conceito de *Biblioteca Interativa*, enquanto um novo serviço de informação em ambientes educativos e que vem sendo construído a partir das pesquisas desenvolvidas no PROESI/CBD/ECA/USP, desde 1993.

* Artigo baseado na tese de doutoramento intitulada *Biblioteca Interativa: concepção e construção de um serviço de informação em ambiente escolar*, defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Neusa Dias de Macedo, em 3/11/98. Pesquisa desenvolvida no PROESI – Programa Serviços de Informação em Educação, do Depto. de Biblioteconomia e Documentação, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, coordenado pelo Prof. Dr. Edmir Perrotti, e financiada pelo programa "Melhoria do Ensino" da FAPESP. Com a colaboração da FAU/USP.

** Professora Doutora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP. Coordenadora do Laboratório Biblioteca Escolar Interativa da EMEF "Prof. Roberto Mange", do PROESI/CBD/ECA/USP.



2 BIBLIOTECA DE CONSERVAÇÃO, BIBLIOTECA DE DIFUSÃO

Os paradigmas da *conservação* e da *difusão* têm orientado as concepções de biblioteca, mareadas por uma logicidade própria de cada tempo e espaço. Um retrospecto é necessário neste particular.

Há concepções baseadas na idéia de que o domínio da leitura e da escrita e ainda o acesso à biblioteca são restritos a determinados segmentos da sociedade que detêm o poder político, religioso ou técnico-acadêmico. A descrição de Umberto Eco ilustra bem essa concepção (Eco, 1983:53-4): a biblioteca do mosteiro apresenta-se como um complexo sistema de organização e classificação dos livros que se confunde com a sua própria estrutura arquitetônica. As linguagens constroem representações concretas e simbólicas do silêncio e da escuridão, da reserva do saber que deve se manter intacto, a salvo de todos; de um lugar onde se depositam livros para não se ler e para se preservar. Esse é um retrato da concepção de biblioteca sob o paradigma da *conservação*.

Já as bibliotecas constituídas a partir do paradigma da *difusão*, apresentam três condições que inexistiam no paradigma da conservação:

- a) reprodutibilidade em grande escala dos materiais impressos, a partir da invenção da imprensa;
- b) inclusão da leitura e da escrita e também da biblioteca nas políticas públicas;
- c) ampliação do domínio da competência técnica para as atividades da biblioteca,

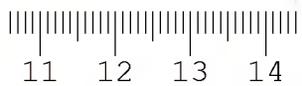
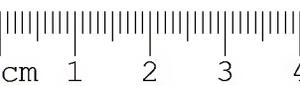
além do desenvolvimento de estudos e práticas biblioteconômicos.

Após a invenção da imprensa por Gutenberg, em 1450, dá-se início à mudança paulatina da biblioteca enquanto espaço de *conservação* para a biblioteca de *difusão* da informação e cultura. Têm origem na Revolução Francesa e na Revolução Industrial, fatos que determinam grandes transformações nos finais do século XVIII. O desenvolvimento da tecnologia e de equipamentos voltados para a produção industrial resulta no surgimento da classe média e da classe operária numa sociedade liberal. Esse segmento social em rápida ascensão precisa de capacitação técnica para as novas funções do mercado de trabalho e exige acesso à educação. Para responder a essas exigências, impõe-se a necessidade de se estabelecer políticas públicas para a educação e para a leitura, bem como para a própria biblioteca pública (Chartier, Hebrard, 1995:120-21). Esse movimento ocorre praticamente em todas as regiões do mundo.

Passa a vigorar a idéia de que as bibliotecas existem para o público e a conservação só faz sentido em função da preservação para o uso. O bibliotecário não pode mais ser aquele erudito guardião das bibliotecas medievais; deve colocar o conhecimento à disposição do leitor de forma eficaz e no menor tempo possível. A leitura pública¹ da sociedade liberal dos finais do século XVIII associa a biblioteca à democracia (Chartier, Hebrard, 1995:150-52).

Novas diretrizes foram estabelecidas na Europa, em 1890, por Paul Otlet e Henri La

¹ Para Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard, leitura pública refere-se não só à intervenção do Estado para prover o acesso da população à leitura, mas também à gestão dos acervos de livros e documentos, ou seja, a constituição de bibliotecas públicas; designa também determinada prática de leitura que pressupõe mecanismos como o livre acesso às estantes das bibliotecas, acervos amplos, variedade de meios e atualização rápida do acervo (Chartier, Hébrard, 1995, p. 116).



Fontaine, com o objetivo de buscar mecanismos para capturar, registrar e difundir as informações científicas. A partir de 1950, a noção de *difusão* passa a ser incorporada à de *disseminação*. Esta noção fundamenta as novas concepções que introduzem o conceito *Sistema de Recuperação da Informação (SRI)*, no qual a *recuperação* tem como finalidade, a *disseminação da informação* (Lancaster, 1979, 1993; Lancaster, Fayen, 1973; Vickery, 1965, 1970).

Cabe salientar que parte das bibliotecas atuais guardam um resquício daquele labirinto descrito por Eco. Estudos e práticas da Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação ora consideram essa questão superada, ora referem-se a ela de forma superficial, em lamentações acerca do mau funcionamento das bibliotecas em determinados setores.

3 RELAÇÃO BIBLIOTECA/ESCOLA

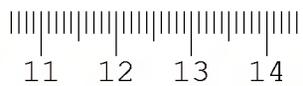
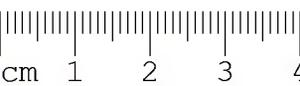
Se existe uma inadequação dos serviços de informação em determinados setores da sociedade, no setor da educação isso fica mais evidente. Os estudos, relatos e avaliação de práticas realizadas em instituições como bibliotecas públicas infanto-juvenis e bibliotecas escolares mostram a preocupação com a questão (Abdel-Motey, 1990; Cohn, Olsson, 1968; Cunha, 1981; Fasick, 1978; Fitzgibbons, 1983; Herring, 1994; Library Association, 1991; Macedo, Siqueira, 1987; Robine, 1991; Rovenger, 1987). Assim como ocorre na prática, a maioria desses trabalhos considera a biblioteca como um instrumento de apoio didático ou de promoção de leitura e entretenimento. Observa-se que a criança e o jovem — público-alvo das bibliotecas assinaladas — têm sido vistos como “usuários” de estoques de conhecimento, geralmente do conhecimen-

to consolidado, registrado em suportes tradicionais como os livros. A sua própria história e a sua experiência não são reconhecidas, assim como não se considera que sejam indivíduos capazes de construir sua própria expressão.

Deve-se ainda levar em conta que as sociedades contemporâneas estão marcadas pela diversidade cultural cada vez mais presente e, muitas vezes, de forma perturbadora. Essa característica interfere nas instituições de informação e tem sido objeto de estudos na área (Champion, 1993; Day, Dosa, Jorgensen, 1995; Milward, 1994; Roehman, 1993; Smit, 1993). No entanto, esses estudos têm sido desenvolvidos em sociedades multiculturais que se caracterizam pela justaposição de diferentes culturas. Já no Brasil, a diversidade cultural faz parte da própria constituição da sociedade brasileira. Somos uma sociedade mista, na qual culturas distintas não se justapõem, mas interagem, criando uma nova cultura, uma cultura mestiça (Ribeiro, 1995:130, 242-43).

Mesmo que, em alguns casos, essas questões sejam consideradas em algumas pesquisas, ou em determinados segmentos responsáveis pelas políticas ou pelas práticas de serviços de informação, quase sempre, as ações não ultrapassam o patamar do discurso. Além disso, dificuldades de ordem técnica ou administrativo-burocrática impedem o desenvolvimento de sistemas de informação adequados para crianças e jovens, numa sociedade contemporânea, como a brasileira. O que se verifica é uma incompatibilidade entre os serviços de informação e a natureza educativa da relação da criança com a informação e cultura.

Admitimos que ambientes de informação com caráter educativo, nessa sociedade globalizante em que o conhecimento é multidimensional, exige a busca de concep-



ções inovadoras de serviços de informação que permita o estabelecimento de relações de interação do sujeito com o universo cultural e informacional da comunidade/sociedade à qual ele pertence. Acreditamos ainda que esse sujeito deve ser não somente um receptor de cultura e informação, mas que seja capaz de produzir e exercer a sua própria expressão baseado na harmonização entre a identidade individual e a diversidade cultural das sociedades contemporâneas.

Para nós, a noção de uso da informação tem caráter educativo vinculado à construção de mecanismos de sociabilidade do indivíduo submetido a um processo de privatização das relações sociais do mundo moderno que se caracteriza como um processo de *confinamento cultural* conforme proposto por Perrotti (Perrotti, 1990). A biblioteca e a escola são instituições participantes desse processo, mas o trânsito entre elas é praticamente inexistente.

Constata-se que as bibliotecas não oferecem serviços de informação que sejam capazes de transformá-las em instrumentos indissociáveis do processo educacional. A escola, por sua vez, tem ignorado a biblioteca no seu projeto pedagógico e educativo, não considerando que a biblioteca tenha uma natureza educativa. Este estranhamento entre as duas instituições é reflexo de uma situação mais global: a própria dissociação entre biblioteca e sociedade.

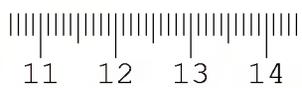
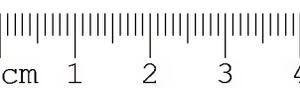
Entretanto, nos estudos, existe concordância sobre o papel educativo da biblioteca. Para alguns autores, os vínculos entre estas duas instituições são tão profundos a ponto de as ações bibliotecárias serem condicionadas pelas possibilidades e limites do próprio sistema educacional, em particular, e do sistema econômico e político, em geral (Mueller, 1982). De fato, no Brasil, a situação da biblioteca é tão precária quanto da escola. Nesse

contexto, as bibliotecas públicas têm sofrido um processo interminável de “escolarização”.

A competência da biblioteca pública para o atendimento do estudante, como apoio didático, é assunto polêmico e tem provocado opiniões, tanto favoráveis quanto contrárias à disfunção que o processo de escolarização provoca (Carvalho, 1972; Flusser, 1980; Mueller, 1982; Negrão, Charatz, 1978; Wada, 1985). Existem, também, algumas propostas que apontam para a possibilidade de um trabalho cooperativo entre esse tipo de biblioteca e a escola (Dumont, 1984; Pimentel, 1982; Privat, 1994; Romanelli, 1982; Sones, 1981; Tameen, 1988).

Apesar do reconhecimento da importância das bibliotecas públicas e escolares por todas as instâncias envolvidas com as questões da educação e cultura, tanto dos setores responsáveis pelas políticas públicas quanto dos setores técnico-administrativos, verificamos que o processo de escolarização da biblioteca pública evidencia algumas situações desfavoráveis:

- a) o grande número de estudantes que se dirige para a biblioteca pública — devido a ausência de serviços de informação na escola — fornecem dados distorcidos sobre o uso desse equipamento público, deslocado de sua verdadeira função;
- b) a idéia equivocada de que as bibliotecas públicas devem, obrigatoriamente, atender às demandas didático-pedagógicas dos estudantes — mesmo sem a competência necessária para tal —, contribui para a lentidão na implementação de políticas públicas consistentes e também para a ineficácia das ações, visando ao desenvolvimento das bibliotecas escolares;
- c) a concepção equivocada de que a questão da leitura e da biblioteca escolar é resolvida com alguns recursos materiais, noção esta evidenciada pelas políticas públicas



que resultam fundamentalmente na distribuição periódica de livros para as escolas.

3.1 Apropriação x Promoção

As políticas referidas têm como objetivo a *promoção* da leitura. Acreditamos, no entanto, que as políticas públicas e as práticas do setor deveriam basear-se na noção de *apropriação* da leitura e da escrita, assim como da própria biblioteca.

A distinção imediata que se identifica nas duas noções reside no papel do sujeito objeto da ação: na *promoção* da leitura, o sujeito é o receptor da ação; na *apropriação*, ao contrário, o sujeito é o produtor da ação. Deve-se ter claro que a *apropriação* não é algo que ocorra naturalmente, mas é uma construção cotidiana.

A promoção da leitura faz parte de um discurso oficial existente nos textos e nas práticas escolares, que exprime propostas ideais na busca de soluções para as situações adversas. No entanto, o “estilo intencionalmente acrônico dos discursos oficiais torna difícil imaginar seus verdadeiros horizontes conjunturais: seus objetivos, sempre muito gerais, nada nos dizem com clareza, a não ser sobre seu horizonte consensual de referência. Considerando-se que tais discursos sempre têm também uma função política a curto prazo, e por não conhecermos a conjuntura de sua recepção, temos dificuldade de apreender o que consistiu sua eficácia, bem como os motivos por que puderam ser recebidos com a desaprovação de uns ou com o encorajamento de outros” (Chartier, Hébrard, 1995:454).

Todavia, a situação se mantém devido à ausência de formulações teóricas capazes de orientar a ação de setores especialmente interessados no desenvolvimento das relações entre informação e educação, quer seja no âmbito da concepção e operacionalização das práticas nas instituições de informação e cultura, quer seja no âmbito da definição das políticas e diretrizes nacionais adequadas para o país.

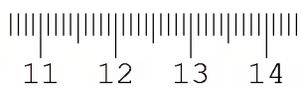
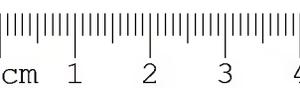
Pretendemos, dessa forma, discutir novos paradigmas que possibilitem o desconfinamento cultural da infância, a partir de novas concepções de serviços de informação educativos. Fundamentam-se, as mesmas, principalmente na interação do sujeito com a informação e a cultura, fator determinante para a concepção dos processos e produtos documentários compatíveis com a linguagem e com o universo cultural da criança e do jovem.

4 BIBLIOTECA INTERATIVA: ESPAÇO DE EXPRESSÃO

A aproximação da biblioteca e escola deve buscar caminhos na direção da “*desescolarização*” da leitura e da biblioteca e de orientações adequadas para as políticas globais e as práticas que ultrapassem o patamar da *promoção* e caminhem na direção da *apropriação* da leitura e da escrita, da informação e da cultura.

A noção de *autonomia* é fundamental na busca de concepções de serviços de informação educativos visando o *desconfinamento cultural*² da criança e do jovem. A

² Noção proposta por Perrotti a partir de confinamento cultural; introduz, ao mesmo tempo, a noção de autonomia na discussão do avanço da urbanização e da vida burguesa na sociedade moderna na qual “a cultura produzida pela infância livremente nos espaços públicos foi progressivamente sendo assimilada pelos espaços privados (...). Em decorrência disso, alteram-se para crianças e jovens as relações que mantinham com categorias sócio-culturais como diversidade/uniformidade, e categorias políticas como autonomia/controlê.” (Perrotti. 1990:92).



autonomia é uma conquista e uma construção do indivíduo e da sua identidade. Por isso, acreditamos que, numa sociedade em que parcela significativa da população é excluída da vida política, social, econômica ou cultural do país, uma nova concepção de biblioteca tem um papel importante a cumprir.

É nesse contexto que a *Biblioteca Interativa* deve ser inserida enquanto um serviço de informação que busca estabelecer relações de interação entre o sujeito e a informação e cultura.

Identificou-se *interação* como a noção definidora da nova concepção de biblioteca porque ela apresenta referências como:

- a) o ator do processo é tanto um agente de atuação quanto um objeto de orientação para si mesmo e para os demais;
- b) como agente atuante, orienta-se para si mesmo e para os outros, em todos os aspectos ou modalidades de ação (Parsons, 1974:172).

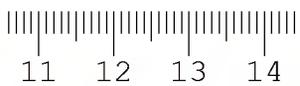
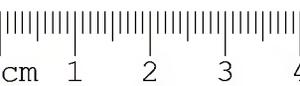
Por conseguinte, o ator do processo é, ao mesmo tempo conhecedor e objeto de conhecimento, um utilizador de meios instrumentais e um meio ele próprio, vinculado emocionalmente aos demais; e, ainda, objeto de vinculação, avaliador e objeto de avaliação; um intérprete de símbolos e ele mesmo um símbolo.

Essa noção fundamenta a nossa idéia de que, na *Biblioteca Interativa*, o sujeito não seja somente um receptor, mas também um produtor. A biblioteca deixa de ser apenas um espaço de difusão, promoção ou disseminação da informação e da cultura; deve ser também um espaço de expressão.

Assim, a linguagem constitui-se no elemento fundamental da tríade do serviço de informação, qual seja: o sistema de informação (a linguagem do espaço e dos instrumentos documentários); o documento (a linguagem do produtor da informação e cultura); os agentes (a linguagem da comunidade). As referências de *Biblioteca Interativa* consideram a necessidade de uma relação autônoma do sujeito com essas linguagens, para que ele possa apropriar-se da biblioteca e esta, ao mesmo tempo, incorpore a sua expressão, num processo contínuo de construção. A *Biblioteca Interativa* deve constituir-se, pois, em um espaço onde o sujeito, de mero espectador, transforme-se em protagonista da relação com a informação e cultura. Quatro categorias conceituais e operacionais são consideradas nesse processo de construção cotidiana: a diversidade cultural (geográfica, sócio-econômico-cultural, cronológica, de faixa etária, de linguagem), a afetividade, a autonomia, a ludicidade e a sociabilidade.

Essas bases conceituais e operacionais fundamentaram a construção de um serviço de informação educativo, a *Biblioteca Escolar Interativa* na Escola Municipal de Ensino Fundamental "Prof. Roberto Mange"³. Localizada em uma região periférica da cidade de São Paulo (SP), apresenta as características da maioria dos bairros da periferia dos centros urbanos brasileiros: situação precária de habitação, de saneamento básico, de saúde pública e de outras condições sócio-econômico-culturais. Em 1999, com quase 30 anos de atividade, possui quase 2.000 alunos matriculados, distribuídos em três turnos; no noturno, oferece também o ensino supletivo. Atende, portanto, além de crianças e jovens, adultos.

³ O projeto teve início em meados de 1996. A Biblioteca Escolar Interativa foi inaugurada em 13/5/98.



4.1 Da periferia para o centro: a localização da biblioteca

Um dos indicadores da participação da biblioteca como elemento constitutivo do processo educativo e da relação biblioteca-escola é o lugar que ela ocupa na distribuição e organização espacial da escola. No caso da EMEF “Prof. Roberto Mange”, a escolha do local da biblioteca teve início com a reflexão sobre a experiência da escola com a sala de leitura⁴, a partir do confronto das informações obtidas através do diagnóstico da escola e das observações realizadas pelos pesquisadores.

A sala de leitura ficava no subsolo do edifício, local mais isolado e inóspito da escola que resultava, no mínimo, em dificuldades de acesso e perda de livros por ocasião das inundações provocadas pelas chuvas. Da conscientização dessas condições, constata-se a necessidade de um local mais adequado para a biblioteca. Essa definição, no entanto, foi um processo longo e complexo, já que a localização ideal da biblioteca era a sala dos professores, no pavimento superior do prédio. A construção da nova biblioteca não poderia ignorar a história construída e as conquistas já alcançadas e deveria ser resultado de um desejo da comunidade escolar. O espaço assim conquistado ofereceu à biblioteca muito mais que visibilidade, acesso fácil e acolhimento para toda a comunidade escolar. Ele criou um sistema de significações, no qual a biblioteca deixa os porões e a periferia da escola e conquista o seu centro.

É, sobretudo, a representação simbólica da inclusão.

4.2 Construção da linguagem espacial e do mobiliário

O espaço físico é também um sistema de significação das relações que a biblioteca estabelece. Nessa medida, para nós, constitui-se numa linguagem. Deve acolher o sujeito sem provocar o seu isolamento da realidade existente fora da biblioteca, permitindo um diálogo entre a biblioteca e a escola. Além disso, deve possibilitar a construção de relações interativas entre os sujeitos e a informação e o conhecimento.

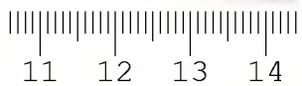
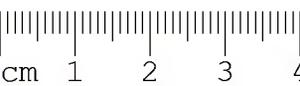
Para tanto, foram utilizadas categorias operacionais como diversidade cultural (linguagem arquitetônica e espacial da biblioteca e da escola); multiplicidade de uso (possibilitar ações e relações variadas, simultaneamente); mobilidade (possibilitar transformações em função das ações dos sujeitos); padrão estético e de organização espacial adequados. Isso exigiu que a definição da organização espacial em função dos diferentes usos da biblioteca (área de pesquisa, de leitura, de expressão oral e gestual, de atendimento e gerenciamento), o mobiliário, os materiais e cores utilizadas fossem também concebidos e implementados.

4.3 Acervo: diálogo com a diversidade cultural

O acervo – o documento ou os recursos informacionais — é um dos elementos da tríade do sistema de informação⁵. O acervo já existente na escola foi complementado com materiais que pudessem contemplar as noções de diversidade cultural, de linguagens e de conteúdos, e multiplicidade de usos. Essa orientação resultou em um con-

⁴ A escola faz parte do Programa de Sala de Leitura da Secretaria de Educação da Prefeitura do Município de São Paulo, implantado na escola desde 1981.

⁵ O acervo é formado basicamente de livros enviados pelo programa de Sala de Leitura da Secretaria de Educação do Município de São Paulo. A escola também recebe livros através do programa de Biblioteca Escolar, do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, do Ministério da Educação (MEC/FNDE).



junto de recursos informacionais que dialogam entre si: o livro de imagens para crianças e o compêndio de história da música ocidental. O Sítio do Pica-pau Amarelo, proporciona um diálogo intertextual com os livros das décadas de 50 e 90, com a versão multimídia em CD-ROM, com o documentário sobre Monteiro Lobato em vídeo, com um número especial da revista Veja São Paulo e com o CD do Gilberto Gil com música da trilha sonora do seriado. Essas obras convivem com os heróis gauleses da história em quadrinhos francesa Asterix.

A *Biblioteca Interativa* deve dialogar também com a própria cultura da comunidade escolar e constituir-se, ao mesmo tempo em seu instrumento e espaço de expressão. Propõe-se, portanto, a permanência dessa expressão, reconhecendo-a enquanto produção de informação e cultura. Assim, livros, textos, quadros, painéis, fotos, produções das mais variadas ordens, tanto de alunos quanto de professores são publicados ou exibidos pela biblioteca e também podem fazer parte do seu acervo.

4.4 Linguagem formal de representação e organização

Três condições básicas determinaram a escolha da linguagem de representação e organização dos recursos informacionais:

- a) a linguagem deveria ser de fácil assimilação, para não se constituir em um obstáculo no processo de comunicação do sujeito com a biblioteca;
- b) deveria possibilitar o atendimento da concepção de *Biblioteca Interativa* no que se refere à multiplicidade de ações e relações e mobilidade para transformações;
- c) a linguagem deveria permitir o reconhecimento das linguagens utilizadas em outras instituições de informação e cultura do país e de outras partes do mundo.

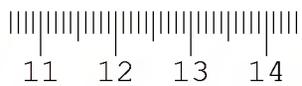
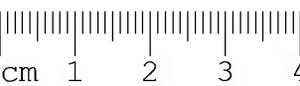
Assim, para a organização do acervo, a linguagem de representação utilizada foi resultado de uma adaptação das 1000 seções da 20ª ed. da CDD (Classificação Decimal de Dewey). As dez classes (Generalidades, Filosofia, Religião, Ciências Sociais, Língua, Ciências Naturais e Matemática, Ciências Aplicadas e Tecnologia, Artes, Literatura, Geografia e História) foram rearranjadas em 6 classes, codificadas por cor. A classe das Generalidades fica reservada para as Obras de Referência, codificadas por um sinal de interrogação (?).

A cor — primeiro nível de leitura do código de representação $\frac{3}{4}$ torna o sistema altamente flexível, já que não impõe uma ordem fixa, permitindo a mobilidade necessária do acervo, que se completa com a concepção do mobiliário.

Um sistema de sinalização explícita a linguagem de organização da biblioteca: contém os códigos de organização do acervo e as marcas de identificação. A comunidade escolar participou da construção do logotipo e dos ícones da tipologia dos recursos informacionais da Biblioteca Escolar Interativa.

4.5 Gestão do sistema de informação: automação dos serviços

A organização e o gerenciamento de um serviço de informação em um ambiente educativo da magnitude da unidade escolar em que o laboratório Biblioteca Escolar Interativa foi construído, não é tarefa simples. No entanto, isso não pode justificar a razão para não se enfrentar o problema. Para uma biblioteca oferecer serviços de informação adequados, é incontestável a existência de um sistema de organização e gerenciamento dos serviços a fim de possibilitar maior autonomia na administração



e tratamento do acervo, na recuperação de informações, na geração de produtos documentários (levantamento bibliográficos, bibliografias específicas, relatórios) e nos serviços de empréstimo.

É fundamental, no entanto, que sejam criados mecanismos para que as unidades escolares sejam usuárias desse sistema e não necessariamente a produtora.

5 RESULTADOS E CONCLUSÕES

“A nossa biblioteca é bonita, moderna e aqui a gente tem liberdade!”⁶

A Biblioteca Escolar Interativa é um espaço de construção de relações entre os atores que participam desse processo; portanto, ela vai além do espaço e dos recursos materiais que a compõe. A construção e o funcionamento da Biblioteca Escolar Interativa da EMEF “Prof. Roberto Mange” mostraram que as estratégias da pesquisa cooperativa foram capazes de fornecer dados sobre as razões político-administrativo-burocráticas e técnicas da unidade escolar, além de prover um ambiente propício para se relacionar com as ações desenvolvidas; possibilitaram, também, o envolvimento e a formação da comunidade escolar para as questões relacionadas com a biblioteca.

O reconhecimento e a incorporação da memória dos membros da comunidade escolar como um todo, além da comunidade do entorno, mostrou ser indispensável para o desenvolvimento das ações: valoriza-se, com isso, a experiência dos sujeitos para trans-

formá-los de espectadores em verdadeiros atores e protagonistas dos processos de transformação na escola e no ensino como um todo.

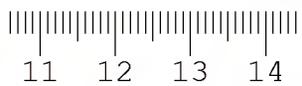
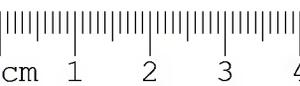
As barreiras que distanciam a biblioteca da escola são derrubadas paulatinamente durante o processo de apropriação da biblioteca pela comunidade escolar. A apropriação não é um processo de ocorrência natural, espontâneo. Ela deve ser construída pelos próprios atores do processo.

Constatou-se ainda que a construção teórica e prática da *Biblioteca Escolar Interativa* introduz nova ordem no fluxo do sistema de informação⁷. Há uma interpenetração entre os elementos da tríade do sistema de informação (a linguagem do espaço e dos instrumentos documentários); documento (a linguagem do produtor da informação e cultura; acervo); agentes (a linguagem da comunidade escolar) que transforma o “usuário” em elemento constitutivo do processo como um todo. Ele faz parte da linguagem do documento/acervo, ele está presente na linguagem de representação, ele está presente, enfim, na construção cotidiana da *Biblioteca Interativa*, como protagonista de ações e interações.

A questão dos mediadores é sem dúvida importante na Biblioteca Escolar Interativa. Mesmo considerando equipes extremamente motivadas, estáveis, comprometidas com a qualidade do ensino – condição poucas vezes encontradas na na área – é difícil imaginar que só o pessoal da área de ensino dará conta do espaço da biblioteca. Deve haver uma relação de cooperação entre os dois segmentos.

⁶ Manifestação de um aluno da 5ª série da EMEF “Prof. Roberto Mange”, no segundo semestre de 1998.

⁷ Tradicionalmente, nesse fluxo, o usuário encontra-se na saída do sistema de informação, como um receptor do processo de comunicação.



A disponibilidade efetiva de educadores-profissionais da informação na gestão da biblioteca e a sua formação devem ser consideradas seriamente.

A continuidade, a permanência e a multiplicação das propostas apresentadas exigem que as seguintes questões sejam efetivadas:

- a) Formação dos mediadores para as ações de uso dos recursos instrumentais e informacionais da Biblioteca Escolar Interativa e para as práticas a serem desenvolvidas.
- b) Construção de processos e instrumentos operacionais para avaliação e reconstrução cotidiana da Biblioteca Escolar Interativa.
- c) Incorporação dessas novas relações entre a biblioteca e escola não só no projeto didático-pedagógico da unidade escolar, mas, principalmente nas políticas públicas de educação e informação do país.

A pesquisa mostrou que a criação de referências para a construção da Biblioteca Escolar Interativa vai além da proposta de um 'novo modelo' de biblioteca escolar. Pode constituir-se na própria concepção de biblioteca escolar para o país, que seja capaz de incluir no circuito da informação, cultura e conhecimento, setores da sociedade brasileira dela excluídos.

Agradecimentos

Não podemos deixar de nomear e agradecer ao Prof. Dr. Edmir Perrotti, coordenador do PROESI/CBD/ECA/USP e idealizador das bases dessa pesquisa. Agradecemos a todos integrantes do PROESI, à Profa. Dra. Cibele Haddad Taralli, da FAU/USP, à equipe de professoras coordenadoras do projeto na EMEF "Prof. Roberto Mange" e comunidade escolar, aos alunos do 3º semestre de 1998 do CBD/ECA/USP. Projeto financiado pela

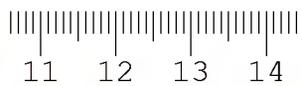
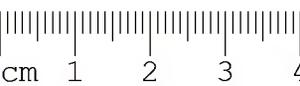
FAPESP, com apoio do CNPq e CCInt/USP.

Abstract: *Interactive Library as a new conception of educational information services. Conservation and diffusion are presented as traditional principles of Library and Information Science. Discusses the library / school relationship. The concept of interactivity is improved by the construction of a laboratory, a pioneer interactive library located at a public school in São Paulo, SP - Brazil.*

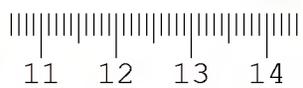
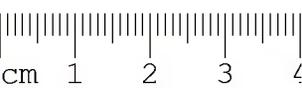
Key-words: *Educational Information Services. Interactive Library, São Paulo, Brazil. School Libraries.*

BIBLIOGRAFIA

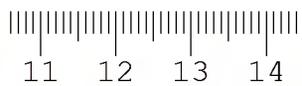
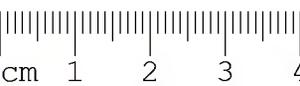
- ABDEL-MOTEY, Yaser, 1990, Education for school librarianship: the core and competency-based education. **International Review of Children's Literature and Librarianship**, v.5, n. 1, p.1-11.
- AMATO, Mirian, GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues, 1989, A biblioteca na escola. In: GARCIA, Edson Gabriel (org.) **Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989. p. 10-23.
- CARVALHO, Carmen P. de, 1972, A biblioteca e os estudantes. **Revista da Escola Biblioteconomia da UFMG**, v.1, n.2, p. 196-211, set.
- CECCON, Claudius, OLIVEIRA, Miguel Darcy de, OLIVEIRA, Rosiska Darcy de, 1996, **A vida na escola e a escola da vida**. 31. ed. Petrópolis : Vozes. 95 p.
- CHAMPION, S. 1993, The adolescent quest for meaning through multicultural readings: case study. **Library Trends**, v. 41, n. 3, p. 462-92.



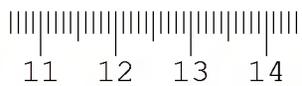
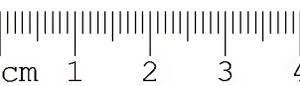
- CHARTIER, Anne-Marie, HÉBRARD, Jean, 1995, **Discursos sobre a leitura - 1880-1980**. São Paulo : Ática. 590 p.
- COHN, E., OLSSON, B. 1968, **Library service to young adults**. Copnhagem: Public Libraries Section of IFLA.
- CUNHA, Maria Antonieta A. 1981, Biblioteca infantil. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 10, n. 1, p. 27-36, mar.
- DAY, Donald, DOSA, Marta, JORGENSEN, Corinne, 1995, The transfer of research information within and by multicultural teams. **Information Processing & Management**, v. 31, n.1, p. 89-100.
- DUMONT, Márcia M. V. 1984, Bibliotecas escolares comunitárias: uma revisão bibliográfica. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 13, n. 2, p. 147-78, set.
- ECO, Umberto, 1983, **O nome da rosa**. São Paulo: Nova Fronteira. 562 p.
- FASICK, A. M. 1978, Research and measurement in library service to children. **Canadian Library Journal**, v. 35, n. 5, p. 341-46.
- FITZGIBBONS, S. A. 1983, Reference and information services for children and young adults. **Reference Librarian**, n. 7, p. 1-30.
- FLUSSER, Victor, 1980, Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 9, n. 2, p. 131-38, set.
- HERRING, James E. (ed.) 1994, **Information technology in schools: the role of the school librarian and the teacher**. Londres: Library Association Publishing.
- LANCASTER, F. W. 1979, **Information retrieval systems; characteristics, testing and evaluation**. 2.ed. New York : J. Wiley. 381 p.
- LANCASTER, F. W. 1993, **Indexação e resumos: teoria e prática**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros. 347 p.
- LANCASTER, F. W., FAYEN, E. G. 1973, **Information retrieval online**. Los Angeles: Melville. 597 p.
- LIBRARY ASSOCIATION, 1991, **Children and young people: Library Association guidelines for public library services**.Londres: Library Association Publishing.
- MACEDO, Neusa Dias de, 1992, Diretrizes para bibliotecas; a declaração de princípios da biblioteca pública brasileira: comunicação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 25, n. 2/3, p. 69-78.
- MACEDO, Neusa Dias de, GEBARA, L. S. 1987, Subsídios para caracterização da biblioteca pública. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 20, n. 1/4, p. 71-7, jan./dez.
- MACEDO, Neusa Dias de, SIQUEIRA, Idméa S. P. 1987, Subsídios para a caracterização da biblioteca escolar. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 20, n. 1/4, p. 67-9, jan./dez.
- MARINET, Anne, 1993, Les bibliothèques pour enfants aujourd'hui. In: PARMEGIANI, Claude-Anne (dir.)



- (1993). **Lectures, livres et bibliothèques pour enfants**. Paris : Éditions du Cercle de la Librairie, 1993. p. 107-18.
- MAYRINK, Paulo Tarcísio, 1991, **A biblioteca escolar brasileira: da caracterização teórico-administrativa ao estabelecimento de diretrizes e padrões para sua organização e planejamento**. São Paulo. Tese (dout.) Faculdade de Educação, USP.
- MILWARD, Jenni E. 1994, Young adult library services in Johannesburg: addressing the needs of teenagers in a multi-cultural society in transition. **International Review of Children's Literature and Librarianship**, v. 9, n. 2, p. 57-72.
- MUELLER, Suzana Pinheiro Machado, 1982, Bases para uma política educacional para as bibliotecas. *In*: CONGRESSO Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 11, 1982, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa : Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, v. 1, p. 116-28.
- NEGRÃO, May B., CHARATZ, Janeta Z. 1978, A função didática da biblioteca pública. *In*: Assembléia das Comissões Permanentes da FEBAB, 4, 1978, São Paulo. **Anais...** São Paulo : FEBAB, v. 2, p. 380-95.
- OEA. 1985, **Modelo flexível para um sistema nacional de bibliotecas escolares**. Trad. Walda de Andrade Antunes. Brasília: Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares, FEBAB. 283 p.
- OLIVEIRA, Tereza dal Silva Freitas, 1979, A biblioteca escolar no regimento comum das escolas de 1o. e 2o. graus do Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 12, n. 3/4, p. 231-38, jul./dez.
- PARMEGIANI, Claude-Anne (dir.) 1993, **Lectures, livres et bibliothèques pour enfants**. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie. 207 p.
- PARSONS, Talcott et al. 1974, Interaccion social. *In*: **Enciclopédia Internacional de las Ciencias Sociales**. Madrid : Aguilar, p. 166-201. v.6
- PERROTTI, Edmir, 1990, **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo : Summus. 111 p.
- PERROTTI, Edmir, 1991, A cultura das ruas. *In*: PACHECO, Elza Dias (org.). **Comunicação, Educação e arte na cultura infanto-juvenil**. São Paulo: Edições Loyola, p. 21-8.
- PERROTTI, Edmir, 1996a. **Projeto integrado; Biblioteca Interativa e Educação: um novo paradigma em Ciência da Informação**. São Paulo: CBD/ECA/USP. (projeto apresentado ao CNPq)
- PERROTTI, Edmir, 1996b, *Relatório parcial de pesquisa; Serviços de Informação Educativos: Oficina de Informação e Estação Memória*. São Paulo: CBD/ECA/USP (Relatório ao CNPq)
- PIMENTEL, Cléa, D. P. 1982, **Biblioteca pública e biblioteca escolar: uma integração necessária**. *In*: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 11, 1982, João Pessoa. **Anais...** João das diversas classes de assunto, isto é, dentro dos Pessoa : Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, v. 1, p. 1-16.
- PRIVAT, Jean-Marie, 1994, **Bibliothèque, école: quelles coopérations?** Paris: CRDP/Académie de Créteil. 270 p.



- RIBEIRO, Darcy, 1995, **O povo brasileiro**. São Paulo, Companhia das Letras. 470p.
- ROBINE, Nicole, 1991, Relais et barrieres: la perception de l'aménagement de l'espace et des classifications par les usagers dans les lieux de pret et de vente du livre. *In*: PRIVAT, Jean-Marie, REUTER, Yves. **Lectures et médiations culturelles**. Lyon: Presses Universitaires. p. 115-25.
- ROCHMAN, H. 1993, **Promoting books for a multicultural world**. Chicago, Londres: ALA/Books, Booklist Publications.
- ROMANELLI, Maria de Lourdes C. 1982, Ativação cultural em bibliotecas públicas e escolares-comunitárias. *In*: Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares. **Bibliotecas públicas e escolares**. Brasília : ABDF, 1982.
- ROVEMBERG, J. 1987, Library service to children with learning differences. **Library Trends**, v. 35, n. 3, p. 427-36.
- SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica, 1996, **Currículos e programas. Setor de Atividades de Sala de Leitura. Capacitação inicial para professores orientadores de sala de leitura**. São Paulo : SUPEME/DOT. 67p.
- SIMÃO, Maria Antonieta Rodrigues, SCHERCHER, Eroni Kern, NEVES, Iara Conceição Bitencourt, 1993, **Ativando a biblioteca escolar**. Porto Alegre : Sagra/DC Luzzatto. 67 p. + pranchas.
- SMIT, Karen Patricia (ed.) 1993,. Multicultural children's literature in the United States. **Library Trends**, Winter.
- SONES, C. Mary, 1981, School-public library co-operation adds strengths. **Canadian Library Journal**, v. 38, n. 2, p. 85-90.
- TAMEEN, Jamal A. 1988, School-public library co-operation. **Aslib Proceedings**, v. 40, n. 3, p. 87-99.
- UNESCO, 1979, **Guidelines for the planning and organization of school library media centers**. Paris: UNESCO.
- VICKERY, B. C. 1965, **On retrieval system theory**. 2 ed.. Londres: Butterworths. 191 p.
- VICKERY, B. C. 1970, *Techniques of information retrieval*. Londres: Butterworths. 262 p.
- WADA, Madalena Sofia M. 1985, **Democratização da cultura nas bibliotecas infanto-juvenis**. Belo Horizonte. Tese (mestr.) - Faculdade de Biblioteconomia UFMG.



BIBLIOTECAS PÚBLICAS PAULISTAS: ANÁLISE DE UM SURVEY

Neusa Dias de Macedo*

Tabulação - Equipe do CRB-8:

Lúcia Neiza Pereira da Silva e Maurício Stocco

Resumo: *Diagnóstico inicialmente apresentado ao Fórum Paulista de Bibliotecas Públicas, São Paulo, SP, set. '99, organizado por Associações e Conselho Regional de Biblioteconomia, de São Paulo; Sistemas de Bibliotecas Públicas [SBP] área municipal (2) estadual (1) e FEBAB — População/Respondentes: os três SBP, com 60% de retorno — Tabulação: CRB-8 — Análise/survey exploratório: por Macedo (1999), com interpretação e análise sob três tipos de fontes: tabulação CRB-8; relatórios de diretoria dos três SBP; larga experiência da analista — Objetivo: mapear um quadro situacional das bibliotecas públicas paulistas; atentar para indícios de qualidade e modernidade dos SBP — Procedimentos de análise: não obstante reservas ao questionário utilizado e à falta de tabulação em separado para área estadual, foram configurados os resultados em três blocos: A e B para os SBP/municipal, e C, em geral, para os três SBP. Para um tratamento prático dos dados, compactou-se a tabulação à cada questão, seguindo-se da interpretação e análise sistematizada (NDM). Quando possível, utilizaram-se padrões da IFLA, 1976 (já desatualizados): Normas para Bibliotecas Públicas, apenas como alerta! — Indicadores para a análise: os mesmos atributos do questionário, a saber: população; bibliotecas em atividade e com prédios próprios; áreas/dimensões; horário; modernização/informatização; recursos humanos; acervo: livros, obras de referência, revistas; multimeios; usuários: empréstimo e tipo de uso (pesquisa geral e escolar); tipo de acessos às*

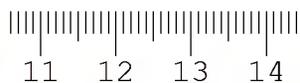
estantes; equipamentos; atividades oferecidas ao público; serviços especiais (idade melhor, deficientes); serviços de extensão; sendo finalizada a análise por duas questões abertas: tema e local de interesse para próximos encontros — A questão relativa aos temas desejados provocou significativo número de respostas que denunciava aspirações íntimas e reivindicações dos informantes, merecendo ser classificado em cinco blocos: a) a biblioteca pública em vários aspectos; b) formação contínua e atualização profissional; c) interação e parcerias; d) as intenções para o futuro e as tecnologias emergentes; e) órgãos associativos e escolas — Entre as considerações gerais, levantaram-se dois grandes pontos: - Questões básicas que preocupam os administradores das bibliotecas. - Entendendo o Novo Manifesto da UNESCO (1994) para Bibliotecas Públicas — Ao fim, apresentaram-se cinco blocos de Recomendações onde se incluem os pontos significativos desta Análise.

Palavras-Chave: Bibliotecas Públicas. São Paulo. Diagnóstico. Análise de Survey.

I DO FÓRUM PAULISTA DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, SÃO PAULO, SP, SETEMBRO DE 1999

Organização e promoção: órgãos associativos de São Paulo: ABM, APB, CFB, CRB-8

* Editora da RBBB, representando a FEBAB na organização do Fórum. Preparou e apresentou a análise dos resultados do diagnóstico no 1º Painel do evento. Aprofundou e reformatou a análise para esta publicação.



- FEBAB - Departamentos de Bibliotecas de Secretarias de Cultura do Estado e do Município de São Paulo.

Local: Faculdade das Américas, SP

Tema central: Da Missão às Estratégias e Ações Políticas para Fortalecimento e Renovação da Biblioteca Pública

Objetivo: Discutir ações que permitam o estabelecimento de novas gestões das bibliotecas públicas

Inscritos: 480

II DA ANÁLISE DO LEVANTAMENTO EXPLORATÓRIO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE SÃO PAULO

por Neusa Dias de Macedo

Apresentação do Estudo

À guisa de explicações

Esta Análise baseia-se em tabulação de um questionário existente no Sistema de Bibliotecas Públicas. Equipe do CRB-8 tabula os dados para fins de cadastramento e diagnóstico. Cobria cerca de 29 questões fechadas, sendo as duas últimas questões abertas para opinião sobre a temática e local de futuros encontros. Os dados levantados propiciaram uma visão descritivo-exploratória do *status quo* das bibliotecas, oferecendo subsídios para um posterior e mais elaborado instrumento de pesquisa. Essas tabulações, estão disponíveis no Conselho Regional de Biblioteconomia de São Paulo para que interessados consultem-nas e se valham delas para diversas finalidades cadastrais e comparações quantitativas.

Não obstante ambigüidades existentes em algumas perguntas, procurou-se interpretar os dados de maneira prática, traçando aproximações

em forma de segmentos numéricos com possível obtenção de inferências. A falta de padrões mínimos atualizados de biblioteca pública e a dificuldade de relacionar contextos diferentes (cidades de um estado vs bairros de uma capital), feriu em parte a análise. Todavia, foi possível marcar um quadro pontual da situação das bibliotecas públicas municipais da Capital e Estado de São Paulo.

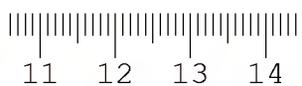
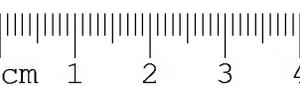
Agregando aos dados obtidos, tanto as informações de relatórios das três diretoras de Departamentos de Bibliotecas Públicas como aqueles pontos marcantes da múltipla vivência profissional como docente e participante do movimento associativo na área biblioteconômica, foi possível extrapolar os dados das tabulações e apresentar algumas recomendações.

Enfocando, agora, os colegas da área das bibliotecas públicas, preparando esse evento e se empenhando em revigorar o movimento associativo, mais eficiente do que levantar dados estatísticos, foi nossa empatia aos problemas, sintomas e desalentos dos colegas em revelar pessoalmente a falta de apoio à modernização das bibliotecas e ao fortalecimento físico e intelectual dos seus quadros de pessoal.

Sobre o Universo do Estudo Exploratório

De modo *sui generis*, o Estado de São Paulo contextualiza três Sistemas de Bibliotecas Públicas: dois municipais, na capital de São Paulo; e outro estadual, em cidades do interior paulista.

Os Sistemas Municipais de Bibliotecas Públicas, com base em evolução histórica desde os idos 20, 30 a 40, contam já com sedimentada tradição bibliotecária. Lembre-se da criação e instalação da primeira biblioteca infantil do país: a Monteiro Lobato e inauguração da Biblioteca Mário de Andrade, na década 40. Daí por diante, nas décadas poste-



riores, florescem e se desenvolvem gradativamente as bibliotecas ramais em diversos bairros da Capital.

Em 1975, a Divisão de Bibliotecas diversificava-se em dois Departamentos de Bibliotecas Públicas, com administração autônoma, um deles dirigido a usuários infanto-juvenis e outro a adultos. Contam hoje com 28 bibliotecas ramais para adultos, e 36 unidades para crianças e jovens, ligados ambos os departamentos à Prefeitura e Secretaria Municipal de Cultura. Adstritas ao primeiro Departamento, se insere a Biblioteca Mário de Andrade, em caráter de custódia e consultas, localizada no centro da cidade turbulenta, e outra, de empréstimo, também em local central, denominada Circulante, havendo ainda uma Biblioteca ligada ao Centro Cultural Vergueiro. Ao segundo Departamento, temos ainda a conhecida Biblioteca Infanto-Juvenil “Monteiro Lobato”, que tem sido, há longa data, modelo para as bibliotecas infantis brasileiras, e até sul-americanas.

O outro Sistema de Bibliotecas Estaduais, foi criado, em 1984, pelo Governo do Estado de São Paulo e Secretaria Estadual de Cultura, com sede administrativa na Capital, abrangendo potencialmente cerca de mais de 600 *municípios do Estado de São Paulo*. Oficialmente, desde 1984 o Sistema teve início com 25 convênios entre a SEC e as prefeituras municipais, sendo até dezembro de 1996 mantidos cerca de 400 convênios. Depois com mudanças e desativamento de projetos. Hoje, mesmo com problemas burocráticos e financeiros, é afirmado pela atual gerente que o SI tem estado aberto aos prefeitos que desejam aceitar a estrutura dos diversos programas de ação cultural do SI.

Há grande expectativa da população do interior e da comunidade bibliotecária paulista para que se modernizem as bibliotecas do sis-

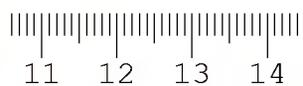
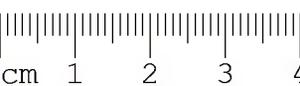
tema estadual a fim de que se otimize a prestação de serviços aos usuários. Técnicas adequadas para o tratamento da informação, quadro representativo de pessoal, tanto de bibliotecários como elementos de apoio, e ainda políticas culturais, devem ser urgentemente re-pensadas e articuladas.

Descrição, Interpretação e Análise dos Resultados – Como? - Até que ponto ?

Como já foi esclarecido, o questionário adequou-se apenas a um estudo exploratório. Por não ter sido planejado com determinado objetivo, pressupostos de pesquisa e apropriada segmentação de informações, ocorreram obviamente problemas na tabulação. As questões 1, 4, 5, 12, 15-17, *de modo disperso*, referem-se a dados cadastrais, úteis para o relatório técnico final. As outras questões são de natureza pontuais para verificar resultados quantitativos. As questões abertas foram válidas para conhecer a opinião dos representantes das várias bibliotecas pesquisadas, tendo sido pontos positivos do estudo.

Como apoio à análise, valemo-nos, na medida do possível, das “Normas para Bibliotecas Públicas” [Standards for Public Libraries, The Hague, IFLA, 1973] tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Rio de Janeiro, INL/MEC, s.d., que já merecem atualização, em sentido nacional, pelos países interessados.

O Estado de São Paulo compreende 644 municípios, além da capital, tendo sido enviados 514 questionários para o interior, pela Secretaria de Estado da Cultura, obtendo-se respostas, todavia, de parte de 302 unidades, com 60% de retorno. Na capital, foram respondidos 66 questionários, enviados pela Secretaria Municipal de Cultura aos Departamentos de Bibliotecas de Adultos e Bibliotecas Infanto-Juvenis. O total de questionários respondidos é de 368 bibliotecas.



Em geral, os três Sistemas de Bibliotecas Públicas estão subordinados a Secretarias de Cultura. Em âmbito estadual foi acusada a subordinação também a outros tipos de órgãos no âmbito da Cultura e/ou mistos entre Cultura Turismo, Esporte e Educação e/ou até ligados à Educação, Prefeituras Municipais e Escolas Estaduais.

Para efeito de maior visualização, em primeiro lugar, por meio de uma re-tabulação prática, tentamos observar resultados dos Sistemas de Bibliotecas Municipais da Capital, codificado em área *A – Adultos; B – Infanto-juvenil*. Os dados do Sistema Estadual, não tendo sido tabulados em separado, ficaram eles inseridos numa tabulação geral, vinda do CRB-8, e aqui apresentados em último lugar, na área *C – Geral*. Identifica-se a interpretação e análise deste estudo pelas iniciais da analista – NDM

RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO COMPACTIZADA

Departamento de Bibliotecas de Adultos - Capital (A) Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis (B) Tabulação conjunta Bibliotecas do Sistema Estadual (C)

População

Q.1 e 2 - A e B - População geral de São Paulo, no momento, deve alcançar mais de 10 milhões de habitantes. Não tendo sido apresentada tabulação, nem para o total da população do estado e/ ou dos municípios, e nem por unidades, a questão ficou prejudicada.

NDM – As Normas da IFLA para bibliotecas públicas aponta, por habitante, o no. de 03 livros. Faltando dados, também, para o total de *usuários* potenciais e reais de cada biblioteca, nada pode aquilatar-se. Entretanto,

com a *Q.19* sobre *freqüência mensal do usuário*, pôde apurar-se que, entre 131 unidades, a freqüência foi de até 500 pessoas, mensalmente; e, em um dos casos extremos, chegou-se a computar: 60 000. Cabe proceder-se a uma revisão dos questionários, a fim de calcular e correlacionar dados estatísticos, bcn como consultar os administradores dos Sistemas para melhor precisar dados a esta questão.

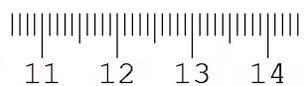
Bibliotecas em atividade e com prédios próprios

Q.3, 6 e 7 – A e B – Os dois Departamentos, respectivamente, as 28 e 36 bibliotecas, foi afirmado estarem em plena *atividade* em bairros paulistanos, sendo constatado que em ambos os Deptos. apenas 05 não possuem prédios próprios. *C* - No geral, em atividade, recaem cerca de 343 unidades, sendo somente 07 paralisadas. *s/r* : 18. Das 368, têm prédio próprio mais da metade, ou seja, 227 unidades; *s/r*: 18,

NDM - Com todas as dificuldades de ordem financeira e recursos humanos porque passam as bibliotecas públicas, o esforço para conseguirem desempenhar as atividades e programações ao público, é patente. Quanto a prédios, se são próprios, apresentando-se em real adequação e com infra-estrutura sem problemas, é necessário que se realizem estudos, posteriores, por arquitetos, em colaboração com bibliotecários.

Áreas

Q.8 – As *dimensões* variam muito entre as bibliotecas. Veja, em *A*, entre 100 a 600m² = 15 unidades; 800 a 1 000 m² = 05; de 1 000 a 2 000m² = 05; 2 000 a 6 400 = 02 e acima de 16 000m² somente 01. - *B* - Na *BIJ*, a maior parte cobre áreas um pouco mais do que requer o padrão mínimo (27, entre 100 a 600 m²) e só uma, com dois mil m².



Em – C - não houve acesso específico a dados de áreas.

NDM – Conforme os padrões mínimos consultados, a dimensão nunca pode ser inferior a 100m², levando-se em conta ainda necessidades de segmentações dos espaços (pontos de serviços). As diferenças são grandes entre as bibliotecas pesquisadas. Aqui também estudos por especialistas merecem atenção com pesquisas específicas para este fim. Estudos apurados e específicos, devem ser feitos não somente em relação a dimensão, mas levando em conta a localização do prédio, adequação dos espaços para serviços, atendimento e comodidades aos usuários, questões de iluminação, ventilação e outras variáveis de desconforto no ambiente, entre outros pontos.

Horário

Q.9 – A - Vinte e sete unidades funcionam, em *horário* de 2as. às 6as, entre 09 às 17/18 hs, e, apenas, uma perfaz *horário* entre 9 às 21 hs, cobrindo um período noturno razoável. Nos sábados: entre 9 às 14 hs. = 26, e, outras duas, entre 9 às 16/18 hs.

– *B* - Na BIJ: as 36 funcionam de manhã e a tarde (não especificam *horário*) e, nos sábados, das 8 às 14hs:35, e só uma funciona até 16hs. – *C* - A grosso modo, no conjunto todo, determinando manhã, tarde e noite = 43 bibliotecas; sendo 315 (grande parte) funcionando de manhã e à tarde. s/r: 08.

NDM – No geral, os três Sistemas cobrem o *horário* comercial. Por falta de um corpo adequado de funcionários, nenhum dos sistemas cobre perfeitamente períodos noturno e sábados – Nunca aos domingos! Os melhores supermercados, agora, funcionando à noite e até os domingos, têm trazido uma grande clientela e novos hábitos aos cidadãos. Estudos que levem em conta questões de rodízios e trabalho com remuneração extraordinária,

devem ser feitos. Seria muito importante para a imagem da Biblioteca Pública oferecer programas de leitura e ação cultural nos fins de semana, e até nos domingos, bem como cobrindo período noturno, contando necessariamente com número extra de funcionários.

Modernização

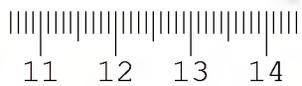
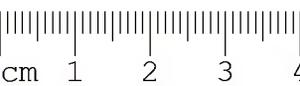
Q.10 – A - Quanto à automação, todas estão *informatizadas* no Sistema Dobis Libis. – *B* - No caso das BIJ as 36 bibliotecas estão em processo de informatização. – *C* - No total, cerca de 242 unidades não são informatizadas; em processo de automação: 81; sem definição: 21.

NDM – Cerca de 50% (sic) não estão modernizadas no interior. O questionário não privilegiou, porém, nenhuma questão sobre uso da Internet, mas se tem conhecimento de que uma única biblioteca ramal – a de Pinheiros – está totalmente informatizada e já inicia comunicação por meio da Internet. Os próprios Departamentos, no geral, não puderam entrar, ainda, em rede de comunicação interna! Aqui, percebeu-se realmente um sintoma das defasagens tecnológicas da biblioteca pública. Todavia, não por vontade dos bibliotecários. Na questões abertas [30 e 31], constatou-se que um dos mais fortes desejos dos informantes é que suas bibliotecas alcancem a informatização e possam participar das práticas da biblioteca digital/virtual.

Recursos Humanos

Q.13 – A e B - Quanto à *formação* de pessoal, com respostas só aos cargos profissionais, todos são bacharéis em Biblioteconomia e Documentação. Em – *C* - no caso das bibliotecas do interior, subentende-se que, como dirigentes de biblioteca, há três graus de pessoal 1º Grau = 19; 2º Grau = 103; e Superior [incluindo os bibliotecários] = 175. s/r : 06.

NDM – É importante notar que na *Capital*



não existem leigos na área biblioteconômica responsabilizando-se pela biblioteca, mas no interior, sim. Segundo padrões mínimos da biblioteca pública, separando profissionais de administradores e auxiliares, e considerando ainda fatores como população/comunidade específica, volume de utilização, variedade de serviços – e principalmente o *status* da biblioteca – sob critério de 3 000 hab. / 9 000 livros – exige-se, pelo menos, 01 bibliotecário qualificado (com auxiliares). Cresce, todavia, o índice para bibliotecas maiores, dependendo também de condições administrativas: 01 bibliotecário para cada ponto de serviço principal. Chama-se atenção sobre 33 a 40% de bibliotecários em relação a pessoal total, lembrando os padrões, ainda, sobre a necessidade de serem bem remunerados e contarem com treinamento em serviço. Diretrizes e Normas nacionais, urgentemente, precisam ser preparadas e divulgadas, para serem apontadas aos governantes.

Funcionários

Q.14 – Em geral, foram apontados 2 589 funcionários. Em *A e B* – sobre o número *total de funcionários*, nas 28 bibliotecas de Adultos, calculam-se 547 funcionários, sendo que, entre 26 bibliotecas, a média foi de 10 a 20 funcionários cada uma; recaindo em duas delas = 35, na Mário de Andrade = 130. No caso da *BIJ*, recaí um total de 512 funcionários, sendo que a grande parte conta com 05 a 14 funcionários, e em alguns casos: entre 15 a 24, e a Mário de Andrade: 56.

- *C* - Não foi possível estabelecer o no. total de funcionários para cada Departamento; de outro lado, um dado importante de forma geral é que cerca de 60% das unidades têm apenas 1 a 5 funcionários, e duas outras, excepcionalmente, contam com 119 e 158 servidores.

NDM – Aqui, haveria necessidade de reportar-se a padrões nacionais para biblioteca

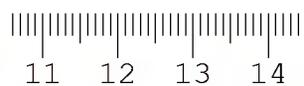
pública a fim de fazer, correlações entre número de coleções x usuários x funcionários (diferentemente dos profissionais). São mínimas as referências neste caso, o que chama atenção para que sejam estabelecidos padrões nacionais e locais para tal, ou seja, estabelecer um quantum de x bibliotecários para cada segmento de usuários. Nas 368 bibliotecas pesquisadas, portanto, computou-se um total aproximado de mais de 2 589 servidores (não ficando claro se incluem bibliotecários), havendo necessidade de haver identificação mais apurada aos volumes / tipos de documentos, sendo ainda relacionada às atividades diversificadas das bibliotecas. Aqui não houve margem para apontar se é restrito ou não o número de funcionários. Consultas aos gerentes das bibliotecas e estudos privilegiando questões bem claras, específicas e estatisticamente mensuráveis, devem ser planejados.

Quanto à formação, $s/r = 33$. No interior, 57 elementos de apoio receberam variados tipos de treinamento.

NDM - É curioso notar que, entre os profissionais que trabalham em bibliotecas municipais do interior, além de bibliotecários, encontram-se 76 elementos com formação em áreas como: administração, artes plásticas, biologia, ciências, ciências contábeis, ciências sociais, comunicação social, direito, economia, educação artística, educação física, filosofia, história, letras, magistério, matemática, pedagogia, psicologia, serviço social. Não ficou claro se eram os responsáveis pelas bibliotecas e/ou colaboradores.

Acervo (coleções de livros, revistas, multimeios)

Q.21 – *A* – Enfocando *aquisição de acervo*, observa-se maioria o faz por compra; 30 a 40% = doação, e para permuta não há respostas.



- *B* - Constatou-se também número maior de aquisição por compra ; doação = um mínimo, e uma só, com permuta. - *C* - No geral, para compras: 100 unidades: 10% e 91 s/r. Um nível mais alto, de 60 a 100% de compra, recai em 70 unidades. Doação, cerca de 30 bibliotecas não recebem doações, mas, entre 60 a 100% de 231 unidades, recebem doações; quanto a permutas, em 341 unidades = nenhuma.

NDM – Nos dois Departamentos da Capital, a aquisição por compra é a mais forte, embora sentiu-se falta de questões sobre orçamento e o quantum de porcentagem para aquisição de materiais nas previsões anuais orçamentárias das Secretarias de Cultura. Não houve também questões sobre quais têm sido as práticas de estudos para desenvolvimento de coleções e de uso das mesmas, e que poderiam privilegiar a obtenção de dados sobre controle e uso das mesmas. No geral, quase um terço apenas do total de unidades alcança um bom nível de aquisição por compra, e um número representativo de unidades constitui acervos com doações (nas unidades de interior), supondo-se que o grande problema é a escassez de verbas. A questão das doações, sem critérios de recebimento e/ou de expurgos, é fato grave, que ocasiona formação de acervo desconexo.

Livros: relação entre obras de referência / literatura / livros didáticos

Q.18 – *A* - Quanto a coleções de *livros*, calculam-se cerca de 400 mil volumes para a B. Mário de Andrade. Separadamente, observa-se que, na maior parte das bibliotecas para adultos, há coleções entre 10 a 30 mil vols.; 9 bibliotecas, entre 30 a 40 mil; e uma, com 54 mil + um Sistema Móvel de Leitura.

As coleções de *Obras de Referência*, na maior parte das unidades, atinge cerca de 10 a 40%

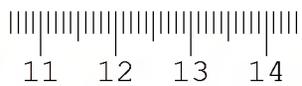
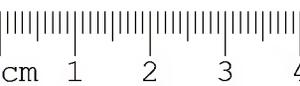
do acervo geral.; entretanto, s/r: 91. Para as coleções de *Literatura e Livros didáticos*, é idêntica à posição anterior. Foram notadas também respostas controvertidas para coleções de Referência, Literatura e Livros didáticos; daí, não poder confiar-se nesses dados.

NDM – Tendo como parâmetro 600 volumes para 1 000 hab. – e com apoio de informações sobre o número de usuários reais e potenciais, este aspecto deverá, posteriormente, ser objeto de estudos mais apurados. De alguma forma, parece um escore razoável as porcentagens apuradas para a coleção de referência, lembrando, por exemplo, que para este setor os padrões mínimos determinam 10% da coleção total. Todavia, é preciso saber o que estaria correspondendo ao restante do setor de livros. Saber só quantos volumes atingem as coleções, não basta, se não forem verificados, ainda, certos pontos como: atualização, pertinência dos títulos/assuntos das publicações em relação às necessidades expressas pelos usuários em estudos específicos para tal; enfim, a qualidade do acervo...

Periódicos

A – Questão prejudicada porque parte dos informantes entendeu qual seria o número de títulos; parte como número de assinaturas e ainda outros como número de volumes. Quanto à Biblioteca Mário de Andrade, o no. total de títulos é de 12.076. - *B* - Para BIJ não foram repassados dados específicos para revistas. - *C* - Para 57 unidades, no geral, acusou-se um número de 500 a 10 000 revistas, sendo sem respostas: 81 unidades.

NDM – De modo geral para a questão de acervo, supõe-se que estas questões não puderam ser bem entendidas pelos informantes. Na verdade, as perguntas de um questionário devem ser extremamente claras e coesas, bem



como é preciso que as unidades tenham critérios de desenvolvimento de coleções, calculados em objetivos dos serviços de informação e parâmetros de seleção, a fim de possibilitar que se aquilatem valores com fidedignidade.

Continuando, quanto a *Seções Especiais*, foram assinaladas :

- *A - Videotecas* : 17 unidades as possuem, com cerca de 60 a 150 espécies; 11 - Nada. *Mapotecas* : quase o total (23) entre 05 a 82 espécies e 05 - Não. *Discoteca* : nenhuma delas; porém, possuem fitas cassetes. Outros materiais e organizações : 27, entre eles: Hemeroteca, Livros em Braille, CD-ROM, Globos terrestres, Quadros.

- *B - Brinquedoteca* : somente uma. *Videoteca* : 34; *Discoteca* : 29; Outros materiais : 21; Recortes de jornais; Slides; CD-ROM, CD, Histórias em quadrinho-

- *C* - No geral, entre as 368 unidades, foram apurados: Brinquedoteca = 38; Videoteca = 174; Mapoteca = 131; Discoteca = 84; Outros = 03.

NDM - O número dessas coleções ainda é mínimo, havendo necessidade de verificar a qualidade, pertinência e atualização dos materiais. Não existem pontos específicos para estes tipos de coleções nos padrões mínimos. Entre materiais e equipamentos especiais assinalados, foram citados: recortes, desenhos, pinturas, selos, HQ, fotos, partituras, gibis, peças de museu, material eco-turismo, globos, quadros didáticos, materiais em Braille, fitas K-7, diapositivos, CD-ROM, epidoscópios, retroprojetores, telão, projetor de slides, pianos, violões, aparelhos de som e reprografia, TV, Vídeos, Lab. de Línguas.

Observa-se que não há modernização para equipamentos das tecnologias emergentes, sequer para os recursos da Internet.

Usuários – relação ao atendimento e à motivação

Q.19 – A - Focalizando agora o atendimento ao público, quanto à frequência a média mensal assim se configura: entre 2 a 6 mil frequências = 16 unidades; 6 a 10 mil = 11; 16 a 17 = 01; acima de 20 000 = 01 Quanto a empréstimo, vai de 6 000 a 20 000 = 22 unidades, e acima de 20 000 em 6 bibliotecas.

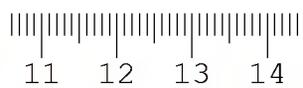
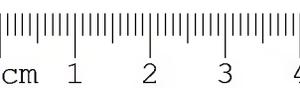
B - Frequência mensal, na BIJ, constataram-se entre 700 a 4 000 = 38 unidades; 5 a 7 000 = 04; 9 a 14 mil = 04. Empréstimo mensal : entre 300 a 800 = 04; 800 a 2 000 = 17; 2 000 a 5 000 = 14.

- *C* - Em geral, com um número maior de unidades (218), verificaram-se frequências entre 500 a 5 000; acusando o restante, entre 6 000 até números como 30 a 60 mil, sendo s/r:18.

NDM - Não podendo contar-se com número de usuários reais para cada unidade e/ou aproximações de público potencial (população do bairro e/ou da cidade), fica-se sem referencial para aquilatar a frequência. Há diversidade na quantidade dos dados, entre os departamentos e os bairros, precisando levar-se em conta muitos fatores, entre eles: o no. total de usuários inscritos, a forma de medir a frequência, até a ambiência da biblioteca, que tipo de mediador orienta os mesmos. Nos controles de frequência, é importante que se calculem também quantas vezes a mesma pessoa usou a biblioteca, o nível de consulente e seus propósitos. Somente assim, esses aspectos podem oferecer dados para inferências. Transparece, de outro lado, grande número de frequência e empréstimo.

Q.20 – A - Em que estaria motivando o uso da biblioteca, entre três focos, pode-se constatar o que segue:

Pesquisa escolar – entre 70 a 90% de uso dos materiais, destacaram-se apenas 18 bi-



bibliotecas. *Pesquisa em geral* –entre 20 a 50% = 04 bibliotecas. Sem resposta = 02. *Lazer* somente uma alcançou 90%; e 04 unidades chegaram entre 20 a 40%, s/r :02.

- *B - Pesquisa escolar* : 60 a 90% = 23. *Pesquisa geral* : 0 a 10% = 22; 11 a 30% = 14. *Lazer* : entre 20 a 50% = 36.

- *C - No geral*, cerca de 240 unidades alcançam entre 50 a 80% de procura para pesquisa escolar, sendo s/r: 35; um no. grande expressa apenas 10 a 30% de uso para pesquisa em geral, sendo s.r.:50; No caso do lazer a metade aproximadamente faz uso deste tipo de atividade.

NDM – Tanto nas bibliotecas de Adultos como na BIJ, e em geral, recai na pesquisa escolar a maior procura da biblioteca, tendo em vista a falta de bibliotecas escolares no município todo. Um no. razoável não responde. Restaria saber a opinião e o comportamento dos mediadores a respeito do tempo tomado com escolares, em detrimento de outros segmentos da comunidade, e vice-versa o que estes segmentos estão sentido falta de um devido atendimento à sua categoria. Faltaram questões formais sobre como são fomentados os hábitos de leitura e/ou quais têm sido as estratégias para tal.

Acesso livre às estantes

Q.22 - A – Quanto às formas de *acesso livre às estantes*, permitindo aos usuários irem diretos às estantes, o total de bibliotecas têm acesso livre. - *B* - Todas as bibliotecas com acesso aberto. - *C* - Das 368 unidades, 322 têm acesso livre e 37 são fechadas, sendo s/r 09.

NDM – Positivamente, observou-se que os usuários têm tido liberdade de ir livremente às estantes, faltando porém questões sobre a existência de treinamento específicos para uso da biblioteca, atitudes e

metodologias de assistência aos consulentes, de modo informal. Supõe-se que 256 bibliotecas dos municípios do interior tenham acesso livre.

Equipamentos

Q.23 – Sobre tipos de *equipamentos* da Biblioteca: *A* - Mais de 50% possuem TV e Vídeo. Entre outros equipamentos, foram apurados: Aparelhos de som = 05 bibliotecas; Telão = 01; Retroprojeter + 02.

- *B* - Todas as bibliotecas possuem TV; e 34 têm Vídeos. Entre outros equipamentos: Aparelhos de som = 21; Projetor de slides = 10; Rádios = 02; Gravadores = 03; Câmara fotográfica = 01.

-*C* – *Ver também questão 18.*

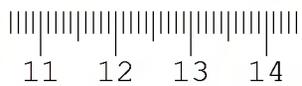
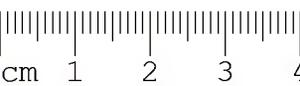
NDM – Os equipamentos são ainda tradicionais, sendo comuns os vídeos e aparelhos de televisão; porém, não existem em todas as bibliotecas, devendo ser apurados os tipos de atividades e programas que utilizam tais equipamentos. Equipamentos eletrônicos mais modernos, os datashow e equipamento para uso de *recursos da Internet*, não foram solicitados nas perguntas, mas não existem.

Atividades oferecidas ao público

Q.24 – *Atividades oferecidas regularmente ao público* : - *A* - Palestras = 27; Oficinas = 28; Encontros com escritor = 28; Cinema e Vídeo = 19.

- *B* - A maioria das unidades da BIJ conta com: Hora do conto = 29; Palestras = 23; Oficinas = 25; Encontro com Escritor = 36. Ainda: visitas monitoradas; teatro; música; dança; jogos; passeios entre 01 a 06.

- *C* - Grande parte dos informantes não responde à questão. Cerca de um terço apresenta práticas com: Hora do Conto, Palestras, Oficinas, Encontros com o Escritor e exposições. São citados também outros tipos e atividades como: bandas, corais, lançamen-



tos de livros, horas de brincar, jogos lúdicos, torneio de palavras cruzadas, danças, saraus literários, cursos vários, reuniões, concursos (literários, poemas “Brasil 500 Anos”, murais) atividades culturais várias (oficinas, gincanas, quintas musicais, vídeos didáticos, cine clube 16 m, projetos (educacionais com escolas, “somos brasileiros”, sala de leitura para penitenciários); mural circulante, painéis com assuntos vários, visitas monitoradas, projeções, grupos de terceira idade, serviços utilitários (pegue e leve, feira de troca de livros).

NDM – Grande parte das atividades citadas são tradicionais, desenvolvidas desde há muito tempo atrás, porém continuam sendo válidas para estes tipos de bibliotecas. Faltam informações sobre que tipo de avaliações têm ocorrido a respeito dos benefícios dessas atividades e da modernização das suas práticas, principalmente no que tem revertido para o fortalecimento da leitura, pesquisa, expressão oral e redação.

Serviços especiais

Q.25 a 26 - A - Oferecem *serviços especiais*: Acervo Braille = 03 bibliotecas; Empréstimo domiciliar = 05; Grupos de Idade Melhor = 09 bibliotecas; 19 – Não; Ônibus-Biblioteca – Uma Seção de Coleções Itinerantes; 06 Roteiros de Bibliotecas ; 02 Bosques de Leitura em Parques (Ibirapuera e Piqueri). Para Idade Melhor = 09 bibliotecas .

- *B* - Atividades especiais: para deficientes: 06; para Idade Melhor = 08, tais como: encontros de convivência, informações; oficinas; palestras; teatro; música; dança e exposições, entre uma a duas bibliotecas.

- *C* - Serviços especiais para deficientes: 324 não! 44: sim, entre eles: hora do conto, atendimento preferencial e a domicílio, atividades culturais, pintura e computação, vídeos. visitas monitoradas, curso de xadrez, livros em

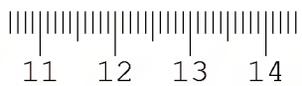
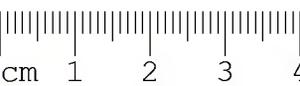
Braille, fitas K-7, rampas de acesso, banheiros especiais. Para Idade Melhor: 323 não! 45 sim, entre eles: empréstimos a domicílio, eventos culturais, teatro, oficinas, exposições, chá, grupos de 3ª idade, corais, passeios, crocheteira, vídeos, concursos literários, música, dança, incentivo à leitura, serviço de informação, visitas às casas de repouso, memória, quadilha.

NDM - A atenção para os serviços e grupos especiais, embora não aconteça em todas bibliotecas, já existe amostra significativa da consciência social dos bibliotecários. Estudos e avaliações, entretanto, são necessários a respeito desses serviços para detectar objetivos dos mesmos, dificuldades e benefícios aos usuários.

Serviços de extensão

Q.27 e 29 - Serviços de extensão - A - Caixa-estante = 09 em - *B* = 19. Outros serviços de extensão-ambulante: desativados. - *C* - Em geral, das 368 unidades cerca de 316 não proporcionam atividades de *caixa-estante* à comunidade. Em número de 52 unidades, sim, contando com cerca de 01 a 60 unidades. Sendo, portanto, somente 24 no interior. *s/r*: 05. Quanto a *ônibus-biblioteca* 362 não contam com este meio de circulação de materiais; somente 06, com 05 viaturas. Entre outros serviços ambulantes, 136 unidades apontaram: Salas de Leitura; Biblioteca Itinerante; Gosto de Ler; Projetos-piloto para organizar e assistir bibliotecas ambulantes; Acordo com Professores; Envio de Livros a comunidades de zona rural; Biblioteca Vai à Rua; Presídios; Biblioteca-Viva; Mural Circulante; Palestras Itinerantes.

NDM - Embora continue a tradição dos serviços de extensão, principalmente os ambulantes - tão importantes para a periferia de uma cidade grande como é São Paulo e de



motivação para a população de zonas rurais - parece terem sido eles desativados na época atual. Há necessidade que as causas sejam determinadas.

Considerações Finais e Recomendações

O questionário, estruturado em 31 questões, mesmo, sob reservas, pôde fornecer informações cadastrais e outros dados sobre os seguintes indicadores e situações: - biblioteca em atividade, paralisada ou extinta; prédio próprio; a área aproximada; horário de funcionamento; - informatização e software utilizado; formação e treinamento do pessoal; total de funcionários; acervo, com números de títulos de livros; revistas, jornais; porcentagem de obras de referência, literatura e livros didáticos; seções de materiais e equipamentos especiais; frequência mensal; formas de aquisição; motivação ao uso da biblioteca; tipo de acesso às estantes; atividades oferecidas regularmente e serviços especiais e de extensão; tema e local de interesse para próximos encontros.

Como foi explicado, anteriormente, a Análise em pauta só pode ser realizada de forma prática e exequível à situação dos dados obtidos de um questionário não-adequado, resultando em um Levantamento preliminar próprio para estudos exploratórios, porém sendo expediente-base para projeção de outros instrumentos futuros de pesquisa. A ambiência de investigação recaiu nas bibliotecas do sistema municipal e estadual de São Paulo, Brasil.

A presente Análise teve três tipos de apoio :

- 1- Questionário e tabulação (com reservas).
- 2- Grande vivência (profissional, ensino/pesquisa, coordenação de concursos públicos da área e participante ativa no movimento associativo estadual e nacional, conhecendo bem o contexto).
- 3- Relatórios dos três Sistemas (sucintos, porém com apreciações críticas fidedignas,

apontando problemas seguidos de causas), bem como na questão aberta n. 30, discriminada em seguida.

Trabalhamos, pois, com re-tabulação dos dados, resultantes de 368 unidades, pontuando a mesma em três segmentos: *A - Adultos; B - Infante-Juvenil. C - Geral* para os três Sistemas. Documentação dos resultados disponível aos interessados no CRB-8.

Partimos mais para análise qualitativa do que a altos procedimentos estatísticos.

ANÁLISE COMPACTA

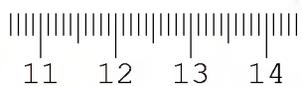
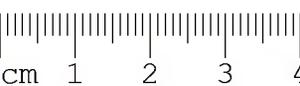
A questão aberta, no.30, - *Qual é o tema de interesse para discussão nos próximos encontros?* deu margem a significativa percepção de ordem qualitativa, ou seja, as 239 respostas dos informantes (todas mulheres) encerraram aspirações íntimas e reivindicações que mereceram ser classificadas em cinco grandes blocos, a saber:

1 - A Biblioteca Pública em vários aspectos:

Papel e redimensionamento das bibliotecas públicas. Planejamento e re-estruturação. Ação cultural. Contexto social. Acervo (formação, preservação e atualização; recursos e verbas, apoio financeiro e porcentagem nos orçamentos das Secretarias de Cultura). Legislação para incentivos e apoios às bibliotecas, pelo Estado e outras entidades filantrópicas. Diferenças nos pequenos municípios, falta de valorização às bibliotecas do interior, dinamização de seu funcionamento; reconhecimento ao bibliotecário e à biblioteca, sua inserção no contexto, social, político.

2 - Formação contínua e Atualização do profissional:

Necessidade de especialização, de reciclagens, de programas de formação em servi-



ço não só aos bibliotecários como aos atendentes e auxiliares, de critérios para atender usuários. Relacionamento entre atendentes e usuários. Como montar um ônibus-biblioteca e uma brinquedoteca. Ensino de como encadernar e a formar grupos de contador de histórias. Como atender grupos de 3ª idade, deficientes; proferir palestras e preparar oficinas; como reconhecer o público-alvo das bibliotecas públicas, e como atender estudantes.

3 - *Interação e parcerias: inquirições*

Falta de vínculos e integração entre bibliotecas públicas; com professores e biblioteca escolar. Biblioteca pública ou escolar? Papel da biblioteca pública frente as escolas. Chegar a um Sistema único de bibliotecas estaduais. Compromissos com a sociedade; como enfrentar questões de drogas, vandalismo, depredação e proteção às bibliotecas. Inteligência emocional; aprofundamento dos temas abordados neste Fórum. Como chegar-se a gestões de qualidade total, na prática. Ainda, o principal: a motivação e incentivo ao hábito da leitura; as Salas de Leitura nas escolas; as estratégias para a satisfação dos usuários; os estudos de uso; os projetos de adequação à educação;

4 - *As intenções para o futuro e as tecnologias emergentes:*

A Biblioteca Pública no ano 2 000. Intercâmbio e troca de experiências entre redes de bibliotecas públicas em São Paulo para uma política geral para este tipo de bibliotecas. Ações e políticas necessárias vindas do governo. Política cultural, também. Extensão cultural e otimização do uso das bibliotecas. Comunidade e biblioteca. Educação ambiental. Informatização e Novas Tecnologias da Informação. Globalização, bug do milênio; biblioteca virtual. Treinamento para novos cenários eletrônicos. O biblio-

teário - será substituído? Acesso à informação eletrônica para a camada carente da população. Inovação de serviços, mudanças de práticas. Lembrar, por exemplo, de programas como "Brasil 500 anos", cultura caipira; marketing de bibliotecas.

5 - *Órgãos associativos e Escolas:*

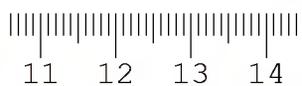
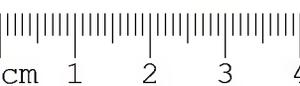
O que os Conselhos e Sindicatos oferecem de concreto às bibliotecas? Formação do bibliotecário, quais as mudanças! Incentivo, de parte das escolas de Biblioteconomia, para melhoria do ensino. Formação de pessoal e manutenção de arquivos públicos.

Portanto: as sugestões foram extremamente válidas não só para contextualizar as diferenças de opiniões como para aquilatar as suas variadas preocupações sociais e profissionais e desejos íntimos de soluções para um quadro transparente destas bibliotecas públicas paulistas. É a voz alta e reprimida de um contexto bibliotecário que precisa ser ouvida pelas autoridades constituídas!

Para a análise propriamente dita reportamo-nos, agora, ao Manifesto da UNESCO (1994), refletindo ainda sobre os principais problemas que abatem as bibliotecas públicas brasileiras, levantando dois grandes pontos:

QUESTÕES BÁSICAS QUE PREOCUPAM OS ADMINISTRADORES DAS BIBLIOTECAS

- * falta de verbas para desenvolvimento dos acervos e manutenção regular das coleções;
- * redução de pessoal; portanto, necessidade de fortalecer os quadros de recursos humanos e cuidar da atualização profissional a todos;
- * decréscimo de qualidade de serviços, cau-



sando desmotivação aos usuários;

- * modernização das bibliotecas (equipamentos, instalação de redes de comunicação, entrada à Internet.

ENTENDENDO O NOVO MANIFESTO DA UNESCO (1994) PARA BIBLIOTECAS PÚBLICAS

- A Biblioteca Pública é o centro local de informação, disponibilizando prontamente ao usuário várias formas de conhecimento, por meio de coleções e serviços de todos os tipos, com materiais convencionais e documentos eletrônicos/digitais provindos de tecnologias modernas, em forma adequada e de qualidade.
- A Missão da Biblioteca – que é oferecer informação e cultura; apoiar a alfabetização e educação à comunidade, sem preconceitos de forma alguma - deve ser da responsabilidade de autoridades nacionais e locais, sendo necessário, por sua vez, que se comprometam a apoiar e acompanhar o seu desenvolvimento.
- Os recursos e formação de redes de comunicação, é responsabilidade também de autoridades governamentais nacionais e locais, devendo prover legislação específica para tal.

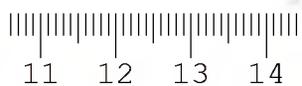
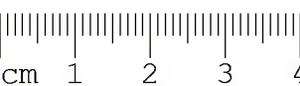
Os princípios universais norteadores, na verdade, têm de ser discutidos nas suas entrelinhas, principalmente nos países em desenvolvimento, conquanto as situações precárias das bibliotecas públicas nacionais e locais demonstram a impossibilidade de a Biblioteca Pública ser dirigida, com o melhor, a todos, sem que possa contar com adequada infraestrutura física, material e de recursos humanos necessários para tal. Apontando-se ainda

a idéia moderna de necessidade de segmentação de públicos-alvo e dos prévios estudos de necessidades e interesses de usuários para atender com equilíbrio a todos os segmentos da comunidade. Daí, apresentarmos algumas ponderações onde transpareçam necessidades e ações que devam ser alcançadas para resolução dos problemas da biblioteca pública, e facilitem recomendações finais deste Fórum:

- 1- Fica patente a necessidade de serem formados Grupos de Estudo ou Trabalho – em parcerias entre profissionais, associações de classe, docentes da área e especialistas – para que se planejem apuradamente outros instrumentos de pesquisa a fim de obtenção de resultados fidedignos a serem apresentados de modo contundente às autoridades governamentais, ligadas às bibliotecas públicas.

Neste particular, deve-se atentar-se para a identificação dos seguintes pontos:

- a) número dos públicos-alvo que cobrem cada contexto, na área da Capital e do Interior, como também seus níveis, propósitos e formas existentes de orientação e treinamento para obtenção e uso da informação;
- b) número de agentes e mediadores da informação, seus níveis educacionais, atividades e educação contínua, bem como detecção de dificuldades, aspirações e consciência social.
- c) relações entre públicos-alvo / número de usuários / pessoal / coleções bibliográficas/e multimídias, sob fundamentos de padrões nacionais;
- d) elementos para modernização da biblioteca pública em relação a materiais eletrônicos/equipamentos, implementação de redes para sua efetiva introdução às novas tecnologias da informação, sobre-



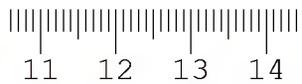
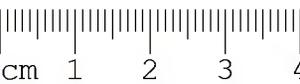
- tudo a comunicação por redes eletrônicas/digitais, para poder usufruir dos recursos da Internet, e instaurar ambientes virtuais;
- e) formas de entendimento e parcerias entre bibliotecários e educadores para que repense o melhor atendimento ao escolar, respondendo à pergunta – Biblioteca Pública e Escolar? – ou Biblioteca Escolar junto aos estabelecimentos de ensino? – e/ outras alternativas;
- f) políticas e estratégias para a formação e manutenção de acervo da biblioteca pública; como também legislação existente c/ou revisão daquelas que emperrem o desenvolvimento regular das coleções bibliográficas e dos modernos multimeios; enfim, políticas e legislação existentes sobre bibliotecas públicas e escolares no Brasil e em São Paulo
- 2- Faz-se necessário, também, repensar os Padrões Mínimos para a Biblioteca Pública – em nível nacional e local – atualizando os dados da IFLA [Normas para Bibliotecas Públicas; tradução de Antonio Briquet de Lemos, de 1976, para o MEC/INL]; recomendando-se formas de parcerias entre membros de comissões de órgãos associativos, profissionais da biblioteca pública, docentes da área e especialistas de apoio, para estudo urgente ao assunto, incluindo formas de captação de recursos dos órgãos de apoio à pesquisa, para que se efetive tal empreitada.
- 3- Revisão imprescindível a dados de população e comunidades que não contam com bibliotecas; adequação de áreas físicas, manutenção de prédios; renovação de arquitetura interior dos salões de leitura, lazer e comodidades aos usuários internos; detecção das aspirações dos usuários, tanto da Capital como do Interior; dos grupos especiais; dos serviços ambulantes, bem
- como atentar para provisão de atendimento público em períodos noturnos e fins de semana, cujos espaços são ociosos neste período, propiciando ainda que estes assuntos sejam objeto de pesquisas específicas sob apoio de sociólogos e arquitetos..
- 4- Iniciativas são necessárias para formulação de propostas concretas para um Sistema de Educação Contínua, visando o aprofundamento e motivação profissional e a qualidade do serviço prestado. Incluir itens sobre escalas promocionais de salários dos bibliotecários e pessoal de apoio, bem como formas de Sistema de Rodízios, para atendimento nos fins-de semana e período noturno, sob forma de remunerações extraordinárias.
- 5- Enquadrar nos eventos profissionais a discussão de formas de incentivo à pesquisa e a revisão de estudos e produtos profissionais que gerem receita para a biblioteca, tais como: Manuais, Guias de Pesquisa, Relatórios Técnicos, Padrões Mínimos para Biblioteca Pública Paulista, *book store* – pontos de venda de produtos gerados da produção do pessoal da biblioteca e grupos de usuários, revisando legislação a respeito.

Abstract: Survey presented previously at São Paulo Forum for Public Libraries (Brazil), Sept. '99. Organisation: Local Professional Library Associations and Library Regional Council [CRB-8- São Paulo]; Public Library Systems [PLS], municipality and state; Brazilian Federation of Professional Associations (FEBAB) — Population: PLS 60%'s returned questionnaires — Tabulation: CRB-8 — Interpretation / Analysis: Macedo (1999), under three tabulation' sources; PLS reports and analyst's large experience — Aim: attempting to get critical points, quality and modernization of those libraries surveyed — Procedures: At three blocks; A (PL municipality/Adults) B



(PL municipality children), C (PL general, including state cities), under a compact tabulation, each question was analysed using the following attributes: population, libraries in activity and with their own building, area/dimension, daily schedules, automation, human resources, general and special collections, users, circulation and reference services, access, types information use, and equipments. The latest question, in relation to the desired themes

for the next meeting, was significant for revealing the informants' aspirations and claims — Final considerations: two great points were pointed out: - Basic questions that are preoccupying the library managers – Re-thinking the Unesco 1994 Manifest for Public Library. Recommendations: five blocks of alerts including the principal points of the analysis, **Key words:** Public Libraries. São Paulo, Brazil. *Diagnosis. Analysis.*



COMUNICAÇÕES

A FEBAB FAZ 40 ANOS (1949-1999) –

O QUE VOCÊ SABE SOBRE ELA?

A **FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS (FEBAB)**, criada por resolução do II Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, em Salvador, 1949, teve como fundadora, em 26 de julho de 1949, Laura Moreno Russo. Esta dinâmica presidenta dirigiu por alguns anos a Federação, empenhando-se logo em adquirir a sede que até hoje se localiza à Rua Avanhandava, 40, centro de São Paulo.

Na década de 40 – a meio de extensiva luta e negociações, tendo à frente Laura Russo, com apoio dos membros das primeiras diretorias, associações existentes e docentes de cursos de biblioteconomia – deveu-se a esta pleiade de beneméritos o reconhecimento da profissão. Daí por diante, coube ao bibliotecário o direito de ingressar no Quadro de Profissões Liberais – Grupo 19 – anexo ao Decreto Lei de 1º de maio de 1943, da Consolidação das Leis do Trabalho.

Esta Lei maior da carreira do bibliotecário – 4084/62 – publicada no Diário Oficial de 02 de julho de 1962, somente em agosto de 65 é regulamentada, partindo daí a ação dos Conselhos de Biblioteconomia (federal e estadual) no tocante à fiscalização da profissão.

A lei 4084 foi sendo revista por longos anos e somente, em 1998, deu-se a aprovação de

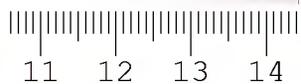
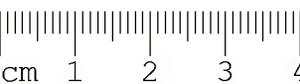
algumas mudanças através da Lei 9674/98, publicada no Diário Oficial de 26 de junho de 1998, sujeita ainda à regulamentação.

Na América Latina bibliotecários da Argentina, Paraguai e Uruguai e de vários outros países estão lutando ainda para a aprovação de uma lei semelhante a 4084, incluindo funções de fiscalização profissional e educação contínua para licenciados ou profissionais com diferentes níveis de graduação, além da promoção da valorização profissional e representação da classe em nível nacional e internacional.

Desde 1966 a FEBAB é reconhecida como entidade filantrópica, sem fins lucrativos, pelo Decreto Federal de no. 59 503/66, sendo anualmente atualizado.

Em quarenta anos de existência, a FEBAB reúne e integra vinte uma Associações Estaduais de Bibliotecários e ainda Associações Municipais: São Paulo, São Carlos e Campinas. Em Juiz de Fora existe a Diretoria Regional da ABMG.

A ação desta Federação se apoia em uma Diretoria Executiva, eleita por um período de três anos, compondo-se de profissionais de vários estados, e ainda contando-se com as Comissões Brasileiras, especializadas em várias áreas, que reúnem profissionais de bibliotecas



biomédicas, jurídicas, de ciência e tecnologia, entre outras áreas; bibliotecas públicas, escolares, universitárias etc.

Estão sendo reativadas a partir de 2000 algumas Comissões Brasileiras, entre elas, a de Ciência e Tecnologia; Informática & Processamento da Informação. Nos vários estados brasileiros cresce o reconhecimento da importância de trabalhar-se em grupos. O uso do e-mail está agilizando a integração inter/entre cidades e interior.

A MISSÃO DA FEBAB

A missão da FEBAB define-se em “congregar, representar, promover e desenvolver em princípio profissionais brasileiros de Biblioteconomia e Documentação, Ciências da Informação e Gestão da Informação, e ainda os de ciências afins, integrando associações e instituições do campo, em nível nacional e internacional”.

O negócio da FEBAB, por meio de uma série de ações, visa a qualificação dos profissionais e conseqüentemente os serviços de informação da área, e ainda o fortalecimento do movimento associativo brasileiro.

Uma das fortes competências da FEBAB, por diversos meios, é imprimir a conscientização dos associados para a educação contínua, promovendo cursos regulares e eventuais; seminários e congressos tanto nos estados e regiões como em nível nacional e internacional, sempre contando com apoio das associações filiadas para a sua organização e implementação.

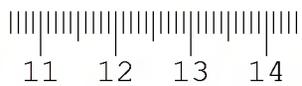
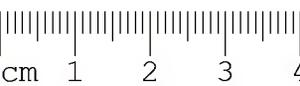
Entre os CONGRESSOS e outros eventos promovidos por esta Federação, destacam-se:

CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO – realizado de três em três anos pela FEBAB, com a participação e organização das associações estaduais, apoio de firmas especializadas em organização de eventos e ainda patrocínios de diversos tipos de entidades. Já ocorreram dezoito congressos nacionais nos mais diversos pontos do país. O décimo nono CBBBD será realizado em Porto Alegre em outubro de 2000, tendo em vista a integração do Brasil na comunidade de informação do Mercosul e demais países da América Latina. A média de frequência nos CBBBD é de 1500 a 2000 participantes inscritos, movimentando recursos da ordem de um milhão de reais em cada evento.

CONGRESSO LATINO AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO – já realizados pela FEBAB dois CLABD: o primeiro em Salvador e o segundo em Belo Horizonte. Este último, denominado BIBLOS 2000, teve grande repercussão perante a UNESCO. Além das programações normais, contou com 52 stands de produtos e equipamentos e ainda com a BIBA – Biblioteca Aberta, nos 500m² de área, pode receber cerca de 12 000 crianças e professores para participarem de atividades de biblioteca informatizada.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA - desde 1988 já foram realizados três em alternância Portugal/Brasil (Lisboa, Rio de Janeiro e Guimarães), com crescente participação de colegas da África de língua portuguesa. Aguarda-se o próximo evento para o ano 2001, no Brasil.

SEMINÁRIOS “BIBLIOTECA E DESENVOLVIMENTO CULTURAL” – durante as Bienais do Livro, em São Paulo e no Rio de Janeiro, com apoio da Câmara Brasileira do Livro, realizados oito eventos.



SEMINÁRIO “ADMINISTRAÇÃO DE ASSOCIAÇÕES E SINDICATOS DE BIBLIOTECÁRIOS E CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO” – decorrente do MODEL LIBRARY ASSOCIATION PROJECT, da Round Table on the Management of Library Associations and Institutions. Trata-se de segundo projeto proposto pela FEBAB à IFLA, em 1992. Realizado, primeiramente, em Minas Gerais, e repetido em associações de Santa Catarina e Pernambuco.

COMISSÕES BRASILEIRAS - realizam contínuos eventos de grande e médio porte nas várias áreas especializadas, contando com cerca de 500 a 600 participantes. Entre os eventos constantes, destacam-se os da área biomédica e jurídica e os das bibliotecas públicas e escolares.

A FEBAB tem-se empenhado em comercializar Anais de Congressos, edita a Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, que foi interrompida em 1993. Sob a direção da Profa. Neusa Dias de Macedo, entra em Nova Série, com dois números prontos para a publicação.

Filiada à IFLA – International Federation of Library Associations and Institutions – com sede em Haia, Holanda, a FEBAB representa o Brasil no cenário latino americano e internacional.

NOVA DIRETORIA DA FEBAB (1999-2001)

É constituída dos seguintes membros:

PRESIDENTE:

Maria de Lourdes Côrtes Romanelli - Minas Gerais

VICE-PRESIDENTE:

Sônia Holderbaum Vieira - R.G. do Sul

SECRETÁRIA GERAL:

Aracy M. Campos / Flávia Lobo - São Paulo

PRIMEIRA SECRETÁRIA:

Auri Maria Santos Vale do Amaral - Minas Gerais

SEGUNDA SECRETÁRIA:

Cristiane Dias - R.G. do Sul

PRIMEIRA TESOUREIRA:

Rosa Maria de Souza Lanna - Minas Gerais

SEGUNDA TESOUREIRA:

Conceição Maria Scott Figueiras - Minas Gerais

EDITORA:

Neusa Dias de Macedo - São Paulo

OBSERVADORA LEGISLATIVA:

Elaine Marinho - Brasília, DF

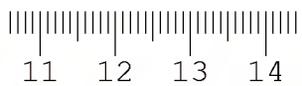
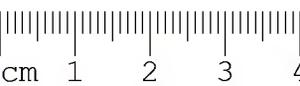
VALORIZAÇÃO PROFISSIONAL:

Walda de Andrade Antunes - Brasília, DF

Temas de principais empenhos e projetos em andamento:

- Inserção dos bibliotecários e dos órgãos de classe na comunidade informatizada e na sociedade da informação.
- Participação em projetos de incentivo à leitura.
- Fortalecimento da comunicação/informação por meio de home pages e grupos de discussão pela Internet.
- Programação de cursos visando a educação contínua.
- Regularização da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. Busca de parcerias e apoio para sua publicação e da AACR2 (em 2 vols.).
- Reativação do Grupos e Comissões; modernização e fortalecimentos das Associações existentes; criação de novas Associações nos estados.
- Estudos e decisões sobre a sede da FEBAB em São Paulo, buscando alternativas para obtenção de condições financeiras. Divulgação do modelo SOS FEBAB São Paulo para apoio estadual.

Vários projetos e parcerias estão sendo articulados tentando a valorização da classe,

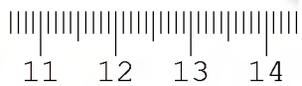
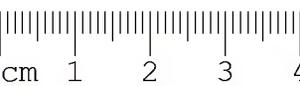


que serão divulgados gradativamente no momento de sua concretização. A FEBAB tem sentido dificuldades para entrar nesta nova era eletrônica e virtual e valorizar as intenções deste organismo federativo, contando pois com o apoio tanto individual como as-

sociativo de toda comunidade profissional brasileira.

Belo Horizonte, 10.09.2000

Maria de Lourdes Côrtes Romanelli – presidente da FEBAB



CRIAÇÃO DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECAS PARA O FUTURO

por Sarah Ann Long - Presidente da ALA - American Library Association
Tradução / Condensação: Neusa Dias de Macedo, II Seminário Latino
Americano de Associações de Bibliotecários e Profissionais Afins: "As
Associações do Futuro", Cidade do México, 15 a 17 de Março de 1999.

O PODER DA ASSOCIAÇÃO EM UM MUNDO GLOBAL

O poder de uma Associação de Classe reside no trabalho em equipe: entre aqueles que compartilham dos mesmos propósitos e ideais. A propósito, S.A Long se refere a uma ccna do dia-a-dia de um conto de Tolstoy, cuja moral da estória demonstra-va que, para algo funcionar, apoios comumente decorrem desde pessoas idosas a um pequenino ser (até um animal).

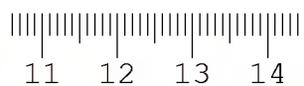
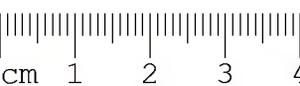
No atual mundo globalizado, os homens não imaginariam chegar a tais ambientes, conectados por meios eletrônicos, superando fronteiras geográficas nacionais. Hoje, não mais existem segredos internacionais, pois num instante ficamos a par de notícias decorrentes da Bosnia, Irlanda ou Ruanda.

Nos umbrais do século vinte, interessados, por exemplo, em bibliotecas e educação, ou melhor, aqueles que estão ligados a livros, informação, crianças, transmissão de cultura de geração à geração, devem manter-se unidos, aprender uns com os outros, compartilhar esperanças, conhecimentos e reflexões.

PROBLEMAS ENFRENTADOS PELA ALA NOS ESTADOS UNIDOS

Em suma, as dificuldades enfrentadas neste país assim se contextualizam:

- Produzir credenciais a bibliotecários de maneira eficaz num mundo com freqüentes mudanças profissionais e rápidas transformações. Antes, o credenciamento se fazia com escolas; hoje se dá com indivíduos em lugar de instituições. A vantagem reside em adicionar, por exemplo, ao título de mestre, uma especialidade como "gerente em bibliotecas públicas".
- Aceitar os pára-profissionais, cuja prática é questão ainda contravertida, exigindo a definição desta pergunta: - O que se entende por um trabalho profissional? Na verdade, tanto a ALA como as diversas associações estaduais americanas já dispõem de seções diferenciadas para esses tipos de assistentes, que constituem grupos crescentes e respeitados por serem essenciais e úteis para o contexto bibliotecário.
- Encarar outra prática em controversia - em fase de deliberação pela ALA - que é a contratação de serviços externos, como o da produção de fichas para catálogos e serviços técnicos em geral. Situ-



ação que está sendo entendida, por muitos, como renúncia à profissionalização das bibliotecas.

- Manter os bibliotecários em constante atualização, principalmente com novas ferramentas, sendo as tecnologias emergentes de informação um grande desafio. Surge, então, nova linguagem, forma de pensar, maneira de organizar a informação; enfim, outras questões também em decurso que exigem altos investimentos. Já existe lei norte-americana para gastos com telecomunicações das bibliotecas; entretanto, grandes companhias deste setor estão tentando eliminar esses descontos.
- Ao lado desses problemas, encontra-se um último: a formação contínua do profissional para que esteja em dia com as demandas dos clientes e com os desafios da tecnologia. Daí: formação, formação e formação!!!

CARACTERÍSTICAS DAS FUTURAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECAS

Em quatro aspectos é classificada essa caracterização:

- Capacidade de mudança de atitude e conscientização de seus membros, constituindo-se como arma poderosa para dar vigor à associação, garantindo assim o seu futuro.
- Capacidade de efetuar mudança, aprender adaptar-se a ela e ajudar seus membros a fazer o mesmo. Os associados devem reunir-se, pensar de maneira criativa, tomar decisões difíceis e atuar em seguida. Trata-se de um trabalho árduo, mas necessário.
- Capacidade de procurar os associados, colaborando com ele. Neste novo mundo, qualquer que seja a instituição, grupo, companhia, igreja, nenhuma delas pode manter-se por si só. Necessidade de

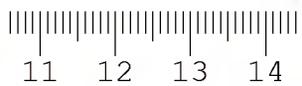
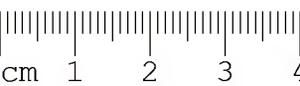
compartilhar uns com os outros, sob os mesmos objetivos e valores, estreitando os laços, dentro de uma mesma área de interesse. Por conseguinte: interação, integração, parceria!!

- Capacidade de facilitar a comunicação entre seus membros, por várias formas: reuniões, encontros face a face; conferências, em que todos os membros se pronunciem; também por meio de comunicação gráfica e eletrônica (correios, fax, telefone, formação a distância, vídeos, entre outros). A comunicação é fundamental se a associação quiser manter-se viva e atuante.

ATIVIDADES QUE FORTALECEM AS ASSOCIAÇÕES BIBLIOTECÁRIAS

Praticar atividades essenciais é o que se solicita às associações consideradas prósperas, tais como:

- Oferecer oportunidades de formação contínua aos profissionais, sendo preciso sondar as necessidades específicas dos associados. Uma das alternativas modernas, com a vantagem de quebrar fronteira geográfica, é a educação a distância.
- Feedback para favorecer interrelação e intercâmbio entre os membros. Por exemplo, nos fins de um seminário, por meio de formulários, proceder a uma avaliação. Nos Estados Unidos, as respostas têm sido sempre as mesmas, ou seja, “haver conhecido gente com os mesmos trabalhos e preocupações”, “ter aprendido muito com eles”, “compartilhar com as mesmas experiências e conhecimentos”, “agora não se sentindo mais só”.
- Estabelecer cânones de qualidade, firmando com isso poder à associação. Sua palavra terá força para representar os interesses de todo o país; podendo apro-



var a qualidade de dadas bibliotecas; determinando padrões para bibliotecas de qualquer tipo. Os padrões precisam representar o consenso de todas as bibliotecas – é um trabalho árduo que necessita compartilhamento entre vários grupos.

COOPERAÇÃO EM NÍVEL NACIONAL E INTERNACIONAL

Entre as sugestões, destacam-se: participação em reuniões e conferências em outros países; intercâmbio de materiais, de experiências e de funcionários; estabelecimento de canais de comunicação, entre eles, o correio eletrônico e as cooperações interamericanas (FORO [México]; ACCUREL [Caribe]; MERCOSUR).

Com esses tipos de inter-relações e formas de intercâmbio, resultam, por exemplo, conhecimento das tradições de diversos países e identificação de problemas comuns e suas soluções; ajuda mútua, intercambiando materiais, principalmente por via eletrônica, bem como trocando experiências e chegando até a uma relação pessoal.

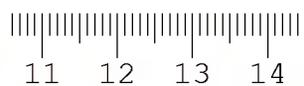
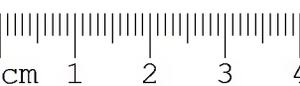
As associações dos Estados Unidos tiveram muito êxito com o intercâmbio entre México e Caribe, tanto no empréstimo-entre-biblioteca como na discussão de problemas comuns e ajudas mútuas. Já com Mercosul, houve acordo econômico-político, como também intenções de reforço e promoção de ideais bibliotecários comuns.

INICIATIVAS DA PRESIDÊNCIA DA ALA

Presentemente, o tema e plano de atividades da nova presidente da ALA é: “Bibliotecas constroem Comunidades”. Além do presente II Seminário Latinoamericano de Associações de Bibliotecários e Profissionais Afins – com o tema “Associações do Futuro” - está previsto o “Encontro Invernal da ALA”, a realizar-se em San Antonio, Texas, de 14 a 19 de janeiro, 2 000. A intenção é congregar a liderança norte e latino-americana para conhecimento mútuo de seus membros e intercâmbio dos ideais desta comunidade regional.

Como segunda iniciativa, Sarah Ann Long quer compartilhar em Projeto de Fraternidade Inter-Biblioteca para que, de outro lado da fronteira, cada um possa beneficiar-se e aprender com o outro. Trata-se de um intercâmbio descontraido, sem obrigações e diretrizes, cuja comunicação vai desde a correspondência tradicional ao correio eletrônico, e até a um complexo programa de intercâmbio de materiais e visitas pessoais.

Para esse programa, a ALA se associou a um organismo governamental: Comissão Nacional Norte-Americana de Bibliotecas e Serviço de Informação como também a um programa internacional de Cidades Irmãs. Isto tudo é parte integral do Encontro 2 000 de San Antonio, aberto às bibliotecas acadêmicas, públicas e especializadas. Tanto o Escritório de Relações Internacionais da ALA como a revista American Libraries estarão prestando informações sobre este evento.



ENTREVISTA

UM PERFIL DO BIBLIOTECÁRIO EM EVOLUÇÃO...



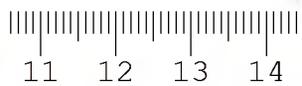
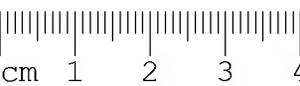
BRASILINA PASSARELLI, entrevistada por sua professora, *Neusa Dias de Macedo*, em 30 de março de 2 000, relembrou sua trajetória profissional desde a década de 70. Termina a Graduação em 1976, no Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP, continuando carreira universitária: mestrado, doutorado e, recentemente, concursada como docente (na área de Geração e Uso da Informação) nesta mesma Escola de Comunicações e Artes da Univer-

sidade de São Paulo. Desde cedo demonstrou interesses por novas tecnologias de comunicação. Temperamento arrojado, enfrentou muitos desafios, um deles, em início de 90, foi o de participar do Núcleo de Pesquisa das Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas a Educação (Escola do Futuro da USP), coordenando os projetos de multimídia, sendo hoje Membro Consultivo do NAP nesta entidade de pesquisa.

P - Por que escolheu a área de Biblioteconomia como primeira formação? Teve experiências importantes como bibliotecária, depois?

R - Esta pergunta me faz revisitar minha crise existencial quando do vestibular - eu fiz CESCEA pois queria fazer Arquitetura - sempre tive atração por cores, formas, volumes e design. Entretanto descobri, no cursinho, que não era ligada a física nem sabia desenhar o suficiente. Então desisti de ser designer para ser cineasta e entrei na ECA - cinema era uma paixão antiga.

No decorrer dos dois anos básicos da ECA (diferente de hoje em que os alunos já fazem opção para uma área) comecei a descobrir diferentes universos de conhecimento, e fui mudando: pensei em jornalismo, editoração e finalmente descobri a biblioteconomia no curso de Orientação



Bibliográfica, com a Profa. Inês Litto. Percebi também que poderia atuar em diferentes frentes como profissional da informação, pois já, na época em que ingressei na USP, os cenários possíveis começavam a se diversificar.

Desta forma, meu primeiro emprego como bibliotecária já foi um desafio. Assumi a chefia de uma grande biblioteca especializada em engenharia na empresa THEMAG Engenharia LTDA, cujo acervo contava aproximadamente com 15.000 livros e 150 títulos de periódicos correntes. Gereci uma equipe de 04 pessoas: dois funcionários de nível médio e dois estagiários de biblioteconomia. Atuei na Biblioteca por três anos, de 1977 a 1980. No primeiro ano, reformulei a infra-estrutura física da biblioteca; comprei estantes coloridas, novos fichários; mandei pintar as paredes; fiz projeto de sinalização do acervo, entre muitas outras coisas. etc. (Uma pauleira!) Às sextas-feiras, ajudava meus auxiliares com limpeza geral dos livros e revistas.

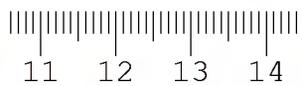
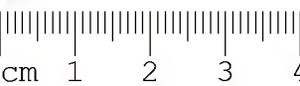
No segundo ano, com o espaço físico mais atracente, comecei a planejar mudanças para o tratamento técnico do acervo. Procurei o superintendente de informática e propus desenvolvermos um projeto para automatização do tratamento da informação. Depois de várias reuniões e muitos cursos (ele me obrigou a entender melhor o mundo dos grandes computadores e das linguagens de programação, participando assim dos cursos que eram oferecidos por uma das empresas do grupo - INTERTEC - especializada em treinamentos em informática). Desenvolvemos o projeto, passando a ser a responsável pela arquitetura do sistema de informação e modelagem dos dados, cabendo ao superintendente a implementação do mesmo. O ano III já contava com os novos catálogos impressos sob a forma de listagens, convivendo com o catálogo manual - era uma novidade e tanto!!!

Nessa época, fui convidada a ser a Superintendente Comercial da THEMAG para assumir a gerência de um Centro de Documentação para suporte de atividades contratuais e comerciais da empresa, a qual desenvolvia projetos de consultoria tanto no Brasil como no exterior. Movida pelo Desafio do Novo e por um "discreto aumento salarial", deixei a Biblioteca (com dor no coração, sic!!) e aceitei o novo cargo - nele permaneci por 8 anos.

P: Em que ponto da sua carreira foi despertado o interesse para a tecnologia da informação: no mestrado e/ou no doutorado?

R: Creio que desde as minhas funções na biblioteca, como falei anteriormente. Acontece que - como Gerente do Centro de Documentação da Diretoria Comercial, no período de 1981-1988 - chefeei uma equipe de 08 pessoas, sendo responsável pela elaboração do volume de *Pré-Qualificação Técnica e Comercial*, que cobria todas as propostas nacionais e internacionais apresentadas pela empresa em atendimento a editais de licitação governamental, cuja média alcançava 30 propostas / mês. Tratava de informação fundamental para uma empresa de projetos e consultoria: o conhecimento de seu "acervo" humano. Muitas concorrências são ganhas em função da qualidade e da experiência da equipe técnica alocada, o que era explicitado através dos *curricula vitae*. Isto explica o projeto que resolvi desenvolver, com o suporte da Superintendência de Informática, ou seja, um sistema automatizado para *editoração eletrônica* dos textos dos *Curricula Vitae* de 3.200 funcionários de nível superior da empresa (utilizando o software SCRIPT/IBM) e posterior *recuperação com banco de dados* (utilizando o software STAIRS/IBM).

A experiência tida com esse trabalho, deu margem para explicitar um problema de pes-



quisa, levando-me a apresentar um projeto de mestrado a ECA-USP, sob a orientação do Prof. Dr. Fredric Litto, pesquisador entusiasmado de sistemas de informação automatizados. Foi muito gratificante unir o mestrado a uma experiência concreta no mundo real. Na época, a THEMAG era a única empresa de consultoria de engenharia a possuir um sistema integrado de editoração dos textos dos currículos de sua equipe técnica acoplado a um sistema de recuperação dos mesmos, com buscas a partir de parâmetros isolados ou através de conectores booleanos.

Foram 8 anos de muita diversidade e aprendizado, mas, ao final do sétimo ano, eu já ansiava por um NOVO DESAFIO. Ele surgiu quando, em 1988, eu descobri a multimídia, o hipertexto, o universo das teorias de aprendizagem e da educação. Na ECA estava sendo testado, na ocasião, sob a direção do Prof. Litto, um laboratório de pesquisa interdisciplinar para desenvolvimento de projetos, utilizando as novas linguagens de comunicação em ambientes de ensino-aprendizagem. A ebulição de profissionais, com formação e tradição acadêmica diversificada, trabalhando harmoniosamente em projetos educacionais, seduziu-me a tal ponto que me fez desligar, voluntariamente, da THEMAG, a fim de partir para um doutorado como bolsista do CNPQ - no país e no exterior.

Durante seis meses, em 1990, me tornei "interna" no Laboratório de Mídias Interativas da School of Arts and Communications, da Michigan State University. Aí, aprendi a lidar com imagens paradas e em movimento, desenvolvendo projetos de CD-ROM com softwares de autoria. Além dessas atividades, mais "hands on", eu assistia, como ouvinte, cursos sobre teorias de aprendizagem e filosofia da educação. A partir deste literal internato desenvolvi a tese de doutorado *Hipermídia na Aprendizagem - Construção*

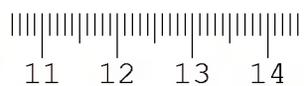
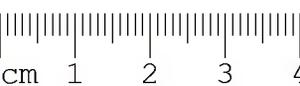
de um Protótipo Interativo: A Escravidão no Brasil, defendida em 25.05.93 também sob a orientação do Prof. Dr. Fredric Michael Litto, na ECA-USP. Como parte da tese foi produzido um videodisco interativo e uma interface de acesso multimídia gravada em CD-ROM, além do texto escrito.

P: Na sua atuação na Escola do Futuro /USP, quais foram as realizações mais significativas?

R: De 1989 a 1995: integrei o Grupo de Estudos sobre Multimídia. A partir de junho/93 assumi a Coordenação do *Grupo de Linguagens Interativas* do Núcleo de Pesquisas de Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas a Educação - *ESCOLA DO FUTURO/USP*. O grupo de multimídia contou, no biênio 92-93, com 04 pesquisadores bolsistas do CNPq e 03, especialistas contratados por projeto, perfazendo um total de 07 integrantes com uma produção bastante significativa. Lembro-me bem, nessa época, da sua pessoa: Profa. Neusa - que era Coordenadora dos "Gatekeepers" - dando muito apoio às pesquisas deste Grupo, na Escola do Futuro.

Nesse período, desenvolvemos produtos multimídia voltados para alunos das escolas técnicas federais com financiamento pelo CNPQ com a produção do *CD-ROM Desmistificando o Micro*. Também, foram desenvolvidos projetos para treinamento em empresas como o "game" multimídia *"Como Abrir Seu Próprio Negócio"* para o SEBRAE/Nacional e o instrucional Multimídia para a CESP sobre operações e manobras em subestações rebaixadoras intitulado *"Projeto O.P.E.R.A.D.O.R."*. Ainda para a CESP foi desenvolvida a versão PC em formato CD-ROM do projeto *"Desmistificando o Micro"*.

A descontinuidade do apoio do CNPQ, levou o grupo de Linguagens Interativas a



outros caminhos profissionais. Nesta época, julho de 1995, aceitei proposta de uma Multinacional Americana que se instalava no Brasil para exercer o cargo de *Diretora de Desenvolvimento de Negócios para Educação da Apple Computer Brasil Ltda* até fevereiro de 1998. Na Apple passei a desenvolver minhas habilidades de planejamento e marketing para política de canais com segmentação especial para educação; marketing educacional: campanhas publicitárias; coordenação geral e participação em eventos educacionais no Brasil e no exterior; relações institucionais com Universidades, incluindo a realização de “*briefings*” e visitas técnicas, bem como desenvolvimento de projetos estratégicos. dentre os quais destaca-se o *Governo do Tocantins* - projeto para Informatização de 20 salas de aula em 05 Escolas Públicas de Primeiro e Segundo grau. Comportava a aquisição de microcomputadores, impressoras, câmeras digitais, assim como a capacitação de 120 professores (multiplicadores) para a utilização de novas tecnologias. A capacitação dos professores foi complementada com 120h/aula para cada turma: março-junho, 1997.

Em fevereiro de 98, encontrava-me diante de outra crise existencial: havia descoberto que a minha mais forte motivação era desenvolver Projetos de Informação e Comunicação, e ainda exercer funções docentes. Resolvi, então, novamente, correr o risco de uma mudança radical e me dedicar, exclusivamente, à pesquisa e à docência. Desta forma, a partir de março de 98 eu voltava à Escola do Futuro da USP, da qual, na verdade, não havia me afastado. Convidada pela Apple para integrar o “Board” de Conselheiros da Escola, adquiri experiência notável nesse período. Agora, meu interesse migrara para o desenvolvimento de *projetos transdisciplinares com linguagem multimídia e veiculados*

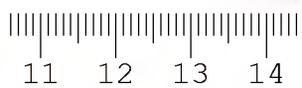
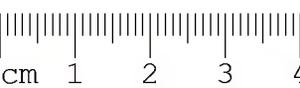
via Internet, voltados para professores e alunos das escolas públicas. Nesta esteira, desenvolvi, concebi ou coordenei, sites como:

Plugue-se na Copa -
www.intcrescola.futuro.usp.br/index2.htm

Escola do Futuro da USP, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, decidem implementar um projeto de abordagem transdisciplinar tendo como “*leitmotif*” a Copa do Mundo, realizada em 1998, utilizando-se da Internet como canal privilegiado de comunicação entre escolas públicas do Estado de São Paulo. As atividades do Projeto Copa do Mundo consistiram, basicamente, em promover a disseminação de conhecimentos de caráter multidisciplinar a cerca de 32 países que competiram na XVI Copa do Mundo, na França, em 1998, no período de 10 de junho a 12 de julho. Cada escola participante do projeto assumiu a identidade de um país, tendo como referência a própria realidade do seu país e de sua comunidade.

As escolas desenvolveram, semanalmente, durante as sessões de acesso a Internet para realização do projeto, atividades de pesquisa e troca de informações visando atingir múltiplos objetivos pedagógico/sociais tais como: melhoria do senso de auto-estima; incentivo à socialização e criação de comunidades virtuais; melhoria da capacidade de abstração e solução de problemas; desenvolvimento de múltiplas competências, além das áreas de lingüística e lógico-matemática. Enfim, como incentivo à criatividade e conhecimento de diferentes tecnologias.

Criando Comunidades Virtuais de Aprendizagem para o Próximo Milênio - Brasil 500 Anos - www.educacao.sp.gov.br



Este site contempla a participação de escolas da rede pública estadual brasileira e de escolas a nível internacional que tenham o português como língua principal, comunicando-se via Internet. Visa pesquisas desenvolvidas a partir de temas ligados ao Brasil. A possibilidade de criar comunidades virtuais nunca foi tão real para as escolas da rede. O tema Brasil 500 Anos não somente mobiliza o país a partir de campanha promovida pela Fundação Roberto Marinho como é alvo da EXPO'98 em Portugal.

Criando Comunidades Virtuais de Aprendizagem para o Próximo Milênio - Mutirão Digital - www.mutirao.futuro.usp.br

Escolas Públicas vão se Conectar a Internet através do Projeto Mutirão Digital

A iniciativa, idealizada pela Escola do Futuro da USP, com o apoio do Rotary Club e da Fundação de Rotarianos de São Paulo, tem por objetivo mobilizar a sociedade num verdadeiro mutirão "digital" para possibilitar o acesso dos alunos das escolas públicas brasileiras ao novo mundo da informação aberto pela Internet.

Após a conexão à rede, as escolas poderão participar de diversos projetos temáticos especialmente desenvolvidos pelos coordenadores da Escola do Futuro, sendo o primeiro deles um fórum de debates intitulado "ONU Virtual", para discussão e pesquisa sobre temas globais, como meio

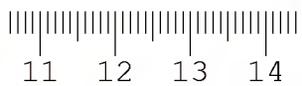
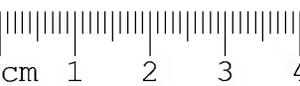
ambiente, saúde, economia internacional, política, entre outros.

P: As experiências com Novas Tecnologias em Comunicação e Informação estão agora - como docente do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP na Educação - modificando suas estratégias de ensino?

R: Certamente. Todos construímos nossos saberes no processo do caminhar e do viver - creio ser impossível dissociar da minha contínua educação, construída ao longo dos últimos dez anos. Por outro lado, vejo a possibilidade de expandir esta caminhada na docência e nas pesquisas sobre ensino a distância que pretendo desenvolver no CBD nos próximos anos.

P: Se tivesse que aconselhar estudantes interessados no ingresso a Cursos de Biblioteconomia, em resumo, que mensagens passaria a eles?

R: Na esteira da minha vida profissional, eu recomendo que eles estejam sempre abertos ao novo; que não tenham medo de percorrer novas trilhas na busca do conhecimento e do desenvolvimento profissional. O profissional da informação e da área de bibliotecas tanto pode trabalhar numa biblioteca como numa empresa de construção de sites e /ou em bases de dados comerciais ou institucionais. Outro fator importante, a meu ver, é fazer as opções profissionais pensando também no Prazer e na Sedução que a atividade exerce em si próprio - creio que toda experiência profissional ou pedagógica, para ser significativa, têm que proporcionar prazer e auto-estima.



NOTAS E REGISTROS

Coordenadora: Telma de Carvalho

FEBAB

Nova diretoria toma posse na sua sede, em 22 de janeiro de 1999, ver Seção de Comunicações: "A FEBAB faz 40 anos – O que você sabe sobre ela?"

e-mail: www.microplanet.com.br/agcult/febab/htm

A RBBB, depois de 5 anos, reaparece, pretendendo em futuro próximo sair *online*.

INICIATIVAS

"A FEBAB NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO E ATUALIZAÇÃO CONTÍNUA DOS PROFISSIONAIS DOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO E BIBLIOTECAS & INDÚSTRIA EDITORIAL NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO". Projeto em parceria com IBICT, prevendo outras colaborações com as 21 Associações Estaduais de Bibliotecários. Ações coordenadas de sensibilização para novos papéis exercidos pelos profissionais da informação. Definição de elenco de cursos, oficinas e seminários para atualização contínua, em atividades abertas ao público e em especial aos profissionais de bibliotecas, arquivos e museus e da indústria editorial.

A FEBAB PRECISA DE APOIO DE TODOS!!

TERCEIRO SEMINÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO DE ASSOCIAÇÕES E SINDI-

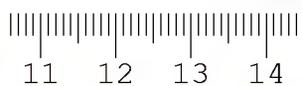
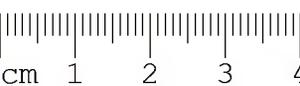
CATOS DE BIBLIOTECÁRIOS E CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO DO BRASIL, em Recife, no período de 27 de outubro de 1999. Entre os temas discutidos, destacam-se as mudanças que estão afetando a profissão e o mercado de trabalho, como estas mudanças influem nos órgãos de classe, e a utilização da Internet pelos profissionais da informação. O projeto para captação de recursos e geração de empregos também foi apresentado nesta para oportunidade. A exemplo de São Paulo, foi apontado como modelo o SOS/FEBAB

Este Seminário é resultado dos programas do Model Library Association Project da Round Table on the Management of Library Associations - RTMLA da International Federation of Library Associations and Institutions - IFLA. No Brasil, o projeto tem o apoio da Gerência Regional da IFLALAC / CNPq / IBICT; ABMG, APBPE

CONSELHOS

CFB

Em Brasília, em 15.12.1999, houve eleição conjunta por categoria - triênio 2000 a 2002. Renovando-se o Conselho Federal de Biblioteconomia, em 15 de maio de 2000 foi eleito, pelos pares, o novo presidente: Prof. Fernando Modesto, de São Paulo.



CRB-8

UNESCO/IFLA-Section of Public Libraries: UNESCO PUBLIC LIBRARY MANIFESTO 1994 www.ifla.org

Encontra-se à disposição dos interessados, no CRB-8, São Paulo, edição especial desse documento em **língua portuguesa**: “Manifesto UNESCO sobre Bibliotecas Públicas”, IFLA, 1994. Tradução da equipe “Fundação Biblioteca Nacional.” Esta edição especial contou com o apoio também do Departamento de Bibliotecas Públicas da Prefeitura do Município de São Paulo.

Inaugurando sua nova sede, na Vila Mariana, em 14.10.99, o CRB-8 fez uma série de homenagens – Prêmio “Biblioteconomia Paulista Laura Russo” - a reitores de universidades, docentes, alunos e profissionais que mais se destacaram nas suas funções e contribuíram para o desenvolvimento da Biblioteconomia e Bibliotecas em São Paulo. Novo telefone: 11 50821404 ou 5493440. O CRB-8 viabilizou a parceria de três conselhos: São Paulo - CRB-8; Paraná - CRB-9; Rio Grande do Sul - CRB-10; para a publicação deste 1º número.

ASSOCIAÇÕES

Homenagens - Eventos (Seminários, Semanas, Congressos)

NACIONAIS

Nova Diretoria da Associação Paraense de Bibliotecários eleita para o biênio 1999-2000. Presidente eleito: Maria Celeni Maciel Neves

A Associação Catarinense de Bibliotecários – ACB, por meio da Recomendação 001/97, de 10/09/1997, estabelece a padronização de valores para a prestação de serviços profissionais

na área de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação no Estado de Santa Catarina. Prevê Recomendação sobre aplicação do salário mínimo profissional de bibliotecário, piso salarial por somas semanais e a prestação de serviços pertinentes à área.

Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal comemorou o **Dia do Bibliotecário**, em 12.03.99, no Superior Tribunal de Justiça, homenageando a Bibliotecária Maria da Conceição Morcira Salles, Diretora da Biblioteca Demonstrativa de Brasília, com a Medalha Rubens Borba de Moraes.

A ABDF realizou no Distrito Federal uma série de programações referentes ao **Dia do Bibliotecário**:

10/03/99

Local: Colégio Certo Taguatinga Sul
Palestra: A biblioteca, o livro e o bibliotecário
Palestrante: Iza Antunes Araújo, Presidente ABDF

11/03/99

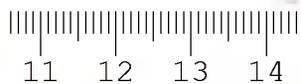
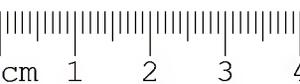
Local: INEP - CIBEC - Ministério da Educação
Palestra: O trabalho de conservação das obras raras do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais - INEP
Palestrante: Lucy Luccas - Restauradora e Encadernadora - São Paulo

12/03/99 - Abertura do encontro com o Senhor Ministro Antônio de Pádua Ribeiro, Presidente do Superior Tribunal de Justiça e do Conselho da Justiça Federal. Posse da diretoria da Câmara do Livro do Distrito Federal

Local: Auditório do Sindicato das Indústrias Gráficas

Dia 22/03/99

Local: Senado Federal
Palestra: A biblioteca histórica e o futuro eletrônico. Palestrante: Dr. James H. Billington. Presidente da Livraria of Congress



(EUA), que foi repetida também em São Paulo, promovido SIBi-USP.

25/03/99

Local: Biblioteca do Centro de Integração Social (CIAS) do Centro Cultural dos Jesuítas, em Brasília

Palestra: Prof. Antônio Agenor Briquet de Lemos, da Universidade de Brasília, sobre a abertura do CIAS.

CONGRESSOS E SIMILARES

30/04 e 01/05/99

10. SIMPÓSIO DE BIBLIOTECAS E DESENVOLVIMENTO CULTURAL. Leitura em Tempos Virtuais - Som e Imagem Salão Internacional do Livro de São Paulo 99. Coordenação Geral das Atividades Culturais: Prof. Dr. Jaime Pinsky

Coordenação do Seminário: FEBAB – Maria de Lourdes Romanelli - que realizou uma série de atividades, com a presença da liderança associativa nacional. Em destaque: o seu Plano Diretor, em *brainstorm*, com orientação de psicólogos.

01 a 04/09/99

III Simpósio Internacional de Biblioteconomia. Departamento de Biblioteconomia e Documentação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista, Marília, SP.

Tema: Informação, Tecnologia e Conhecimento. Vários trabalhos apresentados como: reorganização de unidades de informação, metodologia para preparação e disseminação de publicações eletrônicas, informação, redes de informação e interatividade; sistemas de agentes para bibliotecas digitais; data warehouse; cultura organizacional, alternativas de mercado e auto-conhecimento; direitos autorais na Internet; alternativas informacionais na Internet. Paralelo ao simpósio reali-

zou-se o I Seminário das Bibliotecas da Rede UNESP, com temas sobre a rede de bibliotecas da UNESP frente as mudanças de paradigmas da informação. Houve ainda a Reunião da ABEBD e a Reunião do Grupo de Usuários do MicroIsis do Estado de São Paulo. O último dia do evento foi dedicado ao encontro dos ex-alunos do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP /Campus de Marília.

1º FORUM ESTADUAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS

Período: 10 de setembro de 1999

Promoção: ABM/APB/CRB-8/FEBAB e Secretarias de Cultura – Depto. de Bibliotecas Públicas da Capital e do Estado. Local: São Paulo, SP – Faculdade das Américas. Tema: “Da missão às estratégias e ações políticas para fortalecimento e renovação da biblioteca pública”. Com 498 inscritos. Dois painéis: 1º. Missão social das bibliotecas e Diagnóstico sobre Bibliotecas Públicas em São Paulo; 2º Biblioteca: responsabilidade de todos, seguido de debates: Secretários de Cultura, SP representante do Ministério da Cultura.

3º SEMINÁRIO PARA ADMINISTRAÇÃO DE ASSOCIAÇÕES E SINDICATOS DE BIBLIOTECÁRIOS DO BRASIL

Período: 25 a 27 de outubro de 1999

Promoção: APPE – Associação Profissional de Bibliotecário de Pernambuco; ABMG e ACB

Local: Recife, PE
X81-22I-0635

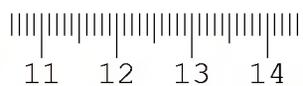
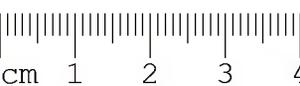
II ENBIPES – Encontro Nacional de Bibliotecas de Instituições de Ensino Superior

Período: 13 a 15 de outubro de 1999

Promoção: GBIPES/UNISA

Local: São Paulo, SP 520-9160

unisa@sysnetway.com.br



II SEMANA DO LIVRO E DA BIBLIOTECA NA USP: TRAJETÓRIA DO LIVRO E DA BIBLIOTECA VIRTUAL NO BRASIL

Período: 18 a 21 de outubro de 1999

Informações: 818-4195

CONHECIMENTO E COMO GERENCIÁ-LO SÃO ASSUNTOS DO MOMENTO

O Centro Internacional para Educação, Trabalho e Transferência de Tecnologia (Rio de Janeiro, tel. 21 574-6500) realizou a "Semana do Conhecimento", de 18 a 22 de out. 1999, com os temas: Políticas Públicas na Era do Conhecimento; Como Transformar o Conhecimento em Valor; Competitividade e Mercado?; Como e Por que Implantar Inteligência, Competitividade e Gestão do Conhecimento nas Empresas? Práticas e usos: Ferramentas, Governo e Comércio Eletrônico.

Fórum de Informação de Pernambuco

Período: 21 a 27 de outubro de 1999

Local: Campus da UFPE

2º CICLO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO DO CENTRO-OESTE MINEIRO

Período: 10 a 13 de novembro de 1999

Promoção: CRB/6 – Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais – Escola de Biblioteconomia da UFMG – Escola de Biblioteconomia – FUOM

Local: Formiga, MG

Educação continuada – Ergonomia – Movimento Associativo e Novas Formas de Organização – Desafios Profissionais e Mercado de Trabalho

E-mail: crb6@fiemg.com.br;

nelmatai@fiemg.com.br;

abmg@cetec.br

SNBU

IX SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Tema Central: A Biblioteca Universitária e a Sociedade da Informação

Local: Curitiba, PR

Período: 27 de outubro a 01 de novembro de 1996

X SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Tema Central: Gestão para Bibliotecas Universitárias: estratégias para um novo tempo

Local: Fortaleza, CE

Período: 25 a 30 de outubro de 1998

Home page:

XI SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS - I Simpósio de Bibliotecas Universitárias da América Latina e I Encontro de Bibliotecários do Mercosul.

Período: 24 e 28 de abril de 2000

Local: Florianópolis, Santa Catarina

<http://www.bu.ufsc.br>

CBBB – 2 000

22 a 27/10/2000 - XIX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação

Local: Centro de Eventos da PUCRS

Informações:

E-mail: R.Dr. Flores, 245 - cj. 902 - Porto Alegre, RS

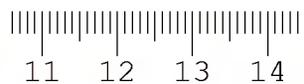
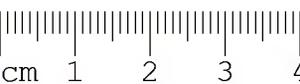
CEP 90.020-122

Fone/FAX: (051) 225-8194

INTERNACIONAIS

06 e 07/07/99

INET'99 - 5º CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE TECNOLOGIAS INTELIGENTES, REDES GLOBAIS. GII-GLOBAL – GLOBAL INFORMATION



INFRASTRUCTURE AND DIGITAL WORLD.

Palestra do "Media Lab" do MIT [Massachusetts Institute of Technology-USA]: O futuro humano – Computador Interface/Mundo Digital. Discussões sobre a revolução das telecomunicações digitais e sua promoção no Brasil; união de redes de comunicação e tecnologias inteligentes; impactos da sociedade em futuro próximo em aspectos científicos, tecnológicos, industriais, econômicos, sociais e culturais; caracterização do crescimento das redes globais, comunicação via satélite e Internet com suas novas ferramentas.

SLAB II - II SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO – Asociacionces de Bibliotecarios y Profesionales Afines "Las Asociaciones del Futuro", realizado na cidade do México, de 15 a 17/03/1999, sob o tema: Creación de Asociaciones de Bibliotecas para el Futuro, Sarah Ann Long, Presidenta eleita da ALA -Associação Americana de Bibliotecas

Congreso Internacional de Información – INFO99

Período: 04 a 08 de outubro de 1999

Local: Havana – Cuba

Tel.: 537-635500 – FAX 537-338237

info@ceniai.inf.cu

65ª Conferência Geral da IFLA

Tailândia, em Bangcoc, de 20 a 29 de agosto de 1999, com o tema: "Bibliotecas como via para um mundo esclarecido".

66ª Conferência Geral da IFLA

Israel, em Jerusalém, 13 a 18 de agosto de 2000, sob o tema: "Informação e Cooperação: criando a Biblioteca Global do Futuro".

**PROJETOS/LEIS/DECRETOS
MEMÓRIA DOS BAIRROS, SÃO PAULO**

O Decreto 37.973 de 18.05.1999, regulamenta a Lei n. 12.659 de 19.05.1998 que estabelece a instalação e manutenção de seção denominada "Memória de Bairros" visando a preservação da memória dos bairros da Cidade. Diário Oficial do Município de São Paulo, v.44, n.92, de 19/05/1999.

PROJETO PRÓ-BIBLIOTECA, RGS

A Associação Rio-Grandense de Bibliotecários teve este Projeto, aprovado segundo a Lei nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991 (Lei Rouanet) e Portaria nº 388 de 13 de outubro de 1998 – Registro no PRONAC: 98/RS-1633-665. Finalidade: auxiliar as bibliotecas públicas e escolares do país com a doação de livros à Associação Rio-Grandense de Bibliotecários para repasse às escolas e bibliotecas brasileiras. No livro doado constará uma etiqueta com o nome do doador e sua marca.

Bibliotecário e Técnico em Biblioteconomia: legislação, parceria entre Conselhos; publicação do CRB-8, 1997/99. Contate o telefone (11xxx) 50821404 ou 549.3440.

CURSOS**Set./Out. 99 na APB**

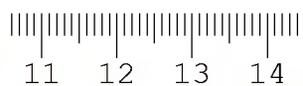
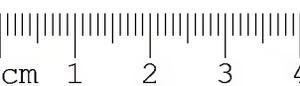
Gerenciamento e Marketing em Unidades de Informação

Profª. Nice Figueiredo

Técnico em Biblioteconomia: capacitação

Professores: Diversos

Período: 13 de setembro a 7 de outubro



Normalização de monografias

Prof. Rosa Maria Corrêa

Tratamento técnico de coleções especiais

Prof. Rosa Maria Corrêa

Nov. 99

Marketing para bibliotecas/Comunicação visual

Prof: Bárbara Júlia M. Leitão

Conservação de Material Bibliográfico

Prof. Nério Sacchi Júnior

MICRO ISIS Básico (DOS)

Prof. Alisson de Castro

Período, preço e local: informação na APB

MICRO ISIS BÁSICO Winisis 1.13

Prof. Alisson de Castro

Período, preço e local: informações na APB

EDUCAÇÃO CONTÍNUA

O Sistema Integrado de Bibliotecas da USP vem realizando a capacitação de seus profissionais por meio de seminários, cursos, palestras, entre outros meios.

Para quem se interessar pelo assunto Educação a Distância, vale a pena entrar no site pelo endereço <http://www.usp.br/sibi>, no ícone Publicações, e lá encontrará os Anais do Seminário de Bibliotecas Universitárias e Educação a Distância.

Aproveite a oportunidade e veja também a palestra proferida pelo Dr James H. Billington, Presidente da Library of Congress (Biblioteca do Congresso, Washington, EUA) cujo tema abordado foi "A biblioteca histórica e o futuro eletrônico"

O SIBi-USP, em termos de educação contínua, promoveu, também, no dia 16 de junho de 1999 "conjuntamente com a PUCCAMP um Seminário intitulado:

"Desafios da Biblioteca Eletrônica", tendo por assuntos principais as perspectivas futuras da Internet no Brasil; o Modelo SciELO para revistas eletrônicas e a formação do bancos de dados com texto completo; procedimentos e técnicas para digitalização de livros e documentos históricos em bibliotecas. Finalizando o Seminário ocorreu a palestra sobre fundamentos para educação a distância.

SOS AMIGOS FEBAB/SÃO PAULO

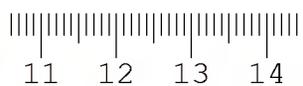
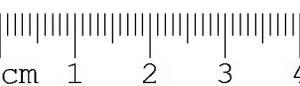
Curso de Atualização, set.nov.99 (44 hs/aula): "Biblioteconomia e Documentação em revisão, vista por docentes do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP", organização e administração: Neusa Dias de Macedo e Mirian do Nascimento. Cerca de 68 inscritos dos Deptos. de Biblioteca Pública, da Prefeitura do Município de São Paulo. Colab. graciosa de 13 docentes, revertendo à FEBAB: cerca de 6 mil reais. Objetivo: Atualização profissional na apropriação de conhecimentos sobre os novos enfoques e paradigmas do ensino, pesquisa e práticas da área, e identificação das dificuldades da biblioteca pública brasileira

SITES DA ÁREA

Estes sites podem ser acessados e visitados, conforme a área de atuação específica de cada um:

www.cecor.eba.ufmg.br/cpba
(conservação de material bibliográfico)

www.bibvirt.futuro.usp.br
(Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro)



www.redeantares.ibict.br

www.prossiga.ibict.br

www.usp.br/geral/cultura/ec

(Estação Ciência) www.sibi.usp.br

(Permite o acesso ao Banco de Dados Bibliográficos da USP – Dedalus, além de outros bancos de acesso público como ERIC, MEDLINE).

www.bn.br

(Biblioteca Nacional)

www.loc.gov

(Biblioteca do Congresso – EUA)

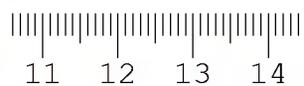
Obs. Colabore com esta Seção, enviando outros sites para divulgação.

MEMÓRIA DA BIBLIOTECONOMIA

Precisamos de vocês – profissionais da informação / bibliotecários para que colaborem com notícias e registros, a fim de construirmos uma Memória da Biblioteconomia. Contatem: telma@fo.usp.br ou nedima@ig.com.br.

REGISTROS

É com pesar que registramos o falecimento de duas ilustres representantes mineiras da biblioteconomia Maria Schreiber e Etelvina Lima.



Coordenadora: Nair Yumiko Kobashi

TEMA: SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. CNPq/IBICT. **Sociedade da Informação**. São Paulo: UNIEMP, 1998.

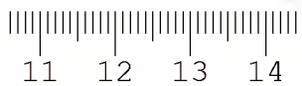
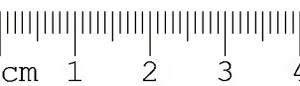
Esta publicação reúne dois textos que, sob diferentes olhares, delinham o desenvolvimento da Sociedade da Informação no Brasil. São eles: "Ciência e Tecnologia para a construção da Sociedade da Informação no Brasil" e "Bases para o Brasil na Sociedade da Informação: conceitos, fundamentos e universo político da indústria e serviços de conteúdo.

O primeiro texto – **Ciência e Tecnologia para a construção da Sociedade da Informação no Brasil** – de autoria de Carlos José Pereira de Lucena, apresenta e discute modelos que viabilizem a implantação de uma infra-estrutura típica da sociedade da informação no país, a chamada INTERNET II.

Nessa perspectiva, destaca o papel do Estado nas várias fases de instalação dessa nova geração de redes digitais abertas no país. Para o autor, tal projeto requer a articulação e coordenação seguras de "serviços avançados de computação, comunicação e informação, mediante a pesquisa, o desenvolvimento e o ensino brasileiros, de forma a acelerar a disponibilização de novos serviços e aplicações na Internet e garantir a vantagem competitiva e facilitar a inserção internacional da indústria e empresa brasileiras" (p. 20).

Já é consensual a idéia de que o mundo contemporâneo é um ambiente global baseado em comunicação e informação. Sob essa ótica, o autor reconhece que, além da pesquisa e desenvolvimento de redes físicas e sistemas lógicos de comunicação digital, deve-se investir, igualmente, em novos serviços e aplicações. Trata-se, de fato, de uma revolução, na medida em que as tecnologias da informação e comunicação passam a depender dos setores intensivos em conhecimento para a capacitação de atendimento às demandas sociais dos próximos anos. Informação, Comunicação e Conhecimento são, com efeito, os fatores que determinam a matriz tecnológica, industrial e econômica contemporâneas; esses mesmos fatores definem, por sua vez, as características de novos produtos e serviços aptos a atrair investimentos e a propiciar a criação sustentada de empregos. Segundo o autor, cabe ao Estado fixar objetivos setoriais, dando prioridade à ciência, à tecnologia e à educação, por serem eles os indutores dos demais no processo de integração do país à Sociedade da Informação. Os setores a serem objeto de planejamento específico são enunciados da seguinte forma:

- 1 *Ciência e Tecnologia* - aumentar radicalmente a capacidade de colaboração e cooperação entre as áreas e, simultaneamente



te, difundir os resultados científicos e tecnológicos obtidos.

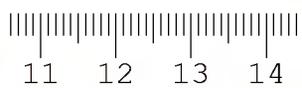
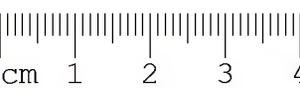
- 2 *Educação* – investir de modo especial no aprimoramento dos processos de educação a distância.
- 3 *Saúde* - estabelecer serviços de referência, em atendimento e diagnóstico remotos e de informação em saúde.
- 4 *Meio-ambiente e Agricultura* - desenvolver processos avançados de monitoração, previsão e administração ambiental (tempo, clima, florestas, água e safras).
- 5 *Empresa Brasileira* - desenvolver processos de manufatura distribuída e integrada; contribuir para a inserção da pequena e média empresas no mercado internacional; incentivar o desenvolvimento de ambientes de comércio eletrônico e transações financeiras através da rede.
- 6 *Cultura* - criar novos meios, processos e padrões para publicação e interação na rede.
- 7 *Processos de Trabalho* - experimentar e desenvolver novos ambientes de trabalho.
- 8 *Transporte e Trânsito* - criar sistemas que coordenem e controlem o trânsito e o transporte multimodal.
- 9 *Governo* - desenvolver sistemas para ampliar e integrar ações de governo em benefício da cidadania.
- 10 *Relações Internacionais* - determinar como essas relações afetam o ritmo e direção do desenvolvimento e utilização de tecnologias da informação.

No interior do quadro acima apresentado o autor propõe o desenho da infra-estrutura nacional de informação, ou seja, o “hardware” básico para interconectar instituições de ensino, pesquisa, órgãos de governo, entidades não-governamentais e privadas que deverão, necessariamente, envolver-se na tarefa de emprestar ao país a feição própria de uma sociedade da informação.

O segundo texto – **Bases para o Brasil na Sociedade da Informação**: conceitos, fundamentos e universo político da indústria e serviços de conteúdo- de autoria de Anna da Soledade Vieira, contextualiza, como o próprio título sugere, a indústria e serviços de conteúdo na Sociedade da Informação, com base na análise de projetos propostos por diferentes países e organizações internacionais. Aponta medidas que poderão ser tomadas para definir estratégias de ação para o setor, baseadas em estudo de tópicos específicos relacionados ao tema. Nesse sentido, dialoga com o texto de Carlos P. Lucena, já comentado acima, destacando a necessidade de se estabelecer convergências entre as Tecnologias da Informação e as da Comunicação.

O aspecto específico da abordagem da autora está na discussão de questões referentes aos objetos que circulam nas redes: dados, informações, conhecimento e inteligência. Os sistemas de informação operam com agregação crescente de valor aos conteúdos, caracterizados como sua matéria prima vital. Afirma a necessidade de os setores que lidam com a infra-estrutura de informação e comunicação estabelecerem íntima relação com os setores que operam com o conteúdo. A infra-estrutura só se investe de sentido na medida em que incorporam os serviços de conteúdo, tenham eles dimensão local ou universal: “a rede só faz sentido se der acesso ao conhecimento universal e, paralelamente, disponibilizar conteúdos nacionais que reflitam o conhecimento, a cultura e a economia do país”. Em suma, a essência da Sociedade da Informação é, para a autora, um conjunto formado por “conteúdo, tecnologia e pessoas” (p. 159).

No processo de transição para a Sociedade da Informação há diversos pontos críticos a serem considerados. A questão mais delicada



da a ser enfrentada diz respeito aos princípios de salvaguarda dos interesses públicos. Como afirma a autora: “O papel atual das políticas nacionais de informação é, então, o de estabelecer princípios orientadores ao Estado e à sociedade civil, demarcar limites para a atuação do mercado, garantir o livre fluxo de idéias, com proteção das informações e de tecnologias da informação e comunicação por todos os membros da sociedade, segundo suas necessidades e condição econômica”(p162). A apresentação das políticas adotadas por diversos países (EUA, Canadá, Inglaterra, França, Portugal, Japão, China, Coreia, entre outros) mostram a dimensão dos problemas a serem enfrentados e as questões que deverão ser equacionadas por países que experimentam desenvolvimento tardio, como é o caso do Brasil.

Os dois textos que compõem esta publicação apresentam aspectos complementares

e chamam a atenção para a responsabilidade dos diversos setores da sociedade civil na determinação de um modelo de Sociedade da Informação para o Brasil. Para que este modelo seja a “expressão dos vários Brasis”, como propõe Anna Soledade Vieira, torna-se bastante claro que as decisões tomadas não podem responder apenas a questões de natureza tecnocrática. Os itens tratados na publicação estimulam a discussão. Aqueles que atuam no âmbito da infra-estrutura têm-se manifestando com frequência. Resta colocá-los na agenda dos vários segmentos que compõem o “setor de conteúdo” (pesquisadores do campo das ciências da informação, bibliotecários, arquivistas, documentalistas, museólogos) e esperar que os debates frutifiquem.

Nair Yumiko Kobashi, Professora Doutora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP.

TEMA: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

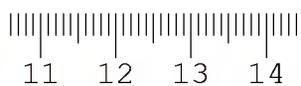
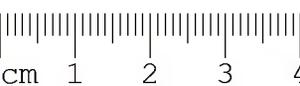
USP. Faculdade de Educação. Laboratório de Leitura e Expressão Criadora / Centro Integrador de Novas Tecnologias.

Projeto sobre Modalidade de Estágio Supervisionado na Formação do Professor de Linguagem. São Paulo: FEUSP, 1999.

Este texto trata do resumo de um projeto, coordenado pela Prof^a Idméa Semeghini-Siqueira, para discutir a possibilidade de formação do educador por meio de Educação a Distância. Para tanto, aos alunos-futuros-professores é lançado um problema e sinalizada a importância de ambientes interativos para o “ensinar-aprender”, com o intuito de viabilizar a inserção plena dos aprendizes em uma sociedade grafocêntrica, interconectada pelo ciberespaço.

1 O PROBLEMA E A JUSTIFICATIVA

Tendo em vista que a linguagem desempenha um papel decisivo na construção do conhecimento, é o eixo articulador que permeia a interação entre todos os atores do processo educativo, ela constituirá o foco do projeto. Verificou-se, em investigações recentes, que um número expressivo de alunos de escolas públicas, após 8 anos de escolarização, carregam e ostentam seqüelas do fracasso esco-



lar, apresentam níveis restritos de literacia, ou seja, vivem em desconforto constante ao utilizar a língua materna para ler ou escrever. Apresentam, pois, insuficientes habilidades no uso da modalidade escrita da língua, em vista do que seria aceitável para sua atuação em um mundo globalizado. Não seria esta uma “modulação minúscula” de violência? De uma forma velada, são tratados como subcidadãos por serem inaptos para exercer plenamente o direito à cidadania. Reflexões sobre implicações deste fato envolvem fatores de âmbito cultural, lingüístico, discursivo, cognitivo, sociohistórico, socioeconômico, de políticas públicas e de práticas pedagógicas. Com o intuito de contribuir para solucionar este problema, vários projetos foram imaginados, dentre eles a proposta em questão.

2 ABRANGÊNCIA DO PROJETO

Este projeto diz respeito à formação de todo profissional que participará de atividades relacionadas ao desenvolvimento da linguagem verbal e não-verbal na **educação formal**, seja o professor de diferentes disciplinas, o coordenador pedagógico, o bibliotecário, o profissional de informática, o diretor de escola, além de outros educadores. Pode interessar, também, aos agentes que atuam na **educação informal**: a família, os profissionais da mídia, os editores, os músicos, entre outros.

O relato é concernente à formação inicial do professor de língua materna, especificamente às estratégias para agilizar o seu envolvimento com as novas tecnologias. Esta familiaridade é premente para que a escola, sobretudo da rede pública, possa estar conectada com o mundo, oferecendo aos alunos um tempo-espço para atuação cada vez menos anacrônico.

3 A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

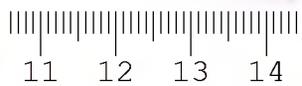
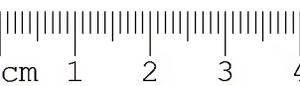
Enquanto o **bacharelado**, no curso de Letras, habilita o professor no que tange aos saberes específicos; a **licenciatura**, na Faculdade de Educação, abre espaço para a construção de conhecimentos teórico-práticos, pois engloba diferentes modalidades de estágios supervisionados, imbricados na malha dinâmica de saberes pedagógicos, inerentes à atuação do professor desde a educação infantil até o ensino superior.

A existência da **Escola de Aplicação da FEUSP** constitui um espaço privilegiado nesta formação. A professora da FEUSP e diretora da Escola de Aplicação, Izabel Galvão, tem apoiado de modo efetivo as várias modalidades de estágios realizados na escola.

Na FEUSP, uma série de atividades estão sendo discutidas pelos graduandos na disciplina “Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa I e II” [MELP], a partir do macro-projeto – *“A formação inicial e continua do professor que trabalha com linguagem no espaço pedagógico caracterizado pela diversidade: um percurso hipertextual”* – que congrega as pesquisas da docente. O local deste fórum é o Laboratório de Leitura e Expressão Criadora [LALEC].

Neste contexto, duas atividades de **Educação a Distância** foram realizadas, como estágio, em 1999:

- Na primeira atividade, a conexão foi estabelecida entre os seguintes locais: o **LALEC** da Faculdade de Educação e uma **sala de aula** da Escola de Aplicação durante 45 minutos. Um grupo de graduandos desenvolvia uma proposta junto a alunos



de 8ª série na Escola de Aplicação, enquanto os outros graduandos observavam e discutiam no LALEC.

- A segunda atividade teve a duração de 3 horas e a conexão ocorreu **entre dois laboratórios da FEUSP**: o LALEC, situado no andar térreo e o Laboratório de Gravação, localizado na sala 118 do 1º andar. O relato, a seguir, refere-se a esta segunda atividade que foi estruturada como um *workshop*.

Estas experiências, que estão sendo vivenciadas pelos graduandos na **formação inicial**, constituem alavancas para criar procedimentos inerentes à **formação contínua**, no momento em que as conexões puderem ser estabelecidas com as escolas da rede pública.

4 O PLANEJAMENTO E OS PARTICIPANTES DO WORKSHOP: “Educação e Cultura Multi-Hipermiótica

O *workshop* foi organizado para o III Congresso Arte e Ciência: Descoberta / Descobrimiento – *Terra Brasilis*, realizado em 1999, pelo Centro Mário Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes e pela ECA/USP. Os congressistas eram 31 estudantes, na faixa dos 10 aos 14 anos, alunos de 4ª série do ensino fundamental, de escolas públicas e particulares da cidade de São Paulo, a maioria deles da Escola de Aplicação da USP.

Atividades de linguagem verbal e não-verbal, relacionadas com o tema do congresso, foram planejadas, como uma seqüência articulada de módulos, por alunos-futuros-professores de Língua Portuguesa na disciplina MELP. O tempo destinado ao projeto, à or-

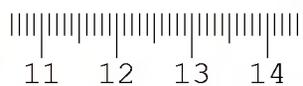
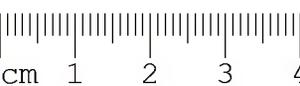
ganização, à monitoria e à documentação (produções dos alunos, edição do vídeo e fotos) foram computados como horas de estágio de intervenção e regência.

Na organização do evento, foi essencial a participação dos profissionais da informação da FEUSP, coordenados pela bibliotecária Raimunda Miguelina Alves Flexa. Além dos graduandos de Licenciatura, os alunos de iniciação científica e de pós-graduação se dispuseram a buscar / gerenciar informações e todo tipo de material necessário ao *workshop*. Os organizadores contaram, também, com a assessoria da especialista em Arte, Maria Heloísa C. T. Ferraz, Professora da Pós-graduação da ECA-USP, uma vez que a professora de Metodologia do Ensino de Arte da FEUSP não pôde atuar. Tanto no planejamento quanto na execução, tiveram o apoio imprescindível de Moisés Belucci e de Rafael de Barros do Centro Integrador de Tecnologia Educacional e de Marcos Ruil do Setor de Meios Audiovisuais.

5 UMA FORMA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Enquanto o *workshop* para os **congressistas-mirim** acontecia no Laboratório de Leitura e Expressão Criadora [LALEC], no andar térreo do Bloco B da FEUSP; outros congressistas (alunos de graduação e pós-graduação da FEUSP, Maria Saete Cruz, professora da maioria dos alunos da 4ª série I, provenientes da Escola de Aplicação da USP, participaram do evento) como **observadores**, no Laboratório de Gravação, situado no 1º andar, por meio de equipamentos de Educação a Distância [EaD].

Dessa forma, esses novos equipamentos possibilitaram que os **congressistas-observadores** assistissem a “um vídeo em tempo real” e pudessem dialogar, com dois monitores (do grupo de graduandos que planejou o evento)



presentes no 1º andar, sobre as atividades que estavam acontecendo no *workshop*. Um impresso com a programação do *workshop* foi distribuída aos observadores. Assim sendo, mesmo aqueles que foram aparecendo no decorrer do evento, puderam acompanhar as atividades dos congressistas-mirim que surgiram no vídeo do Laboratório de Gravação.

Além do LALEC, os outros laboratórios de metodologia de ensino podem se interligar, também, por meio do Centro Integrador de Educação e Tecnologias [CIET] e do Setor de Meios Audiovisuais, a uma sala específica da Escola de Aplicação da USP, possibilitando a realização de EaD, como atividade de estágio dos graduandos, visando a construção de conhecimentos sobre novas tecnologias.

A implementação inicial de equipamentos de EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, na FEUSP, foi viabilizada pela Profª Ada Pellegrini Grinover da Pró-Reitoria de Graduação, considerando a pertinência de um projeto para a formação de educadores. Os professores da FEUSP que elaboraram o projeto: Claudemir Belintane, Idméa Semeghini-Siqueira, Manoel Oriosvaldo de Moura, Marcelo Giordam Santos, Mariazinha Fusari [*in memoriam*], Stela Bertholo Piconez e Vani Moreira Kensi constituíram o Grupo de Estudo de Novas Tecnologias Educacionais [GENTE] sediado no CIET. A diretora da FEUSP, Profª Myriam Krasilchic, ciente de que os graduandos, futuros-professores, vão atuar em um mundo em rede, tem envidado esforços para que ocorram transformações significativas tanto na formação inicial como na formação contínua desses professores. Vale ressaltar que esses equipamentos de EaD, instalados no primeiro semestre de 1999, foram apresentados à comunidade, pela primeira vez em outubro / 99, neste III Congresso Arte e Ciência.

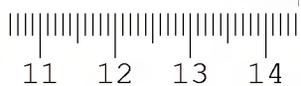
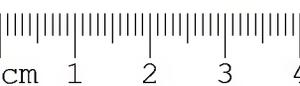
O uso da expressão “cultura multi-hipermidiática” teve por objetivo explicitar que

os equipamentos instalados ainda não permitem que o controle de todas as mídias seja realizado pelo computador. No *workshop*, em determinados momentos, utilizou-se somente multimídia, ou seja, gravador, aparelho de som, projetor de *slides*, retroprojetor e vídeo, acionados manualmente; enquanto, em outros, pôde-se recorrer ao sistema hipermídia, pois o computador gerenciava a veiculação de textos, imagens e sons, durante a navegação pela *Internet*. O sistema que possibilita as teleconferências é somente analógico e requer, com urgência, complementos digitais para assegurar que os graduandos avancem no desafio de aprender a trabalhar com as novas tecnologias de informação e de comunicação.

6 PROJETOS TEMÁTICOS INTER-MULTI-TRANSDISCIPLINARES

A interpenetração dos campos de estudos _ arte, mídias e educação _ ocorrerá necessariamente em projetos integrados, permeando as atividades com linguagem no ensino fundamental. Neste projeto, no planejamento de atividades interdisciplinares, o foco foi dirigido para Língua Portuguesa e Arte. O fato de propor ao aluno para realizar uma entrevista, produzir um jornal, um livro com textos e imagens ou um vídeo pode aproximar o ensino de língua materna do cotidiano, da vida, bem distante de propostas descontextualizadas que ainda acontecem, atualmente, na maioria das aulas de linguagem ou de Língua Portuguesa.

Como nossa época é caracterizada por rupturas, além de se repensar a formação do professor é preciso criar novos espaços na ESCOLA. Ambientes de aprendizagem lúdicos, letrados, acolhedores, que possibilitassem a circulação da fala e frestas para a imaginação; locais que contivessem livros, revistas, jornais; decorados com imagens, desenhos



criados por alunos, letras de música, poemas e, se possível, com câmera, gravador, vídeo, computador... Locais em que ocorressem “Atividades de Linguagem” ou “Oficinas de Oralidade-Leitura-Escrita” em um “Laboratório de Leitura e Expressão Criadora”. Ambientes em que o aluno fosse convidado a falar, ouvir, rabiscar, desenhar, buscar informação em documentos impressos e/ou eletrônicos. E, principalmente a produzir, seja rabiscando, desenhando, digitando, realizando atividades contextualizadas e significativas. É este tipo de espaço que foi imaginado para a realização do *workshop*.

7 MOMENTOS DO WORKSHOP

Os participantes ouviram músicas indígenas; folhearam livros de Arte Visual & Literatura Infantil; navegaram por *sites* referentes ao tema do congresso; escutaram a leitura de textos em língua tupi e se entusiasmaram com a experiência de poder ler em tupi; encantaram-se com os cartazes contendo tupinismos, quando descobriram que inúmeras palavras da língua portuguesa vieram de línguas faladas pelos índios. No momento de examinar a Carta de Caminha, puderam recorrer à Internet, ao vídeo e a um texto adaptado, que foi lido alternadamente nas duas variantes: português de Portugal e português do Brasil [PP e PB]. Após o lanche, dois momentos importantes: a produção artística de cada um dos congressistas-mirim e a elaboração de um bilhete em que eles assumiram o ponto de vista do índio na época do descobrimento ou na atualidade.

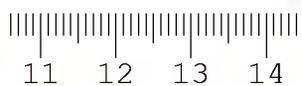
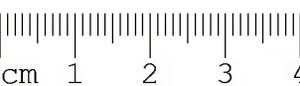
O momento especial: a interatividade propiciada pelo uso dos equipamentos analógicos de Educação a Distância. No final do *workshop*, houve o diálogo entre os congressistas-mirim no LALEC e Maria Salete Cruz, a professora da maioria dos alunos, que estava observando o *workshop*

na outra ponta, no Laboratório de Gravação. O equipamento possibilitava a alternância de imagens no vídeo: ora a Profª Salete « estava presente » no vídeo do LALEC, ora os congressistas-mirim « estavam presentes » no vídeo do Laboratório de Gravação.

O envolvimento dos congressistas, os alunos de 4ª série e os alunos de graduação, no *workshop* foi intenso. A interação e a troca de conhecimentos entre crianças e alunos de graduação foram significativas para a formação dos dois grupos. Descobriu-se um ritmo equilibrado para o desenvolvimento das atividades que duraram três horas. Todos os passos estão relatados nos anais do congresso.

8 NESTE PROJETO, COMO OCORREU O « ENSINAR-APRENDER » ?

O processo é complexo e aponta muitos percursos. Certamente, não pode ser configurado como uma via de mão única. Inúmeras aprendizagens foram acontecendo, algumas âncoras foram lançadas, novos pontos para discussão foram anotados. Aprenderam os graduandos ao planejar com os colegas graduandos mais experientes que já atuavam como professores no ensino fundamental e mais ainda ao executar o projeto. Aprenderam os observadores que ficaram assistindo ao vídeo «em tempo real» e discutindo o *workshop*. Aprendeu a coordenadora com os graduandos e com as crianças e, também, sobre as possibilidades de uso dos equipamentos e sobre as interações nesta modalidade de Ensino a Distância. E aprenderam os congressistas-mirim. A maioria desses estudantes, alunos de 4ª série do ensino fundamental, participou das atividades o tempo todo e com entusiasmo. Eles eram incansáveis! Na despedida, queriam saber se na semana seguinte haveria “outro congresso”.



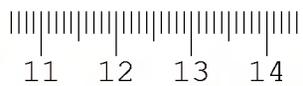
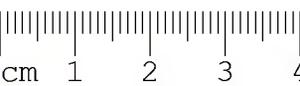
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vídeo produzido constituirá um ponto de partida para as discussões com a turma de graduação do ano seguinte para que um novo projeto seja iniciado em MELP.

Esta modalidade de Educação a Distância já implementada na Faculdade de Educação da USP pode servir de referência na formação inicial e contínua de profissionais da Ciência da Informação e de outras áreas relacionadas à Cultura & Educação

(formal e informal), tendo em vista a participação e a responsabilidade de todos os adultos no processo de construção da cidadania de crianças e jovens para que possam enfrentar, com ética e competência, a velocidade inexorável das mudanças.

Idméa Semeghini-Siqueira, Lingüista, Profª Drª do Deptº. de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da FEUSP. Coordenadora do Laboratório de Leitura e Expressão Criadora.



GUIA AOS COLABORADORES

FEBAB - Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários
Rua Avanhandava, 40, Conj.110 - CEP 01306-000 São Paulo, SP
Tel. (011) 257 9979

1 OBJETIVO / PERFIL DA REVISTA

Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação [RBBB] - órgão oficial da FEBAB - intentando diferenciar-se de outros periódicos brasileiros similares de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação, e domínios afins, define-se nesta nova série como revista de serviços, dirigindo-se ao bibliotecário em geral que busca principalmente atualização de conhecimentos e aberturas à sua produção técnico-científica.

2 DIRETIVAS EDITORIAIS

Alertando autores, analistas e editores de seções, a RBBB deseja oferecer matérias em forma mais comunicativa e utilizar a numeração progressiva com o intuito de facilitar a leitura e a absorção de conteúdos pelo grande público. Evita o emprego de tabelas e gráficos, fazendo-o por explicações verbais no texto. Com esta disposição, além de artigos e comunicações / documentos importantes, deve contar com um serviço de notas e registros, relatórios de eventos e de associações, e tudo que possa contribuir para preservação e memória profissional, incluindo ainda depoimentos e entrevistas, com isso propiciando futuras análises de épocas e contextos da profissão.

Grande parte dos públicos-alvo ainda pede edição impressa em papel; contudo, projeções

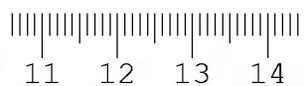
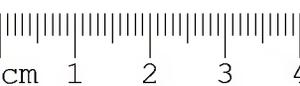
para edições eletrônicas a assuntos especiais e eventos correntes estão sendo exigidos, sendo prevista esta réplica para segunda etapa da publicação da revista.. Entre as diretivas gerais da RBBB, enquadram-se os seguintes pontos:

2.1 O Conselho Editorial, constitui-se de *referees* com experiências e especialidades diversas, originários de instituições nacionais, e de alguns países, para garantir a circulação de idéias e pontos de vista diversificados. Sob anonimato do autor, dois analistas, conforme especialidades, apreciarão cada trabalho, seguindo as prescrições da revista, e cabendo ao Redator-chefe dirimir dúvidas existentes.

2.2 Os trabalhos enviados devem ser originais e não terem sido publicados em outros periódicos. Casos especiais, serão resolvidos pelo editor-chefe da revista.

* Aqueles trabalhos de interesse a algumas das edições da RBBB, já publicados em revistas de outras áreas e/ou em anais de congressos e similares - tratando-se de um caso especial - poderão ser incluídos nesta revista, desde que obtida a permissão do autor e da direção da respectiva revista.

* Trabalhos de autores portugueses e de língua hispânica também serão bem-vindos, bem como traduções de outras línguas, desde que aceitem as normas da revista.



* Os originais aceitos para publicação, constituindo-se propriedade exclusiva da revista, não serão devolvidos ao autor, cabendo-lhe o recebimento de dois exemplares do fascículo.

2.3 São de inteira responsabilidade dos autores, as suas opiniões, afirmações e idéias em debates no fascículo.

2.4 Sempre que necessário, a revista terá como eixo central um determinado tema, encomendando artigos a especialistas; todavia, outro tanto de matérias abertas, será selecionado para variação de tópicos do fascículo em projeção.

3 ESTRUTURAÇÃO EM SEÇÕES E CATEGORIZAÇÃO DOS TRABALHOS

Com apoio nos resultados de amostra obtida na “Enquete de Opiniões sobre a RBBB”, em março de 1999, a revista foi estruturada em determinadas Seções. Neste particular, sob critérios de categorização dos trabalhos, o Conselho Editorial deverá aceitar as contribuições de nível em conteúdo e forma, que observem as seguintes prescrições:

1 Artigos e Comunicações

A) *Artigos originais*, produtos de válida experiência profissional e de pesquisa.

B) *Comunicações e relatos da prática profissional*; modelos, projetos realizados, experiências inovadoras.

C) *Revisões de literatura, sistematizações*, consideradas de importância para divulgação, e fundamentação bibliográfica.

D) *Experiências didáticas, trabalhos de estudantes*; roteiros sistematizados, projetos, tcc.

E) *Traduções*, (devidamente autorizadas pelo autor ou editora), imprescindíveis pela relevância do tema e da divulgação.

OUTRAS SEÇÕES

F) *Comunicações / Documentos* (diretrizes, padrões, cartas de princípios; documentos legislativos; projetos; comunicações da federação e dos órgãos associativos, incluindo recomendações de eventos, como também de agências culturais e educacionais, entre outras, para conhecimento do grande público.

G) *Depoimentos / Debates / Entrevistas* para que constituam memória profissional futura (sobre personalidades e acontecimentos atuais e significativos ao ensino e pesquisa; movimento associativo; setores produtivos; áreas culturais, educacionais e/outras).

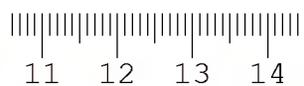
H) *Notas e Registros*, em forma compacta para efeito de memória profissional sobre eventos (congressos e similares), cursos, fatos e acontecimentos profissionais, em nível nacional e internacional.

I) *Resenhas, resenhas críticas, resumos conjugados* (publicações recentes, dissertações e teses, artigos de revista, conjuntos de vários trabalhos do mesmo tema).

J) *Cartas ao Editor*, significativas e com sugestões para melhoria da revista.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

4.1 Os artigos, revisões e traduções com extensão máxima de 25 páginas; as demais categorias, entre 20 a 10 páginas, e as resenhas, não ultrapassar a 5 páginas. Outras seções serão formatadas pelo editor-chefe e respectivos editores assistentes.



4.2 Os trabalhos devem ser enviados, ao Redator-chefe (FEBAB: Rua Avanhandava, 40, conj.110, São Paulo, SP 01306), em duas vias em papel. Sendo aceitos, caberá ao autor o envio da versão final, em disquete, digitado em processador Word 5 ou 7 a fim de agilizar a publicação do fascículo. Cada lauda, em 20 linhas e 70 toques, numerada consecutivamente em algarismos arábicos no canto superior direito..

4.3 Os trabalhos não selecionados serão devolvidos aos autores, seguidos de parecer dos respectivos analistas, em anonimato. Aqueles aceitos para publicação, se tiverem problemas de ordem formal e/ou temática, ao Conselho Editorial reserva-se o direito de devolver os originais para a devida correção. De outro lado, as pequenas modificações de ordem formal e redacional, ao Redator-chefe caberá o encaminhamento do trabalho aos revisores especializados.

A) Para controle editorial

4.4.1 Em vista de ter-se o(s) autor (es) em anonimato no processo de avaliação, solicita-se, à parte, uma página em que constem: título e sub-título, nome completo do autor, dados mínimos curriculares e endereço; número de telefone, fax e e-mail.

4.4.2 Em folha separada, também, é solicitado um resumo em português e outro em inglês, com extensão máxima de 150 palavras, determinando de modo conciso o que e por quê foi feito o estudo; o que foi encontrado e concluído, seguido de cerca de 05 a 08 palavras-chave que representem as facetas principais de conteúdo do trabalho (NBR 6228/80).

B) Elementos que caracterizam o trabalho:

4.4.2.1 Título em português (seguido de um asterisco), expressando objetivamente o tema, sendo o sub-título, dedicado às suas delimitações; e um título em inglês para entrar também no Sumário.

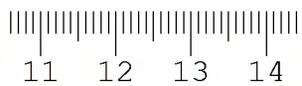
4.4.2.2 Autor (es) (seguido de dois asteriscos) , em ordem alfabética de sobrenome e/ou, conforme o caso, autor principal seguido dos colaboradores.

4.4.2.3 Data de entrega do artigo à Redação a qual, posteriormente, aparecerá no fim do artigo, antes da data de publicação.

4.4.2.4 No rodapé da página de rosto, devem ser incluídas após um (*) notas sobre o trabalho e após dois (**) credenciais do autor.

4.4.2.5 O trabalho deve ser redigido de modo claro, gramaticalmente correto, e bem comunicativo ao grande público a que se destina, usando, de preferência, a terceira pessoa. Sugere-se aos autores iniciantes que submetam o trabalho por uma revisão redacional, antes do envio à RBBD.

4.4.2.6 Recomenda-se que o texto seja demarcado em três partes, distribuindo-se a matéria : a) introdução, b) estudo (com reflexões e análises interpretativas, verbalizando as ilustrações gráficas, e) considerações finais e/ou conclusões. No caso, principalmente de um trabalho de pesquisa, deve-se relatar o objetivo e procedimentos metodológicos. Cuidado especial na fundamentação bibliográfica do texto, seguindo criteriosamente uma só sistemática de citações de texto e, em último lugar, listar as Referências



Bibliográficas, incluindo a data junto ao autor. Exemplos:

* No texto: ...”Nossa mente é a melhor tecnologia, infinitamente superior em complexidade ao melhor computador, porque pensa, relaciona, sente, intui e pode surpreender” (MORAN, J.M., 1997:153).

* Na listagem: MORAN, J.M., 1997, Como utilizar a Internet na educação, **Ciência da Informação**, Brasília, v.26, n.2, p.146-53, maio/ago. 1997.

* Para as referências bibliográficas, seguir normas da ABNT: NBR 6023/89, para os documentos eletrônicos, seguir critérios uniformes, de começo ao fim..

4.4.2.7 Para comunicações informais, como entrevistas e trabalhos didáticos não publicados, citá-los em notas de rodapé, e - se importante para a natureza do trabalho - criar-se uma rubrica especial após a listagem bibliográfica (Entrevistas. Comunicações Pessoais). Trabalhos em vias de publicação, podem ser identificados comumente, colocando-se no local de caracterização da obra “No prelo”.

EXEMPLOS DE PRINCIPAIS CASOS DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 Livros

FRANÇA, Júlia Lessa et al. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 3.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

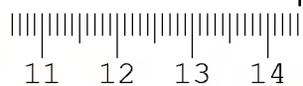
2 Parte de obra

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: guia ao estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. São Paulo: Edições Loyola, 1994. Técnicas e normas documentárias na realização do trabalho de pesquisa bibliográfica, 4, p.21-51.

3 Tradução e Artigo de periódico

DRABENSTOTT, K. M., BURMAN, C. M. Revisão analítica da biblioteca do futuro [Analytical review of the library of the future] Tradução e condensação por Neusa Dias de Macedo. **Ciência da Informação**, Brasília, v.26, n.2, p.180-94, maio/ago. 1997.

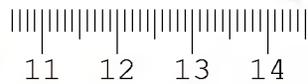
Seguir para Referências Bibliográficas ABNT/NBR - 6023 /89

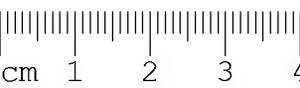


IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Artcolor Ltda
Tel.: (011) 3873.3377

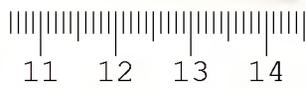


4 Digitalizado
gentilmente por:





Digitizado
gentilmente por:





Digitalizado
gentilmente por:

